

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

JACQUELINE AUSIER DOMINGUES

Da veneração ao repúdio: como a cultura do cancelamento transformou a imagem pública de J.K. Rowling em comunidades digitais de fãs no Brasil

São Paulo
2023

JACQUELINE AUSIER DOMINGUES

Da veneração ao repúdio: como a cultura do cancelamento transformou a imagem pública de J.K. Rowling em comunidades digitais de fãs no Brasil

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP), na linha de pesquisa Processos Comunicacionais: Tecnologias, Produção e Consumos, como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Clotilde Perez e coorientação do Prof. Dr. Sílvio Sato.

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Ausier, Jacqueline

Da veneração ao repúdio:: como a cultura do cancelamento transformou a imagem pública de J.K. Rowling em comunidades digitais de fãs no Brasil. / Jacqueline Ausier; orientadora, Clotilde Perez; coorientador, Sílvio Sato. - São Paulo, 2023.

192 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

Versão original

1. Comunicação. 2. Cultura do Cancelamento. 3. Estudos de fãs. 4. Reputação. 5. Semiótica. I. Perez, Clotilde. II. Título.

CDD 21.ed. -

302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

AUSIER, Jacqueline. **Da veneração ao repúdio: como a cultura do cancelamento transformou a imagem pública de J.K Rowling em comunidades digitais de fãs no Brasil.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Ciências da Comunicação.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profª. Drª. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profª. Drª. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profª. Drª. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Para Waldir Antunes Ausier (*in memoriam*), que está presente em tudo que fui, sou e virei a ser, um dia. Deixo aqui, além dessa dedicatória, o trecho de uma música que traduz meus sentimentos, melhor do que eu mesma poderia descrever. O senhor é a minha referência de amor, eternamente. Benção, vô.

“O que os olhos não veem
O coração presente
Mesmo na saudade
Você não está ausente

Em cada beijo seu
Em cada estrela do céu
Em cada flor do campo
Em cada letra no papel

Que cor terão seus olhos
E a luz dos seus cabelos?
Eu não posso tocá-los
Mas eu não vou esquecê-los”

Relicário – Anavitória; Nando Reis

AGRADECIMENTOS

“- *Quem estará nas trincheiras ao teu lado?*”

- *E isso importa?*

- *Mais do que a própria guerra.*”

Abro estes agradecimentos com uma passagem bastante clichê, muito reproduzida nas redes sociais e de autoria incerta – enquanto a maioria dos *sites* atribui a frase ao célebre escritor norte-americano Ernest Hemingway, não existem fontes concretas que confirmem essa informação. Porém, independente de sua origem ou repetição, é uma citação que, para mim, não perdeu sua beleza e nem teve seu significado esvaziado. Pelo contrário, segue resumindo muito bem aquilo que temos de mais importante na vida: as nossas pessoas. Os próximos parágrafos, então, são dedicados àqueles que seguem ao meu lado nas trincheiras da vida – obrigada por isso e por tanto.

~ ~ ~

Primeiramente, a essa força maior que rege o universo e, muitas vezes, chamamos de Deus. Seja qual for teu nome, tua forma e tua aparência, sei que és maior que qualquer preconceito ou intolerância. Obrigada por me permitir chegar até aqui; por me fortalecer nos momentos de dúvida e de incerteza.

Aos meus pais, Jairo e Socorro, que me deram a vida não apenas uma, mas duas vezes. Sem o amor incondicional e a fé inabalável de vocês na minha capacidade, eu não teria alcançado este feito. Pai, obrigada por me dar toda as oportunidades que você não teve. Prometo passar todos os dias da minha vida buscando honrar isso. Mãe, obrigada por ser a fã número 1 de qualquer coisa que eu faça. Obrigada a ambos por nunca determinarem o que eu tinha que ser ou fazer. Obrigada por permanecerem ao meu lado mesmo quando não eram capazes de me entender. Vocês são exatamente quem eu escolheria como pai e mãe, nessa e em todas as vidas, porque, para mim, os melhores pais precisam só de uma coisa: amar os filhos como eles são. Se isso é possível, então todo o resto se ajusta. Eu tenho muita sorte em ser filha de vocês!

À minha orientadora, Clotilde Perez, que se tornou sinônimo de apoio e de acolhimento antes mesmo de nos conhecermos pessoalmente. Prof., obrigada pela generosidade e pela compreensão, pelos ensinamentos e oportunidades, por mudar minha maneira de enxergar o mundo, me apresentando o universo complexo e apaixonante da semiótica peirceana. Nosso convívio, permeado por risadas, conselhos e aprendizagens, é um dos maiores presentes que a pós-graduação me trouxe. São professores como a senhora que me inspiram a seguir trilhando

um caminho na docência, lutando pela educação pública de qualidade. Espero que nossa jornada de pesquisa e amizade continue rendendo muitos frutos de conhecimento e de afeto.

Ao meu coorientador, Sílvio Sato que, prontamente, aceitou me acompanhar nessa trajetória, enriquecendo este trabalho com contribuições imprescindíveis, além de sempre me receber com um sorriso no rosto e palavras gentis, nos momentos de dúvida e de apreensão.

Às minhas tias, Inês e Maria do Carmo, que sempre foram grandes amigas e companheiras, me dedicando amor e carinho dignos de um amor de mãe. Ao meu tio, Afonso, pelas gargalhadas e implicâncias cotidianas. Aos meus avós maternos, Waldir e Thereza, que me proporcionaram casa, comida, conforto, educação e, principalmente, amor incondicional e uma alegria infinita em poder chamá-los de “vovô e vovó”.

À minha avó paterna, Maria José, a mulher mais batalhadora que já conheci em minha vida. Como me orgulho de ter o seu sangue nas minhas veias, “Dona D”. Obrigada por ser o meu maior exemplo de fé na vida. À minha tia Jennifer, uma mulher dedicada e leal, que nunca mediu esforços para cuidar da sua família e de mim.

Ao restante dos meus familiares que, de alguma maneira, tocaram meu coração e meu caminho, me transformando na pessoa que sou hoje, capaz de alcançar este feito. São muitos nomes - pois, de fato, sou uma mulher de muita sorte - mas saibam que lembrei de cada um de vocês e que todos têm um lugar mais do que especial na minha história.

Ao professor Luiz Alberto de Farias, que compôs a banca de qualificação desta pesquisa, trazendo contribuições e referências essenciais para a continuidade do trabalho.

Aos professores Bruno Pompeu e Eneus Trindade, fontes inesgotáveis de sabedoria e boas risadas, sempre acreditando no meu potencial e tornando meu convívio na USP ainda mais prazeroso.

Aos demais membros dos corpos docentes do PPGCOM e do CRP, por todo o conhecimento transmitido fora e dentro da sala de aula, além da disposição em nos auxiliar e nos incentivar.

Aos funcionários do PPGCOM e do CRP, Maria, Sushila, Sérgio, Waldecir, Mari, Lina. Obrigada por toda a ajuda nos momentos de dúvidas e por sempre me tratarem com tanto carinho e acolhimento. Temos muita sorte em ter vocês ao nosso lado!

Às queridas Aline Lira e Judy Tavares, minhas eternas mestras e as primeiras a me inspirarem a seguir o caminho da docência, sempre atuando com muita humanidade e competência. Obrigada pelo apoio, pelos ensinamentos e pela amizade de vocês, um dos maiores presentes que a UFAM me proporcionou.

Aos meus amigos, os irmãos e irmãs que a vida generosamente concedeu a esta filha

única. Vocês me ensinaram que a amizade é a manifestação do amor em sua forma mais nobre. Apesar de não fazer distinções, devo destacar, aqui, alguns agradecimentos específicos:

À Ana Karla Kizem, minha irmã de vida, da qual, mesmo estando fisicamente longe, jamais estou distante. Sua amizade transformou a minha história e é uma das maiores certezas que carrego comigo, eu te amo infinitamente.

À Ridrya Carolin, a melhor amiga-irmã que qualquer pessoa poderia sonhar. Obrigada por chorar minhas dores, celebrar minhas vitórias e me mostrar, diariamente, que ainda vale à pena ter fé em amizades verdadeiras, eu te amo infinitamente.

Ao Alex Nani, o irmão que a pós-graduação me deu. Você foi acolhimento desde a nossa primeira conversa. Nossa conexão é surreal. Obrigada por todos os áudios, desabafos, incentivos e ligações de vídeo, dando contribuições essenciais para este trabalho, me ajudando a compreender semiótica cada vez mais e, acima de tudo, me arrancando genuínas gargalhadas nos momentos de maior ansiedade. Eu te amo, tenho muito orgulho da sua trajetória e de ser parte dela.

À Karla Meira, minha eterna dupla da pós, que embarcou na loucura de ser representante discente comigo, mesmo com tantas outras responsabilidades. Obrigada pelas conversas, risadas, incentivos, parceria e confiança. Sua amizade tornou minha caminhada menos solitária e muito mais leve. Te amo e admiro imensamente.

À Carol Ferraz, que desde nosso primeiro encontro me cativou com a sua “personalidade *golden retriever*” e, mais do que isso, se mostrou disposta a ser um ombro amigo verdadeiro. De fato, hoje posso afirmar a diferença que sua amizade fez e faz na minha vida. Obrigada pelos conselhos, pelos chocolates, por me deixar apertar o Dom e, principalmente, pela autenticidade da nossa relação. Amo você!

Aos maiores ganhos que a vida escolar me trouxe, meus amigos de longa data: Gustavo, Giovanna e Matheus - sou muito mais feliz por tê-los ao meu lado.

À mulher maravilhosa que a UFAM me proporcionou conhecer, admirar e chamar de amiga, Ana Milena.

Ao melhor grupo de amigos que o intercâmbio poderia ter me dado, o ‘huMANAS’, que me faz acreditar não apenas em destino, mas no seu poder e generosidade: Beatris, Camilla, Larissa, Luiz, Natália e Natalinha. Amo vocês de todo o coração e espero que nossos genuínos laços de amizade sejam sempre maiores do que o tempo e a distância física.

Aos presentes que o mistério do planeta gentilmente colocou no meu caminho: Thamy, Vic, Lorena, Amanda, Jaime, Layla, Aline, Tessie, Bellinha, Marília, Gabriel, Alessia, Javier, Cato, Renato, Chiara, Chris e Marta.

Aos meus companheiros de caminhada na estrada acadêmica que, inúmeras vezes, me acalentaram em momentos de insegurança e hesitação, e com quem formei doces laços ao longo dos anos: Analú, Júnior, Vini, Rafa, André, Andreia, Lorena e Karina.

Agradeço, também, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento desta pesquisa, durante os dois anos de seu desenvolvimento.

E, assim como nos agradecimentos que fiz quando passei para o mestrado, em 2020, finalizo agradecendo a mim mesma. Por todas as vezes que continuei em meio a tanta incerteza; por todos os dias que venci a depressão e levantei da cama para escrever; por todos os momentos em que o sonho de ser mestra foi maior do que os pensamentos intrusivos e que a dor causada por eles; por chegar ao outro lado dessa jornada como uma pesquisadora, aluna e ser humano melhores. Eu te amo por isso, pequena grande eu.

Taylor Swift, minha artista favorita, diz em uma de suas canções que ainda acredita - nas coisas, nas pessoas, no mundo - mesmo sem saber o porquê. Bom, eu também, Taylor. E, talvez, não saibamos nunca o porquê. Mas, acho que, mais importante do que isso, é seguirmos acreditando.

A você que leu até aqui, meu muito obrigada. Espero que goste da pesquisa.

Até a próxima!

“Ninguém pode ser autenticamente humano
enquanto impede que outros também o sejam”

– Paulo Freire

RESUMO

O objetivo desta dissertação é investigar as transformações na imagem e na reputação de J.K. Rowling, autora da saga de livros Harry Potter, perante um público específico – os *potterheads* brasileiros – tendo em consideração o processo de cancelamento no qual Rowling se encontra inserida desde 2019, após uma série de declarações supostamente transfóbicas. Além disso, busca também fomentar o arcabouço teórico de um fenômeno ainda pouco explorado cientificamente - a cultura do cancelamento. Sendo assim, primeiramente, realiza um resgate histórico acerca de termos e manifestações do passado, que podem ser associados ao cancelamento da contemporaneidade, identificando nuances, semelhanças e discrepâncias. Em seguida, se debruça sob conceitos da área de comunicação que permeiam a essência da cultura do cancelamento e do cenário no qual se encontra Rowling, sendo esses: opinião pública, celebridade, reputação, dicotomia público-privado e crise de imagem. Investiga, também, os estudos de fãs, desde seu surgimento até as pesquisas mais recentes e, enfim, introduz a saga Harry Potter e as trajetórias pessoal e profissional de J.K. Rowling, destacando o conflito que protagoniza há quase quatro anos. Para alcançar o objetivo prioritário da pesquisa, assim como os específicos, foi utilizada a abordagem antropológica, que une o método etnográfico digital da Antropologia com o viés interpretativista da semiótica peirceana. Assim, foi selecionada a comunidade digital de fãs ‘Harry Potter Brasil’, na plataforma Facebook, para coleta do corpus da pesquisa, resultando na análise qualitativa de cinco publicações e cerca de 1.500 comentários, postados entre o período de julho de 2022 a julho de 2023. Os principais resultados apontam para uma associação espontânea entre J.K. Rowling e a temática da transfobia, indicando um prejuízo significativo para seus capitais social e simbólico.

Palavras-chave: cultura do cancelamento; estudos de fãs; etnografia digital; Harry Potter; J.K. Rowling; reputação; semiótica peirceana; transfobia.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to investigate the transformations in the image and reputation of J.K. Rowling, author of the Harry Potter book saga, before a specific audience - the Brazilian potterheads - taking into account the cancellation process in which Rowling has been inserted since 2019, after a series of allegedly transphobic statements. In addition, it also seeks to foster the theoretical framework of a phenomenon that is still little explored scientifically - the cancellation culture. Therefore, firstly, it performs a historical rescue about terms and manifestations of the past, which can be associated with the cancellation of contemporaneity, identifying nuances, similarities, discrepancies. It then focuses on concepts from the communication area that permeate the essence of cancel culture and the scenario in which Rowling finds herself, namely: public opinion, celebrity, reputation, public-private dichotomy and image crisis. It also investigates fan studies, from its inception to the most recent research and, finally, introduces the Harry Potter saga and J.K. Rowling's personal and professional trajectories, highlighting the conflict that she's been situated for almost four years. In order to achieve the main objective of the research, as well as the specific ones, the anthroposemiotic approach was used, which combines the digital ethnography method of Anthropology with the interpretive bias of Peirce's semiotics. Thus, the digital community of fans 'Harry Potter Brasil', on the Facebook platform, was selected to collect the research corpus, resulting in the qualitative analysis of five publications and about 1,500 comments, posted between the period of July 2022 to July 2023. The main results point to a spontaneous association between J.K. Rowling and the transphobia subject, indicating a significant damage to her social and symbolic capitals.

Keywords: *cancel culture; digital ethnography; fan studies; Harry Potter; J.K. Rowling; reputation; peircean semiotics; transphobia.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página “Your Favorite Is Problematic”, na plataforma Tumblr.....	37
Figura 2 - Tuíte da atriz Alyssa Milano, em 15 de outubro de 2017, no idioma original da publicação.....	41
Figura 3 - Harry Potter nos protestos brasileiros contra o candidato à presidência Jair Bolsonaro, em 2018.	81
Figura 4 - Saudação de três dedos, símbolo de rebelião da saga Jogos Vorazes (The Hunger Games), sendo utilizada em um protesto na Tailândia a favor da democracia e contra o poder militar e a realeza	82
Figura 5 - Depoimento do leitor Vani Merlino, em sua página do Facebook, sobre a construção da personagem Rita Skeeter	93
Figura 6 - Primeiro tuíte de teor transfóbico publicado pela autora J.K. Rowling	97
Figura 7 - Exemplo de correio eletrônico enviado pela Warner Bros para fãs da saga Harry Potter que possuíam sites e páginas com termos adquiridos pela empresa.	102
Figura 8 - Imagem comparativa entre as personagens Bella Swan e Hermione Granger.	103
Figuras 9 e 10 - Sequência de tuítes de J.K. Rowling, em 5 de junho de 2020, sobre os perigos do uso de hormônios para a transição de gênero.....	105
Figura 11 - Tuíte de J.K. Rowling, em 6 de junho de 2020, sobre ‘pessoas que menstruam’	106
Figuras 12 e 13 - Sequência de tuítes de J.K. Rowling, em 6 de junho de 2020, sobre os direitos de pessoas transgênero	106 - 107
Figura 14 - Tuíte de J.K. Rowling, em 10 de junho de 2020, com link de direcionamento para o seu website, no qual publicou uma carta de esclarecimento sobre suas declarações anteriores. O termo TERF significa trans-exclusionary radical feminist – feministas radicais que excluem pessoas trans	107
Figura 15 - Tuíte de J.K. Rowling, em 5 de março de 2022, se posicionando contrariamente a um projeto de lei na Escócia que facilita a transição de gênero	108
Figura 16 - Tuíte de J.K. Rowling, em 29 de janeiro de 2023, comparando a opressão que sufragistas sofriam no século anterior com as críticas feitas a grupo feminista da atualidade, as TERFs.....	108
Figura 17 - Declaração de J.K. Rowling para o podcast The Witch Trials of J.K. Rowling, na qual a autora compara os Comensais da Morte (o grupo de vilões da saga Harry Potter) com o movimento que luta pelos direitos transgênero	109

Figura 18 - Diagrama da arquitetura filosófica peirceana.....	111
Figura 19 - Diagrama da definição de signo	114
Figura 20 - Obra La Trahison des Images, de René Magritte	115
Figuras 21 e 22 - Descrição e regras do grupo de Facebook Harry Potter Brasil	123
Figuras 23 e 24 - Realização de busca por palavra-chave no grupo Harry Potter Brasil	125
Figura 25 – Publicação 1.....	127
Figuras 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35 e 36 – Exemplos de comentários da publicação 1	132 - 133
Figura 37 – Publicação 2.....	135
Figuras 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57 e 58 - Exemplos de comentários da publicação 2.....	139 – 140 – 141 – 142 - 143
Figura 59 – Publicação 3.....	145
Figuras 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74 e 75 - Exemplos de comentários da publicação 3.....	149 – 150 – 151 – 152 - 153
Figura 76 – Publicação 4.....	155
Figuras 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90 e 91 - Exemplos de comentários da publicação 4.....	158- 159 – 160 161 -162 – 163 – 164
Figura 92 – Publicação 5.....	165
Figuras 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105 e 106 - Exemplos de comentários da publicação 5.....	169 – 170 – 171 – 172 - 173
Figura 107 - Tuíte de J.K. Rowling sobre o recebimento de royalties.....	177

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisas encontradas em repositórios sobre cancelamento	20
Quadro 2 – Resumo das principais tricotomias de Peirce	119
Quadro 3 – Informações sobre as publicações analisadas	127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1: DO OSTRACISMO AO TRIBUNAL DA INTERNET: ORIGENS, PARALELOS HISTÓRICOS E TRANSMUTAÇÕES DA CULTURA DO CANCELAMENTO	25
1.1 OSTRACISMO GREGO: A PRIMEIRA FORMA SISTEMATIZADA DE CANCELAMENTO	26
1.2 RITUAIS DE EXÍLIO E EXPOSIÇÃO EM PRAÇA PÚBLICA: A VERGONHA COMO ELEMENTO DISCIPLINANTE DO COMPORTAMENTO SOCIAL	30
1.3 PRECURSORES DA CULTURA DO CANCELAMENTO CONTEMPORÂNEA: <i>PROBLEMATIC FAVORITE ECALL-OUT CULTURE</i>	34
1.4 CULTURA DO CANCELAMENTO NA ERA DIGITAL: O TRIBUNAL DA <i>INTERNET</i>	38
CAPÍTULO 2: OPINIÃO PÚBLICA, CELEBRIDADE E REPUTAÇÃO: ESTÁ TUDO INTERLIGADO?	46
2.1 OPINIÃO PÚBLICA: DOS CONCEITOS INICIAIS AO ATRAVESSAMENTO DAS MÍDIAS DIGITAIS.....	46
2.1.1 Perspectivas históricas sobre o surgimento da opinião pública	46
2.1.2 Estudos de opinião pública: expandindo horizontes teóricos	48
2.1.3 Opinião pública nos estudos de comunicação.	50
2.1.4. Contemporaneidade e opinião pública: a atuação do digital	55
2.2 CELEBRIDADE, REPUTAÇÃO E INTERNET: A RUPTURA ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO.....	58
2.2.1 Conceitos e diferenças entre as noções de celebridade e reputação	58
2.2.2 Dicotomia público-privado e rupturas: perspectivas históricas	64
2.2.3 Noções de público e privado na atualidade: transformações a partir do digital, novas perspectivas sobre intimidade e a relação com celebridades e figuras públicas ..	66
2.3 CRISE DE IMAGEM NO CONTEXTO CÉLEBRE	68
CAPÍTULO 3: ESTUDOS DE FÃS, ORIGEM DO UNIVERSO DE HARRY POTTER E TRAJETÓRIA PESSOAL DE J.K. ROWLING	72
3.1 O QUE É SER FÃ?	72

3.1.1 Das perspectivas tradicionais à cultura da convergência de Jenkins	72
3.1.2 Estudos de fãs recentes: fã-ativismo e expressividade passional dos <i>fandons</i>	79
3.2 NASCE HARRY POTTER: O HERÓI DE UMA GERAÇÃO	86
3.2.1 Saga Harry Potter: enredo e principais acontecimentos	86
3.2.2 Saga Harry Potter: O fenômeno editorial, cinematográfico e cultural.....	88
3.2.3 Os valores de Harry Potter: o que a saga defende?	91
3.2.4 J.K. Rowling: a mulher por trás da obra.....	94
3.3 HARRY POTTER NO BRASIL: A MAGIA QUE ATRAVESSA O ATLÂNTICO....	97
3.3.1 O fenômeno bruxo em território nacional e o surgimento das comunidades virtuais de fãs	97
3.3.2 Conflitos do <i>fandom Potterhead</i> : das Potter Wars à suposta transfobia de J. K. Rowling.....	101

CAPÍTULO 4: COMUNIDADE DIGITAL DE FÃS ‘HARRY POTTER BRASIL’:

ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES PELO VIÉS ANTROPOSSEMIÓTICO	110
4.1 SEMIÓTICA PEIRCEANA: TEORIA E CONCEITOS CENTRAIS	110
4.2 PERSPECTIVAS ACERCA DA METODOLOGIA ETNOGRÁFICA DIGITAL	119
4.3 CORPUS DA PESQUISA: CARACTERIZAÇÃO E COLETA	121
4.4 CORPUS DA PESQUISA: ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES.....	125
4.5 PUBLICAÇÃO 1: ANIVERSÁRIO DE J. K. ROWLING	127
4.5.1 Breve descrição da publicação.....	128
4.5.2 Ponto de vista qualitativo-icônico	128
4.5.3 Ponto de vista singular-indicativo	129
4.5.4 Ponto de vista convencional-simbólico.....	130
4.5.5 Análise dos comentários	132
4.6 PUBLICAÇÃO 2: TRAJETÓRIA DE J.K. ROWLING	135
4.6.1 Breve descrição da publicação.....	135
4.6.2 Ponto de vista qualitativo-icônico	135
4.6.3 Ponto de vista singular-indicativo	136
4.6.4 Ponto de vista convencional-simbólico.....	138
4.6.5 Análise dos comentários	139
4.7 PUBLICAÇÃO 3: ENTREVISTA DE J.K. ROWLING SOBRE O EX-MARIDO.....	145
4.7.1 Breve descrição da publicação	145
4.7.2 Ponto de vista qualitativo-icônico	145

4.7.3 Ponto de vista singular-indicativo	146
4.7.4 Ponto de vista convencional-simbólico	148
4.7.5 Análise dos comentários	149
4.8 PUBLICAÇÃO 4: ILUSTRAÇÃO DE J.K. ROWLING	155
4.8.1 Breve descrição da publicação	155
4.8.2 Ponto de vista qualitativo-icônico	156
4.8.3 Ponto de vista singular-indicativo	156
4.8.4 Ponto de vista convencional-simbólico	157
4.8.5 Análise dos comentários	158
4.9 PUBLICAÇÃO 5: J.K. ROWLING E SEVERUS SNAPE	165
4.9.1 Breve descrição da publicação	166
4.9.2 Ponto de vista qualitativo-icônico	166
4.9.3 Ponto de vista singular-indicativo	166
4.9.4 Ponto de vista convencional-simbólico	167
4.9.5 Análise dos comentários	169
4.10 RESULTADOS E DISCUSSÃO	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS.....	182

INTRODUÇÃO

Entre as características que tornam as mídias sociais um fenômeno altamente denso e multiforme, a capacidade que o usuário possui em se tornar um produtor ativo de informação pode ser a particularidade mais revolucionária possibilitada pelos meios digitais contemporâneos. Jenkins (2009) acredita que três processos da atualidade - convergência de diferentes meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva - interligam-se e dão origem a uma cultura de convergência, na qual "[...] os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia disperso" (Jenkins, 2009, p. 29). Se encaixa neste cenário, portanto, o conceito de *prosumers*, elaborado por Toffler (1997) para designar os produtores-consumidores que participam ativamente da produção de conteúdo midiático.

Em consonância com essa lógica, Han (2018) explana que os indivíduos inseridos na atual realidade são, simultaneamente, consumidores e produtores, o que aumenta consideravelmente a quantidade de informação propagada. Para o autor, "[...] a mídia digital não oferece apenas uma janela para o assistir passivo, mas sim também portas através das quais passamos informações produzidas por nós mesmos" (Han, 2018, p. 23).

Assim, no cenário apresentado, usuários ‘comuns’ podem assumir papéis centrais em acontecimentos com propósitos distintos que, muitas vezes, têm início nas plataformas digitais, mas adquirem proporções para além delas. Um exemplo disso é o fenômeno nomeado cultura do cancelamento, originado em meados de 2017 nos Estados Unidos, a partir de manifestações contrárias às práticas de assédio sexual nos bastidores de Hollywood. Por intermédio do movimento *#MeToo* (em português, *#EuTambém*), pessoas de todo o mundo protestaram contra essa conduta, demandando que os autores dos crimes fossem responsabilizados por suas ações, independente dos cargos que ocupassem.

Posto isso, de acordo com o Merriam-Webster Dictionary¹, cancelar alguém significa cessar o apoio a este indivíduo e a qualquer produto ou conteúdo desenvolvido por ele. Apesar de ser impulsionado por diferentes razões, geralmente o cancelamento se dá após opiniões e/ou condutas controversas, consideradas inaceitáveis. Sendo assim, “[...] o cancelamento é semelhante a uma extinção de contrato, uma quebra do relacionamento entre um artista e seus fãs” (Martins; Cordeiro, 2022, p. 34). Contudo, apesar de originar-se de um contexto impulsionado por mudanças sociais, a cultura do cancelamento transmutou-se ao longo dos

¹ Dicionários da editora estadunidense Merriam-Webster, fundada em 1828, conhecida mundialmente pela publicação de livros de referência e, principalmente, de seus dicionários. <https://www.merriam-webster.com/>

últimos anos, passando a ser associada, por alguns grupos da sociedade, com práticas de discurso de ódio e de linchamento virtual. Sendo assim, essa é a denominação que o cancelamento recebe por seus críticos, enquanto seus apoiadores o intitulam como uma espécie de ativismo, que visa a problematização de condutas incompatíveis com a diversidade identitária (Martins; Cordeiro, 2022).

Tendo em vista a complexa trama de ascensão desse fenômeno, assim como suas intensas repercussões, os debates acerca do tema tornaram-se constantes, porém, sem muita profundidade teórica, apresentando uma demanda por mais investigações científicas sobre a questão e seus desdobramentos. Como aponta Castro (2023), em âmbito nacional foram encontrados apenas cinco trabalhos registrados na Biblioteca de Teses e Dissertações da CAPES a respeito do cancelamento. O autor explica que, quando estendida essa busca para os repositórios das doze universidades que tiveram a maior concentração de pesquisas na área da comunicação entre 2010 e 2015 (PUC-SP, USP, PUCRS, UFRJ, UNISINOS, UMESP, UNB, UFRGS, CASPER LIBERO, UFF, UFPB e UFBA), foram identificados os seguintes estudos:

Quadro 1 – Pesquisas encontradas em repositórios sobre cancelamento

Autor	IES	Área	Título	Tipo
Elisandra Pereira	UNESP	Educação	Educação profissional e racismo: Descobrimo a influência da cultura do cancelamento através da pedagogia histórico-crítica ¹⁰	Dissertação
Tadeu de Oliveira Silva	UFRN	Ciências Sociais	Linchamentos virtuais e cultura do cancelamento: os casos Patrícia Campos Mello e Lilia Schwarcz ¹¹	Dissertação
Iure Cesar Meirelles Martins de Oliveira	Estácio	Direito	O fenômeno do cancelamento pela ótica da liberdade de expressão ¹²	Dissertação
Cristina Carla Salvador	Unisinos	Direito	Liberdade de expressão: uma reflexão sobre os seus limites na experiência brasileira ¹³	Dissertação

Fonte: Castro (2022, p. 14)

Nota-se, portanto, a necessidade de romper com o senso comum no que toca a essa temática, em especial no campo da comunicação, tendo em consideração que "[...] a ilusão de transparência do objeto real deve ser criticada e as relações mais aparentes, que são as mais familiares, devem ser afastadas" (Lopes, 2014, p. 121). Afinal, justamente pelas grandes proporções e caráter corriqueiro que adquiriu, a cultura do cancelamento pode ser interpretada por muitos como um fenômeno amplo e facilmente compreendido quando, na verdade, exige um entendimento aprofundado.

Nesse sentido, esta dissertação se direciona para a investigação de um dos maiores casos

atrelados ao fenômeno em questão: o cancelamento da autora J.K Rowling. Nascida em Yate, na Inglaterra, Rowling tornou-se mundialmente conhecida a partir do final da década de 90, quando publicou o primeiro livro da saga Harry Potter. Em poucos meses, a saga sobre o jovem órfão bruxo conquistou milhares de fãs de diferentes faixas etárias e em múltiplas localidades do globo. Com isso, mais seis livros da série foram lançados, além da adaptação para os cinemas, que consiste em duas franquias milionárias, desenvolvidas pela Warner Bros. A primeira, produzida entre 2001 e 2011, é composta por oito filmes e conta a trajetória de Harry e seus amigos em uma luta contra o poderoso Lorde Voldemort. Já a segunda, originou-se em 2016, a partir de uma obra complementar lançada por Rowling, intitulada “Animais Fantásticos e Onde Habitam”.

Apesar de ser uma obra estrangeira, o Brasil é um dos países que mais consome produções e conteúdos referentes ao universo de Harry Potter. A editora Rocco, que detém os direitos nacionais da obra, já vendeu mais de 5 milhões de exemplares, com o país ocupando o 7º lugar em um ranking global de vendas da saga. Em novembro de 2021, quando o primeiro filme, “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, completou 20 anos de seu lançamento, sessões especiais com a reexibição do longa ocorreram em todo o Brasil, reunindo 325 mil espectadores em mais de 900 salas de cinema e arrecadando milhões de reais apenas no primeiro dia do relançamento, com a própria Warner Bros Brasil divulgando os números publicamente. Desde 2000, ano em que foi publicada a versão brasileira do primeiro livro, recordes foram quebrados a cada novo lançamento, tanto na literatura quanto no audiovisual. O sucesso não se limita somente a franquia original, já que o terceiro filme de "Animais Fantásticos", no Brasil, teve o maior quantitativo de ingressos comercializados em uma pré-venda, superando todos os filmes anteriores, inclusive da saga principal.

O sucinto panorama descrito acima evidencia porque comunidades de fãs do Brasil, muitas vezes, são tidas como destaque entre as demais. Como enfatiza Amado (2020), os fãs brasileiros são conhecidos e reconhecidos em todo o mundo pela sua forma própria, intensa e calorosa de exercer a idolatria, tanto no ambiente *online* quanto fora dele. No caso dos *potterheads* (maneira como os fãs de Harry Potter se intitulam), outros fatores contribuem para fortalecer ainda mais este fervor. Primeiramente, a chegada da saga ao país, no início dos anos 2000, coincide com o crescimento da acessibilidade às tecnologias digitais da época no Brasil, impulsionando o surgimento de grupos de fãs *online* e inaugurando uma nova fase para os admiradores de determinadas produções. No mais, uma parcela significativa dos *potterheads* eram de faixas etárias semelhantes a dos protagonistas, criando uma sensação de crescimento conjunto, de identificação. Tudo isso contribui para a formação de laços profundos, que não

são desfeitos com tanta facilidade. Como defendem Chin e Morimoto (2013), o consumidor torna-se fã ao desenvolver afinidade com o objeto cultural, mesmo que não necessariamente se encontrem no mesmo contexto representado por ele em certos aspectos, sendo a nacionalidade da obra ou do artista, por exemplo, apenas um dos vários pontos de afeição.

Durante a maior parte de sua carreira, Rowling foi vista como um exemplo a ser seguido por uma legião de fãs, ganhando prêmios internacionais e sendo uma das maiores referências culturais da atualidade. As dificuldades que ela enfrentou em sua vida pessoal antes das publicações da saga e a sua criatividade como escritora a tornavam ainda mais admirável perante a sociedade. Entretanto, desde dezembro de 2019, a autora vem passando por um notório processo de cancelamento, após realizar uma série de declarações nas suas redes sociais, compreendidas como preconceituosas, passando a ser acusada de transfobia.

A partir desta breve contextualização, a dissertação proposta tem como objetivo investigar as transformações na imagem pública de J. K. Rowling, dentro das comunidades digitais de fãs do Brasil, tendo em consideração o processo de cancelamento no qual a autora está inserida, verificando os possíveis impactos para a sua carreira e compreendendo de modo mais concreto as aplicações e implicações da cultura do cancelamento em um contexto factual. Para isso, foram elaborados os objetivos específicos a seguir: a) realizar um resgate histórico dos termos e comportamentos que são associados à cultura do cancelamento da contemporaneidade, compreendendo a trajetória do fenômeno desde suas origens até seu atual formato, tendo em consideração as múltiplas perspectivas distintas sobre a temática, analisando suas nuances; b) fundamentar teoricamente conceitos prévios da área da comunicação, que estão ou podem estar relacionados ao processo de cancelamento de J.K. Rowling, visando compreender todas as variáveis que estão interligadas neste cenário; c) compreender a evolução da cultura de fãs, assim como o contexto e as práticas das quais fazem parte os fãs da saga Harry Potter.

Para alcançar os objetivos delineados, a presente dissertação foi dividida em quatro capítulos. O primeiro se concentra em realizar um breve panorama histórico acerca das origens e paralelos entre a cultura do cancelamento e outras práticas antecessoras, tendo como ponto de partida o Ostracismo Grego, fundamentado prioritariamente em Everitt (2019). Em sequência, são abordados os rituais de exílio, como o Cativo da Babilônia, explicado com o aporte de Santos (2012), e os degredos das Navegações Portuguesas, elucidados por Torres (2013), finalizando o subtópico com a discussão sobre as exposições em praças públicas, também conhecidas como berlinda. Tendo isso estabelecido, entram em discussão os precursores contemporâneos da cultura do cancelamento, intitulados *problematic favorite* e *call-out culture*,

baseando-se em autores como Ahmad (2015) e Brown (2020). Logo após, é introduzida a cultura do cancelamento propriamente dita, pontuando a história do seu surgimento e quais fatores o influenciaram; algumas definições existentes até o momento sobre essa prática; e os maiores pontos de tensão acerca do fenômeno. Os principais teóricos deste subtópico são Castells (1999), Rossi (2013), Nguyen (2020), Emmanuel (2020) e Ross (2020).

Dando seguimento ao trabalho, o segundo capítulo adentra temas que permeiam a *cancel culture* e, conseqüentemente, o processo de cancelamento de J.K. Rowling. Inicialmente, são apresentadas as concepções iniciais sobre opinião pública até o atravessamento das mídias digitais. Para as perspectivas históricas deste conceito, utiliza-se o clássico Rousseau (1750) e autores mais contemporâneos como Cervellini e Figueiredo (1995), Sá (2009) e Oliveira e Oliveira (2020). Quanto à opinião pública nos estudos de comunicação, Lippman (2008), Dewey (1954) e McCombs (2004) são as principais referências, enquanto Pozobon (2010), Di Felice (2008) Lemos e Lévy (2010) e Farias (2019) elucidam a relação entre OP e o digital.

Ainda no segundo capítulo, também são consideradas as noções de celebridade e de reputação, assim como a dicotomia público-privado. Autores como França *et al.* (2014) refletem sobre o significado de celebridade no cenário atual e Karhawi (2022) discorre a respeito de ‘novos’ sujeitos e personalidades, relevantes para essa conjuntura, como as blogueiras e influenciadores digitais. Estes conceitos são relacionados com os capitais econômico, cultural, social e simbólico de Bourdieu (1997). Tudo isso culmina nas discussões acerca do que é público e do que é privado, visto que as fronteiras entre essas ideias estão cada vez mais dispersas e confusas.

O penúltimo capítulo se debruça sob os estudos de fãs, desde as perspectivas tradicionais e funcionalistas até o pioneirismo de Jenkins (2009), que desloca a ideia do fã de um ser irracional e imaturo para a posição de consumidor ativo, que também produz e desempenha um papel fundamental na indústria do entretenimento. Para debater as pesquisas mais recentes sobre a área, são determinados dois temas centrais – o fã-ativismo e a expressividade passional dos *fandons* – fundamentados com o auxílio de Amaral, Souza e Monterio (2015), Brough e Shresthova (2012) e Freire Filho (2013). A metade final do capítulo se dedica a apresentar o fenômeno Harry Potter, contemplando os aspectos fictícios da saga, as repercussões midiáticas do seu sucesso e a mulher por trás da obra, J.K. Rowling, e o processo de cancelamento no qual se encontra.

Com isso, o fechamento do capítulo se volta para a relação dos fãs brasileiros com a série em questão, ressaltando as particularidades que os *potterheads* nacionais dispõem,

apoiando-se nas observações de Amado (2020). Nesse momento, são recapitulados os conflitos que se deram no *fandom potterhead* ao longo de mais de 20 anos de existência, sendo que o mais atual se desenvolveu em decorrência das falas supostamente transfóbicas de J.K. Rowling, apresentadas em ordem temporal.

O conjunto de metodologias e métodos selecionados para o desenvolvimento desta pesquisa é o ponto de partida do quarto e último capítulo. Sendo assim, é apresentada a abordagem antropossemiótica que faz uso do estudo netnográfico e da semiótica peirceana para coletar e analisar os dados necessários. Primeiramente, é fundamentado o viés semiótico, com o suporte de Santaella (1995; 2005; 2010; 2012; 2018), Peirce (1974; 2017) e Perez (2007; 2020; 2023) e, em seguida, a etnografia digital e suas técnicas, com base no trabalho de Kozinets (2014), Braga (2008) e Hobbs (2006). Assim, o próximo passo é o processo de seleção das comunidades digitais de fãs da saga Harry Potter que, após ser descrito e justificado, tem como escolha somente um grupo de Facebook, intitulado ‘Harry Potter Brasil’, considerando os critérios audiência, tempo de existência e nível de engajamento.

Feito isto, foi estabelecido o período de coleta de 1 ano, de maio de 2022 a maio de 2023, para identificação das publicações sobre J.K. Rowling, resultando em 49 postagens específicas sobre a autora. De acordo com este número, foi definido que cinco *posts*, aproximadamente 10% do total, seriam analisados dentro das dimensões da semiótica peirceana, assim como seus comentários. As publicações foram determinadas com base no grau de interatividade de cada uma, avaliadas pela quantidade de comentários e compartilhamentos. Ao final da investigação, são apresentados os resultados e a discussão que se dá a partir deles e, em seguida, as considerações finais, que resgatam a trajetória da pesquisa, ressaltam suas contribuições e seus limites e apontam possíveis desdobramentos para trabalhos futuros.

CAPÍTULO 1: DO OSTRACISMO AO TRIBUNAL DA *INTERNET*: ORIGENS, PARALELO HISTÓRICOS E TRANSMUTAÇÕES DA CULTURA DO CANCELAMENTO

A cultura do cancelamento, enquanto fenômeno social da contemporaneidade, tem suas origens atribuídas ao movimento #MeToo que, na ocasião, manifestava-se contra as práticas de assédio sexual em Hollywood, em meados de 2017. Por intermédio das redes digitais, pessoas do mundo inteiro expressaram seu descontentamento com os atos que se desenrolavam nos bastidores hollywoodianos, levados a público por celebridades vítimas de abusos.

Entretanto, para Wolf (2020), o contexto vigente é uma mutação de um tensionamento existente há décadas, mais especificamente desde 1987, quando a disciplina intitulada *Western Culture*, da Universidade de Stanford, foi alvo de críticas e protestos por apresentar uma relação de leituras obrigatórias e clássicas, contendo obras de Platão e Shakespeare, por exemplo. Segundo os arguidores da disciplina, a lista era responsável por disseminar “[...] uma visão eurocêntrica, predominantemente branca e masculina, associada não apenas à falta de diversidade, mas aos horrores das práticas colonialistas, escravistas e imperialistas do passado ocidental” (Wolf, 2020, p.21). Apesar de o autor reconhecer os objetivos inclusivos do grupo manifestante, ele ressalta que esse comportamento fomentou novas modalidades de controle político, justamente por meio das instituições que deveriam representar a liberdade de pensamento e debate, como a universidade.

O paralelo traçado por Wolf (2020) entre os ocorridos envolvendo a disciplina *Western Culture* e a cultura do cancelamento enquanto prática da atualidade demonstra como manifestações associadas à contemporaneidade podem, muitas vezes, possuir raízes históricas, correlacionadas a outros momentos originados e vivenciados pela humanidade. Neste sentido, o primeiro capítulo da presente dissertação tem como objetivo realizar um resgate histórico de práticas, termos e comportamentos que estabelecem um diálogo com a cultura do cancelamento da vivência contemporânea, tendo em consideração as características específicas de cada período e acontecimento, ressaltando semelhanças e discrepâncias, com o estabelecimento de uma trajetória lógica, de acordo com as práticas históricas abordadas.

1.1 OSTRACISMO GREGO: A PRIMEIRA FORMA SISTEMATIZADA DE CANCELAMENTO?

Proveniente do termo grego *ostrakon*, que significa concha ou fragmento de materiais como cerâmica, louça e rocha calcária, o ostracismo (originalmente *ostrakismos*) é o nome atribuído ao sistema de votação popular desenvolvido pela democracia ateniense, na Grécia Antiga. Por meio desse recurso, decidiam pelo exílio de um político, em uma reunião especial da *ecclesia*, com “todos” os cidadãos (à época, somente homens maiores de 21 anos sendo, necessariamente, atenienses e filhos de pais atenienses) sendo elegíveis para votar de maneira supostamente secreta, naquele que desejavam banir da sociedade. Para isso, arranhavam o nome do escolhido em um pedaço de concha ou cerâmica (um *ostrakon*, daí a nomenclatura ostracismo), e o depositavam em uma urna. Como explica Everitt (2019):

Era necessário obter um quórum de 6 mil cidadãos para que os votos fossem válidos. Aquele que recebesse o maior número de votos contra si tinha dez dias para deixar a cidade. Se tentasse voltar, sua pena era a morte. Caso contrário, mantinha todos os direitos civis e de propriedade e, após cumprir sua pena, podia retornar a Atenas e, se quisesse, retomar a carreira pública. (2019, p. 234).

De acordo com Aristóteles (Constituição dos Atenienses, 22) a lei do ostracismo foi criada por Clístenes, em meio às reformas políticas que estavam sendo implementadas nas cidades-estados, intituladas *Polis*. A principal razão que levou Clístenes a conceber a lei em questão foi o receio de que Atenas voltasse a cair em um regime tirano, como o imposto por Pisístrato, que se utilizou da sua popularidade e posição como líder e general para denominar-se e agir como um tirano. O primeiro processo de ostracismo, datado no ano de 488, foi o de Hiparco, figura pública próxima da Pisístrato. Sua condenação ocorreu devido a indícios de que o político estaria apoiando uma futura restauração do filho de Pisístrato, Hípias, também adepto da tirania.

Diodoro (Livro XI, 55.2), ao discorrer sobre o processo de ostracismo, é mais direto em suas colocações, afirmando que os atenienses escreviam no *ostrakon* o nome “[...] do homem que julgavam ter mais poder para destruir a democracia”, condenando-o ao ostracismo, forma que tinham “[...] não para castigar qualquer crime, mas para baixar a presunção de homens que subiram demasiado, através do exílio”.

Já segundo Aristóteles (Política, 3.13), o ostracismo era, sobretudo, uma lei preventiva, para que “[...] fossem ostracizados e banidos da cidade por um período de tempo aqueles que, por razões da sua riqueza, número de amigos ou qualquer outro tipo de

influência política, prevalecessem demasiado”. Contudo, foi o próprio filósofo que alertou para os riscos desse sistema, ao afirmar que este não estava sendo aplicado justamente nos Estados, visto que “[...] ao invés de procurarem o bem para a sua Constituição, o ostracismo tem sido usado para beneficiar algumas facções”, de modo que esses grupos passavam a afastar rivais políticos de seus caminhos, para seu próprio privilégio. Além disso, Aristóteles também aponta para uma radicalização da democracia, com o ostracismo tornando-se uma consequência natural de simples derrotas eleitorais. Outro crítico do princípio era Plutarco (Arist. 7.2-6), que definia o ostracismo como

[...] falaciosamente uma forma forçada de promover a humildade e de conter níveis opressivos de prestígio, sendo na realidade um exorcismo misericordioso do espírito dos invejosos, que resultava numa vontade de punir, não de uma forma irreparável, mas com uma mudança de residência durante dez anos. (Plutarco, 1916, p.13).

Ainda assim, toda indicação de determinados nomes ao exílio sempre era enquadrada em razões políticas, com a justificativa de evitar abusos democráticos cometidos pelos cidadãos politicamente ativos, repudiando a busca por poder de maneira arbitrária e sem senso de coletividade. Como observa Everitt (2019, p. 233), todavia, o que norteava o ostracismo não era uma punição propriamente dita para o crime, mas sim “[...] um desejo de humilhar e cortar o prestígio e o poder opressivos”. Afinal, de maneira sistemática e organizada, o que acontecia era, basicamente, uma competição de impopularidade, na qual, mesmo que só houvesse uma vítima fatal, todos os demais políticos que foram votados na assembleia também estavam sendo publicamente expostos e tendo sua credibilidade posta em risco.

A ágora, como eram chamadas as praças públicas na Grécia Antiga, era o palco para as assembleias relacionadas a assuntos públicos, a exemplo da votação pelo exílio. Existia uma preocupação em manter os participantes calmos, com discussões sendo severamente restritas até o último voto ser dado e a decisão anunciada. Tudo ocorria de maneira muito sistematizada e o processo era encerrado com o costume incomum de cercar uma grande área aberta da assembleia, onde a votação final ocorria. “Dez entradas para o cercado eram criadas, sendo uma para um membro de cada tribo, que entravam em fila, um por vez, segurando um caco de cerâmica com o nome do cidadão a ser expulso rabiscado” (Keane, 2010, p. 36). A preocupação com a fraude já era existente, com mais de 500 conselheiros e funcionários públicos acompanhando a apuração e mantendo os cidadãos dentro do cercado até a contagem de votos ser encerrada e o nome do sacrificado ser, enfim, anunciado.

Ainda que tenha sido praticado por tanto tempo, sempre houve uma atmosfera de preocupação e temor em torno do ostracismo. Após seu advento, passaram-se 20 anos para que, de fato, ocorresse a primeira votação e, por consequência, o exílio do escolhido. Como aponta Everitt (2019), essa demora ocorreu, provavelmente, pela crença dos políticos de que o recurso desenvolvido pudesse, eventualmente, atingi-los ou, anos depois, ser usado contra o primeiro a fazer a proposição. De fato, as inquietações não eram totalmente infundadas, já que, posteriormente, membros da família de Clístenes, tido como inventor do ostracismo, foram condenados ao banimento da vida em sociedade na Grécia Antiga e, até mesmo, Péricles, o maior estadista ateniense do século 5 a.C., esteve ameaçado por alguns óstracos.

Acredita-se que o ostracismo tenha cessado por volta de 417 a.C., após a condenação de Hipérbolo, um político radical que propôs o exílio de duas figuras públicas antagônicas ao seu partido, Alcibíades e Nícias. Os dois candidatos ao ostracismo, indicados por Hipérbolo, uniram-se contra ele e conseguiram, assim, que recebesse a pena de exílio, um resultado totalmente inesperado. Apesar de o político ter cumprido o que foi determinado pela maioria, um rumor foi gerado de que Hipérbolo teria sido vítima de um golpe sujo, o que foi suficiente para que o ostracismo não fosse mais uma ferramenta adotada. Como aponta Cardoso (2015, p. 179), após esse ocorrido, “[...] os atenienses perceberam que o ostracismo se transformou mais numa forma de punição orientada por ódios e invejas do que de prevenir a ascensão de tiranos”.

O episódio de Hipérbolo permite que seja aqui traçado um primeiro paralelo com a cultura do cancelamento em seus moldes contemporâneos. O político, que inicialmente foi o responsável pela acusação de outras figuras públicas, rapidamente assumiu a posição de acusado e, em seguida, de condenado. Hipérbolo, que naquele contexto não ocupava um papel central e, portanto, nem estaria correndo qualquer tipo de risco ou ameaça, encontrou-se expatriado após uma única assembleia, sem preparações prévias ou suspeitas.

Esse acontecimento histórico evidencia como qualquer pessoa, dependendo das circunstâncias, pode ocupar a posição de acusador e acusado, de cancelador e cancelado. E mais: essa rapidez com que a transição de papéis ocorre é outro elemento que segue preservado, ainda que em proporções diferentes. Na Grécia Antiga, obviamente, não existiam os recursos tecnológicos pelos quais a cultura do cancelamento se propaga na atualidade. Mas, sem dúvidas, a ágora exercia esse papel, com o futuro de um determinado grupo de homens sendo decidido por “todos” os cidadãos atenienses, sem restrições, reunidos fisicamente em praça pública. Já no século XXI e no “contexto cancelador”, cada indivíduo possui uma ágora na palma de suas mãos, sem necessidade de um agrupamento presencial

acontecer para que um certo tipo de exílio, de natureza essencialmente social - mas que também pode adquirir dimensões espaciais e geográficas - seja estabelecido. Cada usuário possui a sua própria rede de conexões, sua própria praça pública, na qual pode expor facilmente suas conclusões e seu veredito acerca daquele que está em situação de cancelamento.

Tendo em consideração a vigente conjuntura social, termos como “ostracismo digital” são concebidos e postos em debate. Um exemplo de exílio digital recente seria a suspensão da conta do ex-presidente americano Donald Trump, no Twitter, sob a justificativa de “risco de uma maior incitação à violência”, de acordo com a própria plataforma. Ao perder a reeleição para o atual presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, Trump utilizou suas redes sociais múltiplas vezes para contestar a fidedignidade das eleições, além de convocar os cidadãos para manifestações públicas contra o resultado. Primeiramente, o perfil do ex-presidente foi suspenso por 12 horas, após ele ter publicado alguns tuítes justificando a invasão do Capitólio por seus apoiadores, ação que resultou em cinco mortes e pelo menos 13 feridos. Após mais um período de ponderação, o Twitter tornou sua decisão permanente.

A suspensão temporária do perfil de Trump poderia ser comparada aos 10 anos de exílio que certos políticos atenienses cumpriram, para então retornarem à sociedade e ter direito a recuperarem suas vidas públicas. Obviamente, nota-se um declínio altamente significativo no tempo de duração das punições – de uma década para a metade de um dia. Esse contraste tão discrepante instiga reflexões acerca do que teria provocado tamanha mudança. O fator temporal deve ser destacado, tendo em mente a quantidade de séculos que se passaram, assim como as condutas sociais aceitas e legitimadas em cada momento histórico e a total aceleração do tempo decorrente da ambiência digital na qual a sociedade contemporânea está imersa. Contudo, na Grécia Antiga, o ostracismo foi idealizado justamente para impedir abusos políticos e defender a democracia em sua essência. Uma suposta tentativa de ferir a conduta democrática já era o suficiente para levar o indivíduo a uma assembleia na ágora e, possivelmente, à condenação. Trump, no entanto, ao se manifestar publicamente para milhões de seguidores, não apenas ameaçou ferir princípios democráticos, como incentivou que ainda mais pessoas o fizessem, com o agravante de que, ao contrário da sociedade ateniense, as palavras do ex-presidente não enfrentaram barreiras geográficas. Ainda assim, a sua punição – o seu exílio – duraria somente 12 horas e, após cumprida, Trump já poderia, mais uma vez, manifestar-se publicamente sobre quaisquer questões que desejasse.

O título deste tópico indaga se seria o ostracismo grego a primeira forma

sistematizada de cancelamento. A resposta para o questionamento não é claramente definida, mas são inegáveis os aspectos nos quais tais mecanismos se encontram. Existem, em ambos, a intenção de retirar a credibilidade, em afetar o prestígio de um determinado indivíduo, sendo essa uma das punições mais significativas de todo o processo. Tanto o ostracismo quanto o cancelamento nos moldes contemporâneos, em essência, não têm como pretensão durar permanentemente. Pelo contrário, a lei ostracista defendia que o ateniense exilado poderia retornar para a sociedade e para a carreira pública após 10 anos, se assim desejasse. Já no caso do cancelamento, ainda que não existam diretrizes determinadas por lei, o indivíduo que se afasta do ambiente virtual (que é, comumente, o grande impulsionador do cancelamento) pode, na maioria das vezes, retornar para as plataformas digitais no momento que preferir, sendo com seus perfis já existentes ou criando novas contas. Todavia, tanto para o cidadão ateniense que regressa do exílio, quanto para o indivíduo cancelado que retoma suas redes sociais, não existe a garantia de que seus períodos de isolamento não terão consequências mais duradouras.

1.2 RITUAIS DE EXÍLIO E EXPOSIÇÃO EM PRAÇA PÚBLICA: A VERGONHA COMO ELEMENTO DISCIPLINANTE DO COMPORTAMENTO SOCIAL

Historicamente, as práticas e rituais de exílio estão presentes em múltiplos contextos e momentos da humanidade. Diferente da lei do ostracismo, que se justificava, em teoria, unicamente por razões políticas, o exílio, ao longo do surgimento e desenvolvimento de povos e sociedades, também já teve sua aplicação baseada em princípios culturais, religiosos e geográficos, além de políticos.

Por essência, o exílio propõe uma dissociação entre o indivíduo e sua pátria. Como aponta Rossi (2003, p. 7), “[...] a etimologia da palavra é muito expressiva: ex significa, precisamente, quem já não é, deixou de ser. Ou seja, quem perdeu toda ou parte de sua identidade”. Nesse sentido,

[...] o exílio questiona, em primeiro lugar, a identidade, pois ela se desprende das origens, da história particular de uma nação, de um povo, de uma geografia, assim como de uma família, de uma rua, de um bosque ou de uma relação romântica. (Rossi, 2003, p. 18)

Uma das expressões populares mais conhecidas mundialmente, “bode expiatório”, surgiu diretamente de um ritual religioso judaico, o Yom Kipur ou Dia do Perdão. Nessa tradição hebraica, narrada pelo livro do Antigo Testamento, dois bodes e um touro eram escolhidos para

serem levados até o local de sacrifício. No altar, por meio de sorteio, um dos bodes era selecionado para ser queimado, junto com o touro. Já o outro bode, recebia por meio de confissão do sacerdote, todos os pecados dos fiéis e era enviado ao deserto, sendo abandonado ao relento carregando consigo todos os pecados do povo hebreu, como uma espécie de oferenda ao anjo caído Azazel. Surgiu, assim, a expressão bode expiatório, pois eram concentrados, no animal, uma série de pecados que não lhe pertenciam. É possível observar, com o exemplo acima, um ritual de exílio baseando-se não em razões políticas, mas sim em questões religiosas e culturais. Ainda que o animal fosse o escolhido para purificar o povo, e não uma pessoa, nota-se como excluir um ser da sociedade, seja como maneira de punição ou salvação, sempre fez parte dos preceitos sociais desenvolvidos pelos seres humanos.

Ainda no âmbito cultural, o acontecimento histórico conhecido como Cativo da Babilônia é tido como um dos episódios mais marcantes, em termos de exílio, de toda a civilização humana. No ano de 597, o território conhecido como Reino de Israel e suas províncias, Samaria e Judeia, tornaram-se alvos da expansão de impérios formados na antiga Mesopotâmia. Os babilônios passaram a ter domínio da área ocupada pelos hebreus e não apenas estabeleceram domínio sob suas terras e propriedades, como os exilaram para a cidade da Babilônia, onde foram escravizados. Santos (2012) explica que em 597, Nabucodonosor, o então rei da Babilônia, invade Jerusalém pela primeira vez, com a cidade caindo em 16 de março de 597. O rei da Judeia, Joaquin, foi em seguida enviado ao exílio, com sua família, seus funcionários e a elite da população, sendo essa somente a primeira parte dos exilados. Santos (2012) destaca que, durante o exílio, os hebreus “[...] não possuíam nem mais pátria, nem rei e nem templo”, sendo totalmente dissociados de suas identidades pessoais e coletivas. Além do ato de separar o ser humano da sua individualidade, comum aos rituais de exílio, no Cativo da Babilônia o regime escravocrata funcionava como instrumento de humilhação do povo hebreu, com os babilônios reforçando constantemente sua superioridade enquanto pátria.

Em um momento mais avançado da cronologia humana, na época das grandes navegações portuguesas, uma nova modalidade de exílio foi posta em prática, com o surgimento dos degredados. Torres (2013, p. 133), aponta que “[...] a utilização do degredo pelo Estado português revelou-se uma prática longa, apresentando os primeiros registros na legislação consuetudinária do século XIII e estendendo-se até meados do século XX”. Assim, os cidadãos portugueses que eram exilados de sua pátria, inicialmente condenados por transgressão de normas constituídas, como uma resposta punitiva aos seus atos, chamavam-se degredados. Como esclarece Torres (2013), após a Guerra da Restauração da

Independência, que se encerrou por volta de 1668, notou-se uma significativa demanda por soldados, posição que passou a ser ocupada pelos exilados. A partir desses desdobramentos, o degredo “[...] passou a representar um benefício para os serviços reais por colocar à disposição do Estado os seus condenados” (Torres, 2013, p. 134), deslocando as motivações iniciais que deram origem a esse sistema.

Além de fins militares, o degredo tornou-se um importante instrumento colonizador, com o Império português deslocando seus condenados para áreas que dominavam e, principalmente, para àquelas que não atraíam um nível satisfatório de imigração livre. Com essa estratégia, o Estado português conseguia atender dois eixos principais: o de exclusão, com os criminosos e pecadores sendo afastados de Portugal, e o político-econômico, já que os rejeitados pelo Império se tornavam úteis ao povoar as colônias e gerar mais atrativos para que as imigrações acontecessem voluntariamente, fortalecendo a área específica e, conseqüentemente, o poder de colonização dos portugueses. Torres (2013, p. 134) destaca que “[...] considerando os aspectos jurídicos do degredo, este, sem dúvida, era a expressão geográfica da exclusão”.

Tal como no Cativo da Babilônia, a vergonha era, também, um aspecto a ser considerado relevante no contexto do degredo. Os condenados precisavam não apenas cumprir as penas determinadas, como serem enviados a localidades consideradas inferiores à sua pátria, já que eram assim classificadas as colônias, naquela época. Outra reflexão, a partir do exposto, é como o princípio basilar do exílio, de excluir da sociedade um determinado indivíduo, sempre se manteve, mas suas justificativas e motivações passaram a ser ditadas conforme os interesses de um grupo que reunia autoridade e poder, sem necessariamente estar relacionado às questões democráticas ou legais. Algo semelhante ocorreu com a cultura do cancelamento, que tinha no cerne de seu propósito a luta e a reivindicação de causas coletivas, mas, muitas vezes, é posta em prática como violência verbal e até mesmo física, por motivos que nem sempre objetivam a responsabilização de práticas equivocadas, mas sim uma simples aversão a comportamentos específicos de uma pessoa.

Outra modalidade de punição que se fez presente em diversos momentos da humanidade e se utilizava da vergonha como elemento disciplinante era a exposição em praça pública. Para isso, o instrumento mais empregado era o *pillory*, que pode ser traduzido como berlinda ou escravidão. A ferramenta, basicamente, consistia em uma estrutura de madeira, com buracos para a cabeça e as mãos, na qual um infrator era preso e exposto ao abuso público. Seus pés também ficavam aprisionados em um tipo de suporte complementar,

conhecido como *stock*. Apesar de não haver um consenso histórico sobre o surgimento da prática, ela foi altamente associada à Idade Medieval, sendo abolida somente em meados de 1800. As razões para a condenação à berlinda eram múltiplas e, muitas vezes, não se limitavam somente aos criminosos. Alcoólatras, moradores de rua, alguns grupos de artistas e qualquer cidadão que criticasse as instituições dominantes na época também eram alvos constantes dessa punição. As estruturas estavam sempre localizadas em pontos centrais da cidade, para que a população atirasse artigos diversos nos supostos infratores, variando desde alimentos como ovos, frutas e verduras, até pedras e animais mortos, no caso de crimes mais graves. Hess e Waller (2013), inclusive, destacam que era comum a população se manifestar agressivamente nesse processo, provocando o assassinato de prisioneiros.

As autoras, em seu artigo “*The digital pillory: media shaming ‘ordinary’ people for minor crimes*” (em português, “A berlinda digital: humilhação midiática de pessoas “comuns” por pequenos delitos”) destacam que a prática de *shaming* (ou seja, submeter alguém à humilhação publicamente) continua sendo uma poderosa ferramenta cultural, agora sob controle da mídia noticiosa e suas ramificações. Para as estudiosas, isso ocorreu após a prática de *shaming* nas sociedades ocidentais “[...] ter sido praticamente eliminada como uma punição formal pelo judiciário durante o início do século XIX” (Hess; Waller, 2013, p. 101). Elas argumentam, ainda, que

[...] embora a vergonha não seja mais uma prática fisicamente brutal, reconceitualizamos a ideia de uma marca duradoura de vergonha nas mãos da mídia na era digital. Defendemos que esta forma de vergonha deve ser considerada através de uma lente de poder midiático para destacar suas dimensões simbólicas e disciplinares (Hess; Waller, 2013, p. 101).

Apesar de o termo ‘cultura do cancelamento’ surgir somente três anos após a publicação do trabalho de Hess e Waller (2013), elas já alertavam em sua pesquisa sobre o possível advento de uma prática mais sistematizada, na qual a vergonha e a humilhação seriam propagadas pelos aparatos midiáticos com o objetivo de promover o afastamento de um determinado indivíduo ou grupo. A cultura do cancelamento, distanciada de seus princípios originários, pode se encaixar na descrição acima, desde que seja levado em consideração o seguinte: as mídias noticiosas e tradicionais, como jornais e televisão, podem ser relevantes em um processo de cancelamento, mas, as redes sociais são as principais responsáveis por impulsionar a manifestação dessa prática e, nelas, são configuradas as transformações referentes a esse processo. Em suma, pode-se dizer que a cultura do cancelamento não nasce com o objetivo de ser instrumento da berlinda digital – mas, é para essa direção que atualmente caminha, como será visto nos próximos tópicos.

De fato, os rituais de exílio e exposições em praça pública, nos moldes como foram abordados neste trabalho, começaram a ser abolidos no século 18, com o surgimento do Iluminismo. Este movimento cultural e intelectual foi desenvolvido para contrapor o modelo de Estado predominante na época e, precisamente por isso, punições consideradas radicais e tiranas não se encaixavam nos preceitos iluministas. Isso não quer dizer que, por conta dessas mudanças políticas, econômicas e sociais, exílios e humilhações em público nunca mais aconteceram. Entretanto, é a partir deste momento histórico que o imaginário coletivo, em sua maioria, começa a visualizar tais penalidades como comportamentos autoritários, opressivos e absolutistas, que não devem ser aceitos, independente de quais justificativas sejam empregadas.

Com a deslegitimação social das punições mencionadas e a disseminação de argumentos mais inclusivos e progressistas ao longo da história, sistemas de governo igualitários passaram a ser almeçados em diversas localidades do globo, apesar de adversidades surgirem em diferentes momentos do caminho, a exemplo de regimes ditatoriais e escravocratas. Ainda assim, a democracia, originada justamente na Grécia Antiga, passou a ser amplamente adotada no Ocidente, com constantes ajustes e modificações sendo implementadas. Obviamente, nenhuma modalidade de exílio, inclusive o ostracismo grego, são justificadas dentro de uma democracia atual e plena, nem consideradas uma repreensão permitida ou justa.

No entanto, três séculos após o Iluminismo e com inúmeras transições históricas decorridas, o sentimento de vergonha prevalece universal, continuando a ser uma forma potente de regular o comportamento humano em sociedade. Resgatando os argumentos de Hess e Waller (2013), as autoras acreditam que uma nova forma de constrangimento público esteja sendo legitimada, dessa vez por intermédio das tecnologias digitais e midiáticas, cada vez mais populares entre os indivíduos modernos. Tendo em conta este raciocínio, o tópico seguinte adentra o universo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e das redes sociais, evidenciando duas práticas originadas no âmbito *online*, que podem ser compreendidas como precursoras da cultura do cancelamento.

1.3 PRECURSORES DA CULTURA DO CANCELAMENTO CONTEMPORÂNEA: *PROBLEMATIC FAVORITE ECALL-OUT CULTURE*

Antes de adentrar, especificamente, nos antecessores mais próximos da cultura do cancelamento, é necessária uma breve recapitulação acerca do surgimento e da evolução das

TICs, no sentido de contextualizar o cenário no qual são elaborados os conceitos de *problematic favorite* e *call-out culture*.

Em uma perspectiva histórica, foi com o fim da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria que se desenvolveu o sistema responsável por conectar em rede os computadores de todo o mundo, o que hoje é popularmente conhecido como *internet*. Na disputa silenciosa entre as duas maiores potências globais da época, Estados Unidos e União Soviética, conhecimento e informações sobre a nação adversária eram a maior vantagem que um país poderia ter. A corrida armamentista e espacial proporcionou a criação de novas tecnologias, inicialmente com propósitos militares e uso verticalizado, limitadas às instituições governamentais. Como explicita Torres (2014), “[...] os computadores nasceram com a reputação de máquinas ligadas aos conflitos”, e a quebra desse estigma ocorreu somente na década de 1970, com o auxílio de grupos estadunidenses compostos, em sua maioria, por acadêmicos e *hackers*, que defendiam a extensão desses novos recursos tecnológicos para outros grupos da sociedade. A pesquisadora explica ainda, que

[...] todas as tecnologias, quando nascem, são caracterizadas por um uso inicial específico, mas esse uso pode variar (e geralmente varia) com o passar do tempo. Foi isso que aconteceu com o computador e a internet, uma ressignificação desse uso (Torres, 2014, p. 145).

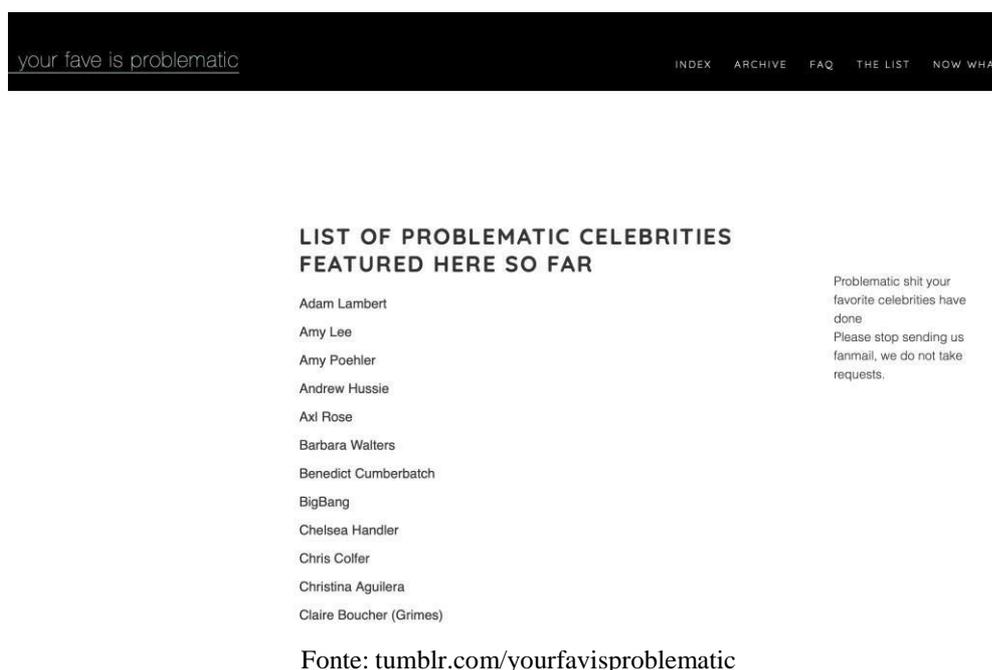
Posto isso, eventualmente, os computadores passaram a ser vendidos ao público geral, o que levou a produção de novas máquinas pelos próprios usuários, culminando no desenvolvimento e na comercialização dos primeiros computadores pessoais. Com o aumento da demanda social por essas tecnologias, a *internet* se consolida nos Estados Unidos na década de 1980 e, a partir de 1990, se populariza em outras localidades do globo, não estando mais restrita à comunidade acadêmica e às agências governamentais, como ainda ocorria na maioria dos países. Em 1992 é concebido o primeiro *web browser* e, nos anos seguintes, novos modelos de tráfego seguiram sendo elaborados, como o acesso por linha discada, os provedores gratuitos de *internet*, a banda larga e, enfim, o *wi-fi*. É nesta conjuntura, portanto, que se configura a Era da Informação, com a formação de uma sociedade em rede, conforme analisa Castells (1999). Corroborando esse pensamento, Pessoa (2020, p. 42) afirma que a evolução das TICs proporcionou a “[...] introdução e remoção de novos atores sociais e processos nas redes, outorgando a autonomia e multidirecionalidade necessárias para proporcionar o maior fluxo de comunicação e autoconsciência”.

Aprofundando a complexidade dessa nova estrutura tecnológica, as antigas salas de

chats e bate-papo são otimizadas para âmbitos onde os usuários pudessem trocar mensagens em tempo real, sem preocupação com a duração do uso ou com a quantidade de participantes. Esses ambientes passam a ser conhecidos como redes sociais digitais e seu maior ato de popularização ocorreu em 2004, com a invenção do Facebook. Desde então, novas plataformas de interação, com diferentes objetivos e propostas, emergiram e declinaram, uma delas sendo o Tumblr. A rede de *microblogging* fundada em 2007, conquistou o público mais jovem, com interesse nas culturas *pop* e *geek*, tornando-se permeada por *fandons*, ou seja, comunidades de fãs do mundo inteiro e de múltiplos nichos. Como aponta Trier-Bieniek (2015), é precisamente neste universo, por volta de 2013, que se origina a expressão *problematic favorite* (em português, favorito problemático), utilizada para classificar personagens ou celebridades que apresentassem falas e/ou comportamentos problemáticos, como racismo e homofobia, por exemplo.

Ao fazer uso do termo para se referir a uma figura fictícia ou pública, as comunidades de fãs, de certo modo, buscavam um equilíbrio entre continuar admirando seus personagens e ídolos, mas com consciência de seus erros e imperfeições. Rapidamente o *problematic fave* tornou-se uma tendência, passando a ser conhecido para além do Tumblr e conquistando cada vez mais aderentes da expressão. Uma página dentro da plataforma, intitulada *Your Fave Is Problematic* (Seu Favorito É Problemático), que listava o nome de celebridades e quais ações problemáticas cada uma havia cometido, acumulou mais de 50.000 seguidores em poucos meses, funcionando como uma espécie de catálogo, que adicionava constantemente novos nomes e atualizava o conteúdo referente a uma determinada figura pública toda vez que esta apresentava um comportamento supostamente problemático.

É interessante observar que, apesar de expor as atitudes de certas personalidades conhecidas e, ainda, considerar errônea suas condutas, o *problematic favorite* não induzia, necessariamente, um boicote àquela pessoa ou mesmo demandava consequências para os seus atos. Uma evidência disso é justamente a utilização da palavra *favorite*. O indivíduo em questão poderia, sim, ter atitudes problemáticas, mas não deixaria de ser o ídolo, o “favorito” daquele fã ou grupo de fãs. A problematização ocorria, mas a celebridade não era reduzida a ela. De certo modo, consistia em uma conscientização da comunidade de fãs, quase como um dispositivo para atenuar uma possível culpa por idolatrar uma celebridade de porte questionável.

Figura 1- Página “*Your Favorite Is Problematic*”, na plataforma *Tumblr*

Até hoje, ainda é habitual a utilização do vocábulo *problematic favorite*, principalmente em fóruns de cultura *geek* e perfis em redes sociais administrados por comunidade de fãs, mas o conceito passou a ser criticado. Parte dos usuários acreditava que ocorria uma certa banalização do comportamento problemático observado em celebridades, pois a responsabilização de atos que acontecia era meramente discursiva, sem demandar uma mudança de atitude ou consequências reais para aquela figura pública. Como um desdobramento orgânico dessa conjuntura, nos anos seguintes manifesta-se uma nova forma de reivindicar efeitos mais concretos para pessoas (sejam celebridades ou não) com posicionamentos e atuações controversas: a *call-out culture*. Traduzida livremente para o português, a expressão seria algo como “cultura de chamar a atenção”, visto que ‘*call-out*’ neste contexto é referente a uma condição de advertência, de alertar para um deslize.

Ahmad (2015, p. 58) classifica a *call-out culture* como “[...] atos de ativismo altamente midiáticos e executados publicamente”, definindo-a como uma tendência, entre determinados grupos, de nomear e/ou responsabilizar publicamente padrões opressivos de falas e comportamentos de um ou mais indivíduos. A estratégia de advertir abertamente condutas polêmicas não é uma inovação da contemporaneidade. Pelo contrário, como ressalta Brown (2020), apelos públicos acerca de práticas abusivas possuem uma longa jornada histórica, atuando como um meio de grupos marginalizados enfrentarem aqueles que ocupam posições de poder e privilégio. A autora defende que tais manifestações públicas

“[...] têm sido uma maneira de pressionar coletivamente corporações, instituições e agressores em nome de indivíduos ou povos oprimidos que não podem parar a injustiça e obter responsabilidade por conta própria” (Brown, 2020, p. 41).

As redes sociais, todavia, modificaram esse processo e acrescentaram novas variáveis o que, eventualmente, originou a *call-out culture* da atualidade. Com as plataformas digitais, a velocidade de propagação de um *call-out*, assim como o seu alcance, cresceram significativamente, o que é preocupante, já que nem sempre os fatos sobre certos acontecimentos estão totalmente esclarecidos antes que o apelo público tome proporções, muitas vezes, irreversíveis. Brown (2020, p. 42) argumenta que não existe uma “[...] clareza coletiva sobre as distinções entre conflito, dano ou abuso, mas *online*, parecemos responder tudo isso com a mesma energia – consistentemente punitivo e com um resquício de prazer”.

As plataformas digitais, enquanto meio de difusão e impulsionamento da *call-out culture*, permitem a discussão de acontecimentos e conflitos que o sistema legal não poderia alcançar, quando as ocorrências são problemáticas, mas não necessariamente práticas ilegais. Essa possibilidade de diálogo é altamente benéfica e, em alguns casos, é a única maneira de voltar os olhos da sociedade para práticas prejudiciais, principalmente quando nelas estão envolvidas pessoas ou instituições de grande influência. No mais, as redes sociais permitem que esses debates cheguem a ambientes nos quais muitas vezes os meios tradicionais de comunicação não conseguiriam adentrar, de maneira mais didática e acessível.

São múltiplas as vantagens de utilizar as mídias sociais em prol de manifestações que propõem condições mais justas e discussões inclusivas. Contudo, da mesma maneira que os pontos positivos devem ser elucidados, a volatilidade do âmbito *online* também deve ser considerada. Brown (2020) alerta que, a partir do momento que uma advertência é feita publicamente por intermédio das tecnologias digitais, é muito provável que seja priorizado somente um lado do episódio em questão, sem um entendimento mais amplo dele. Em seguida, dá-se início a um ciclo de culpa e humilhação, demandando por consequências imediatas. É possível dizer, portanto, que existe uma teia de alta complexidade envolvendo as redes sociais enquanto agentes propulsores e transformadores de práticas contemporâneas, como a *call-out culture* e o *problematic favorite*. Este cenário torna-se ainda mais intrincado com o irrompimento da *cancel culture*, objeto de análise do tópico seguinte.

1.4 CULTURA DO CANCELAMENTO NA ERA DIGITAL: O TRIBUNAL DA *INTERNET*

Para assimilar as características que integram a cultura do cancelamento e o

presumido tribunal da *internet*, é fundamental retornar à sociedade em rede de Castells (1999) e aprofundar um quesito em particular: a origem do interlocutor. Embora não seja uma discussão absolutamente recente, é relevante entender como os usuários do âmbito *online*, ou seja, os canceladores do mundo contemporâneo, foram estabelecidos.

Castells (1999) indica que, com a revolução das TICs, é constituída uma “língua universal digital” que promove uma integração global da produção e da distribuição de palavras, sons e imagens, personalizando-as de acordo com as preferências de cada indivíduo. Ele defende que o crescimento da rede de computadores “[...] criou novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela” (Castells, 1999, p. 40). Essa interatividade desloca as pessoas “comuns” da posição de receptor para interlocutor, com a possibilidade de alcance amplificada, sem estar refém de meios tradicionais de comunicação ou de figuras públicas. Trata-se, portanto,

[...] de uma alteração profunda de mentalidade e de hábitos, que exprime um sentimento de insuficiência em relação não apenas ao conteúdo, mas à própria estrutura unilateral dos meios de comunicação de massa, preferindo-se meios que permitam aos indivíduos participar ativamente não apenas da seleção, mas da própria construção e difusão das informações que recebem (Schreiber, 2022, p. 12).

As redes sociais conduziram o indivíduo comum para uma posição que ele nunca tinha ocupado anteriormente: a de protagonismo, situando-o bem no centro do processo comunicacional. A chegada do Facebook, em 2004, fortalece essa lógica, que é consolidada com o advento do Twitter, em 2006. A plataforma surge como um *microblog*, limitada a 140 caracteres por tuíte, propondo que seus usuários compartilhassem acontecimentos do dia a dia com os seguidores do seu perfil.

De fato, o Twitter funcionou por algum tempo como um gênero de diário virtual, com o predomínio de conteúdos cotidianos e pessoais sendo publicados. Embora não tenha perdido completamente sua característica inicial, essa foi uma das redes sociais que mais sofreu transformações ao longo de seu uso. A agilidade inerente ao Twitter lhe restabeleceu como referência de acesso à informação, inicialmente no formato de mídia de suporte para os meios de comunicação convencionais, como salienta Rocha (2010). As esferas corporativa e publicitária também se apropriaram do Twitter como recurso de diálogo com seus públicos, o que novamente remodelou a dinâmica da plataforma. Agora, quase 16 anos após sua concepção, a rede de *microblogging* é um espaço de reivindicação e palco para o nascimento de manifestações como a cultura do cancelamento, agindo como formador de opinião.

Conforme mencionado brevemente na introdução do presente capítulo, a cultura do

cancelamento tem suas origens atreladas ao movimento #MeToo (#EuTambém, em português). Ele foi fundado em 2006, pela ativista social e organizadora comunitária estadunidense Tarana Burke. Como sobrevivente de assédio e violência sexual, Burke se dedicou a construir uma comunidade de defensores, como objetivo de cessar tais crimes, além de combater outros problemas sistêmicos que afetam desproporcionalmente grupos marginalizados. Durante anos, o movimento angariou recursos, patrocinadores e outros meios de auxiliar as vítimas em situação de vulnerabilidade, dando visibilidade à causa e fortalecendo o discurso contra a violência sexual. Em outubro de 2017, quando o produtor hollywoodiano de cinema Harvey Weinstein foi acusado de abuso sexual por dezenas de mulheres, a atriz Alyssa Milano tuitou a seguinte frase: “se você foi assediada ou violentada sexualmente, escreva ‘eu também’ como resposta para este tuíte”. Milhares de pessoas interagiram com o tuíte da artista, com múltiplos retornos sendo enviados ao seu pedido, inclusive de celebridades como Gwyneth Paltrow, Ashley Judd e Uma Thurman, entre outras. Logo, deu-se início a *hashtag* #MeToo, que rapidamente viralizou nas plataformas digitais, principalmente no Twitter, incentivando inúmeras pessoas a compartilharem os abusos que sofreram, sendo a maioria mulheres. Com isso, o movimento adquiriu relevância globalmente e conta com mais apoiadores a cada dia, defendendo que, para romper com os sistemas que permitem a proliferação da violência sexual, é preciso insistir na responsabilização por parte dos perpetradores, de modo que nenhum deles saia impune, independente de seu poder aquisitivo ou prestígio social.

Figura 2 - Tuíte da atriz Alyssa Milano, em 15 de outubro de 2017, no idioma original da publicação.



Fonte: [Twitter.com/Alyssa_Milano](https://twitter.com/Alyssa_Milano)

É precisamente com esse ideal que a cultura do cancelamento é moldada e dá início às suas manifestações, por intermédio do próprio Twitter. Com a repercussão dos crimes de Weinstein e demais casos de assédio e violência sexual nos quais outras figuras públicas estavam envolvidas, os usuários começaram a demandar freneticamente a responsabilização dos acusados, clamando pelo ‘cancelamento’ de práticas e comportamentos abomináveis como aqueles.

Outro movimento impulsionado pela cultura do cancelamento foi o *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam, em português). Existente desde 2013, um de seus propósitos centrais é advogar contra a violência e a brutalidade policial direcionadas às pessoas negras, além de destacar as desigualdades e discriminações de cunho racista vivenciadas por essa parcela da sociedade. Em maio de 2020, um civil afro-americano chamado George Floyd foi assassinado, em Minneapolis, por um policial branco, Derek Chauvin. Floyd foi acusado de utilizar notas falsas para fazer compras em uma mercearia e, quando a polícia chegou à cena do suposto crime, Chauvin derrubou Floyd no chão e permaneceu ajoelhado entre seu pescoço e suas costas, comprimindo seus pulmões por nove minutos, asfixiando-o. Tal conduta criminoso revoltou comunidades de todo o mundo, culminando em protestos presenciais e *online*, já sendo possível utilizar amplamente o vocábulo *cancel culture*. Na medida em que o BLM foi evidenciado pela cultura do cancelamento, o movimento também influenciou na popularização desta prática, que ainda

tinha seu conceito mais restrito ao cenário norte-americano. Com as atenções da sociedade voltadas para os protestos, a noção de cultura do cancelamento passa a quebrar certas barreiras e adentrar uma esfera mais cotidiana. A propagação do fenômeno resultou na elaboração de diversos conceitos a seu respeito, na tentativa de expandir o entendimento sobre a “prática canceladora”, que, ao longo dos últimos anos, passou a ser temida pelos mais variados grupos sociais. De acordo com Eve Ng (2020), a *cancel culture* consiste em

[...] retirar qualquer tipo de apoio (visualização, seguidores nas redes sociais, compras de produtos endossados pela pessoa etc.) daqueles acusados de terem dito ou feito algo inaceitável ou altamente problemático, geralmente por uma perspectiva de justiça social, como sexismo, homofobia, racismo, *bullying* e demais questões (Ng, 2020, p.15).

Ratificando a designação apresentada acima, ao discorrer sobre a cultura do cancelamento, Nguyen (2020) a interpreta como uma crescente manifestação ativista de mídia social, que incentivou muitos indivíduos a promoverem o boicote de pessoas, empresas e sistemas que estejam desalinhados com os valores sociais vigentes. Nota-se que ambas as significações apresentadas vinculam a *cancel culture* com um ponto específico: o combate a falas e comportamentos que hostilizem parcelas mais vulneráveis da sociedade, como pessoas negras e indivíduos integrantes da comunidade LGBTQIAPN+. O cancelamento emerge como instrumento de oposição a discursos e práticas que reverberam preconceitos e intolerância, elementos que contribuem para a perpetuação de uma estrutura social baseada em discriminação e desequilíbrio.

A priori, portanto, a *cancel culture* não está relacionada aos discursos de ódio e à propagação de qualquer tipo de violência. Ela parte de uma combinação de princípios como justiça e igualdade, propondo discussões necessárias para a vida em coletividade. Ademais, a pretensão de cancelar algo estava muito mais associada a erradicar comportamentos e estruturas prejudiciais do que ao apagamento de uma pessoa e de sua identidade enquanto ser social.

Todavia, tal qual outros fenômenos potencializados pelo *online*, a *cancel culture* não estava imune ao caráter mutável e ágil do meio digital, sofrendo deslocamentos ao longo dos últimos anos. Muitas vezes, os limites sobre o que é permitido ou não, aceitável ou não, se perde na vivência das TICs. Essa presumida falta de consequências, em conjunto com um certo anonimato que a *internet* possibilita, colaboraram para que a cultura do cancelamento se tornasse, muitas vezes, sinônimo de linchamento e ataques virtuais. Como consequência dessas transformações, novas análises passaram a ser feitas sobre a prática em

questão, resultando em reflexões como a de Chiou (2021), que afirma que

A cultura do cancelamento é uma faca de dois gumes. A mídia social oferece uma plataforma para as pessoas responsabilizarem facilmente alguém por seu mau comportamento e aumenta a conscientização sobre a injustiça. As opiniões a favor da cultura do cancelamento postulam que é semelhante ao ativismo, usando plataformas online para criticar pessoas influentes por promover a intolerância. Por outro lado, a cultura do cancelamento às vezes pode se tornar vigilância digital (Chiou, 2021, p. 297).

Sob essas conjunturas, são estabelecidas discussões mais concretas a respeito dos benefícios e malefícios da *cancel culture*, com críticos determinados a expor os danos que o cancelamento pode causar. Entre os argumentos dos opositores, um dos mais pertinentes é que este fenômeno legitima a censura, contestando a liberdade de expressão. Emmanuel (2020), por exemplo, alega que a cultura do cancelamento tem como base indivíduos que não concordam com discursos ou ações disseminadas em um perfil específico e, para reprimir esses comportamentos, se expressam de maneira ofensiva, o que não é justificável. Ross (2020) complementa esse raciocínio, ao classificar a prática de cancelamento como problemática por estimular uma dinâmica eliminatória, em que os usuários hostilizam qualquer um com quem não concordem perfeitamente.

Os pressupostos evidenciados por pesquisadores como Emmanuel (2020) e Ross (2020) estão fundamentadas na banalização que passou a caracterizar as práticas e manifestações do cancelamento. Como exposto no início do presente tópico, a *cancel culture* possui um pilar essencialmente ativista e social, posicionando-se, muitas vezes, em favor dos marginalizados. Acontece que, com a popularização do termo, abriu-se espaço para uma ressignificação da prática, sem quaisquer diretrizes no que se refere a essa transição. Um episódio que pode demonstrar o distanciamento mencionado é o da cantora e compositora brasileira Luísa Sonza. A artista, de apenas 25 anos, foi casada de 2018 a 2020 com o comediante e *youtuber* Whindersson Nunes, que possui influência e audiência altamente expressivas. Quando o então casal anunciou o divórcio em abril de 2020, ataques imediatos foram feitos à Sonza, com base em rumores de infidelidade por parte da cantora. Alguns meses depois, quando ela confirmou seu namoro com o também cantor Victor Carvalho, conhecido popularmente como Vitão, as especulações sobre uma suposta traição voltaram à tona, ainda mais fortes, a ponto de afastar Sonza completamente da vida pública, tanto presencial quanto virtualmente. A artista e membros da sua família sofreram ameaças de violência física e a cantora teve sua saúde mental extremamente fragilizada, desenvolvendo

princípios de depressão e ansiedade. Nesse sentido, o isolamento foi o único caminho que restou para Sonza seguir, rendendo-se ao seu apagamento (mesmo que temporário), demandado por ávidos canceladores.

É primordial elucidar que o cancelamento vivenciado por Sonza não foi motivado por questões sociais ou ativistas. As críticas que a artista sofreu embasaram-se somente em boatos de infidelidade, que foram tomados como verdadeiros, mesmo sem nenhum tipo de comprovação – inclusive, anos depois, o próprio ex-marido da cantora veio a público afirmar que não houve traição por nenhuma das partes. Os repreensores de Luísa não se fundamentaram em nenhum princípio militante para a julgarem, simplesmente discordaram de atitudes referentes a sua vida particular e tomaram isso como suficiente para determinar o desaparecimento de sua identidade. Essa se configura como uma prática banalizada da cultura do cancelamento, algo que se tornou muito corriqueiro, esvaziando-a de significado.

Em razão disso, “ser cancelado” passou a ser visto como algo cotidiano, que em significativa parte dos casos pode ser revertido com pouco ou algum esforço. Nos cenários como o de Sonza, de fato é positivo que haja uma certa rapidez para o contorno da situação, visto que o comportamento da artista não estava relacionado a impactos comunitários. Contudo, em outros episódios, que realmente demandam uma mudança de conduta de um indivíduo, grupo de pessoas ou instituição, pode ser preocupante que a cultura do cancelamento seja trivializada, em vez de atuar como um mecanismo de auxílio para modificações necessárias no corpo social contemporâneo.

Assim, portanto, estão estabelecidos os atuais debates acerca da *cancel culture*. Em um lado, perspectivas como a de Lemos (2020, p. 31), que vê na prática “[...] uma possibilidade de regulação social, necessária para conter a palavra selvagem das redes”. Para o autor, se há insensatez no universo *online*, também pode nascer dele uma forma própria de sabedoria, considerando que uma porção dos cancelamentos existentes envolve atitudes problemáticas e bárbaras. Já por uma ótica contrária, Hooks (2020, p. 24) afirma que “[...] o uso da vergonha, como visto na cultura do cancelamento, para engendrar ou modificar o comportamento social é inútil, negativo e em última análise, perigoso”. No que se refere à carga de não-existência de uma pessoa, que a *cancel culture* pode conter, Teixeira (2020, p. 18) enfatiza que tal prática “[...] evoca a imposição da desmemória que se vê no pesadelo distópico de George Orwell e nos regimes totalitários que inspiraram 1984”.

Considerando os argumentos expostos, pode-se afirmar que, quando utilizada de acordo com as perspectivas críticas citadas, a cultura do cancelamento, de fato, pode reforçar a lógica de um tribunal da *internet*, onde, diferentemente dos processos legais ocorridos *off-*

line, não existe muito espaço para o exercício do contraditório, além da ausência de igualdade e proporcionalidade nos julgamentos.

CAPÍTULO 2: OPINIÃO PÚBLICA, CELEBRIDADE E REPUTAÇÃO: ESTÁ TUDO INTERLIGADO?

Após a primeira parte da presente dissertação abordar a cultura do cancelamento e seus paralelos históricos, o segundo capítulo adentra temáticas como opinião pública, reputação, crise de imagem e celebridade. Buscou-se fundamentar e debater conceitos, noções e assuntos que são centrais para investigar como a reputação de J. K. Rowling vem sendo afetada em comunidades digitais de fãs no Brasil e quais as principais consequências dessa movimentação para a autora.

Dividido em três tópicos, o primeiro deles tem como enfoque a evolução do conceito de opinião pública ao longo dos anos e suas transmutações a partir das mídias digitais, visto que a própria cultura do cancelamento está essencialmente atrelada a uma noção de “opinião pública”. Em seguida, será explanada a relação entre celebridade e reputação, discutindo a ruptura das percepções sobre público e privado, considerando que Rowling possui o status de indivíduo célebre e que sua reputação vem sofrendo alterações significativas após a publicação de opiniões, anteriormente, privadas. Para finalizar o capítulo, o terceiro tópico disserta a respeito de crises de imagem, com a particularidade de inserção no contexto célebre, uma vez que é neste cenário que se encontra, atualmente, a autora da saga Harry Potter.

2.1 OPINIÃO PÚBLICA: DOS CONCEITOS INICIAIS AO ATRAVESSAMENTO DAS MÍDIAS DIGITAIS

2.1.1 Perspectivas históricas sobre o surgimento da opinião pública

O ponto de partida sobre qualquer discussão acerca do conceito de opinião pública é que não há e nunca houve um consenso universal sobre este. Como elucidam Cervellini e Figueiredo (1995), no campo da opinião pública “[...] parece ter acontecido o inverso de outras áreas do conhecimento, onde teorias gerais informam e balizam os estudos que vão progressivamente ficando mais especializados” (Cervellini; Figueiredo, 1995, p. 171). No caso dos estudos de comunicação, não existe uma teoria central que antecede e direciona as ramificações da temática, o que contribui para uma confusão conceitual e epistemológica existente até os dias atuais.

Desde que o termo foi utilizado pela primeira vez, em 1750 por Jean-Jacques

Rousseau (Catto, 2008) existe uma busca incessante pelo significado da expressão, tanto no âmbito do senso comum quanto nos meios acadêmico e teórico. Um dos aspectos que pode interferir nesta conceituação, inclusive, é a falsa premissa de que todo indivíduo inserido em sociedade compreende, efetivamente, o significado de opinião pública, simplesmente por este ser um vocábulo corriqueiro, comumente empregado trivialmente. Assim, muitas vezes as noções de opinião pública são tidas como um conhecimento simplesmente dado, e não construído. Entretanto, como enfatiza Morin (2005, p. 57), é preciso buscar a complexidade "[...] onde ela parece em geral ausente, como por exemplo, na vida cotidiana".

Posto isso, de volta às concepções iniciais no que se refere à temática, é importante pontuar que para Rousseau (1973), a opinião pública está diretamente associada à vontade geral, sendo essa mais relevante do que a vontade particular. Assim, funciona como instituição de validação do poder, ao mesmo tempo em que impõe limites ao seu exercício, estando correlacionada estreitamente a soberania popular, as leis, aos costumes e a moral. Como enfatizam Cervellini e Figueiredo (1995), neste contexto

[...] a opinião pública era encarada como legitimação da democracia (contratualismo) e o requisito básico para tal seria a existência de uma deliberação racional, exprimindo um interesse geral resultante [...] Trata-se, portanto, de uma visão racionalista da opinião pública, que estaria deslegitimando qualquer manifestação pública baseada em fatores de caráter mais emocional. (Cervellini; Figueiredo, 1995, p. 176).

Para que fosse possível concretizar essa visão, no entanto, era necessário que a circulação de informações deixasse de ser restrita somente aos membros da aristocracia. Oliveira e Oliveira (2020) acreditam que, entre os precursores desta transformação, estão a Reforma Protestante e os abalos que este conflito causou ao Estado absolutista, potencializaram o rompimento do monopólio que existia, até então, na formação de opiniões e em sua publicitação. Evidenciando isto, Johnson Kenson Wright expõe que “[...] o rompimento da unidade ideológica da Cristandade desencadeou campanhas de propaganda, planejadas para influenciar a opinião em uma direção ou outra, em uma escala até então sem precedentes” (2004, vol. 5, p. 107). É fundamental salientar, contudo, que tais acontecimentos não asseguraram a criação de um espaço público, no sentido de que o debate se restringia às demandas de natureza religiosa.

Sá (2009) destaca que a institucionalização da opinião pública ocorre somente quando o parlamentar C. J. Fox se direciona à Câmara dos Comuns, em 1792, defendendo que é “[...] verdadeiramente prudente e correto consultar a opinião pública e proporcionar ao

público os meios adequados para a sua formação” (Farias, 2019, p.33). Como aponta Castoriadis (2008), no Antigo Regime, o que existia, na verdade, era a *ausência* de opinião pública, já que eram os monarcas absolutistas, em conjunto com o clero e a nobreza, que monopolizavam o acesso à esfera pública. Ou seja, a política era o segredo do rei e o que seria teoricamente público, era privado, já que se limitava ao rei (Castoriadis, 2008). Com o Iluminismo, a Revolução Francesa e transformações que incentivavam o desenvolvimento cultural, a opinião pública alcança sua existência concreta e perene, visto que

[...] os públicos restritos se transformaram, lentamente, num público aberto, aumentando seu tamanho e sua importância à medida que o analfabetismo diminuía. Com o passar dos anos, a ascensão da opinião pública vai se relacionando com o desenvolvimento das instituições democráticas, com a diminuição das taxas de analfabetismo e com o destaque que os meios de comunicação vão assumindo. (Pozobon, 2010, p.3).

De acordo com a autora, quatro eixos comunicativos revolucionários foram responsáveis pela configuração da opinião pública, sendo esses: o surgimento da escrita; a invenção dos caracteres móveis; a Revolução Industrial e o início da cultura de massa. Todos estes elementos, em conjunto com o contexto histórico do século XVIII, disseminam uma visão na qual a opinião pública está intimamente relacionada à democracia representativa, de modo que essa foi a primeira compreensão popular do termo.

Sá (2009) elucidada que o regime de opinião se instaura quando surgem os primeiros governos liberais no princípio do século XIX e são levados à prática os ideais democráticos propostos pelo Iluminismo. Ele destaca que “[...] em nenhuma das Constituições que são elaboradas neste princípio do século é citado expressamente o termo opinião pública, mas todas contêm o seu espírito, significado e referência” (Sá, 2009, p. 47). Com a chegada do século XX, ocorre a socialização da política e a extensão da democracia para as massas, assim como a consolidação dos direitos individuais e civis, o que expande ainda mais a noção de opinião pública no imaginário coletivo e estimula o campo científico a se debruçar sob este conceito.

2.1.2 Estudos de opinião pública: expandindo horizontes teóricos

Por ser um objeto que interfere e dialoga com diferentes ciências, múltiplas áreas de conhecimento demonstraram interesse em aprofundar as pesquisas sobre opinião pública. Entre essas, alguns exemplos são sociologia, psicologia, comunicação, direito e ciências

políticas, sendo que, no caso das duas últimas, geralmente é investigada a relação da opinião pública com diretrizes e instituições governamentais.

Alguns teóricos consideram que a obra responsável por direcionar os estudos em opinião pública é o título “Opinião e as massas”, de Gabriel Tarde, publicado originalmente em 1901, que discorre acerca da formação da opinião e dos conceitos de público e multidão. Apesar de não discutir a opinião pública propriamente dita, o trabalho de Tarde (1901) inaugura a pesquisa científica da psicologia das massas e impulsiona a investigação sobre psicologia social. Edward Ross, sociólogo e discípulo de Tarde, publica em 1908 a obra *Social Psychology*, na qual define opinião pública como “uma discussão que atrai a atenção geral”, ressaltando que tudo que é passível de discussão e controvérsia, cabe neste âmbito. Para o também sociólogo Donald Pierson, o debate é um elemento essencial para a ideia de opinião pública, que consiste em uma espécie de média das diversas opiniões dentro de um mesmo grupo, oriunda do “[...] jogo de diferenças de interesse, de motivos, de julgamentos individuais, que colidam, entram em conflito e se manifestam por meio de notícias” (Pierson, 1971, p. 239).

A racionalidade é outro fator que foi altamente associado ao delineamento da opinião pública. Um exemplo disto é a concepção do estudioso James T. Young a respeito do tema, citada por W. B. Graves, na obra *Readings in Public Opinions*, que afirma o seguinte: “[...] opinião pública é o julgamento social de uma comunidade consciente de si mesma, numa controvérsia de significação geral, após a discussão pública racional” (Graves, 1928, p. 102). Contrariando este raciocínio, o psicólogo Gustavo Le Bon foi um dos primeiros a considerar o aspecto irracional da opinião pública, ao salientar que “[...] o meio social exerce nas nossas opiniões e na nossa maneira de proceder uma ação intensa. A despeito da nossa vontade, ele determina interferências inconscientes que sempre nos dominam” (Le Bon, 1955, p. 123).

Com o avanço das investigações acerca da temática, em meados da década de 1960, o alemão Jürgen Habermas faz sua contribuição para os estudos em questão, sendo um dos pensadores que defendeu com maior veemência a deliberação enquanto fator essencial para que haja legitimidade nas tomadas de decisões democráticas. Ele afirma que a esfera pública configura um espaço no qual assuntos de interesse coletivo são expostos, passando por um debate, para que, então, se chegue a um consenso ou apreciação. A tendência, de acordo com o autor, é que o crescimento da quantidade de assuntos debatidos reflita em mais argumentações acerca da realidade social e, nesse sentido, instaura-se “[...] uma demanda por participação nas questões públicas, berço do qual nasce um espaço representativo que

requer critérios de legitimação, ou seja, a opinião pública” (Habermas, 1984, p. 64). Habermas (1984) acredita que esta se coloca no sentido da reputação, ou seja, da consideração que se realiza a respeito dos outros, destacando sua função de controle sob o exercício do poder político, visto que, por meio da “[...] publicização das ações políticas institucionais, o público pode supervisionar e criticar tais ocorrências, garantindo maior transparência e contentamento” (Habermas, 1984, p.78).

2.1.3 Opinião pública nos estudos de comunicação

Antes de introduzir as perspectivas do campo de comunicação sobre a opinião pública e seus desdobramentos, é pertinente destacar que o seu nascimento é historicamente relacionado à imprensa e aos meios de comunicação da época. Pozobon (2010) considera que a revolução francesa e as conquistas industriais foram o ponto de partida para isso, pois

[...] os públicos restritos se transformaram, lentamente, num público aberto, aumentando o seu tamanho e sua importância à medida que o analfabetismo diminuía. Com o passar dos anos, a ascensão da opinião pública vai se relacionando com o desenvolvimento das instituições democráticas, com a diminuição das taxas de analfabetismo e com o destaque que os meios de comunicação vão assumindo. (Pozobon, 2010, p.3).

Posto isto, evidencia-se como a existência da opinião pública e a comunicação enquanto prática sempre estiveram intimamente conectadas. O jornalista norte-americano Walter Lippman é tido como uma das principais referências no que diz respeito à investigação da opinião pública na qualidade de objeto relevante para as pesquisas de comunicação. Como apontam Martino e Marques (2020), apesar de estudos anteriores sobre comunicação mencionarem sua relação com a política e a formação da opinião de indivíduos, foi o trabalho de Lippman que originou uma intersecção entre opinião pública, mídia e meios de comunicação.

Ao contrário do que alguns estudiosos da época defendiam, em sua obra “Opinião Pública” (2008), o autor evidencia que a mídia não possui um poder ilimitado. Para ele, ela constitui um aspecto expressivo para a formação da opinião pública, a partir das imagens que estabelece em âmbito coletivo ao difundir uma determinada mensagem, baseada em estereótipos. Lippman conceitua o termo como “[...] uma espécie de atalho mental criado pelos indivíduos, funcionando como um elemento redutor da complexidade social, a partir do qual é possível entender rapidamente a realidade ao redor” (Lippman, 2008, p. 87). No

entanto, segundo o autor, a mídia é responsável por difundir estereótipos, mas não por criá-los. Outros fatores que influenciam a formação das ‘imagens em nossas cabeças’, como intitula Lippman, são: limitações da imprensa, diferentes modalidades de censura, restrições no contato social, pouco tempo disponível para se dedicar aos assuntos públicos, distorção de acontecimentos, dificuldade de expressão por meio da linguagem, entre outros. Tendo como base os elementos citados, o autor faz a seguinte afirmação:

[...] aqueles aspectos do mundo que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião. As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamentos, são suas opiniões públicas. (Lippman, 2008, p. 40)

Conforme a lógica do estudioso, é possível afirmar, portanto, que a resposta humana a um dado acontecimento não se baseia nos fatos em si, mas na imagem que o indivíduo possui deste ocorrido – imagem esta que, durante sua formação, torna-se sujeita aos fatores de interferência elencados, sendo ocasionados pela mídia ou não. Entretanto, Silva (2016) chama a atenção para o seguinte: segundo Lippman (2008), não são apenas barreiras estruturais que comprometem o verdadeiro entendimento acerca de um acontecimento, mas também a fragilidade da mente humana, enfatizando que “[...] os cidadãos são dotados de uma capacidade limitada de entendimento sobre o mundo, a partir de uma representação naturalmente falha do mesmo pela imprensa, o que torna a opinião pública especialmente carente e incapaz de governar” (Silva, 2016, p. 60). Justamente por isso, Lippman (2008) defendia que a função administrativa deveria ser desempenhada por poucos, que dispusessem de conhecimentos especializados e, por consequência, fossem capazes de tomar decisões embasadas.

É com base neste argumento que são feitas algumas das principais críticas ao trabalho de Lippman, pelo pensador John Dewey, membro da Escola de Chicago. Como elucidada Whipple (2005), por meio de uma metáfora, Lippman enxerga os indivíduos que compõem a opinião pública enquanto espectadores, sem participação ativa perante os acontecimentos sociais. Porém, Dewey (1954) alega que a natureza humana não é a de um espectador passivo, mas sim de um participante ativo por meio da própria atividade de comunicação. O público, na visão do autor, é movido por duas dimensões, sendo essas o sofrer e o agir. Em um primeiro momento, determinada situação afeta um conjunto de pessoas, causando a interação entre elas. Considerando isso, a resposta do público não será

apenas assistir passivamente os desdobramentos subsequentes, mas se posicionar diante deles, “[..] produzindo e compartilhando sentidos, adotando comportamentos e fazendo escolhas, assumindo, portanto, um papel de agente” (Silva, 2016, p. 62). Dewey (1954), assim sendo, sustenta em sua obra um conceito de comunicação no qual os indivíduos possuem uma alta capacidade reflexiva e um alto potencial de agência.

Embora existissem discordâncias nas visões dos autores, Dewey (1954) reconhecia a delicadeza da relação entre democracia e público, no sentido de este encontrar-se alienado e incapaz de lidar com suas responsabilidades democráticas, como acreditava Lippman (2008). Todavia, enquanto o autor de “Opinião Pública” (2008) atribuía isso a uma limitação cognitiva intrínseca aos indivíduos, Dewey (1954) acreditava que as circunstâncias sociais, culturais e políticas eram a causa para a apatia dos cidadãos, e elementos como a comunicação e a educação eram essenciais na transformação deste panorama. O autor, inclusive, defendia que a imprensa e os meios de comunicação, apesar de certas limitações, poderiam ser agentes importantes na modificação proposta, ao passo que Lippman (2008) não considerava possível mudar a imprensa e a mídia.

Outro ponto que o ideal de opinião pública contemplava, segundo Dewey (1954), era a importância da ciência como instrumento de capacitação e fomentação do pensamento crítico de indivíduos comuns. Silva (2016) explana que, na visão do estudioso, a ciência constitui um modelo ideal de inteligência reflexiva, capaz de despertar a curiosidade e a tolerância para novas ideias. Neste sentido, Dewey (2002) afirma que Lippman (2008), ao delegar as funções administrativas somente a políticos e especialistas, subestima a capacidade do pensamento crítico de “[...] transformar os próprios públicos e de exercer a mais revolucionária influência nos costumes [...]. Mais do que iluminar oficiais do governo, o pensamento científico deve ser algo voltado para aumentar a capacidade de reflexão da própria opinião pública (Dewey, 2002, p. 78).

O teórico Robert Park, também membro da Escola de Chicago, é outro autor que passa a fazer contribuições relevantes, para o campo da comunicação, acerca da opinião pública apresentando influências tanto de Lippman quanto de Dewey. *A priori*, Park (1967) discorre sobre o papel da imprensa na formação da opinião pública, esclarecendo que os públicos não apenas olham para os fatos noticiados, mas também debatem sobre eles. Silva (2016) ressalta que o autor defende a existência de uma interatividade e troca comunicativa entre os cidadãos, de modo que opinião pública

[...] está relacionada com essa troca comunicacional, sendo assim fundamental observar que a notícia é o que faz as pessoas falarem, algo que provoca discussões, que gera interpretações que são coletivamente construídas, que desperta processos de reflexão capazes de gerar um senso de comunidade e o progresso social. (Silva, 2016, p. 60).

Essa perspectiva dialoga diretamente com a posição evidenciada por Dewey (1954), o que não se configura como uma surpresa, visto que ambos eram membros da Escola de Chicago e compartilhavam de semelhanças em suas obras. Contudo, em meados da década de 1940, Park volta a discorrer sobre a temática e expõe algumas preocupações a respeito da superficialidade da opinião pública, reverberando algumas considerações apontadas por Lippman (2008). Ainda que reconheça o processo reflexivo presente nos públicos, Park (1941) tem como inquietações a credulidade ingênua da opinião pública e as limitações da imprensa que, muitas vezes, opta por conteúdos genéricos e não aprofunda a discussão sobre questões coletivas, o que pode interferir diretamente na ponderação dos indivíduos.

Considerando os argumentos salientados, é possível compreender o impacto e relevância de autores como Lippman e Dewey para a área de comunicação. Apesar de existirem controvérsias e fragilidades nas obras de ambos, foram estes os teóricos responsáveis por posicionar a opinião pública como um assunto central para os estudos comunicacionais, impulsionando o início de discussões que perduram até os dias atuais e seguem revisitando os clássicos para a produção de novas pesquisas científicas, exatamente como faz a presente dissertação. Silva (2016) corrobora este pensamento, quando afirma que, com Lippman e Dewey, temos “[...] dois autores com propostas e visões distintas sobre um mesmo tema, nomes que se tornaram importantes referências, influenciando obras e pensadores diversos para explorar a temática” (Silva, 2016, p. 63).

Assim, com o avanço de pesquisas que investigam a relação entre opinião pública e os meios de comunicação, surgem os primeiros modelos teóricos a contemplar centralmente esses fundamentos, a exemplo do *two-step flow* ou, em português, teoria do fluxo comunicacional em duas etapas. Desenvolvido conjuntamente por Paul Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet, o modelo surge inicialmente como um estudo, no qual era averiguada a influência dos meios de comunicação acerca da opinião pública, mais especificamente sobre o comportamento de voto da população. Os resultados da pesquisa, entretanto, surpreenderam os estudiosos: a maioria dos eleitores que já havia decidido seu voto não era afetada por mensagens midiáticas, enquanto os indecisos eram mais persuadidos pelas pessoas dos seus círculos de convivência imediatos do que pelos meios de comunicação em si. A partir disso, é elaborado o modelo *two-step flow*, que afirmava o seguinte:

As influências transmitidas pelos meios possivelmente atingem primeiro os líderes de opinião. Ou seja, indivíduos que repassam as informações dos meios a outros indivíduos do grupo, menos ativos, exercendo assim influência sobre estes. De onde seu nome: “comunicação em dois estágios”. Com isso, o modelo fazia aparecer as redes de indivíduos que se servem de meios de comunicação, não indivíduos isolados e à mercê dos meios. (Martino, 2010, p. 2).

É evidente que, com o desenvolvimento do campo de comunicação, surgem críticas ao trabalho de Lazarsfeld, Berelson e Gaudet. Não obstante, o modelo *two-step flow* ainda é tido como um marco para as teorias de comunicação e, como salienta Gitlin (1978, p. 12), “[...] permanece uma citação virtualmente obrigatória” para qualquer discussão que envolva o efeito dos meios no público. Silva (2016) aponta que as obras dos referentes autores foram responsáveis por redirecionar as pesquisas da área, ao explorar os âmbitos interpessoais como fator relevante para a formação da opinião pública.

Os estudos de comunicação nas décadas seguintes, 1960, 1970 e 1980, são delineados pela elaboração de novas teorias e hipóteses, entre quais se sobressaem a *agenda setting*, a espiral do silêncio e o efeito de terceira pessoa, sendo que a primeira citada é a que apresenta uma associação mais significativa com os estudos de opinião pública. McCombs e Shaw (1972), considerados os responsáveis por sistematizar, aprofundar e nomear o conceito de *agenda setting*, eram professores na Faculdade de Comunicação da Universidade da Carolina do Norte que investigavam o fenômeno de influência dos meios de comunicação acerca da “agenda de temas” considerados relevantes pela sociedade. Com a realização de estudos práticos, os autores chegaram a seguinte proposição, acerca da função de agendamento: “[...] é definida pela capacidade dos meios de comunicação de massa em dar ênfase a determinado tema e pela possibilidade de os indivíduos incluírem esse tema em sua lista de prioridades após a influência recebida pelo meio de comunicação” (McCombs, 2004, p. 24).

De fato, este é o princípio mais conhecido quando a hipótese da *agenda setting* entra em debate, mas não se trata do único. McCombs (2004) propõe uma série de etapas na qual a função de agendamento pode vir a se desdobrar ou não. Após estabelecer a premissa central, o autor explicita que, apesar de possivelmente influenciados, os indivíduos não devem ser considerados seres amorfos, desprovidos de capacidade crítica e domínio cognitivo. Justamente por isso, McCombs (2004) se preocupa em entender por quais razões as pessoas podem ser influenciadas, constatando que há diversos fatores psicológicos e sociológicos que interferem na relação entre o público e os meios de comunicação.

Certamente, os argumentos expostos já elucidam como a *agenda setting* e os estudos de opinião pública se associam, visto que o destaque de temáticas pode levar à priorização de determinados tópicos pelos indivíduos e, conseqüentemente, atuar sobre a opinião pública.

Entretanto, a premissa que mais evidencia a correlação entre *agenda setting* e opinião pública não é a central, mas uma das complementares, tida como a terceira fase da hipótese para McCombs (2004). Em linhas gerais, este postulado defende que, para cada objeto da agenda, há uma agenda de atributos específicos que podem ser enfatizados em diferentes graus, nas agendas da mídia e do público. Assim, “[...] se os efeitos tradicionais da agenda-setting mostram a influência da mídia em nos dizer ‘sobre o que pensar’, os efeitos da agenda-setting de atributos mostram a influência da mídia em nos dizer ‘como pensar sobre um objeto’” (Kim; McCombs, 2007, p.300).

Outro aspecto que chama atenção na hipótese da função de agendamento é a afirmação de McCombs (2004) sobre como, em alguns casos, é a opinião pública que estabelece a agenda da mídia, o que o autor chama de “agendamento reverso”. A proposição de McCombs é interessante porque foi feita no final do século XX, quando as mídias digitais ainda eram uma realidade mais distante. Todavia, o que muitas vezes se observa no contexto vigente são debates e discussões que se iniciam em meios de comunicação não tradicionais, a respeito de temas que não constituiriam originalmente a agenda da mídia e, eventualmente, são incorporados, refletindo uma demanda que vem do público. Considerando isto, as transformações nos estudos de opinião pública, a partir da perspectiva do digital, serão aprofundadas no seguinte tópico.

2.1.4. Contemporaneidade e opinião pública: a atuação do digital

Como observa Pozobon (2010), a opinião pública e sua percepção enquanto conceito teórico sempre são atravessadas pela tecnologia informativa de cada época. Se, na época de filósofos como Rousseau, a oralidade ocupava uma posição de destaque na formação da opinião pública, hoje, certamente, esse espaço é altamente caracterizado pelo digital.

Conforme exposto no primeiro capítulo da presente dissertação, o crescimento da rede de computadores e a propagação da *internet* possibilitam uma “[...] nova lógica de configuração social, na qual as redes digitais constituem o eixo central” (Castells, 1999, p. 354). Junto a isso, Jenkins (2009) acredita que a sociedade contemporânea está imersa em uma cultura da convergência, na qual “[...] os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia disperso” (Jenkins, 2009, p. 29).

Tendo em mente a conceituação apresentada por Jenkins (que será aprofundada no terceiro capítulo deste trabalho) e as estruturas sociais contemporâneas, perspectivas que

atribuem ao público uma condição de passividade perante os acontecimentos coletivos tornam-se desfasadas. Na visão de Di Felice (2008) ocorre “[...] a passagem de uma lógica e uma prática de participação de massa receptiva para uma lógica e uma prática de participação individual e ativa” (Di Felice, 2008, p. 18). Evidentemente, essa transição não exclui a influência das mídias tradicionais e o seu poder de agendamento, mas agora o indivíduo “comum” possui outros meios de gerar sentidos a partir da informação original, interferindo direta ou indiretamente na narrativa que está sendo construída. Ademais, o ‘agendamento reverso’ a qual se referia McCombs (2004), ocorre com maior frequência e amplitude, deslocando as lógicas de produção. É, portanto, justamente nesse viés que o conceito de opinião pública, assim como os estudos a respeito da área, adquire novas camadas de complexidade.

As pessoas sempre têm muita coisa a dizer, imagens e músicas a difundir, coisas a trocar, injustiças a denunciar, sofrimentos a expressar, histórias a contar, opiniões a oferecer, questões a colocar, poemas a declarar, testemunhos a compartilhar (...). E esse deslocamento da palavra, esse “poder de dizer enfim”, esse “mostrar” e “se mostrar” generalizado é que é uma das principais dimensões da revolução ciberdemocrática em curso. (Lemos e Lévy, 2010, p. 89-90).

Para Lévy, é impulsionada uma dinâmica social intitulada inteligência coletiva, que consiste em um movimento de auto-organização emergente, ampliada pela conectividade entre indivíduos, a partir da rede mundial de computadores. Assim, “[...] como sistema emergente, a soma das contribuições de cada indivíduo forma uma nova ecologia de pensamento, cuja conexão de cérebros no suporte das redes pode gerar inesperadas configurações” (Lévy, 1993, p. 171).

Tendo em mente o cenário apresentado, conceitos já existentes são reinventados com a possibilidade de novas aplicações e ramificações. Deste modo, na primeira década dos anos 2000, entra em debate a noção de democracia digital (ou e-democracia, ciberdemocracia, democracia virtual etc.), que estaria diretamente relacionada com as novas possibilidades de influência e construção da opinião pública, dividindo opiniões no campo de estudo da comunicação. Em uma perspectiva mais otimista, diversos autores enxergavam a *internet* e suas funcionalidades como espaços de democratização. As “mídias de função pós-massiva”, como intitula Lemos (2009), são recursos que poderiam recuperar elementos do debate público e político: “[...] as funções pós-massivas, por serem mais comunicacionais que informacionais, podem resgatar algo da ação política, do debate, do convencimento e da persuasão, outrora desestimulados pela cultura de massa” (Lemos, 2009, p.12).

Por outro lado, cresciam também as preocupações com os possíveis efeitos negativos acarretados pelo digital. Gomes (2008) relata algumas críticas feitas por autores acerca do ciberespaço, destacando questões como a qualidade das informações políticas em circulação na rede, a desigualdade de acesso e a capacidade de transformação efetiva que os meios técnicos de fato possuem, entre outros pontos. Agora, com a segunda década dos anos 2000 encerrada e o uso das mídias digitais intrínseco no cotidiano social, nota-se uma inquietação ainda maior, agora baseada não em tendências e especulações, mas em fatos decorridos nos últimos anos. Farias, Cardoso e Nassar (2020) apontam que nos anos 1990, “[...] a internet era celebrada como uma invenção que inauguraria uma nova era da democracia cultural e política, talvez por meio de novas formas de governança eletrônica e contribuições diretas de cidadãos-jornalistas” (Farias; Cardoso; Nassar, 2020, p. 76). Os autores citam as análises de Curran *et al.* (2012), que comparam as previsões a respeito do digital com as suposições feitas na década de 1950 sobre o eventual uso gratuito de eletricidade, por conta da abundância de energia nuclear. Ambas as premissas não se cumpriram, pelo menos não da maneira como eram idealizadas, e quando consideradas “[...] pela perspectiva de hoje, parecem algo falso e tão divertido (ou trágico)” (Curran *et al.* 2012).

No presente, os maiores receios quanto ao digital, são a propagação das *fake news*, que encontram nos algoritmos e redes sociais um caminho para se disseminar. Embora as mídias sociais tenham facilitado e diversificado processos de difusão do conhecimento, elas oferecem um terreno fértil para a criação e propagação de desinformação (Tambuscio *et al.*, 2015). Corroborando esse argumento, Farias, Cardoso e Nassar (2020) avaliam que “[...] as plataformas digitais não apenas introduziram novas práticas de leitura, como também mudaram os processos interpretativos que os indivíduos normalmente trazem ao ler notícias e artigos” (Farias; Cardoso; Nassar, 2020, p. 73).

Na visão de autores como O’Neil (2017) e Danaher (2017), o momento atual é regido por uma “algocracia”, na qual os algoritmos coletam informações em massa e refinam os dados obtidos para que, assim, em algum nível, organizem a vida em sociedade. Além do papel que desempenham na engrenagem de desinformação e notícias falsas, a lógica algorítmica reforça o desenvolvimento de bolhas virtuais, ou seja, ambientes *online* que mostram apenas conteúdos relacionados às preferências de um determinado indivíduo, priorizando um recorte específico e fortalecendo as crenças já existentes daquela pessoa, sem apresentar temáticas que estimulem o senso crítico. Winqes (2022) explica que “[...] a sintaxe e a semântica dos algoritmos e seu viés de apresentar o todo pelas partes ou os fatos a partir de uma personalização e segmentação calculada faz o sujeito concluir pela

generalização do particular” (Winques, 2022, p. 121). A respeito da dinâmica que interliga opinião pública, redes sociais e algoritmos, a autora afirma que, se a opinião pública resulta da interação entre os grupos e os indivíduos com o seu meio social e a mídia, é necessário compreender quais as transformações nas opiniões e no próprio corpo social, considerando as mediações algorítmicas contidas nas plataformas digitais (Winques, 2022).

O presente tópico, assim como os subtópicos desenvolvidos a partir dele, não tem como objetivo esgotar a discussão sobre o conceito de opinião pública e a opinião pública em si, mas sim situar histórica e teoricamente os debates existentes acerca de uma temática que perpassa o fenômeno principal investigado nesta dissertação e, também, outros conceitos e argumentações propostas ao longo do trabalho. Por fim, como expõe Farias (2019), o conceito de opinião pública é amplo e, sob certo aspecto, controverso. Da mesma maneira que pode ser influenciado por ideais de controle, manipulação e intencionalidade, também pode ser “[...] resultante da geração de sentido, o qual deriva de distintos inputs, de diversos processos de construção, reconstrução, formação, formatação, distorção, interpretação, ressignificação etc.” (Farias, 2019, p. 131).

Considerando as elucidações e perspectivas apresentadas, com o aprofundamento acerca dos estudos de opinião pública, é possível adentrar o segundo tópico geral deste capítulo, que tem como enfoque a relação entre celebridade, reputação e as esferas pública e privada, considerando a atuação do digital.

2.2 CELEBRIDADE, REPUTAÇÃO E *INTERNET*: A RUPTURA ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

2.2.1 Conceitos e diferenças entre as noções de celebridade e reputação

Como pontuam França *et al.* (2014), a palavra celebridade possui origem latina (*celebratio, celebritas*), estando relacionada à ideia de grande número de pessoas, solenidade, renome. Segundo a autora, inicialmente, o termo se referia ao ato de celebrar, da própria celebração em si. Entretanto, “[...] do ato ela se transfere para seu alvo ou motivo, e celebridade passa a nomear uma pessoa que, em razão de uma qualidade ou feito, se torna digna de celebração, reconhecimento, reverência” (França *et al.*, 2014, p. 18).

Ainda que, atualmente, as percepções de celebridade e fama sejam altamente influenciadas por elementos característicos da sociedade contemporânea, é possível identificar a existência de figuras célebres e cultuadas em diversos momentos da história.

Não existe um consenso sobre quem é considerada a primeira celebridade da humanidade. Braudy (2007) acredita que os primórdios do fenômeno célebre estão situados na trajetória de Alexandre, o Grande, rei da Macedônia e considerado a primeira pessoa famosa do mundo antigo. Contrariando a visão do autor, Lilti (2018) acredita que o panorama traçado por Braudy (2007) é muito amplo, reunindo em um mesmo grupo imperadores romanos e atrizes de Hollywood, por exemplo. Para ele, existe uma ausência de verdadeiros trabalhos históricos sobre a celebridade, o que é responsável por originar interpretações muito abrangentes, como a de Braudy (2007), ou muito recentes, como aquelas que enxergam a celebridade enquanto um acontecimento diretamente interligado à indústria cultural e aos meios de comunicação audiovisuais. Em vista disso, Lilti (2018) argumenta, em sua obra, que qualquer investigação sobre a celebridade deve se basear na seguinte questão: qual é a natureza da curiosidade que nos leva a nos interessarmos pela vida de alguns de nossos contemporâneos que nunca encontramos? Para encontrar a resposta, Lilti (2018) busca na história as primeiras manifestações dessa curiosidade, encontrando na sociedade moderna as raízes desse fenômeno:

A celebridade apareceu ao longo do século XVIII, no contexto de uma profunda transformação do espaço público e dos primeiros desenvolvimentos do comércio de entretenimentos. A cultura da celebridade conheceu, desde então, um desenvolvimento considerável, proporcional à expansão da esfera midiática. Mas os principais mecanismos que a caracterizavam eram perfeitamente identificáveis já no fim do século XVIII. (Lilti, 2018, p. 17).

Posto isso, o autor defende que a expansão da celebridade, ainda no século XVIII, é impulsionada por dois pontos: o desenvolvimento da publicidade (aqui compreendida como produção contínua de públicos, pela difusão de discursos e de imagens, graças aos impressos e, mais tarde, a outras mídias) e uma nova concepção do eu. Nesse sentido, Lilti (2018) encontra no filósofo Jean-Jacques Rousseau a “[...] primeira verdadeira celebridade europeia”, sendo o primeiro, inclusive, a descrever “[...] a experiência da celebridade como um fardo e uma alienação” (Lilti, 2018, p. 25).

Em contrapartida, teóricos como Marshall (2006), Morin (1989) e Rojek (2008) identificam a cultura de massa como principal elemento que propicia a emergência da estrutura de celebrização. Morin (1989) alega que, assim como matérias-primas e bens materiais, os ídolos e estrelas surgem como maneira de capitalizar os sonhos e sentimentos humanos, sendo produtos deste mercado, revelados e impulsionados por meio do rádio, do cinema e da grande imprensa. Para o autor, a partir da década de 30, as celebridades começam a se tornar mais acessíveis e próximas do público, justamente com o intermédio dos meios

de comunicação massivos. Essa movimentação estimula o culto a personalidades, pois mesmo que possua um status social diferenciado dos demais, “[...] a estrela está mais presente, mais familiar, quase à disposição de seus admiradores, resultando num florescimento de fã-clubes, revistas, fotografias, correspondências, etc.” (Morin, 1989, p. 20).

Os múltiplos pontos de vista apresentados, a respeito do surgimento da figura célebre, evidenciam a complexidade da temática que adquire novas camadas de profundidade quando entram em debate as mídias digitais da atualidade. Autores como França *et al.* (2014) buscam compreender a cultura das celebridades no cenário contemporâneo e, para isso, primeiramente, estabelecem que celebridades são “[...] pessoas que – por razões diferenciadas – se tornam amplamente conhecidas e, para além disso, admiradas (ou detestadas), provocam sentimentos de adesão e/ou repulsa, são tomadas como modelos (ou contra-modelos) e suscitam formas distintas de celebração” (França *et al.*, 2014, p. 19). Assim, o célebre está embasado em três eixos: conhecimento, reconhecimento e culto.

Na primeira década dos anos 2000, já era notável um movimento de ressignificação acerca do que a sociedade compreende como pessoas famosas e celebridades. Com a chegada das primeiras redes digitais interativas (por exemplo, MySpace, Orkut, Messenger e Youtube), adquirir reconhecimento e notoriedade não são mais condicionados, necessariamente, a feitos extraordinários, como estrelar em um filme de Hollywood ou realizar uma grande conquista científica. Rüdiger (2008) assume que esse momento configura uma nova etapa no contexto célebre, sendo “[...] a da celebridade cotidiana e rotineira: esta que se consolida via fenômenos de internet, como os blogs, fotologs, páginas pessoais, canais de filme e de música semiprofissionais [...]” (Rüdiger, 2008, p. 106).

Nessa nova conjuntura, os blogueiros e vlogueiros foram os primeiros a ganhar visibilidade e, eventualmente, serem vistos como famosos. Karhawi (2022) elucida que, na época, os *blogs* eram interpretados como diários virtuais e, portanto, havia uma liberdade em falar sobre qualquer temática que fosse interessante para o dono da página, com a personalização sendo um elemento favorável para o sucesso de determinado *blog*. A autora explica, também, que a emergência de blogosferas específicas, a exemplo da blogosfera de moda, é uma evolução dos diários virtuais, de modo que “[...] não é a saída de uma blogosfera para outra, mas a construção de um novo nicho dentro do nicho dos blogs” (Karhawi, 2022, p. 89). Era comum, também, a expansão de *blogs* para canais no Youtube, principalmente com o crescimento de conteúdos mais segmentados.

Com o desenvolvimento de *smartphones* e de plataformas digitais mais sofisticadas,

como o Instagram, o Twitter e, posteriormente, o Tiktok, se fortalece o hábito de estar *online* a qualquer momento e em qualquer lugar. As marcas também viram nesse avanço uma oportunidade de mercado, criando perfis em diferentes redes sociais e expandindo suas possibilidades de comercialização. Tudo isso contribuiu para a monetização de conteúdos desenvolvidos por personalidades do universo digital, inaugurando, assim, a era dos *digital influencers* (ou influenciadores digitais). A partir disso, novamente, a dinâmica do processo de celebrização sofre transformações e provoca reflexões. Terminologias como microcelebridades, subcelebridades e *webcelebridades* surgem para designar as figuras públicas resultantes dessa nova composição. Santos (2020) se refere a esse grupo como celebridade midiática ou celebridade da mídia social e defende que, apesar de possuírem os mesmos objetivos que as ‘celebridades tradicionais’, a celebridade midiática faz um caminho inverso para alcançá-los, se expressando justamente “[...] pela exposição da intimidade e pelos acontecimentos da vida privada” (Santos, 2020, p.39). Complementando esse pensamento, a autora afirma que

[...] a visibilidade facilitada pela midiatização parece ser um caminho real para o reconhecimento de indivíduos “comuns” como celebridades, por meio da exposição das interações desenvolvidas no fluxo da vida cotidiana. (Santos, 2020, p. 39).

A resignificação do conceito de celebridade e fama fica ainda mais evidente quando exemplos específicos são analisados: a plataforma Tiktok é a rede social mais utilizada por crianças e jovens de 9 a 17 anos,² muitas vezes funcionando como uma espécie de termômetro, dentro desta faixa etária, para estabelecer quem é uma figura célebre ou não. Em um dos *challenges* mais populares da plataforma, usuários gravam vídeos com indivíduos de gerações diferentes, apresentando imagens de pessoas famosas para serem reconhecidas. Na maioria dos casos, o público juvenil reconhece todos os influenciadores digitais que fazem parte do desafio, mas falham na hora de nomear celebridades mais “tradicionais”, como atores, cantores e atletas.

Como afirma Santos (2020), os processos de celebrização têm acompanhado as mudanças sociais, não sendo imunes aos princípios políticos, econômicos e culturais de cada época. Todas as modificações mencionadas, em junção com outros fatores, provocaram diálogos em diversos ambientes, inclusive no acadêmico. Entre as principais discussões, questiona-se quais indivíduos podem ser classificados, atualmente, como celebridades de

² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/tiktok-e-a-rede-social-mais-usada-por-criancas-e-adolescentes-de-9-a-17-anos/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

fato. Entretanto, o objetivo deste tópico não é adentrar esses debates, mas sim apresentar um breve panorama da temática célebre e de sua evolução ao longo das últimas décadas, considerando as complexidades acarretadas pela vivência contemporânea e tendo em mente que “[...] a cultura da celebridade nunca esteve tão disseminada como no contexto atual” (Santos, 2020, p. 27).

Tendo explorado o conceito de celebridade e suas transições ao longo da história, é possível adentrar um tema que está intimamente relacionado às noções do ser célebre: a reputação. Sendo uma expressão popularmente utilizada no cotidiano, poucas vezes encontram-se ponderações mais aprofundadas sobre seu significado e implicações. Assim como celebridade, a origem da palavra reputação (*reputatio/reputare*) também é latina, e seu prefixo, re, indica repetição, enquanto putare se refere ao ato de pensar, refletir e fazer suposições e/ou considerações acerca de algo ou alguém. Com a institucionalização do termo, que se desdobrou conforme a vida na *Polis* grega, o vocábulo passou a ser associado a juízos de valor, atribuídos de maneira conjunta pelos membros daquela sociedade. A partir disso, reputação pode ser compreendida como “[...] a repercussão social sobre alguém a partir do julgamento moral da sua conduta” (Magri, 2020, p. 38). Nesse sentido, a autora afirma que a reputação pode ser compreendida como um fato social, envolvendo trocas simbólicas e constituindo-se enquanto elemento fundamental na dinâmica cultural que rege as relações humanas.

Baseando-se nessa lógica, é possível interpretar a reputação como uma espécie de recurso, sendo detentora de um tipo específico de capital. Esse raciocínio é embasado na obra de Bourdieu (1997), que classificava o capital em três formas fundamentais:

[...] como capital econômico, que pode ser convertido, direta e imediatamente, em dinheiro e pode ser institucionalizado sob a forma de direitos de propriedade; como capital cultural, que é convertível, sob certas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado sob a forma de qualificações educacionais; e como capital social, constituído por obrigações sociais (conexões), que é convertível, em determinadas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado sob a forma de um título de nobreza. (Bourdieu, 1997, p. 47).

Acerca do capital social, Bourdieu (1997) complementa sua argumentação, elucidando que este modo de capital é “[...] o agregado de recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuos – ou seja, de pertencimento a um grupo” (Bourdieu, 1997, p. 51). Marteleto (2017) explica que uma quarta forma de capital, denominada simbólico, também foi idealizada pelo autor, sendo esse o capital “[...] que

expressa o reconhecimento, pelos outros, da legitimidade da posição daquele que é o seu detentor” (Marteleto, 2017, p. 40).

Para Bourdieu (1997), o mundo social é, ao mesmo tempo, produto e propositos de lutas simbólicas, no qual cada indivíduo busca conhecimento e reconhecimento, almejando não apenas uma representação favorável de si, mas também condições que o permitam legitimar o cenário social em que está inserido, de maneira positiva. Assim, ocorre a “[...] acumulação de um capital simbólico de reconhecimento” (Bourdieu, 1997, p. 284). Realizando uma autorreflexão, o autor aponta que, dependendo das circunstâncias, toda espécie de capital (econômico, cultural e social) pode atuar como simbólico, de modo que talvez faça mais sentido designar essa ideia como ‘efeitos simbólicos do capital’, e não como uma modalidade própria de capital.

A reputação, portanto, se configura como parte do capital social de uma pessoa, e as consequências dessa reputação podem ser compreendidas como os efeitos simbólicos do capital. Bourdieu (1997) elucida, também, que a quantidade de capital social que um sujeito acumula é diretamente proporcional ao tamanho das redes de conexão que ele consegue mobilizar. Essa rede de relacionamentos – muitas vezes intitulada como *networking*, na atualidade – é resultante de estratégias “[...] individuais ou coletivas, consciente ou inconscientemente destinadas a estabelecer ou reproduzir relações sociais que podem ser úteis a longo ou a curto prazo” (Bourdieu, 1997, p. 52).

Considerando os conceitos e reflexões apresentadas sobre celebridade e reputação, é necessário retomar Lilti (2018), para uma última distinção entre os termos. Na perspectiva do autor, a reputação corresponde ao julgamento que membros de um grupo ou comunidade fazem, coletivamente, acerca de um indivíduo que pertence àquele ambiente, sendo resultante da socialização de opiniões. Desse modo, todo ser que vive em sociedade possui uma reputação, que varia de acordo com os lugares e grupos de referência. Já a celebridade “[...] autonomiza-se em relação aos critérios que regem as reputações” (Lilti, 2018, p. 16), no sentido de que existem, por exemplo, criminosos célebres e diversas celebridades com comportamentos controversos – mas isso não altera o fato de que são pessoas famosas. Essas figuras públicas não são mais avaliadas pelos critérios próprios a sua atividade original ou as suas competências, mas sim quanto à capacidade de captar e manter a curiosidade do público. Desse modo, “[...] se explica esse traço saliente da cultura da celebridade, que iguala o estatuto de personalidades oriundas de esferas de atividades muito diferentes” (Lilti, 2018, p. 16).

2.2.2 Dicotomia público-privado e rupturas: perspectivas históricas

Para que seja possível rediscutir as noções de público, privado e dos limites existentes entre essas dimensões, é necessária uma remissão ao paradigma originário (Bedê, 2008). O tensionamento destas esferas não é uma exclusividade da sociedade contemporânea, ainda que existam rupturas e transformações causadas especificamente pelo digital. Outros exemplos de deslocamentos entre público e privado podem ser encontrados, historicamente. Nota-se, portanto, que apesar de não haver um consenso teórico acerca dos termos investigados, alguns pesquisadores e estudiosos optam por um viés histórico para compreender a temática, tendo como ponto de partida a Grécia Antiga e como os indivíduos deste cenário interpretavam e faziam uso do público e do privado em seus cotidianos.

Segundo Bedê (2008, p. 71), foram os gregos quem inauguram esse modelo de pensamento, no qual a vida transcorria em “[...] dois mundos separados, porém com íntimas conexões”. No *óikos* (ou seja, na casa), ocorriam todas as atividades domésticas e manuais necessárias para a sobrevivência da família, sendo desempenhadas por mulheres, escravos e estrangeiros. Esse labor ocorria de maneira totalmente privada, visto que as funções da vida pública eram reservadas somente para aqueles dignos de desempenhá-las - os cidadãos³. Logo, na esfera privada não existia uma lógica de cidadania, de modo que o senhor da casa era responsável por determinar todas as regras daquele ambiente. Por outro lado, quando o senhor da casa estava na *pólis*, tornava-se igual perante os outros homens, pois adentravam o *reino da liberdade*. Na concepção grega da época, a liberdade era essencialmente política, e se concretizava no momento de falar, ouvir e ser ouvido perante os demais membros daquela sociedade. Como elucida Bedê (2008), na esfera pública os cidadãos podiam ver e ser vistos, dedicando-se à *vita activa* e à *vita contemplativa*, de modo que esse espaço “[...] era não somente uma condição de liberdade, como também uma condição de realização do próprio sentido da vida humana” (Bedê, 2008, p. 73). A riqueza, neste contexto, não estava associada ao acúmulo e à expansão de patrimônio material, mas sim em exercer sua liberdade política.

Todavia, o surgimento da modernidade liberal, que introduz um viés economicista na noção de liberdade, provoca um deslocamento na dicotomia público-privado, com “[...] a sacralização do espaço público se convertendo em divinização do mercado” (Bedê, 2008, p. 74). Para os gregos, enquanto a propriedade privada era relevante apenas no sentido de

³ Conforme explicado no primeiro capítulo desta dissertação, na Grécia Antiga só eram considerados cidadãos homens maiores de 21 anos, desde que fossem atenienses e filhos de pais atenienses.

garantir o acesso à esfera pública (já que, para exercer suas funções públicas, o cidadão devia ter um mínimo de bens que garantisse seu sustento e de seus dependentes), a burguesia liberal ressignificou esse ideal, tornando a moradia sinônimo de poder econômico e status.

A partir desses acontecimentos, a liberdade na era moderna consiste em ser proprietário de bens e agir sempre com intuito de multiplicar suas posses, o que transforma o olhar sobre as atividades produtivas, consideradas inferiores pelos gregos e, razão disso, limitadas ao espaço privado e doméstico. Ocorre, então, a emergência de uma ‘esfera social’, que

[...] promove uma despolitização e uma desjuridicização do espaço público, que vai, pouco a pouco, sofrendo um processo de “colonização” pela economia. Ou seja, as questões econômicas passam a ditar pautas e diretrizes para as políticas públicas e o sistema jurídico participa como um mero sancionador da ordem econômica, mobilizando o aparelho repressor do Estado sempre que as propriedades e interesses individuais estiverem ameaçados. (Bedê, 2008, p. 76).

Com o desgaste do espaço público (isto é, considerando a lógica da Grécia Antiga), conseqüentemente, as dimensões de público e privado e, principalmente, quais acontecimentos e atividades se davam em cada uma dessas esferas, foram profundamente transformadas, assim como o entendimento da sociedade sobre o significado destes elementos. Em resumo, como aponta Arendt (2003), a modernidade é responsável pela extensão da esfera privada (doméstica) ao espaço público (político), acarretando efeitos de curto e longo prazo.

Para além destas modificações, teóricos como Sennett (2002) ressaltam que a ascensão da esfera social, assim como o seu fortalecimento ao longo das décadas, em detrimento de um espaço público, possibilitou, também, o surgimento de uma esfera íntima, na qual prevalece uma cultura exacerbadamente intimista, que enfraquece os laços sociais, mesmo que supostamente propague o contrário. Benê (2008) explica que, para o autor, o que ocorre é um simulacro de intimidade, em que os indivíduos não se interessam pela troca entre pares, mas sim em despejar seus problemas no outro, o que esvazia e objetifica essa relação. O tópico a seguir tangencia alguns aspectos desse pensamento, ao adentrar as dimensões de público e privado, considerando a atuação do digital.

2.2.3 Noções de público e privado na atualidade: transformações a partir do digital, novas perspectivas sobre intimidade e a relação com celebridades e figuras públicas

Os deslocamentos e rupturas abordadas no tópico anterior evidenciam que os limites entre o que é público e o que é privado tendem a se confundir. Esse processo, que foi desencadeado pela Idade Moderna, seus valores e características, continuou se desenvolvendo, de acordo com as invenções, tecnologias e entendimentos de cada época. Para Arfuch (2005), as categorias de público e privado deixaram de representar universos separados, desde a época da televisão, com programas que exibem modos e costumes associados, anteriormente, à vida privada, como é o caso dos *reality shows*.

De fato, o exemplo de Arfuch (2005) representa bem o tensionamento das noções de público e privado. No entanto, é necessário ressaltar que, com o advento do digital e praticamente onipresença da *internet*, há um nível de rompimento nunca visto antes, demonstrando como a fronteira entre essas duas esferas “[...] é culturalmente formada, sensível ao contexto histórico e se transforma de acordo com o discurso que é mobilizado” (Meireles; Miguel, 2021, p. 311).

Inicialmente, a *internet* e as tecnologias impulsionadas por ela eram interpretadas como ferramentas de criação e de expansão de uma esfera pública, ampliando a democracia. No entanto, ao passo que a maioria das pessoas incorporou as funcionalidades da *internet* como anexo de seus espaços privados (Miguel; Meireles, 2021), as grandes corporações adquiriram os principais terrenos disponíveis *online*, centralizando o tráfego e o fluxo de informações. Nessas circunstâncias, emerge uma cultura de compartilhamento em excesso e de tornar público dados e práticas pessoais, o que de fato pode impulsionar a discussão de diversas temáticas, mas não configura necessariamente um ambiente democrático, visto que o domínio e acesso aos espaços *online* não estão distribuídos igualmente. Acerca desse panorama, Miguel e Meireles (2021) afirmam que

A crescente opacidade dos limites entre o que é público e o que é privado ocorre não apenas devido ao design das tecnologias e de seus algoritmos, feitos para registrar as informações, como também pela própria cultura do compartilhamento que se conforma com a eclosão do fenômeno das redes sociais. A autoexposição não se dá apenas em fotografias pessoais (*selfies*), mas também na divulgação de informações sobre o local em que se está (*geolocalização*) e, sobretudo, na exposição de preferências. (Miguel; Meireles, 2021, p. 315).

Os exemplos utilizados pelos autores demonstram como o nível de autoexposição

nunca esteve tão alto e, mais do que isso, sendo capaz de moldar um certo *lifestyle*, no qual o compartilhamento de informações pessoais, além de ser incentivado, adquire traços de expectativa e cobrança. É nesse sentido que outras percepções e conceitos também passam a ser revistos, como no caso do íntimo e/ou da intimidade. Para exemplificar essa questão, entra em debate a plataforma OnlyFans. Existente desde 2016, é considerada uma ‘rede social *premium*’, funcionando como uma espécie de clube de assinatura – ou seja, somente quem paga pelo serviço tem acesso ao conteúdo publicado. Mesmo que qualquer pessoa possa utilizar a plataforma e que diversos nichos de conteúdo possam ser explorados, os criadores de conteúdo da rede eram, principalmente, profissionais do sexo. Mas, com a popularidade alcançada a partir de 2020, impulsionada pela pandemia do coronavírus, o OnlyFans conquistou uma nova gama de usuários, com figuras públicas e influenciadores digitais, já considerados ‘famosos’ em razão de outros acontecimentos e/ou temáticas, tornando-se adeptos da plataforma e criando perfis para postagem de publicações com teor adulto e/ou sexual⁴.

Outras ferramentas e conteúdos que seguem essa lógica são, respectivamente, o *close friends* (em português, melhores amigos), da plataforma Instagram, e o movimento “manda nudes”, popularizado por meio das redes sociais. Inicialmente, o *close friends* surge como um recurso extra do *story*, permitindo que os usuários do Instagram compartilhem parte de suas postagens nos *stories* com um grupo específico de pessoas, definido pelo próprio usuário – por isso, o nome ‘melhores amigos’. Porém, conforme foi se difundindo, o *close friends* adquiriu novas camadas e passou a ser capitalizado, principalmente por influenciadores digitais, com o público pagando para fazer parte daquela lista de pessoas e, assim, acessar ‘conteúdos exclusivos’, que vão desde dicas sobre assuntos variados até o compartilhamento mais detalhado da rotina daquele *influencer*. Já a prática de produzir e enviar nudes – ou seja, fotos e/ou vídeos com partes do corpo desnudas – foi estimulada por uma combinação de fatores, sendo um deles o crescimento dos aplicativos de relacionamentos e o uso das nudes como flerte. Eventualmente, uma manifestação que poderia ser vista como tabu, tornou-se na verdade uma forma de meme⁵, com a expressão “manda nudes” sendo altamente utilizada nas redes sociais, tanto por usuários “comuns” quanto por influenciadores e algumas marcas,

⁴ Disponível em: <https://www.remissaonline.com.br/blog/onlyfans-o-que-e/>. Acesso em: 02 de abr. de 2023.

⁵ Meme é um termo cunhado pelo biólogo Richard Dawkins, em sua obra *O gene egoísta* (1976), utilizado para fazer uma analogia ao conceito de gene. Segundo o autor, meme seria “uma unidade de transmissão cultural ou de imitação”, de modo que se refere a qualquer ideia, comportamento ou tendência que se propaga de pessoa para pessoa, por meio da repetição ou herança cultural. No cenário da internet e do digital, a concepção de meme adquire novos significados, de modo que toda imagem, vídeo ou conteúdo em geral, está sujeito a ser apropriado pelos usuários, sofrer alterações e ser difundido como meme.

geralmente voltadas para o público jovem.

Os exemplos empregados revelam como a exposição da intimidade tende a ser cada vez mais normalizada, mesmo no caso de momentos, práticas e condutas que, anteriormente, já foram considerados exclusivos do ambiente privado. Essa casualidade em expor acontecimentos pessoais reflete, parcialmente, o pensamento de Sennett acerca da criação de uma esfera íntima, na qual personalidades narcisistas são fortalecidas. Arfuch (2005) afirma que a intimidade, tida como componente essencial do privado, parece constituir hoje um paradoxo:

[...] não apenas a intimidade pode ser expressa em seus aspectos mais recônditos (exibição dos corpos, da afetividade, da sexualidade [...]), como também pode irromper no ‘altar’ do espaço doméstico por meio das telas [...], em uma tematização quase maníaca, do científico ao pornográfico – isto é, como intimidade pública –, e então como articulação lógica de ambos os espaços de sua consumação: o público – os públicos – e o privado (Arfuch, 2005, p. 261).

A autora acredita, também, que no presente é possível observar um “ato de produção do si mesmo”, no qual o sujeito utiliza sua própria intimidade (real ou simulada) para a realização de uma performance, que tem como objetivo central impactar sua audiência e/ou público. Essa lógica é altamente perceptível no contexto dos influenciadores digitais, já que muitos adquiriram este status e, posteriormente, o de celebridade ou ‘pessoa famosa’ justamente compartilhando nas redes sociais seu cotidiano, com riqueza de detalhes. Naturalmente, os comportamentos e raciocínio descritos acima vão para além dos *influencers*, no sentido de que celebridades e figuras públicas oriundas de outros meios (dramaturgia, música, artes visuais, política, gastronomia etc.) também são constituintes do cenário descrito.

Assim, a combinação dos elementos tratados neste subtópico – limites entre público e privado rompidos, cultura de compartilhamento exacerbado, banalização do íntimo e da intimidade – afetam, também, a maneira como as reputações são construídas e/ou arruinadas, influenciando a dinâmica de relacionamento entre os “indivíduos comuns” e estes grupos de pessoas. Portanto, o tópico a seguir e último deste capítulo, aborda um desdobramento muito comum que o ser célebre enfrenta ou pode vir a enfrentar, nas atuais conjunturas: a crise de imagem.

2.3 CRISE DE IMAGEM NO CONTEXTO CÉLEBRE

A palavra “crise”, utilizada com frequência em campos e objetos tão distintos entre

si, advém do grego *krisis*, tendo múltiplos significados, sendo os principais: “decisão”, “julgamento”, “condenação” e/ou “tribunal”⁶. Historicamente, o termo está muito presente nas páginas e acontecimentos do Novo Testamento, sob uma ótica jurídico-moral, no qual a crise representa um julgamento, pelo operador divino, em razão de transgressão da Lei; ou uma passagem de tempo, um período de punição que o indivíduo necessita enfrentar para se redimir de falhas e desvios.

Ao longo dos séculos, outros contextos e áreas passaram a incorporar o uso do vocábulo, como a medicina, a sociologia e a administração, expandindo as possibilidades de aplicação do termo e afetando a percepção acerca do que é uma crise e/ou do que pode ser considerado uma. Assim, a partir do século XX, conforme os estudos de comunicação e, em especial, de relações públicas, foram se desenvolvendo questões como crise de imagem e gerenciamento de crise organizacional passaram a se destacar enquanto objetos de investigação para estudiosos da área, delineando um segmento de pesquisa dentro do campo de comunicação muito expressivo até hoje.

Posto isso, são várias as definições de crise fundamentadas pelo viés da comunicação. Entre elas está a de Cardia (2015), que interpreta crise como “[...] a quebra da ordem natural das coisas, uma situação que desafie o sistema pelo seu aspecto antinatural, o rompimento de um processo linear e esperado, seja pelo homem, seja pelos sistemas naturais” (Cardia, 2015, p. 21). O autor complementa seu pensamento adicionando que, para se tornar uma crise de imagem, basta que o acontecimento seja midiaticizado e afete negativamente o conceito, juízo ou apreciação que um grupo possui acerca daquela pessoa ou instituição. Em uma perspectiva semelhante, mas que não necessariamente engloba a mídia, Teixeira (2013) afirma que a crise é o desdobramento de um fato – ou seja, o assunto passa a ser uma crise quando adquire relevância, evidência e proporções maiores diante de seus diferentes públicos (Teixeira, 2013, p. 24).

O ponto em comum das visões apresentadas, portanto, é a preocupação com os públicos de interesse de uma figura pública ou instituição tomarem conhecimento acerca de acontecimentos que podem prejudicar a imagem e, dependendo da extensão dos fatos, a reputação desta pessoa, produto e/ou empresa. Complementando as explicações de Cardia (2015) e Teixeira (2013), Curado (2016) também elabora uma definição para o que entende como crise de imagem:

⁶ Disponível em: <http://bgdicionariodefilosofia.com/crise>. Acesso em: 19 abr. de 2023.

[...] é a ameaça à perda do mais importante ativo de uma pessoa ou de uma organização: a sua reputação. É essencialmente a perda de confiança na relação entre a pessoa ou a organização com seus públicos de relacionamento. Na prática, é quando as ações deixam de identificar com discurso (Curado, 20016, p. 24).

Apesar das conceituações trazidas incluírem o indivíduo/figura pública como objeto central de uma crise e/ou crise de imagem, é importante destacar que a produção bibliográfica referente aos temas, em sua maioria, possuiu um olhar mais institucionalizado por muito tempo, considerando as marcas, empresas e organizações como principais fontes de crises de imagem e, assim, destinando o conteúdo de suas obras para crises nestes ambientes, especificamente. Desde a primeira década dos anos 2000, no entanto, é notável o crescimento de trabalhos que buscam posicionar o indivíduo como possível protagonista de uma crise de imagem, o que pode estar relacionado com a evolução dos estudos de *marketing* e *branding* pessoal e com a disseminação da *internet*, que entre seus efeitos, consegue reforçar a noção de que cada sujeito é detentor de uma marca pessoal, capaz de ser construída e fortalecida por meio do digital e das redes sociais.

Seguindo essa linha de ponderação (no sentido de relação entre crise de imagem, figuras públicas e ambiente *online*), a pesquisadora Issaaf Karhawi propôs a categoria ‘crises geradas por influenciadores digitais’, baseando-se na ampliação da tipologia concebida por Barger (2013). Karhawi (2021) sugere essa classificação pensando nas consequências que a crise de imagem de um influenciador pode acarretar para as marcas associadas a ele. Segundo a autora, quando um influenciador é contratado por uma marca para ações de promoção, “[...] ele deixa de ser apenas um consumidor influente nas redes sociais e passa a ser encarado como público diretamente ligado à reputação de uma marca” (Karhawi, 2021, p. 49), razão pela qual as crises geradas por influenciadores digitais seriam mais uma modalidade a ser considerada nos tipos de crise.

Embora a categoria proposta por Karhawi (2021) siga um fluxo que leva às marcas, é um ótimo exemplo para evidenciar como, na contemporaneidade, a reputação de figuras públicas (sejam denominadas celebridades, influenciadores ou de outra maneira) estão, mais do que nunca, altamente associadas à existência e à reputação de marcas, produtos e organizações, e vice-versa. Ou seja, uma influência mútua existe entre estes elementos, variando de acordo com o contexto e, muitas vezes, com ampla participação do meio *online* nessa dinâmica. É justamente esse o caso vivenciado pela autora J.K. Rowling e a saga de livros Harry Potter, assim como outras produções oriundas desta. Rowling sempre foi um

dos principais símbolos da saga, não apenas por ser a autora dos livros, mas também por sua forte presença midiática. Diferente de outros autores, que optam por poucas aparições e preferem um estilo de vida mais recluso, Rowling participou ativamente da adaptação cinematográfica de seus livros, o que a colocou em evidência no meio da cultura *pop* por mais de dez anos ininterruptos, sendo uma espécie de porta-voz do universo Harry Potter. Após a finalização dos filmes, a autora seguiu como uma personalidade de influência, anunciando publicações inéditas sobre outros assuntos e, alguns anos depois, uma nova saga de filmes, conquistando mais fãs e admiradores enquanto figura pública.

Todavia, conforme já mencionado na introdução deste trabalho, no final de 2019 Rowling publicou um tuíte de teor supostamente transfóbico em sua conta pessoal, o que viria a ser a primeira de uma série de declarações contra pessoas transgênero, que seguem ocorrendo há mais de três anos. Desde então, o posicionamento da autora vem dividindo opiniões entre diferentes grupos de pessoas, dando origem, assim, a uma complexa dinâmica entre o comportamento de Rowling, um processo de cancelamento contínuo, sua reputação pessoal e as consequências (ou ausência delas) para a saga Harry Potter, o que será explorado nos seguintes capítulos desta pesquisa. Para isso, primeiramente é necessário adentrar as temáticas fundamentais da terceira parte desse trabalho: a cultura de fãs, o fenômeno global Harry Potter e seus fãs devotos, os *potterheads*.

CAPÍTULO 3: ESTUDOS DE FÃS, ORIGEM DO UNIVERSO DE HARRY POTTER E TRAJETÓRIA PESSOAL DE J. K. ROWLING

Os possíveis efeitos da cultura do cancelamento, na reputação de J.K. Rowling e na saga Harry Potter, serão investigados a partir de um público específico: os *potterheads* brasileiros. Nesse sentido, o primeiro tópico deste capítulo se dedica a apresentar um breve panorama histórico sobre a figura do fã, elucidando as transformações deste perfil e situando-o nas atuais circunstâncias. Em seguida, os próximos tópicos adentram especificamente o *fandom* de Harry Potter, tangenciado o surgimento da saga e a ascensão de J.K. Rowling, a consolidação destes elementos como fenômeno no Brasil, as particularidades dos *potterheads* nacionais e, por fim, as declarações consideradas transfóbicas, realizadas por Rowling, e o conflito no qual se encontram os fãs da saga.

3.1 O QUE É SER FÃ?

3.1.1 Das perspectivas tradicionais à cultura da convergência de Jenkins

O termo ‘fã’ foi empregado, pela primeira vez, em impressos do século XIX, para designar os seguidores de clubes esportivos da época. Sua origem, no entanto, está relacionada a uma palavra latina muito mais antiga, *fanaticus*, que significava “pertencente e servidor de um tempo, devoto” e era usada para se referir pejorativamente a um indivíduo, pois implicava em um “[...] entusiasmo excessivo ou loucura causada pela possessão de um demônio” (Jenkins, 1992, p. 12, tradução nossa). Além disso, alguns estudiosos acreditam que manifestações semelhantes aos comportamentos do fã contemporâneo podem ser observadas muito anteriormente, como na fixação que os gregos possuíam com as tragédias e seus dramaturgos, na relação de Sócrates e seus discípulos e, até mesmo, nos fiéis que se converteram após conhecer Jesus Cristo.

De fato, é possível traçar paralelos entre essas práticas e características que os fãs apresentam. Porém, o ponto de partida aqui considerado é justamente a instituição deste vocábulo pela mídia, que o faz quando o esporte se torna uma forma de entretenimento comercial (Curi, 2010) e, portanto, começa a conquistar um público que não desempenhava diretamente as atividades, mas demonstrava certa afinidade com determinados clubes, tornando-se seguidores deles e, assim, delineando as origens do fenômeno de fãs. Com a evolução dos meios de comunicação e o advento de uma indústria cultural, naturalmente, o

termo se popularizou e passou a ser aplicado em outras ocasiões, principalmente para caracterizar os admiradores de personalidades do meio artístico. Coppa (2006, *apud* Amado, 2019) identifica que na década de 1930 surgem as primeiras fanzines⁷, para complementar a produção irregular de ficções científicas durante a Grande Depressão, assim como a primeira grande convenção de fãs deste gênero, a *World Science Fiction Convention*, existente até hoje. Já nos anos 60, com as séries de televisão, nascem os primeiros *fandons* focados em obras e produções específicas o que, posteriormente, se fortalece com a chegada dos filmes *blockbusters*, por volta de 1980.

A temática também passou a chamar atenção no ambiente acadêmico, com os primeiros estudos de fãs sendo desenvolvidos. Para Curi (2010), as investigações podem ser divididas, de maneira mais generalizada, em duas visões, sendo essas, respectivamente, a tradicional e a contemporânea:

A primeira, típica de críticos da cultura de massa da Escola de Frankfurt, qualifica o fã como uma vítima patológica da cultura popular. Já a segunda, relacionada aos Estudos Culturais, rompe com a visão tradicional e procura caracterizá-lo como um indivíduo consciente e ativo, que tem controle de sua relação com a cultura de massa e produz sua própria cultura, ao apropriar-se dos objetos que consome em seu dia a dia. (Curi, 2010, p. 208).

Além dos acontecimentos já citados, nas décadas de 1950, 1960 e 1970 ocorreram o surgimento e o apogeu de algumas das bandas e celebridades mais emblemáticas da história recente, como Elvis Presley, The Jackson 5 e The Beatles, incentivando o crescimento de legiões de fãs ao redor do mundo. Com isso, os estudos da área pela perspectiva tradicional também foram se expandindo, caracterizando o termo como um desvio, resultante da alienação e/ou de uma patologia em potencial. Em vista disso, Jenson (2002) propõe duas categorias de classificação para os fãs: o misantropo obsessivo, que se constitui no isolamento social e na busca por preencher um ‘vazio’; e a multidão histérica, que é permeada pela ideia de contágio e exagero, resultando em uma coletividade libertadora. Os dois conceitos subjugam o fã a uma noção de imaturidade e irracionalidade, interpretando-os como seres desprovidos de autonomia e descolados do real, sendo “[...] vítimas de forças externas como a mídia, a sociedade e a influência das multidões” (Jenson, 2002, p. 27).

⁷ Fanzines consistem em publicações nicho, que em vários casos pré-datam o período da Internet, produzidas por pequenos grupos de fãs, contendo diversos conteúdos como imagens, desenhos, seções escritas sobre os mais variados temas mediáticos como filmes e música (Duffet, 2013, p. 184).

Ainda que os modelos de Jenson (2002) sejam muito utilizados, até hoje, para estereotipar fãs, a visão contemporânea da temática rompe com o domínio do enfoque tradicional. Curi (2010) explica que isso ocorre quando os estudos culturais se voltam com mais afinco para os processos de recepção, aprofundando a compreensão sobre os conceitos de público e como estes se relacionam com a cultura popular.

O teórico norte-americano Henry Jenkins, já brevemente citado na introdução e no segundo capítulo desta dissertação, é considerado um dos pioneiros dos estudos de fãs contemporâneos, ao introduzir uma percepção destes grupos como “[...] consumidores que também produzem, leitores que também escrevem, espectadores que também participam” (Jenkins, 1992, p. 208). Essa convicção tem como alicerce uma das ideias mais presentes nos trabalhos do autor, a *participatory culture*, (ou cultura participativa, em português), expressão que Jenkins (1992) cunhou para se referir à produção cultural e as interações sociais de comunidades de fãs, evidenciando que estes indivíduos não desempenham apenas o papel de consumidor, mas também produzem e ressignificam conteúdos, interferindo na circulação deles. Em sua obra “*Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture*”, o pesquisador toma como base os trabalhos de Michel de Certeau (1984) e propõe uma concepção alternativa de fãs, “[...] como leitores que se apropriam de textos populares e os releem de uma forma que atenda a diferentes interesses, como espectadores que transformam a experiência de assistir televisão em uma rica e complexa cultura participativa” (Jenkins, 1992, p. 23, tradução nossa).

Apesar de muito associada à eclosão da *World Wide Web*, Jenkins, Ford e Green (2014) ressaltam que “[...] a cultura participativa tem uma história (na verdade, várias histórias) muito maior do que o tempo de vida de tecnologias específicas ou de plataformas comerciais” (Jenkins; Green; Ford, 2014, p. 202), com indícios deste teor participativo desde o século XIX, quando editores amadores deram início, nos Estados Unidos, a impressão de boletins sobre interesses coletivos, distribuindo-os por todo o país e, eventualmente, originando a *Amateur Press Association*. Outros exemplos podem ser citados, como a prática do rádio amador, no início do século XX, e as próprias *fanzines* já mencionadas, muito antes do surgimento da *internet* e de um ecossistema de convergência como o da atualidade.

Em 1995, a *web* passa a ser totalmente comercializada nos Estados Unidos, com a remoção das últimas restrições de tráfego comercial existentes na época. A combinação disso com outras circunstâncias da época estabelece uma rápida disseminação de novas tecnologias e da presença *online*, o que afeta a sociedade como um todo, inclusive as comunidades de fãs. Assim, a cultura participativa acompanha essas transformações, e a concepção introduzida por

Jenkins vai sendo repensada, conforme a realidade de cada tempo. No início dos anos 2000, considerando as transições culturais daquele período, o autor apresenta um novo conceito, intitulado *convergence culture* (em português, cultura da convergência), que atravessa diretamente as noções do participativo.

Acerca da temática, é importante considerar a observação feita por Primo (2010) que alerta: o elemento responsável por “gerar” a cultura da convergência não é a popularização da *internet*, pois essa seria uma lógica simplista de causa e efeito, uma perspectiva baseada em determinismo tecnológico. A autora elucida que esse processo de convergência também é fortalecido por outros fatores, como “[...] o espírito da época, os relacionamentos da pós-modernidade, o histórico de atritos com a hegemonia da indústria cultural, as utopias hippies e acadêmicas presentes na criação da internet, entre outros processos sociais e políticos” (Primo, 2010, p. 26).

Para elaborar a definição da cultura da convergência, Jenkins (2009) relaciona três fenômenos, sendo um deles a própria cultura participativa e os demais sendo a convergência dos meios de comunicação e a inteligência coletiva. Em termos mais amplos, Jenkins (2009) entende a convergência midiática como um cenário no qual “[...] múltiplos sistemas de mídia coexistem e em que o conteúdo passa por eles fluidamente” (Jenkins, 2009, p. 386), sendo, assim, um processo contínuo e dinâmico. Porém, o autor destaca múltiplas vezes que a convergência não se limita aos desenvolvimentos tecnológicos, estando muito mais relacionada às transformações culturais, sociais e mercadológicas:

A circulação de conteúdo – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores. A convergência não deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. (Jenkins, 2009, p. 30).

Em vista disso, o autor afirma que a convergência não ocorre no interior de aparatos eletrônicos, mas sim dentro do cérebro de cada indivíduo e em suas interações sociais com os outros. Tudo isso, logicamente, se aplica às comunidades de fãs que, por intermédio dos novos meios, expandem suas maneiras de produzir e consumir, originando práticas e procedimentos típicos dos *fandons*, muitas vezes alterando a lógica da indústria. Jenkins (2009) inclusive critica empresas de entretenimento que resistem à participação do público nesses processos, acreditando que a contribuição de “pessoas comuns” para a indústria midiática é benéfica para

todas as partes envolvidas, com o incentivo da criatividade alternativa e uma economia baseada em trocas e presentes.

Nesse sentido, o autor entende que a cultura participativa segue em propagação, mas agora em um ambiente midiático pontualmente modificado e ainda em transformação, pois com a *convergence culture*, todos assumem a função de participante, mas com diferentes graus de *status* e influência (Jenkins, 2009). Entre as respostas que o fenômeno proporcionou, uma das que mais impacta os grupos de fãs é a narrativa transmídia (ou *transmedia storytelling*, no idioma original). Essencialmente, esta compreensão de Jenkins (2009) se refere a um processo no qual uma única história é contada em diferentes plataformas, com seus elementos integrantes dispersos em múltiplos canais, sendo que cada meio realiza uma contribuição única para determinada ficção, com o objetivo de proporcionar uma experiência única e coordenada para o público. Segundo o teórico, para viver plenamente os acontecimentos em certo universo ficcional, os consumidores e fãs devem “[...] assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, colaborando para assegurar uma experiência de entretenimento mais rica” (Jenkins, 2009, p. 48).

A franquia de filmes Matrix (1999), das irmãs Wachowski, é um claro exemplo da narrativa transmídia para Jenkins (2009). De acordo com ele, Matrix - que retrata um futuro pós-apocalíptico no qual máquinas autoconscientes passam a dominar os seres-humanos e utilizá-los como fonte de energia biodegradável - configura-se como um entretenimento ideal para a era da convergência, pois sua ampla e complexa narrativa extrapola os limites de uma única mídia, impulsionando os fãs a buscarem em outros canais mais informações sobre o universo da saga. No caso de Matrix, primeiramente, foi lançado o filme original nos cinemas, para captar o interesse do público e, em seguida, alguns quadrinhos foram disponibilizados *online*, enquanto a continuação era produzida. Quando a estreia de *Matrix Reloaded* (2003) se aproximou, as irmãs Wachowski lançaram o anime e, em conjunto com a chegada do filme aos cinemas, um *videogame* para computador, com uma série de estratégias sendo implementada até a finalização da trilogia, seis meses depois, em *Matrix Revolutions* (2003).

É importante, todavia, que cada acesso à franquia seja autônomo, para que não seja criada uma dependência obrigatória do consumo de diferentes meios (por exemplo, somente quem assistiu aos filmes entende os quadrinhos e vice-versa), e sim uma sugestão na mente do consumidor, algo que desperte sua curiosidade e interesse em se envolver mais intensamente com aquela ficção. Ainda que reconheça as diversas críticas feitas à trilogia das irmãs

Wachowski, Jenkins (2009) percebe na obra uma tentativa de conectar as peças da cultura de uma maneira inovadora, desencadeando uma busca de sentidos.

Os *reality shows* também são interessantes para observar as ideias exploradas por Jenkins (2009). Em parte de sua obra, ele se debruça sobre o *reality* norte-americano Survivor (2000), identificando, por meio da prática nomeada *spoiling*, o conceito de inteligência coletiva, desenvolvido por Lévy (1993). O programa de televisão consiste em reunir dezesseis participantes desconhecidos em uma localidade isolada, que a cada episódio participam de desafios radicais e buscam a sobrevivência dentro da competição, resultando no sobrevivente final, que ganha 1 milhão de dólares. Jenkins (2009) pontua que, paralelamente ao jogo dos participantes, ocorre também uma espécie de disputa entre produtores e público, que tentam descobrir o eliminado de cada semana e, principalmente, o grande ganhador da temporada – tudo isso sem que todos os episódios tenham ido ao ar ainda. Esse processo é intitulado *spoiling* e é colocado em prática pelos fãs mais engajados do *reality*, que auxiliam uns aos outros no alcance das descobertas almejadas, fazendo uso da inteligência coletiva que Lévy (1993) e Jenkins (2009) trabalham em suas obras. Essa concepção, portanto, corresponde à soma total de informações retidas individualmente pelos integrantes das comunidades virtuais, que alavancam sua *expertise* com base nessa combinação de dados. A característica central da inteligência coletiva não é a posse de conhecimento, mas sim o processo dinâmico e coletivo que ocorre para a obtenção dele, “[...] continuamente testando e reafirmando os laços sociais do grupo social” (Jenkins, 2009, p. 79).

A partir das reflexões que Lévy (1993) propõe ao cunhar o termo em questão, Jenkins (2009) traça suas considerações, ponderando, inclusive, sobre as visões demasiadamente utópicas de Lévy (1993), mas, também, reconhecendo as contribuições do teórico, considerando a si próprio um “utópico crítico”. Com isso, Jenkins (2009) afirma que o consumo se tornou um processo coletivo, interpretando a inteligência coletiva como uma fonte alternativa de poder midiático deste cenário, com potencial de atuação não apenas em comunidades de fãs, mas também em espaços políticos.

Sem dúvidas, atentando-se para o conteúdo exposto, é compreensível porque Henry Jenkins é um teórico fundamental para qualquer pesquisa que perpassa os estudos de fãs, visto que o pioneirismo do autor se encontra, principalmente, em tratar destes grupos com a seriedade necessária (Amado, 2019). Todavia, ainda que traga contribuições notáveis para a área, alguns pontos da obra de Jenkins devem ser problematizados. Primo (2010) aponta que a perspectiva do teórico constitui um tom de celebração, excessivamente otimista, optando por ignorar “[...] as estratégias de poder do grande capital midiático e suas formas de cooptação das utopias

libertárias da cibercultura” (Primo, 2010, p. 27). A autora aprofunda seu posicionamento, explicando que

[...] ao ocupar-se da inserção lucrativa dos fãs no processo midiático industrial, Jenkins deixa de empreender um aprofundamento crítico em como estas novas estratégias sofisticam o poder do grande capital no contexto midiático [...] Enfim, o caráter festivo do trabalho de Jenkins sobre o que chama de cultura da convergência minimiza a análise crítica dos aspectos políticos envolvidos. (Primo, 2010, p. 27).

Primo (2010) logicamente não se opõe à incorporação do fã na indústria de entretenimento, mas sim adverte sobre as possíveis consequências negativas disso. O cenário que traria mais liberdade para as comunidades de fãs e usuários em geral, quando condensado às estratégias de persuasão do capitalismo, pode fortalecer assimetrias e esvaziar o potencial de resistências que as produções de fãs carregam. A autora explica que a disseminação de *spoilers* e conteúdos como *fanfictions*⁸, *fanzines*, traduções colaborativas de produtos audiovisuais, entre outros, é vista por alguns como maneira de combate aos preços exorbitantes da indústria de entretenimento. Por outro lado, quando os fãs estão trabalhando gratuitamente e gerando lucro somente para as empresas, não é possível interpretar essa produção como resistência. Se antigamente as organizações de mídia e entretenimento apresentavam uma certa objeção em legitimar a participação dos fãs, como criticava Jenkins (2009), agora, “[...] mesmo que tardiamente, a indústria aprendeu a aproveitar-se da força de trabalho dos fãs e do mercado ávido por produtos transmidiáticos” (Primo, 2010, p. 29). Assim, questiona a teórica, esse processo se trataria de resistência ou cooptação?

Garson (2019) é outro autor que faz ponderações acerca da obra de Jenkins. Tal qual Primo (2010), ele aponta as desigualdades das relações de poder do ciberespaço, onde “[...] as interações entre fãs parecem ocorrer em um ambiente harmônico e livre de hierarquias. As possibilidades de colaboração parecem abertas a todos, sem nenhum tipo de discriminação ou constrangimento” (Garson, 2019, p. 65). Além disso, Garson (2019) faz duras críticas à metodologia utilizada por Jenkins (2009) para diagnosticar a cultura da convergência e se opõe à ideia de que o fã engajado é aquele que não se importa em lucrar com suas produções, mas

⁸ Histórias produzidas por fãs, baseadas em filmes, seriados, quadrinhos, dentre outros. Geralmente envolvem os cenários, os personagens e as tramas da obra original, ou ainda fazem o cruzamento de duas ou mais obras, misturando de forma harmônica seus enredos e personagens, para compor uma nova história (Alencar; Arruda, 2017).

sim em fortalecer os laços comunitários com seus pares, independente da apropriação não paga de seus materiais.

O intuito, ao apresentar autores que apontam lapsos no trabalho de Jenkins, não é invalidar sua pesquisa e/ou suas colaborações para a área, mas apenas enriquecer a matriz teórica desta dissertação, retratando de maneira fidedigna os atuais e complexos debates a respeito das comunidades de fãs, que são parte essencial da premissa investigada neste estudo. Destarte, embora as críticas feitas por Primo (2010) e Garson (2019) sejam válidas e essenciais para se pensar na temática de fãs, foi a obra “Cultura da Convergência” que levou à fase atual dos estudos de fãs, iniciada por volta da segunda década dos anos 2000, com os fãs se sobressaindo frente aos produtores (Amado, 2019) e com discussões mais abrangentes, que contam com uma pluralidade de abordagens. Nesse sentido, o próximo subtópico é voltado para temáticas que direcionam as pesquisas de fãs mais recentes, sendo objetos pertinentes neste contexto e importantes para a análise e compreensão de aspectos que tangenciam o *fandom* de Harry Potter e o cancelamento de J.K. Rowling: o fã-ativismo e o teor passionista de comunidades de fãs em ambientes *online*, assim como os efeitos disso para além do digital.

3.1.2 Estudos de fãs recentes: fã-ativismo e expressividade passionista dos *fandoms*

Conforme explanado anteriormente, a evolução dos estudos de fãs permitiu que estes indivíduos não fossem mais interpretados, em sua maioria, como seres alienados e/ou patológicos. Pouco a pouco, compreendeu-se que a emoção está, essencialmente, relacionada à figura do fã, mas que isso não significa uma devoção ou uma paixão excessiva e prejudicial, visto que as emoções e sentimentos permeiam, praticamente, todos os tipos de vínculos humanos. Posto isso, Aller (2021) entende que os fãs “[...] se relacionam com seus objetos de interesse, envolvendo-se emocionalmente com eles, dando-lhes um lugar relevante em suas identificações e direcionando suas manifestações e práticas a partir dessa relação” (Aller, 2021, p. 26, tradução nossa). Esse envolvimento emocional é, justamente, o ponto de partida para ações e comportamentos como o fã-ativismo e a comunicação e expressividade de teor passionista entre os membros de comunidades de fãs *online*.

O ativismo de fãs, enquanto campo de investigação acadêmica, é relativamente novo. Apesar de existir como prática há muitos anos, inclusive anteriormente ao digital, os autores da área explicam que a temática só adquiriu relevância científica por volta dos anos 2010, quando ocorre um vasto crescimento de manifestações ativistas por parte dos *fandoms*, com o intermédio das redes sociais. Amaral, Souza e Monteiro (2015) analisam a definição de fã-

ativismo com base em duas perspectivas, sendo uma como forma de mobilização social (Bennet, 2012) e a outra enquanto participação política (Brough; Shresthova, 2012).

Na visão de Bennet (2012), o ativismo de fãs está diretamente relacionado às celebridades e às percepções de familiaridade nas conexões entre eles, citando personalidades como Lady Gaga para exemplificar a influência que uma figura pública pode exercer sob seu *fandom*. As autoras entendem que existe “[...] uma complexa relação entre celebridade, fãs e comunidades que fica explicitada no engajamento dos fãs ao seguirem tais comunidades, constituindo uma plataforma para proximidade, experiências e hábitos” (Amaral; Souza; Monteiro, 2015, p. 143). Bennet (2012) explica, ainda, que o ativismo e a mobilização resultantes do desempenho imaginativo, engajamento coletivo e consumo cultural podem ocorrer com a interferência direta das celebridades ou emergir espontaneamente na própria comunidade de fãs. Em contrapartida, Brough e Shresthova (2012) refletem sobre o fã-ativismo e sua relação com a participação cívica, que inclui atividades como engajamento cívico, ação política tradicional e outras manifestações variadas. Assim, apontam que

O ativismo é compreendido como ação intencional que desafia as hegemonias existentes e provoca mudança política e/ou social. O ativismo de fãs, entretanto, tem sido mais associado com o lobby de fãs para o lançamento de um conteúdo relacionado, como a permanência de um programa no ar (Lichtenberg, Marshak, e Winston 1975; Scardaville 2005), a representação de minorias raciais ou sexuais (Garber e Paleo 1983; Lopez 2011), ou a promoção de temas sociais no conteúdo do programa. (Ross 2008) (Amaral; Souza; Monteiro *apud* Brough; Shresthova, 2012, p. 144).

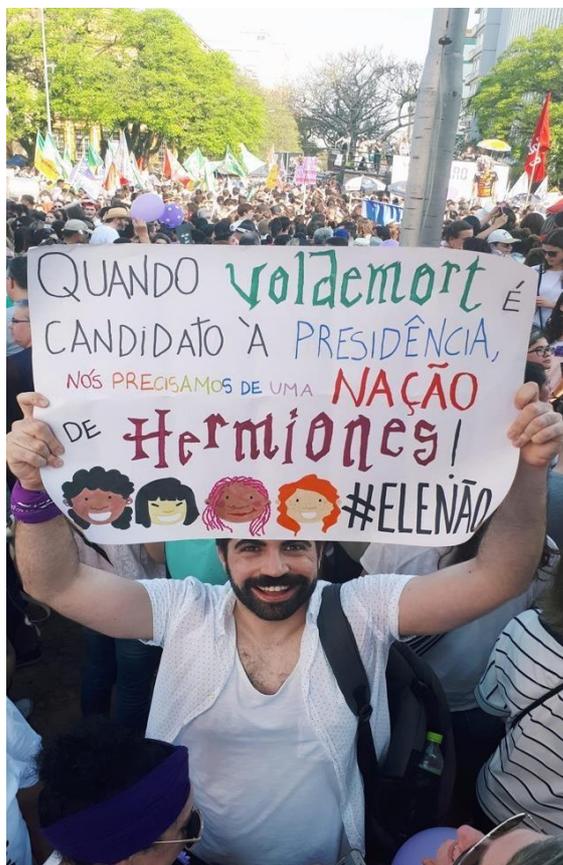
A partir da problematização que Brough e Shresthova (2012) apresentam na citação acima, Amaral, Souza e Monteiro (2015) examinam a possível contradição que envolve a expressão “ativismo de fãs”. Elas explicam que, se ativismo nesse contexto for visto como sinônimo de uma prática de resistência, de fato surge um paradoxo: “[...] como entender resistência a um sistema (o espaço da cultura pop) que não rompe com esse mesmo sistema? Como fãs participam e ao mesmo tempo buscam mudar o mesmo espaço hegemônico?” (Amaral; Souza; Monteiro, 2015, p. 145).

Para responderem essa dubiedade, as pesquisadoras recorrem às múltiplas concepções existentes de resistência, perpassando autores como Freire Filho (2007), Roux (2007) e Scott (1985), até chegarem a De Certeau (1984), que entende a resistência como tática ou práticas diárias baseadas em um sistema alternativo de significação originando, assim, um movimento de microrresistências que fundam microliberdades. Com isso, as autoras compreendem que, mesmo resistindo a uma fonte opressora, indivíduos podem, simultaneamente, apoiar essas

mesmas estruturas de dominação e que “[...] na medida em que reconhecemos o ativismo de fãs como microrresistências ou como forma sutil de resistência cultural, o enquadramento do fenômeno não pressupõe a despolitização de tais ações” (Amaral; Souza; Monteiro, 2015, p. 146).

Após essa elucidação, as autoras abordam algumas práticas que compõem o ativismo de fãs, dividindo-as em dois subtipos. O primeiro consiste, basicamente, naquelas mais populares e que em sua maioria desenvolvem um produto, como *fanfics*, fanvídeos, *fanzines*, entre outros. Já o segundo grupo é composto, principalmente, por conteúdos e manifestações, mas sem necessariamente resultar em produtos. Nele, estão localizadas as manifestações, que muitas vezes, ultrapassam a barreira do *fandom*, com materiais de caráter *fanmade* sendo utilizados em movimentos sociais (Amaral; Souza; Monteiro, 2015), baseando-se em personagens fictícios para defender o que acreditam. As pesquisadoras citam a presença de obras como *Doctor Who*, *Game of Thrones* e *Pokémon* nos protestos de junho de 2013, que ocorreram em todo Brasil. As imagens abaixo trazem outros exemplos, dessa vez com referências a Harry Potter e a Jogos Vorazes (*The Hunger Games*) em manifestações políticas, associadas à defesa da democracia.

Figura 3 - *Harry Potter* nos protestos brasileiros contra o candidato à presidência Jair Bolsonaro, em 2018.



Fonte: Tangerina UOL

Figura 4 - Saudação de três dedos, símbolo de rebelião da saga Jogos Vorazes (*The Hunger Games*), sendo utilizada em um protesto na Tailândia a favor da democracia e contra o poder militar e a realeza.



Fonte: Correio Braziliense

Acontecimentos como esses evidenciam que as fronteiras entre o ativismo de fãs e questões cívicas e políticas estão em um processo de rompimento com a constante associação das temáticas e efeitos para além do ciberespaço. Ainda que, frequentemente, conforme pontuam Brough e Shresthova (2012), o fã-ativismo esteja conectado com demandas de transformação referentes aos universos ficcionais (renovação de séries, escolha de atores e atrizes condizentes com os personagens, inclusão de temas relevantes para o contexto da obra, entre outros), a busca por transformação política e social também pode estar intrínseca nas manifestações (como no caso de casais fictícios LGBTQIAPN+) ou ser incorporada, reverberando por meio destes grupos. É fundamental, também, considerar que algumas comunidades de fãs surgem como uma espécie de refúgio do mundo real, acolhendo indivíduos que podem provir de contextos excludentes e/ou preconceituosos. Por essa razão, tornam-se sensíveis a certos movimentos sociais e manifestam-se em prol deles, mobilizando, em alguns casos, os *fandons* dos quais participam.

A cultura do cancelamento, um dos objetos centrais da investigação proposta nesta dissertação, também pode estar vinculada ao fã-ativismo. Como exposto no primeiro capítulo, foi o movimento #MeToo, iniciado pela atriz Alyssa Milano, que, eventualmente, originou a expressão *cancel culture*, assim como suas manifestações enquanto fenômeno. Muitos fãs da

atriz e de outras personalidades que aderiram ao movimento apoiaram e compartilharam a causa, sendo uma voz importante no combate ao assédio sexual. Outros exemplos da atuação conjunta do ativismo de fãs e da cultura do cancelamento podem ser encontrados quando um determinado *fandom*, em defesa do artista ou obra que admiram, promovem o cancelamento de empresas e organizações ou de outra figura pública, como no caso da cantora *pop* Taylor Swift e do *rapper* Kanye West. Em 2020, os *swifties* (como se intitulam os fãs de Swift) se posicionaram contra West e sua esposa na época, Kim Kardashian, cancelando o casal por conta de declarações entendidas pelo público como misóginas e machistas sobre Swift.

Por fim, a citação de Duncombe (2007) expressa precisamente a lógica que interliga a natureza do ativismo e a essência do fã:

Olhe para um ativista e você poderá encontrar um fã. Não há nenhum mistério no porquê: fandoms proveem um espaço para explorar mundos ficcionais, que operam de acordo com lógicas, normas e estruturas diferentes do que as que experienciamos em nossa vida real [...] Essa habilidade de imaginar alternativas e construir comunidade, não coincidentemente, é um pré-requisito base para o ativismo político. (Duncombe, 2007, p. 10).

Após as ponderações desenvolvidas acerca do ativismo de fãs, entra em foco o outro tema central deste subtópico: o teor passional das expressividades e comunicações em *fandons*, assim como a relação desses grupos com os chamados antifãs⁹ e as consequências dessa dinâmica nos âmbitos *online* e *off-line*. Antes de dar seguimento ao assunto, é indispensável explicitar que aqui o termo ‘passional’ não se refere apenas aos sentimentos de amor e paixão, mas sim a todo tipo de emoção que se manifesta de modo mais intenso, inclusive raiva, inveja, ódio, entre outras.

Freire Filho (2003, *apud* Walton, 2007, p. 20) destaca que as emoções são “[...] alicerces sobre os quais repousa grande parte de nossa vida social e cultural, se não toda ela”. O autor corrobora o pensamento de Walton (2007) afirmando que as emoções, de fato, são as responsáveis por conferir tom, dinamismo e significados às interações e aos projetos humanos, atuando em certas circunstâncias como catalisadoras de emoções coletivas (Freire Filho, 2013). Buscando compreender os sentidos, formas de expressão e fundamentos morais das emoções e, mais especificamente, da raiva, em comunidades de fãs, Freire Filho investiga a manifestação

⁹ Monteiro (2012) aponta que Gray (2003) foi o primeiro a usar o termo antifãs, classificando-os como um grupo de pessoas com sentimentos fortes contra algum texto ou gênero. A manifestação dos antifandons pode ser tão forte quanto às dos fãs, com alto nível de investimento emocional e sendo importante na construção da identidade do *fandom*.

fervorosa de fãs e antifãs das cantoras estadunidenses Miley Cyrus, Demi Lovato, Selena Gomez e Taylor Swift.

Em sua pesquisa, predominam os relatos e comentários de adolescentes (12-17 anos), mas, também, estão presentes alguns depoimentos de jovens adultos, entre as idades de 18 e 21 anos. Freire Filho (2013), ao analisar as postagens em redes sociais e *sites* de bate-papo, percebe que, para uma quantidade significativa de fãs, não basta expressar seu amor profundo por uma das cantoras citadas: também é de suma importância atacar suas supostas rivais e respectivos admiradores. Identifica-se, ainda, que parte dos antifãs ou *haters* assume esse papel com um nível de constrangimento perceptível, mas que a maioria abraça a posição sem pudor, seguindo o “[...] protocolo de ódio com notável convicção e entusiasmo” (Freire Filho, 2013, p. 10).

Averiguando mais a fundo as motivações dos *antifandons*, o autor se dedica a constatar quais são os valores articulados e as crenças acionadas quando esses grupos realizam ofensas, pois, como observa, as emoções, inclusive a raiva, são sensíveis aos processos avaliativos de cada indivíduo. Freire Filho (2013), então, explica que, no contexto investigado, os ataques são provocados a partir de modos ou posturas que confrontem os princípios morais daquele *hater*, seja no aspecto artístico ou na conduta sexual. Já os fãs exaltam pontos como a autenticidade e a espontaneidade, valorizando a dimensão autobiográfica das produções, que facilitam a identificação entre artista e público. Em contrapartida, os antifãs atuam novamente, apresentando conteúdos e argumentos que, na visão deles, deslegitimam a veracidade das obras ou das relações pessoais que as inspiraram, originando um debate que, muitas vezes, não tem conclusões e instiga um ciclo constante de embates entre esses grupos. Por fim, Freire Filho (2013) utiliza a definição metafórica de Grasso (2002) acerca da pessoa enraivecida, que assume a postura de juiz em um julgamento, submetendo ao escrutínio público a conduta e as ações de malfeitores. O autor ressalta, ainda, que não interpreta as demonstrações de raiva analisadas como descartáveis, mas sim como respostas multifacetadas em busca de assimilar uma nova subjetividade feminina juvenil, que se configura de maneira assertiva, energética, empoderada e livre dos constrangimentos da feminilidade passiva.

Ainda a respeito da expressividade bastante passional que alguns fãs e/ou *fandons* praticam, um assunto específico tem se tornado frequente em pesquisas acadêmicas: os fãs da *Korean Pop Music*, mais conhecido como *k-pop*. Por volta de 2010, com o intermédio do Youtube e de outras redes, muitos brasileiros passaram a consumir músicas e performances de grupos asiáticos, o que se fortaleceu ao longo da segunda década dos anos 2000, popularizando o termo *k-pop* e contribuindo para o surgimento de estudos e investigações sobre o objeto, com o número destas pesquisas crescendo notavelmente a partir de 2017. Palha (2021) indica que,

para fazer parte do *fandom*, os fãs residentes no Brasil se dedicam a aprender palavras, expressões e práticas de origem coreana, de modo que “[...] este comportamento de apropriação da cultura faz parte do que os especialistas denominam de *fandons transculturais*” (Palha, 2021, p. 26). A relação entre fãs e antifãs, exemplificada com cantoras estadunidenses, anteriormente, também se faz presente no âmbito da música pop coreana. Um dos casos mais conhecidos é a ‘rixa’ de *armys* (fãs do grupo sul-coreano BTS) e *blinks* (fãs do grupo sul-coreano Black Pink), que, constantemente, se engajam em discussões *online*, pois, atualmente, as duas bandas são as mais populares do gênero, em escala mundial, o que resulta em uma competitividade incessante entre estes *fandons*.

Entre as particularidades que mais chamam atenção nos *kppopers*, o nível de imersão neste universo é o que mais se destaca. Além do interesse em aprender mais sobre os costumes e tradições da Coreia, muitos membros das comunidades de fãs optam por estudar a língua do país, consumir alimentos típicos da região, adquirir itens oficiais e/ou personalizados e se vestir de acordo com o estilo de seus grupos musicais favoritos, utilizando, inclusive, lentes de contato dilatadoras de pupilas. Palha (2021) utiliza cinco categorias para elencar a experiência e as práticas culturais realizados pelos fãs de *k-pop*. A primeira, intitulada ‘Culto ao K-pop’, descreve os fãs que usufruem dos vários momentos de seus ídolos. Nessas condições,

[...] o fã procura conhecer todas as atividades pessoais, sociais e profissionais de seus ídolos ou grupos favoritos. Existe um sentimento de apropriação, paixão e proteção para com estes artistas. A idolatria constitui em uma prática que envolve a idealização do artista ou do conjunto musical. Desta forma, o ídolo apresenta-se como uma pessoa a ser seguida tanto do ponto de vista estético quanto profissional. (Palha, 2021, p. 53).

Práticas como acompanhar a formação de novos grupos; assistir as apresentações de dança dos ídolos; acompanhar o desenvolvimento artístico dos ídolos; imitar a indumentária dos ídolos; assistir à atuação dos ídolos e conhecer suas histórias; frequentar locais famosos para o *k-pop* e idealizar laços afetivos com os ídolos são algumas a compor a categoria de culto que, em conjunto com a classe Performance de Fãs (atuações de *kppers* inspiradas em seus ídolos), configuram as expressividades mais intensas do *fandom*.

Essa intensidade também se releva em momentos que precedem as apresentações, como nas filas para compra de ingresso e para o próprio acesso aos *shows*. A estratégia de organizar acampamentos voluntários é muito frequente entre diversos *fandons*, inclusive nos de *k-pop*. Os fãs estabelecem uma dinâmica de rodízio, dormindo em barracas e comparecendo, regularmente, para a realização de turnos. Com isso, a precarização da alimentação e da higiene pessoal desses indivíduos, além da falta de segurança, surgem como elementos relevantes,

causando preocupação entre familiares, amigos e pessoas que se tornam cientes da prática, em geral. No mais, é comum que ocorram atritos entre “acampantes” de barracas distintas, que disputam a melhor posição na fila e protestam quando mais pessoas são incluídas em um grupo ou quando alguns membros optam por “vender” sua vaga na fila para outros fãs.

Os pontos apresentados ao longo deste subtópico evidenciam que novas nuances surgem, continuamente, no universo dos fãs e, conseqüentemente, nas investigações acerca do tema. O propósito desta abordagem não é realizar uma alusão aos estudos tradicionais, que enxergavam fãs como indivíduos deslocados da realidade e potencialmente patológicos, mas sim retratar, mesmo que sucintamente, a profundidade deste cenário, do qual emergem, diariamente, manifestações com conseqüências possivelmente tanto positivas quanto negativas. A complexidade retratada nos exemplos apontados não é uma exclusividade daqueles *fandons*. Mesmo que cada comunidade conte com suas especificidades, a essência complexa é característica da dinâmica de fãs, inclusive no universo da saga de Harry Potter, que passa a ser abordada no próximo tópico.

3.2 NASCE HARRY POTTER: O HERÓI DE UMA GERAÇÃO

3.2.1 Saga Harry Potter: enredo e principais acontecimentos

“*The Boy Who Lived*” (O Menino Que Sobreviveu, em português) é uma citação emblemática para muitos adolescentes, jovens e adultos, principalmente aqueles nascidos entre o final da década de 90 e início dos anos 2000. A frase corresponde ao título do primeiro capítulo de “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, romance que marca o início da saga de sete livros, todos escritos por Joanne Rowling, mais conhecida como J.K. Rowling.

O menino que sobreviveu, ao qual o título se refere, logicamente é Harry Potter, um jovem órfão bruxo que reside em Londres, na Inglaterra, com a família Dursley, seus tios trouxas¹⁰, sem desconfiar da existência de um mundo mágico, de seus poderes e de todos os mistérios nos quais está envolvido. Harry, que sempre foi desprezado pelos Dursley e tinha como quarto um minúsculo armário de casacos, é surpreendido em seu aniversário de onze anos, sendo recrutado para a escola da magia Hogwarts. Ele, então, tem seus primeiros passos no mundo mágico guiados por Hagrid, o guardião das chaves de Hogwarts, que foi ao mundo dos trouxas com a missão de resgatar o jovem bruxo e revelar a verdade sobre sua origem:

¹⁰ Trouxas, em original, *Muggles*, são como os humanos não-bruxos são conhecidos no universo ficcional de Harry Potter.

Harry, com poucos meses de vida, foi vítima de uma tentativa de homicídio orquestrada pelo Lorde das Trevas, Voldemort. Muito poderoso, o vilão invadiu a residência dos Potter, assassinando James e Lily, pais de Harry. No entanto, quando Voldemort se aproxima do bebê e lança em sua direção a maldição da morte, o feitiço inexplicavelmente ricocheteia, atingindo o próprio Lorde das Trevas e permitindo que Harry saia ileso, com apenas uma cicatriz em formato de raio na sua testa.

A partir deste momento, Harry Potter se torna um herói e uma lenda do mundo bruxo e, para garantir que cresça em segurança, é levado para a casa dos tios que, relutantemente, o aceitam. Quando retorna, onze anos depois, torna-se objeto de fascínio, admiração e, até mesmo, inveja de muitos, mas encontra amigos verdadeiros em Rony Weasley e Hermione Granger, formando, assim, o inseparável trio de ouro da saga. Harry, que está feliz em finalmente encontrar um lugar ao qual pertence, descobre que Voldemort, provavelmente, ainda está vivo e em busca de vingança. Os três primeiros livros da série “Pedra Filosofal”, “Câmara Secreta” e “Prisioneiro de Azkaban”) possuem outros acontecimentos centrais, mas sempre relacionados ao suposto retorno do Lorde das Trevas.

No quarto volume, “Harry Potter e o Cálice de Fogo”, a saga adquire um tom mais sombrio, com Harry e seus amigos já adolescentes sendo vítimas de uma armadilha que culminou na volta de Voldemort. De fato, o vilão nunca esteve morto, tendo perdido apenas sua forma física que, enfim, é recuperada com a ajuda de seus seguidores, os Comensais da Morte. O quinto e sexto livros, “Ordem da Fênix” e “Enigma do Príncipe”, respectivamente, contam com a morte de personagens importantes como Sirius Black e Albus Dumbledore; embates entre Harry e Voldemort, com a Segunda Guerra Bruxa sendo delineada; e a descoberta das *Horcruxes* - objetos valiosos que podem conter fragmentos da alma de uma pessoa. Voldemort, ainda durante sua juventude, descobriu essa possibilidade e fragmentou sua alma em sete partes, para tornar-se imortal e sempre ter a chance de emergir novamente caso fosse derrotado, como ocorre quando tenta assassinar Harry pela primeira vez.

O sétimo e último livro da saga, “Harry Potter e As Relíquias da Morte”, gira em torno da busca de Harry, Rony e Hermione pelas *Horcruxes* escondidas, para que possam destruí-las e enfraquecer o vilão. Enquanto isso, o mundo mágico foi tomado pelos Comensais da Morte e um período de trevas se inicia sob o comando de Voldemort. Harry é, literalmente, a última esperança para aquelas que não compactuam com a ditadura instituída. Após reviravoltas, descobertas e resoluções dos mistérios finais, todas as *Horcruxes* são destruídas e ocorre a batalha final entre Harry e Voldemort, da qual Harry sai vencedor, mas sem precisar lançar a maldição da morte. No epílogo da saga, dezenove anos após estes

acontecimentos, Harry, Rony e Hermione acompanham seus filhos até o Expresso de Hogwarts, onde embarcarão para o primeiro ano de estudos na escola de magia. Harry toca sua cicatriz uma última vez, que não dói mais desde a derrota de Voldemort e, então, conclui: tudo estava bem.

3.2.2 Saga Harry Potter: O fenômeno editorial, cinematográfico e cultural

“Harry Potter e a Pedra Filosofal” foi lançado no Reino Unido, seu país de origem, em 26 de junho de 1997, pela Bloomsbury, após ser rejeitado por oito editoras anteriormente. Apesar de não ter sido um sucesso imediato com o público em geral, a obra foi avaliada positivamente pela crítica especializada e teve seus direitos de publicação vendidos por \$105 milhões para a editora estadunidense Scholastic Corporation, um valor que chamou atenção, por se tratar de um livro infantil e com uma autora, até então, desconhecida.

Ainda em 1997, a Pedra Filosofa ganhou seus primeiros prêmios, o National Book Award¹¹ e o Nestlé Smarties Book Prize, que tornaram o livro bastante conhecido apenas seis meses após sua publicação. No ano seguinte, 1998, ocorre a publicação da obra nos Estados Unidos, pela Scholastic Corporation, e Rowling promoveu uma turnê de dez dias no país, divulgando a chegada de Harry Potter nas livrarias americanas. Quando o segundo volume da série é lançado, em 1998 no Reino Unido e 1999 nos Estados Unidos, a saga já acumulava milhares de fãs, número que apenas cresceu quando “Harry Potter e a Câmara Secreta” entrou na lista de *best sellers* do The New York Times, no mesmo dia do seu lançamento.

Com a popularidade crescente, diversas editoras internacionais se interessaram em adquirir os direitos da obra, que chegou ao Brasil com seu primeiro volume em janeiro de 2000, por meio da editora Rocco. Ao todo, a saga foi traduzida para 85 idiomas e vendida em 67 países, conquistando mais leitores e fãs ao lançamento de cada volume da história. O último livro, “Harry Potter e as Relíquias da Morte”, chegou às livrarias britânicas e norte-americanas em julho de 2007, tendo vendido 11 milhões de cópias em 24 horas, somente nos Estados Unidos. No Brasil, o lançamento ocorreu em novembro do mesmo ano, com múltiplos eventos de divulgação nas maiores livrarias do país.

Em fevereiro de 2023, a saga atingiu a marca de 600 milhões de cópias vendidas¹²,

¹¹Fundados em 1950, os National Book Awards são prêmios literários estadunidenses administrados pela National Book Foundation, uma organização sem fins lucrativos, composta por renomados autores.

¹² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/02/harry-potter-de-jk-rowling-vira-serie-de->

incluindo os sete livros e todos os países onde foram comercializados, além de acumular mais de 1 bilhão de horas de escuta no formato audiolivro. Assim, Harry Potter ocupa a posição de série literária mais vendida do mundo e, em termos de livros únicos mais vendidos, fica atrás apenas da “Bíblia”, que já vendeu aproximadamente 5 bilhões de cópias, e de “O Livro Vermelho”, de Mao Tsé Tung, com cerca de 820 milhões de cópias comercializadas. No Brasil, estima-se que, em 2022, 45 cópias da série foram vendidas por hora no país, se mantendo um êxito entre crianças, jovens e, até mesmo, alguns adultos. Como aponta Archer (2015), o sucesso da saga, aliado à sua ampla distribuição, fez dessa quase que uma leitura obrigatória para uma geração inteira.

A saga conta com uma adaptação para o audiovisual, em formato de longa-metragem, com oito filmes lançados entre 2001 e 2011 pela Warner Bros, tendo arrecadado, no total, mais de 7 bilhões de dólares. A parte final da franquia, “Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2”, alcançou 1.3 bilhão de dólares e se consagrou como a 16ª maior bilheteria da história do cinema. A adaptação teve um papel importante para a popularização da série, com muitos fãs, primeiramente, conhecendo o mundo de Harry Potter por meio dos filmes e, eventualmente, migrando para o consumo dos livros. O sucesso conjunto desses formatos, além do lançamento de jogos, produtos oficiais e produções *fanmade*, estimulou a construção de dois parques temáticos da franquia, um no Island of Adventures e outro na Universal Studios, ambos em Orlando, Flórida. Intitulados *The Wizarding World of Harry Potter* (O Mundo Mágico de Harry Potter), os parques contam com cenários e atrações inspirados nos personagens e nos ambientes da série, como o Expresso de Hogwarts, o Banco Gringottes, o Beco Diagonal e a própria escola de magia, Hogwarts. Em funcionamento desde 2010 no Island of Adventures, e desde 2014 na Universal Studios, as áreas de Harry Potter são as maiores, exclusivamente dedicadas a um único universo ficcional, dentro dos complexos temáticos citados, com milhares de visitas diariamente e filas constantes nas atrações e lojas. Com isso, Harry Potter é considerada “[...] uma das mais potentes narrativas contemporâneas de mídia, tornando-se o símbolo de uma geração” (Costa; Leão *apud* Bastos; Domingos, 2011, p. 123).

Mesmo com a publicação do livro final em 2007 e a estreia do último filme em 2011, Harry Potter seguiu se fortalecendo enquanto fenômeno da cultura *pop*. Em junho de 2012, o *website* Pottermore foi aberto, idealizado pela própria autora dos livros. Seu objetivo era oferecer uma experiência interativa para os fãs, como se eles fossem alunos ingressantes de

Hogwarts, passando por todas as etapas da vivência de um jovem bruxo. Para isso, abrangia elementos de livros ilustrados, jogabilidade e ambientes virtuais navegáveis, entre outros, transformando, significativamente, a lógica linear dos livros (Gruszynski; Sanseverino *apud* Saldre; Torop, 2012). A página, também, contava com informações nunca divulgadas sobre os personagens e mais curiosidades sobre o mundo de Harry Potter.

No lançamento do projeto, os fãs que desejassem ter um acesso antecipado ao conteúdo deveriam desvendar um enigma composto por dez pistas. Assim, as comunidades de fãs trabalharam conjuntamente e cerca de 1 milhão de pessoas visualizou parte do site 48 horas antes de ser liberado para todo o público. Costa e Leão (2018) explicam que os *potterheads* são parte fundamental para que o legado de Harry Potter siga ativo e em crescimento:

Cotidianamente a cultura Potter é construída, indicando perdurar por ser normatizada e normatizadora, praticada e ensinada nas recorrentes interações entre os fãs. Posts continuam sendo fartamente distribuídos nas redes sociais, contendo dicas sobre os passos necessários para ser um potterhead, os sinais que indicam o que é ou não um fã verdadeiro, listas de motivos para ser um fã, entre outros. (Costa; Leão, 2018, p. 123).

O Pottermore, que funcionou como um centralizador oficial de conteúdos *online* sobre Harry Potter por quase dez anos, foi substituído, em 2020, pelo site WIZARDING WORLD, no qual os usuários tiveram a opção de mover suas contas do Pottermore para o novo domínio, que oferecia novas atividades e recursos. Como explicam Gruszynski e Sanseverino, o WIZARDING WORLD é, também, associado a um cenário digital que se transformou, tendo como proposta “[...] tornar mais fácil a navegação dos usuários, ampliando e incentivando o acesso às experiências da franquia, buscando um público que fosse além dos fãs de longa série da data” (Gruszynski; Sanseverino; 2020, p. 92). Durante a pandemia do coronavírus, a plataforma deu início ao movimento *Harry Potter At Home* (Harry Potter em casa), que trazia atividades e materiais para crianças e adultos se manterem distraídos e ocupados ao longo da quarentena. Em uma das ações, é feita a leitura do primeiro livro por figuras marcantes do mundo bruxo, com Daniel Radcliffe, ator que deu vida a Harry, narrando o capítulo inaugural da obra. Com isso, o *WIZARDING WORLD* tornou-se um espaço de ressignificação e renovação da relevância do livro físico (Gruszynski; Sanseverino, 2020).

Entre outros desdobramentos que mantiveram Harry Potter enquanto um nicho expressivo do entretenimento contemporâneo, é possível citar “Harry Potter and the Cursed Child” (Harry Potter e a Criança Amaldiçoada), o *script* de uma peça que foi desenvolvido

por Jack Thorne, com base em uma história inédita que se passa dezenove anos após os acontecimentos de “As Relíquias da Morte”, escrita por Rowling e pelo próprio Thorne. O *script* foi comercializado em formato de livro e a peça lançada em 2016, estando em cartaz até hoje em locais como West End e Broadway. Também em 2016, ocorreu a estreia da franquia “Animais Fantásticos, *prequels*¹³” da série original, com três filmes lançados até o momento, sendo o mais recente de 2022.

Em 2023, dois acontecimentos importantes envolvendo a saga se desenrolaram: o lançamento do RPG¹⁴ “Hogwarts Legacy” e o anúncio de uma nova adaptação de Harry Potter, dessa vez no formato de seriado para *streaming*, produzido pela HBO Max, com participação ativa de J. K. Rowling na produção. Estima-se que a duração da série será de uma década, objetivando a permanência da obra como um fenômeno, tanto para a geração que acompanhou os filmes e os livros, quanto para as novas que se desenvolvem.

3.2.3 Os valores de Harry Potter: o que a saga defende?

Os princípios e crenças que uma obra expressa são essenciais para que o público se conecte com determinada narrativa. Como indica Hall (2007), “[...] a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos e pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (Hall, 2007, p. 106). Nesse sentido, este subtópico discorre sobre os principais valores observados nos livros da série, com base em leitura prévia da saga.

O amor incondicional é uma das primeiras convicções a ser identificada, que perdura ao longo de toda a história. Lilian, a mãe de Harry, se sacrifica pelo filho, colocando-se entre ele e Lorde Voldemort, quando este tenta assassinar o bebê. Voldemort oferece a ela uma chance de sobreviver, contanto que se afaste do berço e permita que o Lorde das Trevas cumpra seu objetivo. Lily, no entanto, recusa e é atingida pela maldição da morte, falecendo instantaneamente. Ao fazer isso, porém, ela concede a Harry uma proteção poderosa: a marca do amor. Por isso, quando Voldemort tenta assassinar Harry, o feitiço ricocheteia e o menino sai ileso, apenas com a cicatriz em forma de raio. O sacrifício de Lilian é recordado em diversos momentos dos sete livros, lembrando o protagonista, inclusive em momentos de dúvida e hesitação, que suas ações devem ser sempre guiadas pelo amor. É justamente por isso que Harry

¹³ Prequel ou prelúdio são obras literárias, dramáticas ou cinematográficas que retratam acontecimentos anteriores aos fatos de um universo ficcional já existente e explorado.

¹⁴ A sigla RPG é a abreviação de Role Playing Game, uma modalidade de jogo na qual os usuários interpretam os personagens e criam narrativas com base em um enredo central.

resiste às tentações da Magia das Trevas e não sucumbe à proposta de Voldermort para se aliar a ele.

A amizade, a lealdade e a coragem também se manifestam como princípios importantes. Ainda no primeiro livro, Harry torna-se melhor amigo de Rony e Hermione, formando um trio inseparável. Durante todas as aventuras e perigos que o jovem bruxo precisa enfrentar, Rony e Hermione o acompanham, sendo essenciais para a sobrevivência de Harry e colocando suas próprias vidas em risco para isso. Em “As Relíquias da Morte”, no desafio final da série, Harry tenta partir sozinho em busca das *Horcruxes*, mas os amigos o impedem e optam por seguir ao seu lado, vivendo por meses como foragidos, abrigando-se em acampamentos na floresta, racionando alimentos e despistando os comparsas de Voldermort. Quando capturados, Hermione chega a ser torturada para revelar o paradeiro do amigo, mas suporta a dor e não o trai. Já Rony, que em certo momento discute com os amigos e se separa deles, passa semanas tentando localizar o novo esconderijo e, quando consegue, é fundamental para destruir uma das *Horcruxes* encontradas. Desse modo, a amizade, a lealdade e a coragem se fazem presentes em múltiplos momentos da série, sendo alguns dos elementos mais exaltados por grande parte dos *potterheads*, que afirmam se sentir inspirados a reproduzir e aplicar tais qualidades em suas próprias vidas.

A luta contra o preconceito, a discriminação e o totalitarismo são os aspectos mais políticos que podem ser notados na obra. Nos livros, os alvos de preconceito são bruxos mestiços (um dos pais é trouxa e o outro pertencente à comunidade bruxa) e, principalmente, os bruxos considerados sangue-ruins, ou seja, que vieram de uma família totalmente trouxa. Os sangues-puros, como são conhecidos os bruxos de origem totalmente mágica, acreditam ser de uma raça superior às demais, por conta de sua linhagem. A pureza do sangue era um dos pilares defendidos por Voldermort e seus seguidores, que desejavam exterminar todos que não se encaixassem nestes parâmetros. O Lorde das Trevas também ambicionava a imortalidade e a posição de bruxo mais poderoso de todos os tempos, estabelecendo uma ditadura da qual seria o líder, disseminando intolerância, discriminação, racismo, ódio e, entre outras coisas, a utilização de tortura como prática aceitável, inclusive como punição para os jovens alunos de Hogwarts que cometessem algum erro em classe. O tema da escravidão também é abordado: os elfos domésticos, criaturas do mundo mágico, eram tratados como escravos por famílias ricas, trabalhando diariamente sem direitos a descanso ou salário. O elfo Dobby, um dos personagens mais queridos pelos *potterheads*, é libertado por Harry Potter e, posteriormente, lidera uma revolução pela autonomia daquela comunidade.

Quanto à existência de pautas LGBTQIAPN+ na saga, nenhum personagem ou casal é mencionado no decorrer dos sete livros. Entretanto, após a finalização dos filmes, J.K. Rowling confirmou que Albus Dumbledore, diretor de Hogwarts e mentor de Harry, é homossexual e, em sua juventude, viveu um romance com Gellert Grindelwald, antes deste se tornar um dos maiores bruxos das trevas, superado apenas por Voldemort. Já em “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”, o filho mais novo de Harry se envolve romanticamente com Scorpius Malfoy, filho de Draco Malfoy, inimigo de Harry durante seus anos de escola.

Outras temáticas e crenças fazem parte da série, de modo que os apresentados aqui são aqueles que mais se destacam entre os leitores e fãs. Por muitos anos, Harry Potter foi considerada uma obra inclusiva, tida como referência contra qualquer tipo de preconceito e injustiça, além de propagar mensagens de esperança e de sabedoria. Assim, muitos indivíduos que sofreram com intolerância, hostilidade e repressão encontraram acolhimento na história de Harry e no *fandom* da saga, formando laços com pessoas que enfrentaram adversidades semelhantes. Em razão disto, muitos fãs se surpreenderam negativamente quando Rowling passou a realizar declarações transfóbicas, pronunciando-se contra um grupo de pessoas que já é tão marginalizado socialmente. Após os primeiros pronunciamentos da autora, alguns leitores optaram por reler os livros e pontuaram que Rowling já deixava indícios de seus preconceitos em alguns trechos, como na descrição da personagem Rita Skeeter, que é composta por estereótipos comumente associados a mulheres transgênero.

Figura 5 - Depoimento do leitor Vani Merlino, em sua página do Facebook, sobre a construção da personagem Rita Skeeter.

"Bastante gente fala em 'separar o autor da obra', e isso é até positivo no sentido que mostra que as pessoas rejeitam o discurso dela. Mas é preciso ir além. É preciso examinar a obra com um olhar crítico e perceber que, sim – tudo sempre esteve lá.

Pra quem não lembra, Rita era uma personagem com tom antagonístico que aparecia pela primeira vez no livro *Cálice de Fogo*, uma jornalista do mundo mágico. (...) Observem as palavras usadas para descrever a Rita. O destaque para seu 'maxilar quadrado', seus 'dedos grossos', suas mãos 'grandes e masculinas' e o fato de que ela é mais forte do que aparenta ser. Tudo em seu visual é chamativo e exagerado, da bolsa de crocodilo às unhas vermelhas de cinco centímetros. Rita Skeeter é uma caricatura transmisógena. Ela representa a imagem que a autora tem de mulheres trans."

VANI MERLINO

Fonte: Medium.com/@vanimerlino

Outro questionamento acerca da caracterização estereotipada de personagens também foi apontado pelo comediante judeu Jon Stewart¹⁵. Em uma participação no *podcast* estadunidense *On The Problem*, Stewart advertiu que a representação dos duendes em Harry Potter faz alusão ao povo judeu, sendo muito semelhante às ilustrações antissemitas propagadas durante o nazismo.

Posto isso, nos últimos anos, parte dos fãs e do público em geral passaram a refletir quais valores, de fato, são empregados na obra de Rowling, questionando, especialmente, perspectivas sobre diversidade e inclusão, apontando outras inconsistências na narrativa para além da caracterização de Rita Skeeter e dos duendes. Essas discussões são parte dos conflitos recentes que o *fandom* de Harry Potter está envolvido, que serão mais aprofundados nos tópicos seguintes desta dissertação.

3.2.4 J.K. Rowling: a mulher por trás da obra

¹⁵Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/apos-transfobia-j-k-rowling-agora-e-acusada-de-antisemitismo>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

Para que seja possível adentrar as falas transfóbicas de Rowling, recorrentes desde o final de 2019, primeiramente, é necessário compreender brevemente seus contextos pessoal e profissional. Nascida em 31 de julho de 1965, Joanne “Jo” Rowling é natural de Yate, uma pequena cidade no sudoeste da Inglaterra. Ela morou em alguns vilarejos britânicos ao longo da infância e da adolescência, com seus pais e sua única irmã, Diane. Um de seus maiores desafios durante a juventude foi a doença degenerativa de sua mãe, Anne, e o relacionamento distante com seu pai, Peter. Assim, Rowling gostava de ler e de contar histórias para se distrair da realidade que vivia. Após se formar na Universidade de Exeter, obtendo bacharelado de artes em Francês e Estudos Clássicos, trabalhou em Londres e Manchester por um certo período. Em 1990, Rowling teve as primeiras inspirações para a saga de Harry Potter e deu início a escrita do primeiro livro. Entretanto, após a morte de sua mãe no mesmo ano, seu processo de produção foi afetado e, alguns meses depois, Rowling se mudou para a cidade do Porto, em Portugal, para lecionar inglês como língua estrangeira.

Residindo no Porto, Rowling conheceu seu primeiro marido, tendo se casado em outubro de 1992 e dando lua a sua primeira filha, Jessica, em julho de 1993. Em novembro do mesmo ano, a escritora se separou após ter sido vítima de violência doméstica e retornou para o Reino Unido com a pequena Jessica, onde passou a residir com a irmã e o cunhado. Os anos seguintes foram os mais drásticos para Rowling, que enfrentava sérias dificuldades financeiras e foi diagnosticada com depressão. Foi em 1995, com a finalização de “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, que a vida da autora começou a se transformar. Durante o ano seguinte, Rowling buscou agentes literários que acreditassem em seu trabalho e, eventualmente, após diversas rejeições, conseguiu ter o livro publicado em 1997. Para isso, entretanto, a editora demandou que Rowling assinasse a obra com duas iniciais e seu último nome, pois temiam que garotos não fossem se interessar por algo escrito por uma mulher. Assim, Joanne Rowling se tornou J.K. Rowling, com a letra K sendo uma homenagem para sua avó paterna, Kathleen.

Em 2001, J.K. conheceu seu segundo marido, Neil Murray, com quem teve mais dois filhos, David e Mackenzie. A família reside, atualmente, em uma casa do século XVII em Edimburgo, na Escócia. Em 2004, a revista Forbes nomeou a escritora como a primeira pessoa a se tornar bilionária somente escrevendo livros, sendo a segunda mulher mais rica do entretenimento no mundo e a primeira na Grã-Bretanha. Alguns anos depois, no entanto, a revista afirmou que devido a doações e altas taxas de impostos no Reino Unido, Rowling não era mais uma bilionária, mas seguia entre as 200 pessoas mais ricas do país. Em fevereiro de 2013, foi considerada a 13ª mulher mais poderosa do Reino Unido pela *Woman's Hour* na BBC Radio 4. Ao longo da carreira ganhou diversos prêmios e homenagens, tanto por seu trabalho

como escritora como por doações e ações para caridade. Entre as causas filantrópicas que apoia, estão o bem-estar infantil, o combate à violência doméstica e a luta contra a esclerose múltipla, condição da qual sua mãe foi vítima. No campo político, sempre se posicionou a favor de partidos de esquerda e se manteve publicamente crítica às propostas e planos de governo que considerava injustos ou discriminatórios.

Por conta de sua trajetória pessoal, de seu talento e de sua criatividade na escrita e, eventualmente, de suas constantes manifestações acerca de questões públicas e sociais, Rowling tornou-se um modelo a ser seguido, tida por muitos como a heroína de uma geração. Por conta desses fatores e dos supostos ideais que a saga Harry Potter adota, Rowling foi vista, por praticamente duas décadas, como um símbolo de inclusão e pluralidade, uma aliada de minorias. Isso começa a mudar a partir de dezembro de 2019 quando, por meio de um tuíte, Rowling defendeu a pesquisadora britânica Maya Forstater, que não teve seu contrato de trabalho renovado após realizar, publicamente, uma série de declarações transfóbicas. Posto isto, antes de dar continuidade ao envolvimento de Rowling nesta situação, primeiramente, é necessário apresentar, sucintamente, os conceitos de transgênero e transfobia.

Pessoas transgênero são aquelas que não se identificam com o gênero ao qual foram designadas pelo seu sexo biológico¹⁶. Dentro desse grupo, existem ramificações, sendo os indivíduos transexuais uma delas. Nesse caso, são pessoas que possuem especificamente o gênero oposto ao determinado pelo sexo biológico: pessoas nascidas com o sexo masculino, mas que se identificam, experimentam e vivenciam o gênero feminino, são mulheres trans. Já os homens trans são justamente o contrário, sendo pessoas nascidas com o sexo feminino, mas que se reconhecem no gênero masculino. Dentre as diferentes classes de transgêneros, estão também os não-binários¹⁷ e *crossdressers*¹⁸.

Enquanto o sexo se refere à anatomia humana, a definição de gênero é “[...] relacional e política, independente das bases biológicas” (Alves; Jesus, 2010, p. 9), de modo que a identidade de gênero é a experiência subjetiva de uma pessoa a respeito de si mesma e das suas relações com os outros gêneros. A comunidade transgênero, portanto, não nega a existência do sexo biológico, mas sim a ideia de que o gênero está subjugado a ele.

¹⁶Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/transgeneros/>. Acesso em: 25 de jun. de 2023.

¹⁷ Pessoas que não se identificam nem com o gênero feminino, nem com o gênero masculino. Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/transgeneros/>. Acesso em: 25 de jun. de 2023.

¹⁸ Pessoas que vivem os dois extremos de gênero de forma intercalada. Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/transgeneros/>. Acesso em: 25 de jun. de 2023.

Sendo assim, a transfobia consiste em qualquer tipo de preconceito, aversão, rejeição, ódio, medo ou discriminação em razão da identidade de gênero de uma pessoa¹⁹. Não se trata somente de agressões físicas, mas, também, de violência moral e/ou psicológica; de atos de apagamento; da violação de direitos básicos, como o nome social e o ingresso no mercado de trabalho, por exemplo.

Feitos estes apontamentos, é possível retomar a declaração feita por Rowling em dezembro de 2019. Ao argumentar que Maya estava perdendo seu emprego por simplesmente “afirmar que o sexo biológico é algo real”, parte da audiência de Rowling interpretou sua declaração como transfóbica, já que as alegações de Maya foram muito mais extensas, com a pesquisadora desconsiderando a existência de pessoas que não se identificam com o sexo biológico designado e afirmando que mulheres trans são homens.

Grande parte do público considerou que essa primeira manifestação de Rowling se tratava de um caso isolado, sem maiores desdobramentos. Entretanto, em junho de 2020, Rowling voltou a se pronunciar acerca de temáticas diretamente relacionadas à comunidade transgênero, adotando uma postura conservadora, que tem se consolidado ao longo dos últimos anos, devido à continuidade de suas falas e publicações. Ainda neste capítulo, será apresentada uma breve linha do tempo com as declarações da autora, desde 2019 até o caso mais recente.

Figura 6 - Primeiro tuíte de teor transfóbico publicado pela autora J.K. Rowling



Fonte: [Twitter.com/jk_rowling](https://twitter.com/jk_rowling)

¹⁹ Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/>. Acesso em: 25 de jun. de 2023.

3.3 HARRY POTTER NO BRASIL: A MAGIA QUE ATRAVESSA O ATLÂNTICO

3.3.1 O fenômeno bruxo em território nacional e o surgimento das comunidades virtuais de fãs

Como brevemente mencionado no tópico anterior, “Harry Potter e a Pedra Filosofal” chegou ao Brasil em janeiro de 2000, mais precisamente no primeiro dia do novo século. A editora Rocco adquiriu os direitos de publicação com o objetivo de expandir seu catálogo infanto-juvenil, ciente do público internacional que os livros estavam conquistando, mas sem ter dimensão completa do impacto que a saga teria nos jovens leitores, representantes de uma faixa-etária que, nas últimas décadas, não havia demonstrado interesse significativo pela leitura. O fundador da editora, Paulo Rocco, afirmou em entrevista²⁰ que o universo ficcional criado por Rowling quebrou o paradigma de que jovens não se interessam por livros, de modo que existe “o antes e o depois de Harry Potter”.

Quando o primeiro romance da série chegou ao Brasil, os volumes seguintes, “A Câmara Secreta” e “O Prisioneiro de Azkaban”, respectivamente, já eram comercializados na Inglaterra e nos Estados Unidos. Após o sucesso praticamente imediato no mercado nacional, a Rocco lançou, ainda no mesmo ano, os demais livros já publicados e “[...] passou a acompanhar o ritmo internacional de lançamentos de um best-seller” (Gruszynski; Sanseverino, 2020, p. 85).

Depois de 25 anos da publicação original da saga e de 23 de sua chegada em território nacional, o Brasil se configura como sétimo maior mercado da obra, tendo vendido cinco milhões de livros. Edições comemorativas e/ou especiais também são frequentemente lançadas, sendo populares entre os fãs colecionadores e variados perfis de leitores. Quanto aos filmes, o público brasileiro também se mostrou assíduo, quebrando recordes a cada lançamento de um novo longa. Um exemplo disso é “A Ordem da Fênix”, quinto volume da adaptação, que foi lançado em 2007 e, somente nas primeiras 24 horas, levou mais de 400 mil pessoas para os cinemas de todo o Brasil, arrecadando R\$2,86 milhões neste período. As vendas da pré-estreia também quebraram recordes, com 170 mil ingressos sendo vendidos.

Em novembro de 2021, quando a primeira adaptação cinematográfica da franquia completou 20 anos de seu lançamento, sessões especiais com a reexibição do longa ocorreram em todo o país, reunindo 325 mil espectadores em mais de 900 salas de cinema e arrecadando

²⁰ Entrevista com Paulo Rocco sobre o impacto de Harry Potter no Brasil. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Livros/noticia/2020/04/harry-potter-completa-20-anos-no-brasil-e-ganha-edicao-comemorativa.html>. Acesso em: 30 de jun. de 2023.

milhões de reais apenas no primeiro dia do relançamento, com a própria Warner Bros Brasil divulgando os números publicamente. O sucesso em âmbito nacional não se limita somente à franquia original: o longa “Animais Fantásticos – o Segredo de Dumbledore”, terceiro filme das *prequels*, não obteve números positivos internacionalmente, mas no Brasil teve o maior quantitativo de ingressos comercializados em uma pré-venda, superando todos os filmes anteriores, inclusive da saga principal.

O fato de que os *potterheads* brasileiros se mantêm fiéis à série “Animais Fantásticos”, diferente de grande parte do público internacional, não pode ser considerado uma surpresa. Afinal, como expõe Amado (2020), os fãs brasileiros dedicados a objetos culturais internacionais são conhecidos e reconhecidos em todo o mundo pela sua forma própria, intensa e calorosa de exercer a idolatria, tanto no ambiente *online* quanto fora dele. Para a autora, talvez, a paixão singular dos brasileiros reconhecida em matérias, memes, letras de música e até documentários, só possa ser vista como única por quem a vive – ou seja, fãs e ídolos. Como exemplo disso, a pesquisadora cita a fala da cantora estadunidense Katy Perry, que, durante um show no Rio de Janeiro, fez a seguinte declaração: “Vocês têm fogo. Vocês têm paixão. Vocês têm algo que eu nunca vi, e já estive em todo o mundo e é totalmente diferente aqui” (Amado; *apud* Katy Perry..., 2016, vídeo *online*, tradução da autora). Amado (2020) reúne alguns depoimentos semelhantes ao da artista norte-americana, evidenciando que muitos enxergam particularidades na forma que os fãs brasileiros se manifestam. No entanto, a autora percebe que existe uma dificuldade em explicar, efetivamente, qual é essa especificidade, utilizando termos como “paixão”, “entusiasmo” e “energia”. Em busca de responder essa questão, a autora se debruça sobre alguns fatores e hipóteses, realizando contribuições importantes, indicando que a cultura nacional de fãs é fortemente ditada pela lógica do capital social, de modo que pertencer a um *fandom* transcultural pode ser um diferencial para os brasileiros. No mais, destaca, também, que o Brasil é composto por uma audiência larga, acessível e disposta a se interessar por culturas diversas, o que facilita o surgimento e crescimento de *fandoms* transculturais. Assim, Amado (2020) acredita que uma combinação de fatores é a responsável por conceder o título de “melhores fãs do mundo” aos brasileiros, com uma intensidade característica ao demonstrar paixão pelo ídolo. A autora complementa seu raciocínio afirmando que “[...] a relação da cultura de fãs com o capital social e a valorização da cultura internacional levam o brasileiro a um desejo, quase que urgente, de expor a todos o seu gosto – seja comentando em fotos de redes sociais ou acampando meses a fio em filas de show” (Amado, 2020, p. 196).

Entre as suas considerações, Amado (2020), bem como outros autores, salienta que a internet atua como principal catalisador da lógica globalizante responsável por potencializar a cultura de fãs e os *fandons*, com as mídias digitais sendo o local central de trocas interacionais. No caso desta dissertação, a etnografia digital realizada é justamente em comunidades digitais de fãs da saga Harry Potter, mais especificamente em grupos da plataforma Facebook. Antes de abordar as características das comunidades nesta rede, todavia, é vital introduzir brevemente os conceitos de comunidade e comunidade digital.

As primeiras definições de comunidade, desenvolvidas principalmente pelas áreas de sociologia e antropologia, determinavam a proximidade física como um requisito indispensável para a constituição de uma comunidade. As visões mais clássicas exemplificam isso, como a de Tönnies (1995), que interpreta a comunidade como um grupo social demarcado espacialmente. O sentimento de solidariedade, as ligações emocionais e o compartilhamento de tradições também estão presentes nas concepções mais tradicionais, como as elaboradas por Durkheim (1995) e Weber (1987). Com o advento e a evolução das TICs, porém, as noções sobre o significado de comunidade passam a ser repensadas, com a manutenção de alguns elementos e ressignificação de outros, como a obrigatoriedade da proximidade espacial.

Consequentemente, entra em debate a constituição de comunidades virtuais ou digitais, que Castells (2003) entende como “[...] a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões seletivos, de relações sociais, substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas” (Castells, 2003, p. 98). Logicamente, essa possibilidade não exclui comunidades baseadas em aspectos territoriais - apenas oferece novas perspectivas acerca da temática, que refletem a realidade social do momento. Tendo isso em mente, é possível considerar que comunidades “[...] são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social” (Castells, 2003, p. 16).

Quando a concepção de Castells (2003) é aplicada ao cenário nacional, identifica-se que os usuários brasileiros demonstram interesse em integrar comunidades virtuais desde a popularização da *internet* no país, por volta dos anos 2000. Com a chegada da rede turca Orkut, em 2004, ocorreu o primeiro uso massivo de uma rede social digital no país. O Orkut era uma rede de relacionamentos, com cada usuário tendo sua própria página, que só poderia ser vista por outros depois que a solicitação de amizade fosse aceita. Outro detalhe importante é que, para poder criar uma página, primeiramente, o novo usuário deveria ser convidado por alguém que já fosse um membro, regra que permaneceu durante os primeiros anos de existência da rede. Entre suas funcionalidades, o internauta poderia participar de comunidades virtuais

diversas, de acordo com seus interesses pessoais, participando dos fóruns de discussão. Couto e Fonseca (2004) relatam que sete meses após a criação do Orkut, sua maior comunidade, considerando todos os países onde a rede estava presente, era a intitulada “brazucas”, com 47 mil membros na época.

Com a chegada de novas redes, mais modernas, o Orkut caiu em desuso pouco a pouco, até ser completamente desativado em 2014. Para aqueles que desfrutavam das comunidades virtuais, a plataforma Facebook se destacou como uma opção viável, por ser acessível e ofertar a criação de grupos privados como uma de suas funções, muitas vezes, sendo escolhida para a criação desse espaço interativo *online*. Para Batista (2022), existe também uma dimensão comunitária intrínseca aos grupos de Facebook, que enseja mais participação e solidariedade, além da ação comunicativa. A autora explica que os grupos têm como objetivo “[...] facilitar a conexão de pessoas que desejam compartilhar informação, imagens e/ou documentos sobre temas específicos, em um ambiente separado do *feed* ou da página inicial do(a) usuário(a)” (Batista, 2022, p. 93). Nesse sentido, é plausível a inserção dos fãs nesse cenário, enquanto pessoas de origens distintas, mas com interesses em comum, que socializam em busca de expressar seu amor por certo objeto e, ao fazerem isso, sentem-se pertencentes e compreendidas, organizando-se em comunidades virtuais, com o aporte das redes sociais.

Amado (2020) pontua que os fãs brasileiros tendem a formar grupos e páginas dedicadas aos seus ídolos, organizando o espaço de maneira estrutural, com o estabelecimento de regras, diretrizes, hierarquias e modelos, construindo, assim, um consumo participativo e interativo que se sobressai aos outros, mesmo quando se trata de uma figura ou produção internacional. Outra característica das comunidades de fãs virtuais brasileiras, apontada pela autora, é a demonstração do sentimento de liberdade neste ambiente, “[...] podendo expor detalhes pessoais que acreditam não serem aceitos por outros segmentos da sua vida, principalmente relacionados à sexualidade. Cria-se um ambiente propício para debates ideológicos que muitas vezes ultrapassam a obra idolatrada” (Amado, 2020, p. 193).

Em vista do exposto, é possível compreender de maneira mais abrangente as transformações do conceito de comunidade, as noções de comunidade virtual e como os fãs brasileiros se relacionam com e por meio desses espaços. Considerando, então, as particularidades e características explanadas, o tópico seguinte aborda os principais conflitos que o *fandom* de Harry Potter enfrentou ao longo de sua existência, sendo os mais recentes relacionados à transfobia de J.K. Rowling.

3.3.2 Conflitos do *fandom potterhead*: das *Potter Wars* à suposta transfobia de J. K. Rowling

O *fandom* de Harry Potter é um dos mais expressivos em todo o mundo, em decorrência dos fatores já apresentados. Existente há praticamente 25 anos, os *potterheads* já se envolveram em debates e conflitos por múltiplas razões. O primeiro se deu nos anos iniciais do *fandom*, ficando conhecido como *Potter Wars*. A origem do confronto ocorreu quando a Warner Bros adquiriu os direitos autorais da série, em 2001, e ameaçou processar diversas *fanpages* e seus proprietários – em maioria, crianças e adolescentes – caso não parassem de utilizar termos registrados da marca, como ‘Hogwarts’ ou ‘Dumbledore’. A reação dos fãs ameaçados foi se unir, em escala global, se recusando a transferir os domínios ou produções para a empresa, e organizando um boicote diretamente à Warner Bros, sem comprar qualquer produto da saga que fosse vendido por ela, consumindo apenas os livros. Após meses de discussões legais e devido à significativa perda econômica e revolta por parte dos fãs e da mídia, a empresa optou por permitir o uso de *copyright* pelos *potterheads*, desenvolvendo uma política cooperativa e respeitando a participação dos fãs na narrativa. O acontecimento foi considerado uma grande vitória por parte dos fãs e artistas iniciantes, pois acreditavam que a lógica de produção criativa estava sendo transformada e que teriam mais autonomia e reconhecimento enquanto *fandom*. Independente disso ter se concretizado ou não, pode-se afirmar que a *Potter Wars* foi um marco para a cultura de fãs e para a própria indústria do entretenimento, que precisou repensar sua dinâmica de relacionamento com fãs de diferentes franquias e séries.

Figura 7 - Exemplo de correio eletrônico enviado pela Warner Bros para fãs da saga Harry Potter que possuíam sites e páginas com termos adquiridos pela empresa.

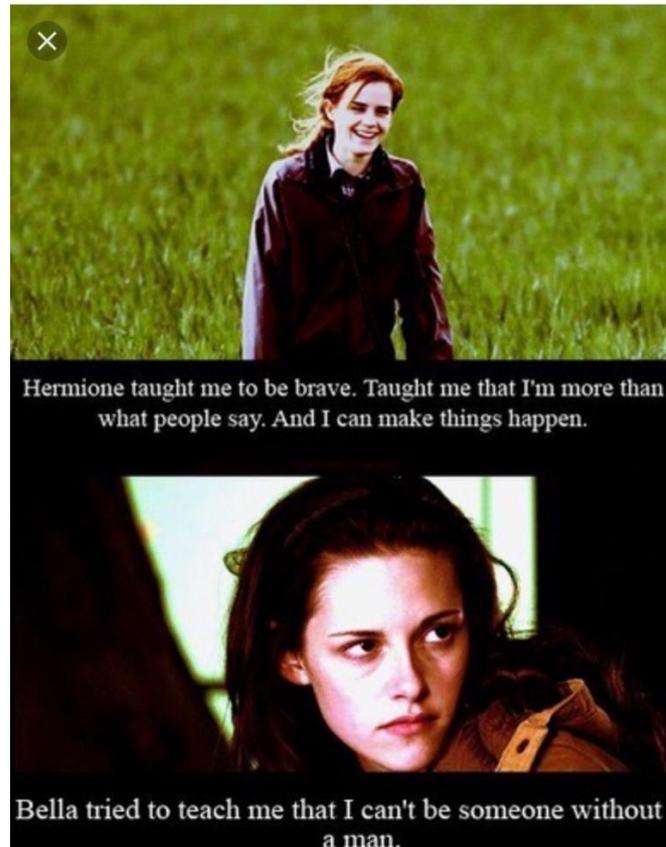
1 December 2000
 Claire Field
 [address withheld]
 West Yorkshire
 Dear Ms Field
 Re: "harrypotterguide.co.uk"
 We write in connection with the above domain names registered by you.
 J K Rowling and Warner Bros. are the owners of the intellectual property rights in the "Harry Potter" books.
 Ms. Rowling and Warner Bros. are concerned that your domain name registration is likely to cause consumer confusion or dilution of the intellectual property rights described herein. Your registration of the above domain name, in our opinion, is likely to infringe the rights described above and we would ask therefore that you please, within 14 days of today's date provide written confirmation that you will as soon as practicable (and in any event within 28 days of today's date) transfer to Warner Bros. the above domain name. We are prepared to reimburse the registration fee incurred in your registering the above mentioned domain name.
 If we do not hear from you by 15 December 2000 we shall put this matter into the hands of our solicitors.
 Yours sincerely
 Neil Blair
 Director, Legal & Business Affairs

Fonte: Fanlore.org

Uma outra leva de discussões teve início em 2005, dessa vez entre *fandons* distintos. Com a publicação do primeiro volume da série de romances *Twilight* (Crepúsculo), um novo fenômeno literário infanto-juvenil começava a se delinear. A história gira em torno de uma adolescente, Bella Swan, que se apaixona por um vampiro, Edward Cullen. Apesar de não haver semelhanças entre os enredos, com exceção que ambos são do gênero fantasia, a popularidade de Crepúsculo foi o suficiente para desencadear conflitos entre *twilighters* e *potterheads*, que disputavam o título de melhor saga *teen*.

Com o lançamento da adaptação cinematográfica de Crepúsculo, em 2008, a rivalidade entre os *fandons* tornou-se ainda mais forte, muitas vezes utilizando a comparação de personagens como argumento. Harry, por exemplo, era apontado como um protagonista despreparado e sem personalidade, quando comparado a Edward. Os *potterheads*, em contrapartida, afirmavam que Bella era uma protagonista indefesa e que sempre precisava de uma figura masculina para salvá-la, enquanto Hermione era um exemplo de coragem, inteligência e independência, sendo a responsável por resgatar seus amigos de diversas armadilhas.

Figura 8 - Imagem comparativa entre as personagens Bella Swan e Hermione Granger.



Fonte: Google

Com a finalização das sagas – Harry Potter em 2011 e Crepúsculo em 2012 – o antagonismo entre os *fandons* diminuiu, com os debates não sendo mais tão frequentes, mesmo que até hoje alguns fãs afirmem a superioridade de uma das sagas em detrimento da outra. Nos anos seguintes, ocorreram algumas polêmicas envolvendo o elenco de Harry Potter, como a escolha do ator Johnny Depp para interpretar o grande vilão da série “Animais Fantásticos”, mesmo após as acusações de violência doméstica contra ele. Em decorrência disso, alguns fãs que discordavam da escalção de Depp lembraram que essa não era a primeira vez que um ator acusado de agressão seria parte do universo Potter: o britânico Gary Oldman, famoso por interpretar o amado padrinho de Harry, Sirius Black, também já havia sido acusado de violência doméstica por sua esposa. Como J.K. Rowling participava diretamente de ambas as produções, alguns fãs passaram a questioná-la por aceitar essas escalções, já que a própria havia sido vítima de violência durante seu primeiro casamento.

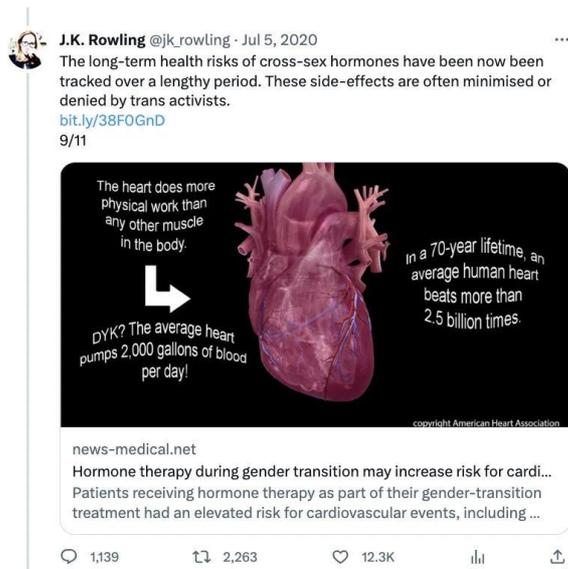
Todavia, um dos maiores conflitos do *fandom potterhead* teve início em 2019, com a primeira declaração supostamente transfóbica de Rowling, já apresentada anteriormente neste trabalho. Após defender Maya Forstater, Rowling também questionou o uso de hormônios por pessoas que desejam fazer a transição de gênero; criticou o uso do termo ‘pessoas que

menstruam’, pois, em sua visão, este é um processo biológico exclusivo de mulheres, sem a adesão de homens trans e pessoas intersexo; criticou projetos de leis que expandem os direitos da comunidade transgênero e financiou grupos de feministas radicais, que excluem mulheres trans da luta feminista, entre outros acontecimentos.

Com isso, os embates não envolvem mais elementos externos a Harry Potter, como grandes corporações do entretenimento, outros *fandons* ou atitudes de terceiros. A colisão ocorre, justamente, entre a criadora da ‘magia’ e seus maiores apoiadores, concedendo camadas densas ao desenvolvimento deste conflito. Ainda que o cancelamento de J.K. Rowling tenha se dado, também, de maneira externa aos fãs da saga, a presente dissertação investiga como ocorre esse processo em um ambiente diretamente suscetível às falas da autora e as consequências disso: o *fandom* de Harry Potter e os *potterheads*. Nesse sentido, as imagens a seguir são uma linha do tempo das declarações de Rowling, desde junho de 2020 até maio de 2023, apresentadas para contextualizar a análise de material desenvolvida no quarto e no último capítulo desta pesquisa.

Figuras 9 e 10 - Sequência de tuítes de J.K. Rowling, em 5 de junho de 2020, sobre os perigos do uso de hormônios para a transição de gênero.





Fonte: [Twitter.com/jk_rowling](https://twitter.com/jk_rowling)

Figura 11 - Tuíte de J.K. Rowling, em 6 de junho de 2020, sobre ‘pessoas que menstruam’



Fonte: [Twitter.com/jk_rowling](https://twitter.com/jk_rowling)

Figuras 12 e 13 - Sequência de tuites de J.K. Rowling, em 6 de junho de 2020, sobre os direitos de pessoas transgênero

J.K. Rowling @jk_rowling · 6 de jun de 2020

If sex isn't real, there's no same-sex attraction. If sex isn't real, the lived reality of women globally is erased. I know and love trans people, but erasing the concept of sex removes the ability of many to meaningfully discuss their lives. It isn't hate to speak the truth.

38 mil 94 mil 210,2 mil

J.K. Rowling @jk_rowling

The idea that women like me, who've been empathetic to trans people for decades, feeling kinship because they're vulnerable in the same way as women - ie, to male violence - 'hate' trans people because they think sex is real and has lived consequences - is a nonsense.

Traduzir Tweet

8:09 PM · 6 de jun de 2020

6.795 Retweets 2.586 Comentários 70 mil Curtidas 491 Itens Salvos

J.K. Rowling @jk_rowling

I respect every trans person's right to live any way that feels authentic and comfortable to them. I'd march with you if you were discriminated against on the basis of being trans. At the same time, my life has been shaped by being female. I do not believe it's hateful to say so.

Traduzir Tweet

8:16 PM · 6 de jun de 2020

9.084 Retweets 9.339 Comentários 90,8 mil Curtidas 769 Itens Salvos

Fonte: [Twitter.com/jk_rowling](https://twitter.com/jk_rowling)

Figura 14 - Tuíte de J.K. Rowling, em 10 de junho de 2020, com link de direcionamento para o seu website, no qual publicou uma carta de esclarecimento sobre suas declarações anteriores. O termo TERF significa *trans-exclusionary radical feminist* – feministas radicais que excluem pessoas trans.

J.K. Rowling @jk_rowling

TERF wars

jkrowling.com
Answers to Questions - J.K. Rowling
1. What are you writing right now? I've just finished the fourth Galbraith novel, Lethal White, and I'm now writing...

1:06 PM · Jun 10, 2020

11.7K Retweets 18.5K Quotes 54.3K Likes 2,738 Bookmarks

Fonte: Twitter.com/jk_rowling

Figura 15 - Tuíte de J.K. Rowling, em 5 de março de 2022, se posicionando contrariamente a um projeto de lei na Escócia que facilita a transição de gênero



Fonte: Twitter.com/jk_rowling

Figura 16 - Tuíte de J.K. Rowling, em 29 de janeiro de 2023, comparando a opressão que sufragistas sofriam no século anterior com as críticas feitas a grupo feminista da atualidade, as TERFs.



Fonte: Twitter.com/jk_rowling

Figura 17 - Declaração de J.K. Rowling para o *podcast* *The Witch Trials of J.K. Rowling*, na qual a autora compara os Comensais da Morte (o grupo de vilões da saga Harry Potter) com o movimento que luta pelos direitos transgênero.

≡ **GLAMOUR** Style Beauty Entertainment Shopping Wellness Culture Video Women of the Year

Rowling compares the trans rights movement to Death Eaters....

Yeah, you read that right. In episode five of the podcast *The Witch Trials of J.K. Rowling*, the author describes the trans rights movement as “dangerous.” Here’s an excerpt of her statement from March 2023, [per Vox](#):

[Some of you have not understood the books. The Death Eaters claimed, “We have been made to live in secret, and now is our time, and any who stand in our way must be destroyed. If you disagree with us, you must die.” They demonized and dehumanized those who were not like them. I am fighting what I see as a powerful, insidious, misogynistic movement, that has gained huge purchase in very influential areas of society. I do not see this particular movement as either benign or powerless, so I’m afraid I stand with the women who are fighting to be heard against threats of loss of livelihood and threats to their safety.]

Fonte: Glamour.com

CAPÍTULO 4: COMUNIDADE DIGITAL DE FÃS ‘HARRY POTTER BRASIL’: ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES PELO VIÉS ANTROPOSSEMIÓTICO

Como explanado anteriormente, o objetivo desta dissertação é compreender de que maneira o processo de cancelamento de J.K. Rowling afetou sua reputação, ou seja, seus capitais social e simbólico (Bourdieu, 1997), entre os *potterheads* brasileiros que participam de comunidades de fãs *online*. Para isso, em conjunto com o levantamento bibliográfico realizado nos primeiros capítulos, optou-se pelo uso da abordagem antropossemiótica, composta por um viés interpretativista, que une a antropologia, tendo o estudo etnográfico como via privilegiada de coleta de informações, à semiótica, como método capaz de desvelar os sentidos engendrados pelos signos (Perez, 2020). Destaca-se que, no caso desta pesquisa, a etnografia proposta é digital, mais especificamente em um grupo de Facebook, intitulado Harry Potter Brasil. Este capítulo, portanto, fundamenta sucintamente as metodologias e métodos selecionados para o trabalho e apresenta o *corpus* selecionado, assim como sua análise e os resultados obtidos a partir disso.

4.1 SEMIÓTICA PEIRCEANA: TEORIA E CONCEITOS CENTRAIS

Santaella (2012) explica que Semiótica é a ciência de toda e qualquer linguagem, sendo essa uma gama intrincada de formas de comunicação e de significação, que inclui todos os sistemas de produção de sentido, e não apenas a expressão verbal articulada. Estuda, portanto, toda e qualquer atividade ou prática social que se constituem como práticas significantes, tendo como objeto de investigação os signos, seus efeitos e aplicações.

No que diz respeito ao seu nascimento e desenvolvimento teórico, a Semiótica possui três origens distintas, “[...] lançadas quase simultaneamente no tempo, mas distintas no espaço e na paternidade” (Santaella, 2012, p. 22), sendo uma nos Estados Unidos, outra na Europa Ocidental e a terceira na antiga União Soviética. A vertente norte-americana é proveniente dos trabalhos de Charles Sanders Peirce (1839-1914), cientista, lógico e filósofo estadunidense. Perez (2023) expõe que a história de vida de Peirce justifica sua obsessão científica. Nascido em Massachusetts, EUA, era filho de um professor de matemática, estatística e astronomia em Harvard, tendo crescido em um círculo intelectual. Apesar de ter se casado duas vezes, o cientista tinha uma reputação controversa, sendo considerado uma pessoa difícil de lidar, principalmente no meio acadêmico. Com isso, dedicou praticamente “[...] toda sua vida às Ciências e à compreensão dos modos pelos quais se dá o pensamento” (Perez, 2023, p. 133).

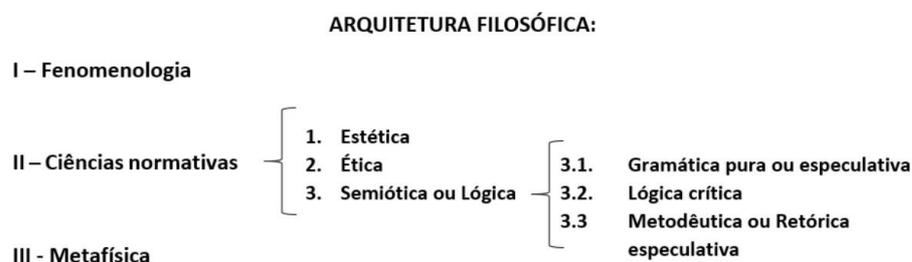
Peirce se aprofundou em matrizes distintas de conhecimento sendo, também químico, matemático, físico e astrônomo, além de contribuir para os estudos da Biologia e da Geologia. Eventualmente, o pesquisador desenvolveu o seu sistema filosófico, do qual a semiótica é uma parte, adquirindo sentido somente em função desse conjunto. Logo, para compreender a semiótica peirceana, é vital conhecer a estrutura filosófica elaborada por Peirce:

Para John Deely (1990, 1997), Peirce traz uma possibilidade de resposta filosófica às deficiências do paradigma moderno, uma resposta que, ao mesmo tempo, corrige essas deficiências e recupera para a filosofia sua história, e essa resposta está no sistema filosófico de Peirce e sua preocupação com a natureza da semiose, passando pelas reflexões sobre as categorias do pensamento. (Perez, 2023, p. 118).

Posto isto, essa arquitetura é embasada na fenomenologia, uma quase-ciência “[...] que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente, qualquer coisa de qualquer tipo.” (Santaella, 2018, p.4), desde a mais simples, como um som ou cheiro, até o mais complexo ou abstrato, como um sonho. A fenomenologia peirceana não é postulada por suposições ou categorizações prévias, como verdadeiro ou falso, real ou irreal, visto que descreve e analisa “[...] experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano” (Santaella, 2012, p. 49). Esse caráter de liberdade que permeia a fenomenologia faz com que ela se torne responsável por conceber as categorias universais de todo e qualquer fenômeno. Peirce (1974) afirma que a função basilar dessa quase-ciência é

[...] desenredar a emaranhada meada daquilo que, em qualquer sentido, aparece, ou seja, fazer a análise de todas as experiências é a primeira tarefa a que a filosofia tem de se submeter. Ela é a mais difícil de suas tarefas, exigindo poderes de pensamento muito peculiares, a habilidade de agarrar nuvens, vastas e intangíveis, organizá-las em disposição ordenada, recolocá-las em processo (Peirce, 1974, p. 57).

Figura 18 - Diagrama da arquitetura filosófica peirceana.



Fonte: Santaella (2005, p. 41)

Partindo deste entendimento, Peirce concluiu em seus estudos que existem três categorias formais e universais em todos os fenômenos que se apresentam à mente, interligados

por uma ordem de gradação. Em um primeiro momento, as denominou como Qualidade, Relação e Representação. Mas, posteriormente os renomeou, se fixando em uma terminologia inteiramente nova, conhecida como Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Como já sugere em seu próprio nome, a primeiridade se refere a um primeiro, ao que é imediato, iniciante, original, espontâneo, pois trata-se “[...] de uma consciência imediata tal qual é. Nenhuma outra coisa senão pura qualidade de ser e de sentir. A qualidade da impressão imediata é uma impressão (sentimento) *in totum*, indivisível, não analisável, inocente e frágil” (Santaella, 2012, p. 66).

O que pertence ao nível de primeiridade, destarte, é aquilo que não precisa de elaboração para ser sentido, que se assimila instintivamente, sendo mais instantâneo do que o próprio ato de pensar. O sentimento como qualidade é, portanto, aquilo que dá sabor, tom, matiz à consciência imediata, mas é também paradoxalmente aquilo que se oculta ao pensamento, pois para pensar é preciso se deslocar no tempo, e esse deslocamento escapa da primeiridade (Santaella, 2012). No momento em que o fenômeno se desloca do campo de possibilidade para o nível do concreto, ele adentra a secundidade. Essa categoria universal se manifesta no existir cotidiano e, para existir, a qualidade tem que estar materializada. Assim, Santaella (2012) afirma que a factualidade do existir – secundidade – está nessa corporificação material. É ação e reação, aqui e agora, conflito, surpresa, dúvida.

Por fim, Peirce discorre sobre a terceiridade, nível que articula um primeiro e um segundo de modo inteligível, ocasionando o pensamento em signo, permitindo que algo seja representado e interpretado. É nesse momento, então, que se toma ciência do fenômeno. Entre as ideias que constam na terceiridade, Santaella (2012) cita generalidade, infinitude, continuidade, difusão, crescimento e inteligência. Para tornar os conceitos apresentados mais tangíveis, o exemplo a seguir demonstra como as categorias universais se manifestam em um fenômeno cotidiano: a cor da garrafa de cerveja Heineken. O verde como pura qualidade de sentimento em nível de primeiridade, com seus sentidos imediatos e fugazes de calma, frescor e equilíbrio; na secundidade, se encarna em uma garrafa, em sua concretude de existência no aqui e no agora; e, finalmente, é sintetizado na terceiridade, na tomada de consciência que aquela tonalidade de verde, junto ao formato da garrafa significam a marca de cerveja Heineken e todos os significados a ela associados. Assim sendo, fica evidente a interdependência das categorias, com a liberdade da primeiridade, que é implicada na secundidade, sendo ambas pressupostas pela terceiridade (Santaella, 2012).

Santaella (2018) expõe que, durante sua aprendizagem, Peirce percebeu que nenhum pensamento se desenvolve unicamente por meio de símbolos, nem mesmo a matemática.

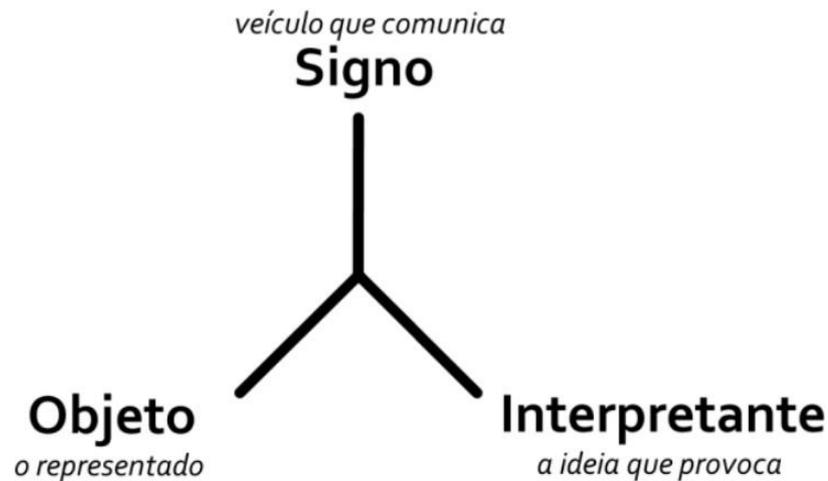
Justamente por isso, passou a chamar a lógica também de semiótica, visto que, para apreender as leis do pensamento e da sua evolução, primeiramente, é indispensável adentrar as condições gerais dos signos. Assim sendo, a semiótica é dividida em três ramos: gramática especulativa, lógica crítica e metodêutica ou retórica especulativa.

Mesmo que a semiótica peirceana não se reduza a essa primeira ramificação e deva ser apreciada em sua totalidade, este trabalho se aprofundará unicamente no ramo da gramática especulativa, que “[...] pode ser considerado na sua autonomia e pode valer por si mesmo, se nosso objetivo é analisar processos de signos existentes” (Santaella, 2018, p. 5). A autora explica, ainda, que esse segmento está na base das outras duas divisões, atuando como uma teoria geral de todos os signos possíveis, suas características, manifestações, particularidades e capacidades de informação e interpretação. Enquanto ciência geral dos signos, portanto, deve abranger, em grau abstrato, “[...] os elementos que possibilitam descrever, analisar e avaliar todo e qualquer processo existente de signos verbais, não verbais e naturais: fala, escrita, gestos, sons, comunicação dos animais, imagens fixas e em movimento, audiovisuais, hipermídia etc.” (Santaella, 2018, p. 4). Com isso, Peirce estabelece que a gramática especulativa se dá em três dimensões: signo, objeto e interpretante.

Em termos gerais, o signo é qualquer coisa, de qualquer espécie – palavra, imagem, livro, som, pessoa, ambiente etc. – que representa uma outra coisa, intitulada como objeto do signo. Essa capacidade de representação do signo, produz em uma mente real ou potencial, um efeito interpretativo, denominado como interpretante. O signo, portanto, não é o objeto – ele está apenas no seu lugar, exercendo o papel de mediador. Já o interpretante não deve ser confundido com o intérprete, visto que o primeiro é referente ao processo relacional que decorre no cérebro humano, enquanto o intérprete se refere ao próprio indivíduo. Peirce *apud* Santaella, (1995) explica que

[...] um signo é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu Objeto, com respeito a uma Qualidade de modo tal a trazer uma Terceira coisa seu Interpretante, para uma relação com o mesmo Objeto, de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto na mesma forma, ad infinitum. (Peirce *apud* Santaella, 1995, p.29).

Figura 19 - Diagrama da definição de signo



Fonte: Souza e Drigo (2013, p. 202)

O exemplo de Santaella (2018) aplica esses conceitos em um fenômeno cotidiano: o grito. Como explica a autora, o ato de gritar representa algo além desta própria ação. Quem o faz, provavelmente, está expressando suas emoções, tanto para celebrar algo quanto para pedir ajuda ou indicar que está sofrendo. Esse sentimento, independente de qual seja, é o objeto, e o grito, enquanto sua representação, atua como signo. Dependendo do tipo de referência do signo – alegria, sofrimento, medo etc. – um efeito interpretativo será originado: no caso de alegria, comemorar junto ou, no caso de medo ou sofrimento, correr para auxiliar aquela pessoa, por exemplo. Esse efeito é justamente o interpretante.

Como aponta Perez (2007), os conceitos de signo e representação, muitas vezes, são utilizados como sinônimos na literatura semiótica, sendo possível e comum a intercambialidade dos termos em diversos momentos, visto que, como expõe a autora, o próprio Peirce caracteriza a semiótica como a “teoria geral das representações”. Mesmo assim, Perez (2007) explica que, em uma tentativa de melhor delimitar a noção destes elementos, o filósofo introduz a ideia de “representamen”, que se reporta àquilo que representa, enquanto o ato ou relação de representar é chamado de representação. Destarte, “[...] representação é um conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento” (Perez, 2007, p. 4).

É importante ressaltar que, tanto quanto o próprio signo, o objeto também pode ser qualquer coisa, de qualquer natureza. O que classifica algo como objeto é que, naquele momento, existe um signo que o representa. Nesse sentido, o que define signo, objeto e interpretante é a posição lógica que cada um desses três elementos ocupa no processo

representativo (Santaella, 2018). Para tornar esse entendimento mais dinâmico, é possível exercitá-lo a partir de uma das obras mais famosas do pintor surrealista belga René Magritte, intitulada *La Trahison des Images* (A Traição das Imagens), popularmente conhecida como “isso não é um cachimbo”.

Figura 20 - Obra *La Trahison des Images*, de René Magritte.



Fonte: Google Imagens

Na tela pintada por Magritte, consta o desenho de um cachimbo e, logo abaixo, a frase “*ceci n'est pas une pipe*”, (em português: “isso não é um cachimbo”). Nesse caso, o signo é a obra de Magritte, que representa um cachimbo, e seu objeto é o próprio cachimbo materializado, o cachimbo da ‘realidade’. O interpretante, portanto, será os efeitos que o quadro produzirá naqueles que entrarem em contato com o tal. Entretanto, com a popularidade que a pintura adquiriu ao longo dos anos, vários produtos estampando a imagem e a frase de Magritte foram sendo comercializados, como blusas e camisetas. O quadro, então, assume a posição de objeto e a blusa, que o representa, se torna o signo, dando origem aos efeitos de sentido, ou seja, o interpretante. Assim, tudo depende da posição lógica dos elementos.

Tendo evidenciado a essência triádica do signo, é possível explorar suas diferentes classes, estudadas por Peirce, com destaque para as tricotomias trabalhadas minuciosamente pelo teórico. A primeira é alusiva a relação do signo consigo mesmo e engloba as três propriedades formais que o fundamenta e capacita para atuar como signo: sua mera qualidade, sua existência e seu caráter de lei. Quando uma simples qualidade funciona como signo, recebe o nome de qualissigno. As cores podem ser exemplos dessa classificação. Santaella (2018) cita

o azul-claro, sem considerar sua materialização, seu contexto e existência. Ainda assim, ao entrar em contato com essa frequência de ondas luminosas específica, o tom é capaz de produzir uma cadeia associativa de pensamentos, lembrando o céu, uma roupa de recém-nascido, entre tantas outras possibilidades. Desse modo, “[...] o poder de sugestão que a mera qualidade apresenta lhe dá capacidade para funcionar como signo, pois quando o azul lembra o céu, essa qualidade da cor passa a funcionar como quase signo do céu” (Santaella, 2018, p. 12).

A propriedade seguinte, caracterizada pela concretude e pelo simples fato de existir, é conhecida como sinsigno, onde o prefixo ‘sin’ vem de singular. Uma coisa singular funciona como signo porque indica o universo do qual faz parte (Santaella, 2012). Logicamente, se algo existe, as suas qualidades também estão presentes, mas o que estabelece o signo é a sua singularidade. O azul-claro, citado anteriormente, quando encarnado em um lápis de cor, não se trata mais da qualidade pura, mas sim de sua existência material, ou seja, um sinsigno. Enfim, a terceira propriedade formal se refere ao signo como lei, o legissigno. Santaella (2018) explica que uma lei é uma abstração operativa, convencionando que certas situações ocorram de maneira como a lei demanda. Em vista disso, a qualidade e a concretude seguem presentes, mas o legissigno é norteado pela generalidade, por um pacto coletivo. São esses fatores que legitimam aquele signo como representante do seu objeto e o caso singular que se conforma à generalidade da lei recebe o nome de réplica. Exemplos clássicos disso são as próprias palavras, os símbolos de masculino e feminino em portas de banheiros, as placas de trânsito, assim como todas as demais convenções socioculturais.

Acerca das propriedades apresentadas, é de suma importância explicitar que elas não se configuram de maneira excludente, operando conjuntamente na maioria das vezes, visto que quase todas as coisas estão sob o domínio da lei. Há, porém, situações muito específicas, até mesmo privilegiadas,

[...] em que a propriedade puramente qualitativa fica proeminente, o que é o caso da arte, da música, da poesia, por exemplo. Há também situações em que domina a singularidade cega do puro acontecer, no exílio de qualquer lei. Mas esses são casos de dominância, pois as três propriedades são sempre onipresentes em todos os fenômenos, não apenas humanos, mas também naturais. (Santaella, 2018, p. 14).

Finalizada a primeira tricotomia de Peirce, a segunda é voltada para o elemento a qual os signos se referem: o objeto. No entanto, antes de adentrar as relações estabelecidas entre esses dois componentes, é necessário compreender que o objeto peirceano se divide em dois, sendo esses o imediato e o dinâmico. O objeto dinâmico é o próprio fenômeno que provoca ou designa o signo. É seu contexto de inserção, seu ponto de partida. Quando uma fotografia é

tirada, por exemplo, o objeto dinâmico é aquele acontecimento que foi registrado. Já o modo como o signo representa aquela situação – nesse caso, por meio de uma fotografia – é o objeto imediato, que está sempre contido no próprio signo.

Tendo esse esclarecimento em mente, as relações entre signo e objeto podem ser aprofundadas. Como são três propriedades que fundamentam o signo, também são três tipos de relação que ele pode ter com o seu objeto. Quando se trata de um qualissigno, na sua relação com o objeto, o signo será um ícone. Na hipótese de um sinssigno, será um índice e, em caso de legissigno, será um símbolo. Ícones são qualissignos definidos por sua relação de semelhança com o objeto. Em outras palavras, o ícone só pode sugerir ou evocar algo porque a qualidade que ele exhibe se assemelha a uma outra qualidade (Santaella, 2018). Quando o tom amarelo do pôr do sol lembra, por exemplo, a famosa pintura “Girassóis”, de Van Gogh, isso só ocorre porque existe uma similaridade na qualidade do amarelo usado no quadro com o amarelo do sol se pondo.

Já o índice, se encontra no nível da secundidade e, como indica o próprio nome, é um signo que indica outra coisa com a qual ele está, essencialmente, conectado. A relação indicial, logo, é sempre dualista, pois trata da ligação entre dois elementos. Rastros, pegadas, resíduos etc., são índices de alguma coisa que passou pelo local e deixou marcas (Santaella, 2012). Finalizando a segunda tríade, tem-se o símbolo que, para Peirce, é “[...] um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto” (Peirce, 2017, p. 53). Entende-se, então, que o símbolo representa seu objeto por ser portador de uma lei, convenção, pacto ou regra. Sua característica central não é a singularidade, mas sim sua capacidade de generalização. Retomando Peirce (2017),

[...] um símbolo não pode indicar uma coisa particular; ele denota uma espécie (um tipo de coisa). E não apenas isso. Ele mesmo é uma espécie e não uma coisa única. Você pode escrever a palavra estrela, mas isso não faz de você o criador da palavra – e mesmo que você a apague, ela não foi destruída. As palavras vivem nas mentes daqueles que as usam. Mesmo que eles estejam todos dormindo, elas vivem nas suas memórias. As palavras são tipos gerais e não individuais. (Peirce, 2017, p. 73).

É por meio desta generalidade que o símbolo cresce, produzindo interpretantes continuamente. Com isso, ele tem intrínseco um potencial de transformação e mudança, além de atualizar ocorrências singulares, conhecidas como réplicas. Falar em símbolo, dessa forma, é falar em movimento, em infinitude, em vida (Santaella, 2012).

A terceira e última tricotomia debatida neste trabalho tem como questão principal o

modo como os signos são interpretados, voltando-se para a relação entre signo e interpretante. Tal qual o objeto pode ser dividido em dois, Peirce formulou três tipos básicos de interpretante, considerando que há pelo menos três passos para que o processo de interpretação seja efetivado. Assim, o primeiro nível é o interpretante imediato, que diz respeito à capacidade de interpretação que o signo carrega internamente, ainda em grau abstrato e sem interferência do possível intérprete. Um filme, por exemplo, engloba inúmeras interpretações possíveis, antes mesmo que alguém o assista. Quando o longa-metragem é consumido por um espectador, todavia, um efeito, de fato, é produzido neste intérprete, dando origem ao interpretante dinâmico. Este contém três subdivisões, que correspondem ao interpretante emocional, energético e lógico. O primeiro se trata, exclusivamente, da qualidade de sentimento que o signo pode provocar, ao passo que o interpretante energético demanda um esforço físico ou mental –um gasto de energia – para que o signo seja apreendido. Finalmente, a terceira subdivisão do interpretante dinâmico é o tipo lógico, no qual o indivíduo interpreta o signo por meio de uma regra que já conhecia ou dominava.

Retornando à tríade inicial do interpretante, o terceiro elemento a completá-la é o interpretante final. Como desvenda Santaella (2018), essa categoria de interpretante corresponde ao resultado interpretativo a que todo intérprete estaria destinado a alcançar, se os interpretantes dinâmicos do signo fossem esgotados em escala total. Mas, como isso não é possível, “[...] o interpretante final é um limite pensável, mas nunca inteiramente atingível” (Santaella, 2018, p. 26). Não obstante, a relação do signo com o interpretante final também pode ser classificada em três modalidades, que recebem os nomes de rema, dicente e argumento. Um signo atua como rema para o seu interpretante quando se trata de um signo de possibilidade qualitativa, sendo um ícone. Por isso, o rema nunca vai além de uma hipótese interpretativa. Já o interpretante final dicente é um signo de existência real, oriundo de sinssignos indiciais. Enfim, tem-se o argumento, que é um signo de lei para o seu interpretante, baseando-se nas sequências lógicas de que o legissigno simbólico depende (Santaella, 2018). Sendo assim, o quadro abaixo representa um breve resumo das principais tricotomias de Peirce.

Quadro 2 - resumo das principais tricotomias de Peirce

signo 1º em si mesmo	signo 2º com seu objeto	signo 3º com seu interpretante
1º quali-signo	ícone	rema
2º sin-signo	índice	dicente
3º legi-signo	símbolo	argumento

Fonte: Santaella, 2012, 97.

Os conceitos aqui apresentados, referentes à fenomenologia, à gramática especulativa e às demais concepções elaboradas por Peirce, buscam situar, metodologicamente, a análise do *corpus* de pesquisa, como parte fundamental da abordagem antropossemiótica. A seguir, são trabalhadas algumas considerações acerca da etnografia digital que também se configura como essencial para a realização desta dissertação.

4.2 PERSPECTIVAS ACERCA DA METODOLOGIA ETNOGRÁFICA DIGITAL

Em linhas gerais, a Antropologia corresponde à ciência que investiga o ser humano em aspectos biológicos, sociais e culturais. Para isso, muitas vezes, encontra suporte na metodologia etnográfica, tornando esses elementos indissociáveis (Miller, 2007). Com isso, Perez (2020) afirma que, na perspectiva antropossemiótica, tal associação não poderia ser diferente. Esse entendimento pode ser estendido para a netnografia e/ou etnografia digital, aplicada na seleção, na coleta e na análise do *corpus* desta pesquisa.

Kozinets (2014) define a etnografia como uma abordagem antropológica presente na investigação científica da cultura, baseada em técnicas de observação participante. Em vista disso, seu objetivo é compreender detalhadamente um certo fenômeno cultural, a experiência de vida dos membros desta cultura e seu sistema de significado, entre outras práticas sociais que sustentam essa comunidade. Sendo assim, o autor conceitua a netnografia como uma etnografia que se dá em ambiências digitais, sendo um trabalho de campo *online*, adaptando os procedimentos necessários para contemplar as contingências de comunidades e culturas destes meios, que se manifestam com aporte da internet.

A netnografia [...] estuda as práticas culturais complexas em ação, atraindo nossa atenção para uma multiplicidade de ideias fundamentadas e abstratas, significados, práticas sociais, relacionamentos e sistemas simbólicos. Todas essas disciplinas oferecem perspectivas

complementares e necessárias. Cada uma delas é útil em nossa busca de maior compreensão dessa nova paisagem, sempre em transformação, das comunidades e culturas online. (Kozinets, 2014, p. 31).

Logicamente, para que a abordagem netnográfica possa ser aplicada, é substancial que alguns critérios sejam estabelecidos. Por essência, a netnografia deve se debruçar sob fenômenos caracterizados por agregações sociais, que emergem digitalmente, onde seus participantes estão engajados em debates e discussões a respeito de determinada temática em comum (Kozinets, 2014). Ademais, princípios como acessibilidade, formação de laços pessoais e temporalidade devem ser ponderados, já que a investigação netnográfica se baseia em relacionamentos contínuos em andamento. O contexto também é fundamental, visto que a netnografia “[...] está imbuída e mescla conhecimentos locais do particular e específico” (Kozinets, 2014, p. 61). Complementando este raciocínio, o teórico defende que a comunicação com membros de uma determinada cultura está na base da netnografia, e que essa comunicação pode se dar de diferentes maneiras. O fato é que, independente da forma que isso aconteça, implica em envolvimento, colaboração, conexão etc., com pessoas reais e não *websites* ou plataformas digitais.

Do mesmo modo que a observação participante é o principal método adotado pela etnografia tradicional, na modalidade digital isso também acontece, mas com as adequações para este ambiente. O processo de inserção do pesquisador em uma comunidade virtual, por exemplo, pode se dar de maneira mais sutil e branda do que a de um etnógrafo que precisa se integrar pessoalmente a um grupo, sobretudo em casos de agrupamentos naturalmente mais restritos, como em algumas tribos indígenas. No entanto, os limites que marcam o interior e o exterior de culturas ou comunidades *online* são menos nítidos do que em uma etnografia face a face, resultando na reflexão de alguns fatores éticos, como consentimento e privacidade.

Considerando as particularidades de cada perspectiva, Kozinets (2014) faz alusão aos seis passos da etnografia tradicional para estabelecer as cinco etapas da pesquisa netnográfica. Primeiramente, a questão de pesquisa deve ser definida e, em seguida, ocorre a identificação e a seleção da comunidade (segunda etapa). No terceiro momento, é posta em prática a observação participante, com a imersão naquele cenário e a coleta de dados, sempre com uma conduta ética. Na penúltima parte, é feita a análise e interpretação do material coletado, culminando no estágio final, com a redação e a apresentação dos resultados de pesquisa e/ou implicações teóricas e/ou práticas. Durante a terceira etapa é que, geralmente, desenrola-se a prática de *lurking*, que significa literalmente ficar a espreita (Braga, 2008), podendo progredir para interações mais dinâmicas quando a pesquisa demandar. Kozinets (2014) reforça que a opção de observar invisivelmente uma comunidade não é possível para os etnógrafos

tradicionais, assim como rastrear conversas anteriores com precisão. Já as duas últimas fases do procedimento netnográfico retratam como a descrição reside no âmago da etnografia, seja ela presencial ou *online* (Hobbs, 2006).

Em um alerta relevante, Kozinets (2014) afirma que não existe um método de pesquisa superior a outro, mas sim um que se adequa melhor ao estudo de determinado fenômeno ou que responda de maneira mais completa às questões da pesquisa. Por fim, como afirma o autor, a netnografia/etnografia digital condiz com o contexto contemporâneo, no qual culturas e comunidades *online* desempenham um papel expressivo na interatividade humana. Mais do que coletar perspectivas ou dados pessoais, a netnografia pode revelar

[...] uma ampla variedade de processos sociais, tais como de que forma as comunicações e conexões informacionais e sociais são feitas. Ela pode revelar organizações e estilos culturais hierárquicos ou “planos”, e discutir como eles são perpetuados e como eles se modificam. Pode analisar, também, como sistemas de significado se alteram, são compartilhados entre diferentes comunidades e culturas, são levados pelos participantes e são encenados por rituais além de outros comportamentos. (Kozinets, 2014, p. 79).

4.3 CORPUS DA PESQUISA: CARACTERIZAÇÃO E COLETA

A abordagem antropológica, apresentada nos dois últimos tópicos, obviamente, se dedica a investigar um fenômeno social específico, que nesse caso se manifesta, principalmente, no ambiente *online*. Sendo assim, *a priori*, esta pesquisa buscava compreender quais os impactos do cancelamento de J. K. Rowling em sua reputação, porém, ainda sem a escolha de uma audiência e espaço digital característicos. No entanto, objetivando garantir a qualidade e a execução desta dissertação, optou-se por definir qual grupo de usuários seria mais relevante para esse estudo, entre algumas possibilidades como: público em geral das redes sociais; consumidores da cultura *pop* e *geek*; fãs da saga Harry Potter, entre outros. Por fim, ficou claro que os *potterheads* são os indivíduos mais interessantes para compor este cenário, visto que já conheciam Rowling previamente as suas declarações consideradas transfóbicas e que possuem um vínculo emocional com o trabalho da autora e, em alguns casos, até mesmo com ela.

Desse modo, as chances de compreender em que nível a cultura do cancelamento, potencialmente, impacta os capitais social e simbólico de Rowling, tornam-se maiores, pois entende-se que é muito mais complexo cancelar algo ou alguém com o qual se possui um envolvimento pessoal e afetivo, do que em casos em que não existia uma conexão anterior.

Com isso, o objetivo prioritário da pesquisa passou a incorporar diretamente as comunidades digitais de fãs brasileiros, tendo em mente as considerações apresentadas no

capítulo três acerca das nuances que compõem as relações do *fandom*, o impacto da série Harry Potter no Brasil e as particularidades que os fãs brasileiros demonstram. Após essa modificação, o próximo passo para chegar a um *corpus* de análise – que corresponde, em termos gerais, ao recorte de elementos sob o qual uma abordagem metodológica será aplicada, visando atingir o objetivo de pesquisa – foi identificar as comunidades nas quais havia concentrações de *potterheads* e estabelecer critérios para selecioná-las. A plataforma mais indicada para isso foi o Facebook, justamente pela acessibilidade e pelo recurso de criar grupos privados, com a estrutura ideal para o compartilhamento de conteúdos em formatos variados, estimulando debates entre os membros de uma maneira organizada, pois cada grupo possui seu conjunto de diretrizes e regras, além de contarem com administradores e ‘especialistas do grupo’ responsáveis por verificar o cumprimento destas orientações, entre outras tarefas.

Utilizando a ferramenta de busca do Facebook e selecionando a categoria de grupos, os termos ‘Harry Potter Brasil’ foram os empregados para identificar as comunidades nacionais existentes, voltadas a este universo. Os resultados apresentaram cerca de 50 a 60 grupos, sendo três deles com mais 100 mil participantes: “Harry Potter Brasil”, com 168 mil membros, “Grupo Harry Potter Brasil”, com 178 mil membros e “Harry Potter Brasil 9 ¾”, também com 178 mil membros. Este, portanto, foi o critério estabelecido para a primeira seleção das comunidades. No entanto, analisando os dados de cada grupo, um deles se destacou em dois pontos: tempo de existência e quantidade de novas postagens por mês. O grupo “Harry Potter Brasil”, mesmo tendo por volta de 10 mil membros a menos quando comparado aos outros dois grupos identificados, apresenta o maior tempo de existência – 7 anos – e a maior atividade de publicações mensais, com uma média de 669 posts. Já ambas as comunidades “Harry Potter Brasil 9 ¾” e “Grupo Harry Potter Brasil” existem há 6 anos e apresentam, respectivamente, média de 309 e 3 publicações novas mensalmente. Em vista disso, o grupo escolhido para observação participante e, posteriormente, realização da coleta do *corpus*, foi a comunidade “Harry Potter Brasil”. Abaixo, é possível visualizar alguns dos dados mencionados e as diretrizes estabelecidas pelo grupo.

Figuras 21 e 22 - Descrição e regras do grupo de Facebook Harry Potter Brasil

Sobre este grupo

Grupo para todos fãs de Harry Potter ❤️

Público
Qualquer pessoa pode ver quem está no grupo e o que é publicado nele.

Visível
Qualquer pessoa pode encontrar o grupo.

Histórico
Grupo criado em 17 de outubro de 2015. Nome alterado pela última vez em 1 de junho de 2020. [Ver mais](#)

Tags
Programas de TV e filmes por gênero · Gêneros literários

Membros · 161,5 mil

Osmar e outros 3 membros são administradores.

[Ver tudo](#)

Atividade

30 novas publicações hoje
669 no último mês

Total de membros: 161.547
Nenhum membro novo na última semana

Criado há 7 anos

Regras dos administradores para o grupo

- Nenhum tipo de discurso de ódio será permitido**
Não é permitido qualquer tipo de preconceito como homofobia, lesbofobia, machismo, transfobia, racismo, gordofobia, ou xenofobia
- Seja gentil! Não desconte sua raiva nos membros.**
Respeite os outros membros. Não serão tolerados ataques gratuitos e xingamentos. Discutir uma pauta é diferente de insultar.
- Nenhuma promoção ou spam**
Proporcione às outras pessoas deste grupo mais do que você obtém dele. Autopromoção, spam e links irrelevantes não são permitidos.
- Respeite a privacidade de todos**
A participação no grupo requer confiança mútua. É ótimo ter discussões autênticas e expressivas no grupo, mas elas podem ser sensíveis e privadas. O que é compartilhado no grupo deve permanecer nele.
- Divulgação**
Em caso de divulgação de grupos no whatsapp ou produtos nós temos um post nos "Em destaque" feito exclusivamente para isso, em caso de Spam no grupo será silenciado.
- Remoção de post repetido ou duplicado**
Para uma melhor e mais dinâmica experiência aqui no grupo, posts repetidos ou que sejam duplicados serão removidos.

Fonte: autora

As primeiras regras estabelecidas se preocupam em estimular uma boa convivência entre os participantes, alertando sobre a proibição de discursos de ódio de qualquer espécie e incentivando o respeito como principal componente de debates saudáveis. Existem, também, princípios sobre a privacidade dos membros, razão pela qual as identificações pessoais serão protegidas em publicações e comentários coletados como parte do corpus. As demais questões se voltam, prioritariamente, para a moderação de um conteúdo livre de *spam* e de repetições, além de sugerir que os componentes da comunidade compartilhem postagens relacionadas ao universo de Harry Potter.

O processo de imersão na comunidade teve início em março de 2022, com o pedido de solicitação para integrá-la aceito menos de 24 horas depois. Em um primeiro momento, o que se destacou foi o número considerável de publicações diárias, aproximadamente de 25 a 30 *posts*, evidenciando um alto nível de engajamento dos fãs, mesmo após mais de uma década desde a estreia de “Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2”, último longa-metragem da série original.

Já as temáticas das postagens, que em sua maioria contém uma ou mais imagens, são diversas, mas sempre atentando-se ao mundo *potteriano*, englobando matérias sobre novos jogos, séries, filmes e quaisquer outras adaptações da obra de Rowling; notícias e curiosidades

acerca do elenco das sagas e da autora ; *memes* relacionando Harry Potter com outros produtos da cultura *pop*; *fanarts* variadas e, em parte dos casos, publicações de conotação mais pessoal, nas quais o membro discorre sobre o impacto da série em sua vida, estimula reflexões envolvendo os personagens e compartilha acontecimentos relacionados, de algum modo, à saga, como a ida aos parques temáticos em Orlando ou sua festa de aniversário inspirada na história de Harry e seus amigos. No mais, percebe-se, também, a chegada de pessoas novas ao *fandom*, que há poucos meses se aprofundaram neste âmbito, seja lendo os livros, assistindo aos filmes, ou ambos. Junto a isso, alguns integrantes apresentam suas crescentes coleções de itens referentes a Harry Potter ou a compra de algo que consideram relevante e que irá despertar o interesse de outros participantes da comunidade.

Sendo assim, a imersão consistiu, inicialmente, em conhecer o fluxo de atividade da comunidade e os assuntos de maior relevância para os seus integrantes. Feito isto, a próxima etapa se concentrou em identificar as publicações, de julho de 2022 a julho de 2023, que mencionavam diretamente J.K. Rowling. Para isso, utilizou-se a busca com palavras-chave, já que o *feed* central não é estruturado em uma ordem cronológica e que, devido ao alto volume de *posts*, seria inviável analisar e filtrar um a um dos conteúdos. O termo pesquisado foi o próprio nome da autora, fazendo uso das iniciais abreviadas e do sobrenome, exatamente como ela assina os romances de Harry Potter. Desse modo, foram identificadas 102 publicações nas quais Rowling foi citada, sendo 57 entre julho e dezembro de 2022 e 45 entre janeiro e julho de 2023. Em sequência, era necessário verificar quais destas publicações, de fato, possuíam Rowling como parte central da discussão e o critério para isso foi a aparição de seu nome na postagem original, e não apenas nos comentários – ou seja, publicações onde o próprio autor daquele conteúdo menciona J.K. Rowling. Com isso estipulado, por meio de contagem convencional e da leitura das 102 publicações detectadas, determinou-se que, no segundo semestre de 2022, Rowling foi o (ou um dos) tema(s) predominante(s) de 27 *posts* e, no primeiro semestre de 2023, de 22, resultando em 49 postagens.

Figuras 23 e 24 - Realização de busca por palavra-chave no grupo Harry Potter Brasil



Fonte: autora

Dentre as 49 publicações, somente uma tangenciava diretamente as falas transfóbicas de Rowling. No entanto, em praticamente todos *os posts* com um nível médio ou alto de engajamento, a pauta sobre transfobia surgia nos comentários e as discussões passavam a se concentrar nesse ponto, com alguns integrantes criticando a autora e outros argumentando em sua defesa. Nota-se, portanto, que paralelamente à constante popularidade de Harry Potter e ao consumo de itens, produtos e conteúdos pelos *potterheads*, existe uma transformação em curso, aparentemente negativa, referente à percepção que parte do *fandom* possui sobre J. K. Rowling. No sentido de aprofundar o entendimento acerca desta dualidade e assimilar como o processo de cancelamento está interferindo na percepção dos fãs sobre Rowling, foram selecionadas cinco publicações (aproximadamente 10% do material identificado) para análise e aplicação da semiótica peirceana, pretendendo desvelar os efeitos de sentido contidos nestes signos. O parâmetro para a escolha das publicações foi o grau de interatividade, avaliado pela quantidade de comentários e compartilhamentos em cada *post*.

4.4 CORPUS DA PESQUISA: ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES

Para realizar a análise das cinco publicações indicadas, que correspondem ao *corpus* da pesquisa, cada *post* será articulado com base em três aspectos oriundos da semiótica peirceana e já aludidos no tópico anterior, sendo esses os pontos de vista qualitativo-icônico, singular-indicativo e convencional-simbólico. O primeiro, que corresponde à categoria fenomenológica da primeiridade, se volta para os elementos qualitativos da imagem (ou imagens) presente(s)

em cada publicação, atentando-se para características como “[...] cores, luminosidade, atmosfera, textura, linhas, paralelismos, oposições, formas, composição, volume etc.” (Santaella; Nöth, 2010, p. 174). Estas condições, que são as primeiras a alcançar a percepção humana, correspondem ao qualissigno (uma qualidade que é um signo), responsável por fundamentar o ícone. Assim, nessa categoria, os efeitos de sentido ainda são imprecisos, sem definição de limites.

Em seguida, no nível singular-indicativo, equivalente à secundidade, “[...] o produto, peça ou imagem é analisado como algo que existe em um espaço e tempo determinados.” (Santaella, 2018, p. 71), estando atento para o modo como a singularidade do signo se manifesta, naquele contexto específico, assim como para sua capacidade indicativa. A análise do *post*, nesta dimensão, será direcionada para o texto e para as imagens que o compõem.

Por fim, o ponto convencional-simbólico também considera texto e imagem, mas atentando-se para “[...] as regularidades, as leis, ou seja, para os aspectos mais abstratos do fenômeno, responsáveis por sua localização numa classe de fenômenos” (Santaella, 2018, p. 32), aplicando a generalidade sob algo particular, visualizando o que aquele fenômeno tem em comum com todos os outros fenômenos de uma mesma classe e explorando a competência representativa dos símbolos.

Com os aspectos da postagem original contemplados nas três categorias de análise, o tópico seguinte se volta para os comentários dos membros da comunidade, que respondem ao conteúdo publicado inicialmente ou a outros comentários feitos no *post*. Dada a natureza dos comentários, predominantemente convencional-simbólica, esta é a dimensão dominante na investigação deles.

A seguir, é apresentada um quadro resumindo as informações de todos os *posts*, para então se dar início a análise individual de cada um.

Quadro 3 – informações sobre as publicações analisadas

Data	Tema	Quantidade de comentários	Quantidade de compartilhamentos	Quantidade de reações
31/07/2022	Aniversário de J.K. Rowling	135	70	1.400
25/05/2023	Trajectoria de J.K. Rowling	823	.2500	18.000
21/02/2023	Entrevista de J.K. Rowling sobre o ex-marido	218	37	631
02/07/2022	Ilustração de J.K. Rowling	290	533	7.800
08/04/2023	Fala de J.K. Rowling sobre personagem Severus Snape	83	68	701

Fonte: autora

4.5 PUBLICAÇÃO 1: ANIVERSÁRIO DE J. K. ROWLING

Figura 25 – Publicação 1



Fonte: autora

4.5.1 Breve descrição da publicação:

O conteúdo parabeniza J. K. Rowling por seu aniversário, em 31 de julho de 2022, e a exalta por ter escrito uma saga de livros que, segundo o autor do *post*, mudou vidas. Para ilustrar sua fala, ele utiliza uma imagem na qual o rosto de Rowling está dividido ao meio, complementado pela metade da face de Harry Potter, protagonista da série, ao qual o autor do *post* se refere como “filho” da escritora. Na parte de baixo da figura, encontra-se a palavra “*Always*”, que significa sempre, em português. A publicação conta com 135 comentários e 70 compartilhamentos, além de 1.400 reações, aproximadamente.

4.5.2 Ponto de vista qualitativo-icônico:

O fundo da imagem, na cor preta, destaca somente os rostos que se complementam, transmitindo uma sensação de mistério, de imersão no desconhecido, despertando a curiosidade acerca do universo que ali está sendo representado. Esta tonalidade, que muitas vezes é associada ao medo e às trevas, causa a impressão de que as faces complementares estão emergindo das sombras, se sobrepondo sob a ‘escuridão’.

A outra cor que mais se destaca é o azul, presente nos olhos dos indivíduos retratados, posicionados de forma centralizada, sendo um polo de atração para quem se depara com a figura, emanando uma espécie de fascínio. O olhar, que muitas vezes é uma maneira inconsciente de demonstrar emoção, é retratado de maneira firme e direta na face feminina, se complementando por uma profundidade característica da cor azul, manifestada com vivacidade. Os lábios e a sobrancelha complementam esse conjunto, sugerindo uma expressão de serenidade, também comumente associada ao azul. A face masculina, visivelmente de um jovem menino, é encoberta por cabelos escuros e o tom de azul do seu olho é mais discreto, resultando em um semblante mais enigmático, fortalecido pela boca levemente curvada para cima.

Existe, ainda, uma sensação de unidade na imagem, que se dá, principalmente, por meio da cor de fundo unificadora e da simetria entre os rostos representados. São eles, inclusive, que guiam a distribuição dos elementos na figura, com o posicionamento de uma única palavra logo abaixo. A cor branca, na qual o termo é escrito, evoca características como pureza, inocência e honestidade, além de realçar o vocábulo e atribuir um toque de luminosidade à figura como um todo. A fonte utilizada transmite a impressão de movimento e, ao mesmo tempo, de algo rústico, com suas extremidades bem demarcadas. Pode ser notada, também, a presença de um caráter

lúdico na escrita dos caracteres.

4.5.3 Ponto de vista singular-indicativo:

Para viabilizar a análise da publicação pela perspectiva singular-indicativa, a qual Ibri (1992) entende como faculdade do “atentar para”, optou-se por fracionar a investigação deste nível em dois momentos: a investigação da imagem em si e, posteriormente, do tensionamento existente entre a imagem e o texto da postagem.

Os rostos representados correspondem à J.K. Rowling, autora da saga Harry Potter, e a Daniel Radcliffe. O ator, que interpretou o protagonista na adaptação cinematográfica, está caracterizado como Harry, em sua fase de pré-adolescência, retratada nos primeiros longas. Apesar de Rowling e Radcliffe serem as principais referências visuais em conteúdos que desejam referenciar os livros e filmes desta narrativa, a imagem analisada apresenta estes indivíduos com singularidade, ao juntar as metades de suas faces em um único rosto. Ademais, o formato da gravura e estruturação de seus constituintes são semelhantes a cartazes de cinema, mas algumas particularidades se sobressaem: diferente destes pôsteres promocionais, que se limitam a representar os personagens, a imagem em questão estabelece uma correlação explícita entre realidade e fantasia, ao unir Rowling e Potter. Nesse sentido, criador e criatura passam a estar intrinsecamente relacionados. Outro exemplo é a parte inferior da imagem que, em vez de conter o título da obra, como acontece nos materiais de divulgação, exhibe a palavra *Always* (em português, sempre), fazendo menção a uma das citações mais emblemáticas da saga, que se tornou sinônimo de lealdade para os *potterheads*. Assim, como explica Ibri (1992), é nesta lógica que “[...]a experiência direta com isto que não é aquilo se dá num recorte do espaço e tempo” (Ibri, 1992, p. 7), modelando as adjacências de determinado fenômeno, que reage conforme sua individualidade.

Tendo isto em mente, é possível adentrar a análise conjunta de texto e imagem. O autor da publicação escreve: *Hoje também é o aniversário da mulher que criou uma das maiores sagas do mundo, a mulher que mudou vidas com a história do menino que sobreviveu. Obrigado J.K Rowling e seu filho Harry.* O objetivo do *post*, portanto, é homenagear Rowling por completar mais um ano de vida, enaltecendo a magnitude de suas conquistas. A maneira como a mensagem inicia, ‘hoje também’, indicia que outro indivíduo, potencialmente parte deste universo, aniversaria no mesmo dia que Rowling. Finalizando sua dedicatória, o autor agradece a escritora e ao protagonista fictício, Harry, a quem se refere como *filho* de Rowling. Com isso, a imagem que ilustra as congratulações do integrante da comunidade concretiza a

essência contida em sua fala, estabelecendo uma relação de mãe e filho, que se fortalece com a unificação dos rostos de Rowling e Potter. Outra possibilidade, ainda, é a manifestação de atributos pessoais da autora na própria obra, ação que se revela a partir do encontro entre criador e criatura e é sustentada por alguns indícios, a exemplo dos olhos azuis, presentes em ambos ‘mãe e filho’, como uma espécie de continuidade.

4.5.4 Ponto de vista convencional-simbólico

Na análise deste nível, entra em cena o terceiro componente da publicação investigada: os comentários. Porém, antes de introduzi-los, é fundamental revisitar texto e imagem pelo ângulo da terceiridade.

Na relação de mãe e filho e/ou criador e criatura entre Rowling e Potter, elucidada no ponto de vista singular-indicativo, a semelhança da cor dos olhos entre os dois é substancial para o estabelecimento da associação realizada. No entanto, esta questão adquire mais camadas quando a frase “*you have your mother’s eyes*” (você tem os olhos da sua mãe, em português), é inserida. O trecho é citado inúmeras vezes ao longo dos livros e filmes da saga, para descrever Harry, que possuía muitas similaridades físicas com seu pai, James, mas havia herdado os olhos azuis de sua mãe, Lily. Uma atmosfera nostálgica se forma nos momentos em que a frase é dita, já que Harry tornou-se órfão ainda bebê e sobreviveu apenas pelo sacrifício de Lily, retratada como uma mulher doce e justa, que não se cala perante arbitrariedades.

Logo, os olhos azuis de Harry e sua mãe se tornaram um dos maiores símbolos do universo *potteriano*, inclusive em um acontecimento muito significativo na reta-final da narrativa, quando o suposto vilão Severus Snape, que sempre foi apaixonado por Lily, se revela como um dos principais heróis da saga, ao mesmo passo em que é assassinado. Antes de morrer, contudo, Snape é socorrido por Harry e falece admirando os olhos do jovem, sendo suas últimas palavras “*you have your mother’s eyes*”. Voltando à imagem analisada, que tem os olhos de Rowling e Harry em elevado realce, constata-se que ela estimula uma ligação espontânea com a frase mencionada por aqueles que têm em seu repertório o conteúdo dos livros e/ou filmes da série. Em vista disso, uma das interpretações possibilitadas é que os olhos de Harry não são azuis somente por conta de sua mãe fictícia, mas em razão também de sua ‘mãe real’, Joanne K. Rowling. Além desta correlação, a autora e a personagem Lily apresentam mais afinidades corpóreas, como tom de pele e cor dos cabelos, o que pode propiciar outras compreensões, como uma conexão entre as suas personalidades, o que fortaleceria a visão de Rowling como uma mulher gentil e defensora de grupos mais frágeis. No mais, um dos traços substanciais do

caráter de Lily é sua capacidade de se sacrificar por quem ama, tal qual Rowling se esmerou para criar os filhos e, mesmo em situações de dificuldade financeira, renunciou a trabalhos rentáveis para se dedicar à escrita de seu ‘filho fictício’.

Já o termo ‘Always’, localizado logo abaixo das faces reveladas, é escrito na mesma fonte que o logotipo oficial da série, criada exclusivamente para ela. Conforme indicado na dimensão da secundidade, esta é uma das citações mais emblemáticas do mundo *potteriano*, que ocorre a partir de uma conversa entre dois personagens essenciais, Albus Dumbledore e Severus Snape. Os bruxos debatem sobre o conflito que se aproxima, no qual Harry é a última esperança de derrotar Lorde Voldemort. Snape, então, afirma que, mesmo não tendo afeto pelo rapaz, o protegeu durante toda sua vida em razão de seu amor por Lily. Em resposta, Dumbledore o questiona: “*After all this time?*” (Depois de todo esse tempo, em português), e Snape responde sem titubear: “*Always*”. A lealdade retratada na ficção passou a ser espelhada na realidade, com *potterheads* de todo o mundo se apropriando da expressão como maneira de assegurar seu amor pela saga. Uma prática comum do *fandom* é a postagem do vocábulo, nas redes sociais, todos os anos na data 15/07, lançamento do último longa da adaptação. Sendo assim, a presença da palavra na imagem analisada simboliza não apenas o amor incondicional de um personagem, mas também a ‘promessa’ que os fãs de Harry Potter fizeram ao herói juvenil e a seus amigos, estendendo essa fidelidade a quem tornou tudo isso possível e, de certo modo, é o outro lado de uma mesma moeda: J. K. Rowling.

Regressando ao texto do *post*, no nível singular-indicativo foram apontados vestígios de que outro indivíduo do universo de Harry Potter faz aniversário no mesmo dia que Rowling. Esse indício se confirma, já que o próprio Harry também nasceu em 31 de julho, informação que os primeiros volumes da saga fornecem. Considerando o exposto até este momento, pode-se dizer que a publicação analisada continha um intuito maior do que unicamente parabenizar Rowling por seu aniversário. Seja de maneira intencional ou não, o autor do *post* estampa a escritora como a heroína do mundo real, sendo alguém que possui qualidades análogas a um dos protagonistas mais amados das últimas décadas e, concomitantemente, posiciona a lealdade enquanto valor, evocando o compromisso dos fãs em defender não somente a criatura, mas, também, sua criadora.

Pontuadas estas questões, o próximo passo é a análise dos comentários, sendo todos extraídos da seleção “comentários mais relevantes”, realizada pelo próprio Facebook.

4.5.5 Análise dos comentários

Figuras 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35 e 36 – Exemplos de comentários da publicação 1

Essa mulher teve a visão de um mundo maravilhoso e soube descrever de uma forma fantástica com criatividade, inteligência e muito amor pelo que faz! Tenho muito respeito por seu trabalho e sou muuuuuuito fã de TODAS as suas lindas e fantásticas histórias

Curtir Responder Compartilhar 49 sem 7

Por causa dela, formou-se uma geração de novos leitores. Uma grande filantropa, ela realmente fez a diferença em várias vidas com as causas que ajudou ... Mas o mais importante é que ela falou que mulher menstrua, e isso é um pecado terrível: falar o óbvio.

Curtir Responder Compartilhar 49 sem 1

Eu amo essa mulher 🥰👍❤️ 3

Curtir Responder Compartilhar 50 sem

Gratidão eterna pela magia com que tingiu minha juventude

Curtir Responder Compartilhar 50 sem 2

A JK autora, incrível, mulher poderosa, inteligente, criou a maior obra prima. Já a JK pessoa, infelizmente ainda precisa aprender muito sobre ser um ser humano que preste.

Curtir Responder Compartilhar 50 sem 7

Osmar Autor Administrador +4
Vitor Silva sensato amg

Curtir Responder Compartilhar 50 sem

Eu aprendi a separar a obra do autor a muito tempo... Não me sinto culpada em gostar da obra da JK, e não me sinto culpada por não gostar mais dela e não gastar mais um centavo com nenhum produto licenciado. Mas não desejo morte, mas que ela viva tempo suficiente pra repensar suas crenças e valores, assim como todos nós, pois todos somos falhos, só que por ela ser uma figura tão importante justamente pela sua obra, é que as pessoas julgam tanto.

Curtir Responder Compartilhar 50 sem 8

Anteriormente falaria minha rainha mas depois dessa polêmica nunca mais, mas amo Harry

Curtir Responder Compartilhar 50 sem 7

Bruno Almeida sensato

Curtir Responder Compartilhar 50 sem

Sinceramente, não consigo comemorar algo tão bom junto com algo tão ruim, amo a saga, tenho n0j0 da autora

Curtir Responder Compartilhar 49 sem 12

Não fez nada além da obrigação dela... transfobica!

Curtir Responder Compartilhar 50 sem 6



Fonte: autora

O teor dos comentários pode ser sintetizado, de modo geral, em poucos tópicos: elogios e defesa à Rowling; críticas ao comportamento transfóbico da autora; busca de um equilíbrio entre visões antagonistas; e observações que se referem ao universo fictício dos livros e filmes. Nas primeiras manifestações, os integrantes parabenizam a autora por mais um ano de vida e exaltam sua obra, buscando evidenciar os impactos positivos que seu trabalho provocou em milhares de pessoas. No entanto, logo são identificados membros que problematizam o comportamento de Rowling e repudiam suas falas, mas afirmam que continuam sendo fãs de

Harry Potter, pois conseguem ‘separar o autor da obra’.

Por outro lado, existem comentários que se limitam a criticar a escritora e, explicitamente, a intitulam como transfóbica. Em consequência disto, dá-se início a um debate generalizado entre os participantes da comunidade, perdendo-se de vista o intuito inicial da publicação. Destas discussões, surgem ramificações diferentes, como o questionamento sobre a veracidade da saga, no que toca a sua autoria, com alguns membros sugerindo que Rowling teve ajuda na elaboração da série e, até mesmo, que fez uso de escritores fantasmas (profissionais que não recebem créditos pela escrita do texto). Em outros casos, parte dos *potterheads* passaram a realizar uma ‘piada interna’, na qual declaram que Hermione, a personagem mais inteligente da narrativa, é a verdadeira responsável pelos livros. O que pode parecer uma brincadeira, na verdade, simboliza uma tentativa de apagamento, de dissociação, entre criador e criatura.

Enfim, uma parte menor dos comentários se dedica somente às observações gerais sobre a saga e uma pequena parcela se atenta em evidenciar a relação entre o *post* e a ficção de Harry Potter, referenciando justamente a frase “você tem os olhos de sua mãe” como maneira de correlacionar estes elementos.

Tendo em conta a análise desenvolvida, nos três pontos de vista indicados, assim como a investigação dos comentários, entende-se que esta primeira publicação utiliza signos que evocam, prioritariamente, o emocional do interlocutor, posicionando Rowling não apenas como a ‘mãe’ de Harry, mas de toda uma geração. Todavia, ainda que em nenhum momento as falas transfóbicas da autora sejam citadas no *post* original, os efeitos de sentido provocados, que se manifestam através do teor dos comentários, salientam uma conexão praticamente imediata entre Rowling e a pauta da transfobia.

4.6 PUBLICAÇÃO 2: TRAJETÓRIA DE VIDA DE J.K. ROWLING

Figura – Publicação 2



Fonte: autora

4.6.1 Breve descrição da publicação

A postagem contém uma sucinta retrospectiva da vida de Joanne K. Rowling, apresentando, superficialmente, acontecimentos de sua história e com quantos anos a escritora vivenciou cada um desses fatos, sendo a maioria entraves e dificuldades que foram superadas. A imagem é constituída por uma foto de Rowling sorrindo discretamente, ocupando a parte de maior destaque da gravura, que tem o restante preenchido por representações do universo de Harry Potter. A publicação conta com 823 comentários, 2,5 mil compartilhamentos e 18 mil reações.

4.6.2 Ponto de vista qualitativo-icônico:

O posicionamento da figura feminina no centro da imagem, em conjunto com sua expressão facial, emana uma sensação imediata de autoridade e poder. A sobreposição dela aos

demais elementos causa uma impressão de opulência, de glória alcançada. Essa sensação é ampliada devido à luz do pôr do sol, que reflete sob a mulher, e ao aspecto de imensidão que a paisagem de fundo transmite, com o céu e o lago em destaque. Existe, também, a presença de um enorme castelo, com muitas torres e um grande animal voador, que acrescentam uma qualidade imaginativa ao ambiente. Assim, a imagem desperta um senso de curiosidade instantâneo, como um convite para explorar a possível narrativa que está sendo ali representada.

O preto é um dos tons que se sobressai na gravura, estando, desta vez, incorporado no vestido trajado pela mulher. Nesse cenário, a cor reforça a percepção de autoridade já pontuada e adiciona toques de elegância e sofisticação. Como explica Heller (2017), uma roupa predominantemente preta pode conter a intenção, consciente ou não, de obter respeito e refinamento. O azul é outra cor salientada, exibindo-se em múltiplas tonalidades e objetos, desde os acessórios ostentados pela figura feminina (brincos e colar) até o céu e a água que compõem o horizonte. O azul-marinho, que aparece no colar e no par de brincos usados pela mulher, habitualmente é associado à confiança, à profundidade e à estabilidade, além de ser uma cor representativa de divindades, o que permite relacioná-la com o infinito e o eterno (Heller, 2017). Por outro lado, suas variações mais claras, identificadas nos elementos naturais já mencionados, colaboram para a sensação de grandeza e, simultaneamente, expressam tranquilidade e harmonia.

Por fim, o cinza completa a matriz de cores mais presentes da imagem analisada, se revelando na estrutura do castelo e de suas torres. Em muitos casos, a cor é correlacionada ao antigo e a velhice e, em razão disto, sugere a existência de sabedoria e conhecimento no contexto da gravura. Nota-se, ainda, uma mistura das tonalidades branca e amarela, responsáveis por iluminar o cenário, denotando paz, acolhimento e otimismo.

4.6.3 Ponto de vista singular-indicativo:

Assim como na publicação anterior, a análise do nível singular-indicativo será dividida em dois momentos: a investigação da imagem em si e, em seguida, da relação que se estreita entre ela e o texto da postagem.

A figura do *post* tem J.K. Rowling em protagonismo, trajando vestes pretas (presumivelmente um vestido, mas não é possível afirmar, já que a imagem só exhibe a autora até a altura do tórax), com brincos e colar em azul marinho e os cabelos ruivos presos em um coque, com uma de suas mãos na cintura, maquiagem leve e um discreto sorriso, típico da autora. O material sofisticado de suas roupas e acessórios, assim como sua posição corporal e

expressão facial, indicam o comparecimento de Rowling em um evento público e de gala, como a estreia de filmes. Nota-se que a imagem da escritora foi recortada, passando a conter somente o seu perfil, que é alocado em outro fundo: o castelo de Hogwarts e seus arredores. A estrutura peculiar da escola de magia e seu posicionamento sob uma grande rocha, permeada por plantas e trepadeiras, com pássaros voando e a luz celestial do pôr do sol, além das estruturas e telhados pontiagudos, facilitam a identificação deste ambiente por aqueles que possuem conhecimentos acerca da série em seus repertórios. As qualidades da imagem em si, pontuadas na dimensão qualitativa-icônica, remetiam à uma sensação fantasiosa, que se concretiza com o reconhecimento de Hogwarts e de um hipogrifo, criatura mitológica com asas, garras e cabeça de um grifo, que desempenha função significativa no universo de Harry Potter, especialmente, no terceiro romance da saga.

A sobreposição do recorte da escritora sob essa paisagem específica de Hogwarts, vasta e composta por índices pomposos e imponentes, implica em um vínculo de ação e reação, condicionando a existência deste espaço, extraordinário e grandioso, a um indivíduo específico: J.K. Rowling. Essa se torna também a principal singularidade da imagem, pois a maioria das gravuras que relaciona a autora e a escola de magia criada por ela apresentam seus componentes lado a lado, sem que um se sobressaia quando comparado ao outro. Juntamente a isso, a representação de Hogwarts na imagem analisada é mais realista e ampliada do que em outras ilustrações da escola de magia.

Adentrando o segundo momento da análise proposta, é introduzido o texto publicado pelo autor da postagem:

Aos 17 anos, ela foi rejeitada da faculdade.

Aos 25 anos, sua mãe morreu de doença.

Aos 26 anos, ela sofreu um aborto espontâneo.

Aos 27 anos, ela se casou.

O marido dela abusou dela fisicamente e sexualmente. Apesar disso, sua filha nasceu.

Aos 28 anos, ela se divorciou e foi diagnosticada com depressão severa. Aos 29 anos, ela era uma mãe solteira que vivia da assistência social.

Aos 30 anos ela não queria estar nesta terra. Mas, ela direcionou toda a sua paixão para fazer a única coisa que ela poderia fazer melhor do que qualquer outra pessoa. E isso foi escrever.

Aos 31 anos, ela finalmente publicou seu primeiro livro.

Aos 35 anos, ela lançou 4 livros e foi nomeada autora do ano.

Aos 42 anos, ela vendeu 11 milhões de cópias do seu novo livro, no primeiro dia de lançamento.

Esta mulher é J.K. Rowling. Lembram-se de como ela considerou suicídio aos 30 anos?

Hoje, Harry Potter é uma marca global que vale mais do que \$15 BILHÕES DE DÓLARES! Nunca desista. Acredita em ti mesmo. Seja apaixonado. Trabalhe duro. Nunca é tarde demais.

Ela é J.K. Rowling

Por: Geração Harry Potter

O texto se revela, então, como uma retrospectiva da vida de Rowling, relatando acontecimentos a partir de seus 17 anos até o sucesso que obteve com a publicação de seus livros, quase 15 anos depois. Os fatos apresentados são, em maioria, trágicos, se atentando para as inúmeras dificuldades que Rowling precisou superar antes de publicar seu primeiro livro: perda de entes queridos, abusos físico e emocional, depressão, dificuldade para sustentar a si e aos filhos etc. A mensagem, entretanto, termina com um tom positivo: mesmo com todos os infortúnios, a escritora obteve diversos feitos – entre eles, a origem de uma marca global bilionária. As palavras finais são de incentivo, estimulando a busca pela realização dos sonhos, independente da idade e das circunstâncias, da mesma maneira que Rowling fez.

É perceptível que um recorte específico é estabelecido para traçar essa linha do tempo, no qual as atribuições vividas pela autora são salientadas, sem muitos detalhes ou explicações aprofundadas, se concentrando em apresentar uma narrativa de superação, que dialoga com o aspecto emocional de quem realiza a leitura. Sendo assim, novamente, a gravura utilizada auxilia na materialização do texto: a admirável trajetória, relatada em palavras, é refletida na imagem, que dispõe Rowling como bem-sucedida, triunfando perante o universo que construiu. O objetivo da publicação, portanto, é saudar os êxitos obtidos pela escritora, demonstrando todos os percalços ultrapassados em razão de sua ‘resiliência’ e vocação profissional.

4.6.4 Ponto de vista convencional-simbólico:

A figura de Rowling se impõe sob o cenário de Hogwarts, representado com vastidão e deslumbramento, faz alusão a uma rainha e seu reino, como alguém que posa orgulhosamente em frente ao império que construiu, tanto na ficção quanto na realidade. Além disso, Hogwarts é um símbolo de conhecimento e aprendizagem; é o local que acolhe Harry, após o menino ser maltratado por anos na casa de seus tios. Também neste recinto, ocorre a batalha final da saga, com forças do bem e do mal se enfrentando, resultando em um último embate entre Harry e Voldemort que é, definitivamente, derrotado. Sendo assim, o destaque que a escola de magia recebe na imagem em questão pode estimular uma correlação instintiva entre a gravura e o trecho “*Help will always be given at Hogwarts to those who ask for it*” (em português: Hogwarts sempre ajudará aqueles que a ela recorrerem), um dos mais populares de toda a narrativa, citado, frequentemente, pelo diretor da escola, Albus Dumbledore. Do mesmo modo que o termo ‘*always*’ ultrapassou as fronteiras da ficção, os *potterheads* também acrescentaram um novo sentido a esta frase, referindo-se à possibilidade de encontrar refúgio e conforto no mundo de Harry Potter, em meio a situações complexas e desafiadoras. Rowling, portanto, ao ter sua

imagem se sobressaindo neste contexto, é simbolizada enquanto a pessoa que tornou tudo isso possível; alguém que concebeu um abrigo afetivo para milhares de fãs, de todos os lugares e idades.

Ao retomar o texto da publicação, percebe-se o uso de um recurso próprio de conteúdos que retratam histórias de superação e/ou mensagens de autoajuda: a repetição. A cada início de frase, o autor pontua a idade de Rowling, seguidamente do obstáculo que ela excedeu naquele momento de sua vida. Este artifício provoca uma intensificação do relato, enfatizando a ideia final que a mensagem deseja transmitir – neste caso, a perseverança de J.K. Rowling para conquistar seus sonhos e não sucumbir aos infortúnios.

Em razão disto, afirma-se que quando texto e imagem atuam conjuntamente posicionam a escritora como a heroína de sua própria história, exatamente como acontece com Harry, que enfrenta corajosamente todas as adversidades em seu caminho e, no fim dos romances, se torna um dos maiores bruxos de sua geração. Tendo pontuado estas questões, o próximo passo é a análise dos comentários desta publicação, que conta com o maior engajamento de todos os *posts* selecionados. A investigação considerou a leitura de todos os comentários e os exemplos foram escolhidos a partir da sessão automática ‘comentários mais relevantes’.

4.6.5 Análise dos comentários

Figuras 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57 e 58 – Exemplos de comentários da publicação 2




 Faça cinquenta mil boas ações...faça uma grande m*rda... As pessoas só vão se lembrar dessa única m*rda que vc fez... Os alecrins dourados se esquecem de que todo mundo pode errar!!! Inclusive quem mto julga os outros...

Curtir Responder Compartilhar 8 sem   19


 [REDACTED] errar é uma coisa, ser preconceituosa é algo totalmente diferente. Ela é uma escritora incrível, a obra dela fez e faz diferença na minha vida, mas não é por isso que não vou dizer o quão preconceituosa ela é. Errar é humano, mas continuar com atitudes preconceituosas já não é erro, é desvio de caráter.

Curtir Responder Compartilhar 8 sem  2


 [REDACTED] INTERPRETAÇÃO, um termo importantíssimo, que está em falta!
 Ela foi transfóbica porque se sentiu reduzida com o termo "pessoas que menstruam!"? Portanto só as chamadas minorias é que se podem doer por verem a sua identidade afectada ??
 Ela limitou se a factos, pessoas que menstruam são Mulheres, fim !
 Não proferiu insultos, ofensas contra transexuais, bem pelo contrário!
 Mas a anarquia está aí, a ler o que interessa, a deturpar os que as pessoas dizem afim de gerar tretas.
 Há tanta coisa flagrante e realmente grave por este mundo fora no que diz respeito aos direitos lgbt.

Curtir Responder Compartilhar 8 sem   10


 [REDACTED] ela escreve livros para insultar pessoas trans e também compra produtos contra, além de ser feminist4 r4dical (só isso já é motivo o bastante).

Curtir Responder Compartilhar 8 sem


 Sou fã dos livros, mas não exalto a autora de forma alguma, um ser humano transfóbico pra mim não tem utilidade nenhuma no mundo!

Curtir Responder Compartilhar 8 sem  3


 Supercolaborador
 Por mais que não concorde com algumas atitudes dela , a história da J K é muito inspiradora , e sua obra é sem dúvidas atemporal

Curtir Responder Compartilhar 8 sem   8



E depois de passar por tudo isso ela ainda é preconceituosa. Oq mais precisa ela passar pra ter um coração melhor?

Curtir Responder Compartilhar 7 sem



Sofreu pra caramba e não aprendeu a se colocar no lugar de terceiros. 😞

Curtir Responder Compartilhar 8 sem



Ótima escritora mas péssima ser humano 🤔😂 12

Curtir Responder Compartilhar 8 sem



Esqueceram que é transfóbica 🙄👎👎 10

Curtir Responder Compartilhar 8 sem



Teve uma trajetória linda, até começar a destilar veneno sobre pessoas que ela não compreende.

Curtir Responder Compartilhar 8 sem



Supercolaborador
Por isso eu fico p* com gente tentando cancelar ela. É um exemplo de superação

Curtir Responder Compartilhar 8 sem Editado



Pra depois disso tudo ela ser transfóbicas, da pra acreditar?

Curtir Responder Compartilhar 8 sem



Uma pena ser uma transfóbica intolerante! Escreveu uma saga com mensagens de amor, amizade e aceitação.... mas é uma pessoa incapaz de ter empatia com pessoas trans! Uma Pena.... sou fã do universo HP, mas não dá autora!

Curtir Responder Compartilhar 8 sem



E agora financia projetos transfóbicos e tá fazendo uma série sem necessidade pra esquecerem o cancelamento

Curtir Responder Compartilhar 8 sem



 
Com uma história de luta tão marcante ao invés de ser uma aliada de outras minorias utiliza a voz e o poder que tem para atacar outras minorias...
Infelizmente não aprendeu nada.

Curtir Responder Compartilhar 7 sem    12

 
e aos 50 anos o mundo descobriu que ela e preconceituosa... 🙄🙄🙄🙄🙄

Curtir Responder Compartilhar 8 sem   8

  [Seguir](#)
E hoje é transfóbica prejudicando uma das minorias que mais sofrem no mundo!
P.s. o mundo de Harry Potter realmente é fantástico.

Curtir Responder Compartilhar 8 sem Editado   8

 
Uma mulher extraordinária! Um exemplo a ser seguido por todos.

Curtir Responder Compartilhar 7 sem 

 
Maravilhosa

Curtir Responder Compartilhar 8 sem

 
Um exemplo de mulher ❤️

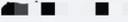
Curtir Responder Compartilhar 8 sem

 
Tathá Mello olha ❤️

Curtir Responder Compartilhar 7 sem

 
Maravilhosa ❤️ ❤️

Curtir Responder Compartilhar 8 sem

 
Ela representa várias mulheres   2

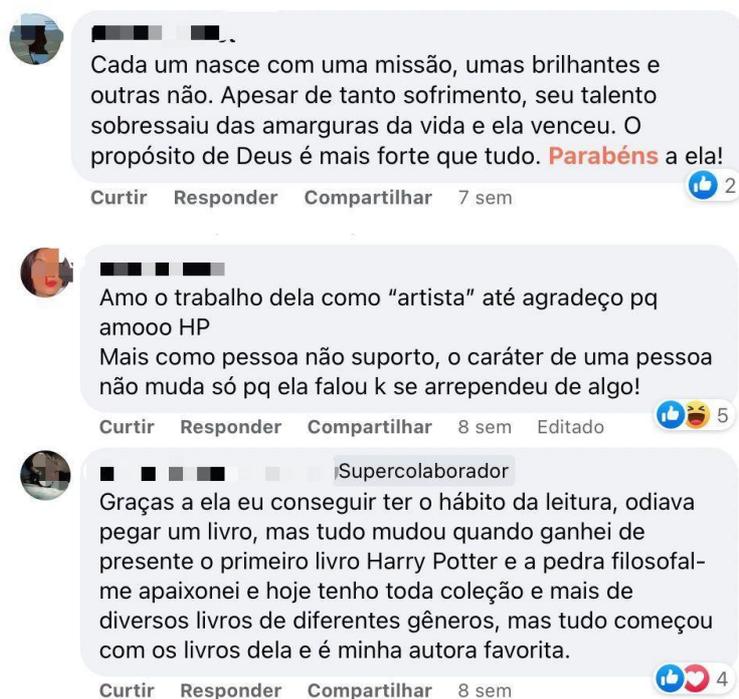
Curtir Responder Compartilhar 8 sem

 
Ela sempre foi uma inspiração pra mim no mundo dos livros,mais certas coisas eu desconhecia sobre ela,ela e alguém muito forte

Curtir Responder Compartilhar 8 sem  2

 
Amo esta mulher cada dia mais,Maravilinda! Deus à honrou cada dia da sua vida. ❤️

Curtir Responder Compartilhar 8 sem  2



Fonte: autora

Em termos gerais, os comentários da publicação podem ser categorizados em três variedades: favoráveis à J.K. Rowling, desfavoráveis à J.K. Rowling e neutros. A primeira categoria engloba mensagens de exaltação e reconhecimento à trajetória da autora, admirando tudo que ela superou e elogiando o seu talento para a escrita. Os comentários que defendem Rowling de críticas também fazem parte deste grupo. Já as observações desfavoráveis abrangem todas as mensagens de desaprovação acerca do comportamento de Rowling, que é situada como antagonista das minorias. Por fim, os comentários neutros se referem àqueles nos quais um membro da comunidade marca outro integrante, mas sem emitir uma opinião explícita, não sendo possível identificar sua percepção sobre a autora.

As opiniões positivas a respeito de Rowling, no caso desta publicação, se referem, principalmente, a sua obstinação enquanto mulher, sendo considerada um exemplo de empoderamento feminino por alguns participantes do grupo. Outros comentários chamam a atenção para a quantidade de apuros ao longo do caminho de Rowling, impressionados com sua habilidade de seguir em frente e de transformar os problemas pessoais em fontes de inspiração para o desenvolvimento de suas obras. A maioria das mensagens favoráveis, todavia, surge como respostas às acusações de transfobia e racismo expressadas em uma porção significativa dos comentários. Os argumentos de defesa citam a filantropia praticada por J.K., referindo-se às causas e pessoas que ela auxiliou após adquirir recursos financeiros, alegando que todas as

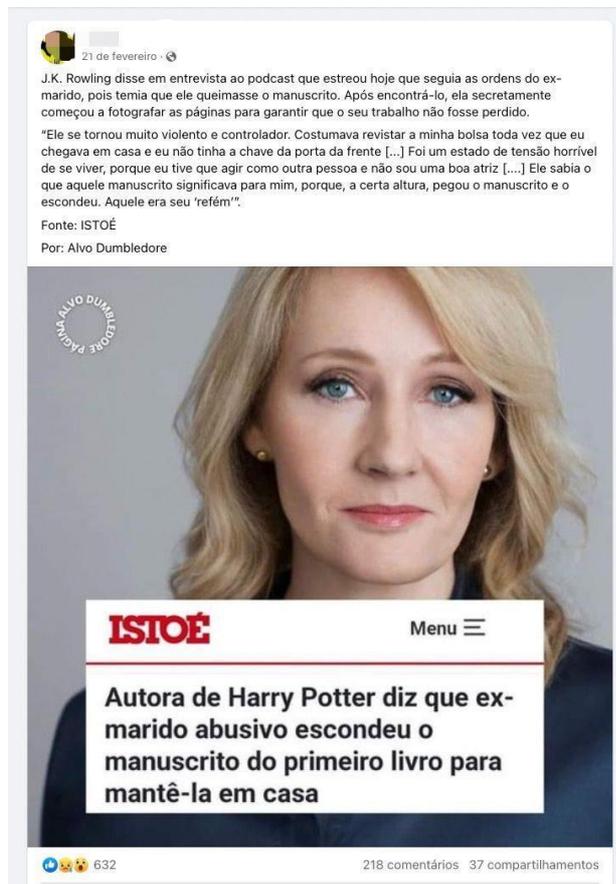
suas boas ações estão sendo desconsideradas em detrimento de ‘um erro’. Outros integrantes concordam com as declarações da escritora e/ou as justificam como uma simples opinião divergente, um direito à liberdade de expressão.

Em contrapartida, nesta postagem as manifestações negativas a respeito da escritora constituem a maior parte dos comentários, classificando abertamente J.K. como transfóbica e racista. As observações mais brandas reconhecem que Rowling demonstrou muita persistência, e afirmam que seguem sendo fãs de Harry Potter, mas repudiam as falas discriminatórias de J.K, novamente recorrendo à prática de ‘separar o autor da obra’. Por outro lado, os comentários mais enérgicos lamentam que, mesmo com tantas dificuldades, Rowling não aprendeu a ser empática e tolerante e, em vez de ser uma aliada das minorias, está se transformando em uma representante de correntes teóricas excludentes, como o feminismo radical, que desconsidera a existência de mulheres transgênero. Alguns membros optam, ainda, por adotar um tom mais irônico para criticar a postura da escritora, declarando que ‘aos 50 anos J.K. Rowling se revelou transfóbica’, referenciando o texto original da publicação.

Tendo em vista a análise da postagem e de seus comentários, conclui-se que a publicação examinada provoca, em maioria, interpretações contrárias ao que intencionava já que, mesmo sendo uma postagem favorável à Rowling e até mesmo apelativa, resulta em críticas e repúdio a essa figura. Ademais, pontua-se que a conduta transfóbica de J.K. se torna o foco do diálogo entre os participantes. Embora a temática não seja diretamente tangenciada pelo seu conteúdo inicial, se ela foi exposta, é porque no próprio signo estava contido este efeito interpretativo em potencial.

4.7 PUBLICAÇÃO 3: ENTREVISTA DE J. K. ROWLING SOBRE O EX-MARIDO

Figura 59 – Publicação 3



Fonte: autora

4.7.1 Breve descrição da publicação

A postagem tem como assunto central uma entrevista concedida por J.K. Rowling em meados de fevereiro de 2023, na qual a britânica detalhou alguns comportamentos abusivos de seu ex-marido, que chegou a esconder o manuscrito do primeiro romance de Harry Potter, como maneira de ameaçar sua então esposa. O texto é composto por fragmentos da fala de Rowling, enquanto a imagem consiste em uma montagem, tendo o rosto da autora como figura central e, logo abaixo dele, um recorte da matéria publicada pela revista ISTOÉ. Ao todo, a publicação conta com 218 comentários, 37 compartilhamentos e 632 reações.

4.7.2 Ponto de vista qualitativo icônico

As cores frias são dominantes na imagem analisada, reforçando a expressão facial da mulher representada que transmite, ao mesmo tempo, firmeza e serenidade. O fundo é

preenchido por um cinza mediano, sendo uma tonalidade intermediária, que pode ter efeitos positivos e negativos. Neste caso, concede camadas de melancolia à gravura em questão, mas, também, evoca ideias de força, resistência e equilíbrio.

Já o azul se manifesta em duas variações, sendo a mais clara identificada nos olhos da figura feminina e o azul marinho em sua roupa. Os olhos azuis claros, que são o elemento de maior destaque neste rosto, são convidativos e exercem um nível de fascínio sob aqueles que os observam, devido, também, ao olhar fixo e profundo que a mulher apresenta. Já o traje em azul marinho remete às sensações de confiança e seriedade, reforçadas pelos lábios da senhora, que formam uma linha reta, e pelas sobancelhas levemente arqueadas.

O branco, terceira cor que mais se distingue, é empregado na parte textual da gravura, chamando atenção para as informações ali dispostas, escritas em preto e vermelho, que se sobressaem perante o minimalismo do branco. Por fim, a única cor quente realçada na imagem é um tom claro de amarelo, presente nos cabelos loiros da mulher, tonalidade capilar comumente associada à feminilidade, doçura e delicadeza. Fora isso, segundo especialistas do ramo estético²¹, as tonalidades de loiro mais claras e prateadas também transmitem elegância e leveza.

4.7.3 Ponto de vista singular-indicativo:

Mantendo a estrutura de investigação das demais publicações, primeiramente, só a imagem será abordada na dimensão da secundidade e, logo após, o texto e a vinculação entre estes dois elementos também são analisados.

Tal como nos outros *posts*, a figura feminina de destaque é a autora J.K. Rowling. Neste caso, aparecem com nitidez somente seu rosto e pescoço, visto que o restante do tórax está encoberto pelo título de uma notícia, que é a temática central da postagem. Sua expressão facial de sisudez, assim como seus acessórios discretos, blusa elegante e fundo neutro da imagem, indicam formalidade, como se Rowling estivesse sendo fotografada para fins institucionais. A sobreposição da notícia sob a gravura da autora, assim como o pequeno índice no canto esquerdo, onde se lê “Página Alvo Dumbledore”, apontam que a figura foi elaborada por fãs da saga.

O recorte da notícia inclui a fonte oficial da informação, o *site* da revista brasileira ISTOÉ, um veículo de comunicação renomado nacionalmente e, logo abaixo, é possível ler:

²¹ Disponível em: <https://www.loreal-paris.com.br/voce-sabia-que-a-cor-do-cabelo-pode-influenciar-na-sua-personalidade>. Acesso em: 02 de jul. de 2023.

“*Autora de Harry Potter diz que ex-marido abusivo escondeu o manuscrito do primeiro livro para mantê-la em casa*”. A identificação do veículo ocorre por meio da sua logo, que representa uma convenção e, portanto, se classifica como um legissigno. Entretanto, como neste caso ela se manifesta em uma ocorrência e uso individuais, passa a ser um sinsigno que atualiza um tipo geral abstrato, ou seja, uma réplica.

Apesar de o nome de Rowling não ser citado no título, o uso de sua foto a conecta, diretamente, com o acontecimento mencionado. Sendo assim, a maneira como a imagem foi configurada expressa singularidade, visto que foi desenvolvida, especificamente, para esse contexto, além de optar por uma organização de elementos não muito tradicionais em divulgações de notícias.

Dando início à análise referente ao texto, encontram-se os seguintes parágrafos:

J.K. Rowling disse em entrevista ao podcast que estreou hoje que seguia as ordens do ex-marido, pois temia que ele queimasse o manuscrito. Após encontrá-lo, ela secretamente começou a fotografar as páginas para garantir que o seu trabalho não fosse perdido.

“Ele se tornou muito violento e controlador. Costumava revistar a minha bolsa toda vez que eu chegava em casa e eu não tinha a chave da porta da frente [...] Foi um estado de tensão horrível de se viver, porque eu tive que agir como outra pessoa e não sou uma boa atriz [] Ele sabia o que aquele manuscrito significava para mim, porque, a certa altura, pegou o manuscrito e o escondeu. Aquele era seu ‘refém’”.

Os trechos são referentes à entrevista concedida por Rowling, explicando os comportamentos abusivos que seu ex-marido apresentava, salientando que até seu primeiro manuscrito correu perigo de ser destruído. São detalhes inéditos, nunca abordados por J.K. anteriormente, que sempre evitou aprofundar declarações sobre seu primeiro casamento. Abaixo, a publicação é complementada com a fonte das informações (ISTOÉ), reforçando a sua procedência, e em seguida, está escrito ‘Por: Alvo Dumbledore’, corroborando que o material, em partes, é *fanmade*, indício que a imagem já havia sugerido.

A criação de uma peça visual própria para a divulgação desta notícia funciona como modo de representar as citações da reportagem em nível imagético, o que pode ser mais atrativo para o leitor. Ademais, observa-se que a sobriedade do assunto noticiado – a violência contra mulher – se denota tanto na escolha do texto, quanto na criação da figura, com estes elementos atuando conjuntamente na produção de significado, fortalecendo um ao outro.

4.7.4 Ponto de vista convencional-simbólico

A imagem, que basicamente consiste em uma montagem composta por uma foto de Rowling e o *print* do *site* da revista ISTOÉ, é articulada para emitir credibilidade. A escolha desta fotografia em específico retrata J.K. em seu ângulo profissional, uma das autoras mais bem-sucedidas do mundo o que, logicamente, a posiciona como figura pública de respeito e de confiança. Juntamente a isto, o *print* da notícia opta por não cortar a logo da revista ISTOÉ, pois se trata de uma fonte segura de informação, atestando a veracidade dos fatos decorridos.

A ideia de êxito e de glória que a figura de J.K. exprime, entretanto, é balanceada pelo título da matéria, que expõe o comportamento de seu ex-cônjuge abusivo. Por esta razão, entende-se que, mesmo uma mulher tão influente e poderosa, como a escritora é atualmente, já esteve sujeita às situações de opressão e de violência. Isso causa um senso de proximidade com Rowling, humanizando-a e permitindo que pessoas ‘comuns’ se identifiquem com as repressões sofridas por ela.

Ao buscar pelo *link* da reportagem, facilmente encontrado no Google, é possível acessar a matéria, se deparando também com a imagem utilizada pela revista para ilustrar a notícia: uma foto de Rowling mais nova, sorrindo enquanto segura um exemplar de Harry Potter e o Enigma do Príncipe, penúltimo romance da saga. Ainda que seja uma fotografia adequada para o cenário em questão, não se preocupa tanto em evidenciar Rowling como uma personalidade de sucesso, o que implica em impactos distintos quando comparada com a gravura do *post* analisado.

Os trechos da reportagem que compõem o aspecto textual da publicação são, justamente, sobre as ameaças e os abusos ao trabalho de J.K., feitas por Jorge Arantes, seu marido na época. O homem chegou a esconder o primeiro manuscrito de Harry Potter e a Pedra Filosofal, para impedir que a esposa saísse de casa. Rowling, temendo que Arantes destruísse seu trabalho de anos, seguia suas ordens e buscava em segredo o manuscrito, passando a fotografar o material, depois de encontrá-lo. Naturalmente, faz sentido que as citações escolhidas sejam essas, considerando a temática central da postagem. Ainda assim, é importante frisar que são esses os fragmentos da matéria que mais contribuem para a sensibilização dos fãs, pois levam a pensar sobre o risco que a saga correu de não se tornar uma realidade concreta, revelando uma nova camada de provações que J.K. precisou tolerar para garantir a proteção da sua obra.

No próximo tópico, são introduzidos os comentários da publicação, com alguns exemplos das discussões desenvolvidas, extraídos da sessão ‘comentários mais relevantes’. Para o processo de análise, mais uma vez, os comentários e compartilhamentos foram

considerados em sua totalidade.

4.7.5 Análise dos comentários

Figuras 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74 e 75 - exemplos de comentários da publicação 3

 **Supercolaborador**
 Exatamente! Eu duvido um mulher que passou por algo parecido se sentir a vontade com um trans do seu lado no banheiro, sabemos que a grande maioria dos trans só quer viver como é em paz, mas nada impede que um homem intencionado use esse privilégio para acessar lugares femininos.

Curtir Responder Compartilhar 22 sem 

 **██████████**
 Cara em alguns posts aqui ja estava me irritando os caras falarem mal dela... Poxa ela escreveu uma obra que todos admiram, Separa o autor da obra pelo amor, povo burro.... Sem instrucao.... Canceladores mequetréfes... Nem dessa palavra gosto mais.... Quero ver se sao esses santos igual julgam os outros...

Curtir Responder Compartilhar 22 sem Editado

 **██████████**
 Cheio de tr4nsfobico achando motivos pra se manifestar aí. Não tem adm nesse grupo?

Curtir Responder Compartilhar 22 sem  2

 **██████████**
 Harry Potter e o manuscrito secreto 🤔👍 11

Curtir Responder Compartilhar 22 sem

 **██████████**
 kkkkkkkkkkkkk só agr que ela fala né, chance de ser vdd é de 8,3%

Curtir Responder Compartilhar 22 sem 

 **Supercolaborador**
 Todo dia essa coisa no grupo, achei que o grupo era sobre o mundo mágico de Harry Potter e tals, e não sobre o que a autora é ou deixa de ser, chato ler isso todo dia. Fora o pessoal achando que vai mudar a cabeça de um desconhecido na internet

Curtir Responder Compartilhar 22 sem  3

Mano..nao é por nada não, a gente tem noção do q é certo e errado nas falas dela. Mas agora QUALQUER COISA q for postado, vão sempre falar de transfobia? É um assunto sério e ok, mas é q as vezes fica até enjoativo ler.
 "J.K foi abusada" ah mas ela é transfobica.
 "J.K fez ovos fritos" ah mas e a transfobia?
 "Harry Potter soltou um pum" mas a autora é transfobica.
 Poha...vamos tbm ter noção e saber quando uma pauta deve ser levantada, pq chega um momento q ninguém da mais moral de tão banalizada q ela é.

Curtir Responder Compartilhar 22 sem   7

Supercolaborador
 Agora pronto, dizer que homem não menstrua e transfobia
 kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Curtir Responder Compartilhar 22 sem Editado    10

Supercolaborador
 com certeza é!

É tipo eu dizer que você é analfabeto funcional só porque digita essas coisas que você chama de opinião. Seria burricefobia com certeza da minha parte. Por isso te respeito.
 Hahahahhahahahaha

Curtir Responder Compartilhar 22 sem

a não foi por ela dizer isso, e sim pelo tom de dizer. E tem muitos homens trans que tem menstruação. Transexualidade é comprovada pela própria ciência e psicologia.

Curtir Responder Compartilhar 22 sem 

... O problema não foi só esse. Foi apoiar páginas transfóbicas.
 Eu não tenho nenhum amigo ou familiar trans, mas nem por isso vou sair por aí com discurso de ódio. Ela sofreu tanto, poderia ter empatia com outras pessoas que também sofrem.

Curtir Responder Compartilhar 22 sem 

 **Supercolaborador**
Gente mas oq ela fez exatamente ? Vejo povo dizendo que ela é transfobica e talz...mas ela fez/ falou exatamente oq? Ela agrediu? Xingou? Humilhou? O que foi mesmo?

Curtir Responder Compartilhar 22 sem  6

 **Supercolaborador**
A mulher sofreu tanto na vida e mesmo assim não aprendeu nada pelo visto.



Curtir Responder Compartilhar 22 sem    13

 **Supercolaborador**
Será que isso influenciou nos pensamentos preconceituosos dela?

Curtir Responder Compartilhar 22 sem   4



██████████ Supercolaborador

Nõssa quãnta bizarrice excretada com os dedos aqui nos comentários... tanto pra atacar quanto pra defender.

Todo mundo maniqueísta, vivendo num mundo onde só tem o bem e o mal, o azul ou o vermelho. Seres humanos são bem mais complexos que isso e os tons de cinza são infinitos.

A JK pertence a uma minoria oprimida, tem direito de se defender e de militar pelas mulheres.

Não tem o direito de oprimir outra minoria, e obviamente lhe falta empatia, assim como vejo preconceitos internos em minorias raciais, religiosas, sócio-econômicas, e não menos frequentemente na comunidade LGBTQIA+.

Não passo pano para a transfobia dela, mas entendo que toda revolução comete cagadas, e mesmo ela causando um prejuízo extremo a essas pessoas, não torço nem comemoro os traumas que ela passou na mão da parcela mais privilegiada e dominante de todos os tempos.

Criticá-la sim, com certeza! Impedir de ser feminista, jamais.

Curtir Responder Compartilhar 22 sem Editado



██████████ Supercolaborador

Triste de ver esses comentários

Só falta alguém dizer que ela mereceu 🙄👍 12

Curtir Responder Compartilhar 22 sem



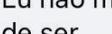
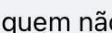
██████████
██████████ Rapaz, difícil ter empatia com uma pessoa que fala e faz tanta merda.

Curtir Responder Compartilhar 22 sem



██████████
Cara em alguns posts aqui ja estava me irritando os caras falarem mal dela... Poxa ela escreveu uma obra que todos admiram, Separa o autor da obra pelo amor, povo burro.... Sem instrucao.... Canceladores mequetrefes... Nem dessa palavra gosto mais.... Quero ver se sao esses santos igual julgam os outros...

Curtir Responder Compartilhar 22 sem Editado

    Eu não me importo com o que a J.k. ROWLLING é ou deixou de ser.... Eu vou continuar comprando coisas de H.P. e quem não gostou Sinto muito 🙌

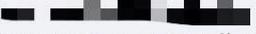
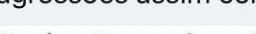
Curtir Responder Compartilhar 22 sem



   Uau, fiquei incrédula com a quantidade de comentários transfobicos que tem aqui, e se vc tenta argumentar com o ser ele simplesmente só retruca dizendo que vc é militante do tt. Que pena o que a JK passou, ninguém de fato merece isso, ainda sigo não gostando dela, até pq nada disso justifica o que ela fez. Por favor, procurem evoluir como ser humano, respeitar o próximo, transfobia mata. Imagina você apanhar ou ser assassinado por simplesmente ser quem você é?

Curtir Responder Compartilhar 22 sem Editado



     Supercolaborador  mereceu não, mas poderia ter levado isso como aprendizado e sido uma pessoa melhor. As falas dela só fazem pessoas trans sofrerem mais e mais agressões assim como ela sofreu com o marido.

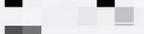
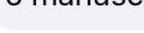
Curtir Responder Compartilhar 22 sem



  Aham, tá, agora mudou a história né? Pq na original ela nem tinha terminado de escrever e o marido ria da cara dela dizendo que a história era ridícula e que somente após o fim do relacionamento que ela teria conseguido terminar o manuscrito

Curtir Responder Compartilhar 22 sem



    é ue mas pode ser que ele tenha escondido o manuscrito inacabado.

Curtir Responder Compartilhar 22 sem

   não não, ela fez um documentário da vida dela onde ela deixou BEM CLARA essa história e não tem absurdamente nada haver com o que ela está falando agora

Curtir Responder Compartilhar 22 sem

Dentre as publicações analisadas, esta foi a única que teve uma problemática social como um de seus pilares principais, o que aumenta o grau de densidade dos comentários, não sendo recomendável generalizá-los em categorias mais simplificadas. Não obstante, identifica-se que as principais manifestações se preocupam em: criticar as falas preconceituosas da autora; defender J.K. e destacar sua força; questionar o que realmente é transfobia e, por fim, em buscar um equilíbrio entre as opiniões contrárias que tangenciam a escritora.

Os integrantes que reprovam a conduta de J.K. expressam isso em múltiplas gradações. Os mais ponderados lastimam que, mesmo tendo sido vítima de opressão por um período significativo de sua vida, Rowling contribua para que outras minorias sejam prejudicadas, apontando sua falta de empatia. Já os mais críticos ironizam as informações compartilhadas pelo *post*, duvidando que os acontecimentos tenham se desenrolado dessa maneira. Nenhum membro coloca em suspeita se J.K. foi vítima de violência doméstica em seu primeiro casamento ou não, mas sim o episódio no qual Arantes teria escondido o manuscrito, pois alegam que em outras ocasiões, os relatos da autora sobre seu primeiro manuscrito foram diferentes. Corroborando essa lógica, outros participantes ainda questionam por que somente agora, 30 anos após o fato, Rowling estaria tornando pública essa situação.

Em compensação, parte expressiva dos comentários se concentra em interceder a favor de J.K., argumentando que nada justifica os abusos praticados contra ela, além de repreender aqueles que estão julgando seu caráter. Junto a isso, uma parcela dos indivíduos se dedica em agradecer a autora por não ter desistido de publicar os livros de Harry Potter, mesmo com tantos empecilhos. Outros, no entanto, declaram que a autora não é transfóbica por afirmar que “homens não menstruam” ou por se opor a mulheres trans frequentando banheiros femininos, se referindo a duas das declarações feitas por Rowling, desconsiderando as demais alegações e atitudes da autora a respeito de pessoas transgênero. Com isso, as discussões abrem margem sobre o que pode ser considerado preconceito e/ou transfobia, resultando em comentários insensíveis sobre o tema. Percebendo isso, alguns membros apontam o teor ofensivo dessas falas, demandando que os administradores do grupo interfiram.

Existem, ainda, os integrantes que optam por se solidarizar à J.K., lamentando as crueldades praticadas por seu ex-marido, mas, também, enfatizando que não estão de acordo com sua posição perante a comunidade trans. São, portanto, comentários mais comedidos, que não tomam um partido único sobre a figura de Rowling.

Em suma, pode-se dizer que de todos os conjuntos de comentários analisados, este registrou as discussões mais acaloradas entre os membros da comunidade. Tanto os defensores, quanto os críticos da autora, defenderam seus pontos de vista fervorosamente, nem sempre se

utilizando dos argumentos mais éticos para isto. Mesmo que a publicação original, por meio de seus elementos constitutivos, reafirme a credibilidade de Rowling e busque despertar a sensibilidade do leitor, a maioria dos efeitos de sentido analisados ainda se relaciona, direta ou indiretamente, com a transfobia presente no discurso da escritora.

4.8 PUBLICAÇÃO 4: ILUSTRAÇÃO DE J.K. ROWLING

Figura 76 – Publicação 4



Fonte: autora

4.8.1 Breve descrição da publicação

A postagem consiste em uma ilustração de J.K. Rowling escrevendo um livro. Para identificar que se trata da saga Harry Potter, o autor do desenho posicionou alguns dos principais personagens da história ‘saindo’ figurativamente da mente de Rowling, durante seu processo de escrita. A parte textual do *post* é sucinta, se limitando a exaltar a genialidade de J.K. na criação de sua obra. A publicação conta com 290 comentários, 533 compartilhamentos e 7,9 mil reações.

4.8.2 Ponto de vista qualitativo-icônico

De todas as imagens analisadas, essa é a que apresenta a maior variedade de cores, concentradas, prioritariamente, na parte superior da gravura. Identificam-se os tons amarelo, vermelho, azul, cinza, branco, verde, marrom e preto, sendo esses três últimos os que mais se sobressaem. Segundo Lüscher (1969), o verde é a ‘cor sentinela’, isto é, a cor da perseverança, da vigilância, da estabilidade. O marrom, por ser essencialmente associado à terra, também remete ao equilíbrio e à constância, agindo juntamente ao verde.

Por outro lado, a tonalidade preta, dentre todas as citadas, é a de maior realce, presente em pontos distintos da imagem, conferindo um aspecto simétrico a ela. Como já mencionado, o preto é uma cor que insinua mistério e estimula a curiosidade, sensação que é reforçada pelos indivíduos representados no desenho, com expressões faciais indecifráveis, além dos objetos místicos e criaturas animais desconhecidas. Tudo isso confere uma atmosfera fantasiosa à imagem, que é convidativa e sombria, simultaneamente. Na parcela inferior da ilustração, que retrata uma mulher loira escrevendo, ocorre a predominância de tons mais claros e neutros, como cinza, branco, bege e amarelo claro, transmitindo leveza e tranquilidade, assim como a fisionomia serena que a figura feminina esboça.

O bege, que preenche o fundo da gravura, exprime conforto e calidez, ao mesmo tempo que, por ser um tom mais neutro, acentua os demais componentes do desenho. Ao dispor de todos esses elementos conjuntamente, a sensação dominante da imagem é de imersão em um ambiente criativo, lúdico e imaginativo.

4.8.3 Ponto de vista singular-indicativo

Para facilitar a compreensão da análise em secundidade, pontua-se que, nesta dimensão, assim como na próxima, quando empregados os termos *ilustração*, *desenho* e *fanart*, reportam-se exclusivamente a representação de J.K. Rowling e de seus personagens. Já os vocábulos *imagem*, *figura* e *gravura* comportam a totalidade da unidade visual analisada. Posto isto, aponta-se que a ilustração é uma alegoria sobre o processo criativo de J.K. Rowling, do qual se originou o mundo *potteriano*.

Além da escritora, é possível reconhecer os seguintes personagens: Harry, Rony, Hermione, Dumbledore, Snape, McGonagall, Hagrid e Draco. Artefatos e símbolos característicos dessa narrativa também são detectados, como o chapéu-seletor, o brasão de Hogwarts, o pomo de ouro, a espada de Gryffindor e o vira-tempo de Hermione. O desenho

conta, ainda, com outros seres pertencentes ao universo de Harry Potter, como a serpente Nagini, o hipogrifo Bicuço e os Dementadores, guardiões da prisão mais temida pelos bruxos e bruxas. Todas as criaturas e objetos citados surgem de uma única fonte: a mente de J.K. Rowling.

Para além do desenho em si, estão posicionados, em cada lateral da imagem, dois lápis de cor, atuando como índices, denotando que este material foi utilizado pelo autor da ilustração para pigmentá-la. Dos quatro lápis existentes, três são de cores que o nível qualitativo-icônico estabeleceu como predominantes (verde, bege e preto), reafirmando a percepção desenvolvida e representando materialmente estas qualidades. Tanto a imagem quanto a disposição de todos os seus componentes revelam aspectos singulares, pois, independente da quantidade de vezes que já foi reproduzida ou da existência de conteúdos semelhantes, surge a partir de uma interpretação ímpar da história de Harry Potter e está inserida em um contexto específico – o dessa publicação.

Quanto ao texto da postagem, a única frase que desenvolve é ‘*Isso é uma mente genial história personagem*’, notabilizando a admiração que o responsável do *post* sente por J.K. Rowling. Apesar de ser uma afirmação breve, a gravura utilizada complementa a percepção do integrante, ao representar imgeticamente os aspectos da obra apreciados por ele. Destarte, pode-se dizer que texto e imagem estão intimamente alinhados na busca por gerar efeitos de sentido específicos, questão que será explorada no decorrer da próxima dimensão de análise.

4.8.4 Ponto de vista convencional-simbólico

Em termos gerais, a ilustração apresentada pode ser interpretada como uma *fanart* – isto é, uma criação artística baseada em uma determinada obra e seus personagens, produzida pelos fãs. Entre os seus objetivos mais comuns, está a intenção de homenagear aquele universo fictício ou tudo que está relacionado a ele, como o próprio criador da narrativa original. É justamente isso que se constata na ilustração analisada, pois sua essência não está nos protagonistas ou apetrechos caracterizados, mas sim no processo que os origina. A representação de J.K. Rowling, sentada e escrevendo sozinha, contrasta com a grande quantidade de elementos que advém da sua imaginação, realçando sua engenhosidade em construir uma ficção tão abundante em detalhes e especificações.

A presença dos lápis de cor causa um tensionamento entre realidade e imaginação, pois corresponde ao objeto concreto que ‘deu vida’ a uma ideia, originalmente imaterial e existente apenas na mente do responsável pelo desenho. Ademais, os lápis funcionam como uma ruptura

da natureza unicamente fictícia que a imagem teria, caso constituída somente pela *fanart*. Sendo assim, em sua totalidade, simboliza não somente a criação do mundo de Harry Potter por J.K. Rowling, mas também a concepção do próprio desenho por um terceiro indivíduo, não ficando claro se o autor da postagem também é o autor da ilustração.

Com relação à frase que acompanha a figura, fica explícito que o autor do *post* considera Rowling uma mente brilhante e fez a publicação como um tipo de tributo à escritora. Ao citar ‘história’ e ‘personagem’, subentende-se que estes são os itens da obra que mais o encantam, e por isso mesmo, optou em compartilhar uma *fanart* na qual estes componentes são evidenciados.

Feitas essas considerações, entram em perspectiva os comentários da postagem. Após a leitura de todos, os exemplos foram retirados da sessão ‘comentários mais relevantes’.

4.8.5 Análise dos comentários

Figuras 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90 e 91 - exemplos de comentários da publicação 4



 Pena q é uma pessoa completamente p0dre
Curtir Responder Compartilhar 1 a  9

 Supercolaborador
Faltou a transfobia ali olha
Mas o desenho ficou muito legal, parabéns pelo talento
Curtir Responder Compartilhar 1 a Editado   4

 b transfobica pq?
Curtir Responder Compartilhar 1 a

 Só não entendo ela não ter empatia as trans...sendo que a diversidade é o q não falta em suas histórias...fora isso é genial !!!
Curtir Responder Compartilhar 1 a   3

 Transfobica   14
Curtir Responder Compartilhar 1 a

 Aí... muito preconceituoso pra mim.   2
Curtir Responder Compartilhar 1 a

 muito boa pra escrever ficção.. de resto eh totalmente contraditória.
Curtir Responder Compartilhar 1 a

 Ela não tá errada
 Quem tem menstruação só é mulheres
 Curtir Responder Compartilhar 1 a

 jura? Nossa muito obrigado!
 Curtir Responder Compartilhar 1 a

 sua ignorância tá prejudicando
 seu raciocínio (fala a verdade não é transfóbico)
 Curtir Responder Compartilhar 1 a

 o que é transfobia pra vc? Falar que
 homem não é mulher? Mas não é mesmo.
 Curtir Responder Compartilhar 1 a

 o que não é transfobia para vc
 minha dama?
 Curtir Responder Compartilhar 1 a

 não sabe o que é transfobia pra
 falar se alguém foi transfóbica ou não? Pra
 acusar alguém tem que ter pelo menos um
 conceito, não?
 Curtir Responder Compartilhar 1 a

 Acho uma baita hipocrisia amar a Saga e falar mau da
 escritora por um posicionamento que ela tomou.
 Curtir Responder Compartilhar 1 a

 falo msm, uma pessoa inteligente mais
 uma mulher que quer lutar por outras e n aceita que
 só pq na carteira o gênero tá masculino sendo que
 aquela mulher n se sente um homem, j.k só fala merda
 no Twitter dela, única coisa boa dessa mulher e a saga
 Curtir Responder Compartilhar 1 a

 qual foi mesmo o posicionamento que ela
 tomou ??? Falar uma verdade científica que não tem
 como contornar ? Acusarem-na de ser transfóbica é
 só o cúmulo da parvalheira, só quem não entende
 toda a obra dela, se há alguém que se posiciona para
 a inclusão no seu todo é ela ! As pessoas estão
 chatas, têm necessidade de cultivar ódios por motivos
 que nem entendem.
 Curtir Responder Compartilhar 1 a

 exatamente.
 Curtir Responder Compartilhar 1 a

Mulher incrível. Sem ela nosso menino Harry não existiria ♡

Curtir Responder Compartilhar 1 a

Autor
Transfobica ou não adoro a saga Harry Potter e todos os personagens que ela criou 🤔👏👏👏👏👏👏👏👏

Curtir Responder Compartilhar 1 a

Essa tia tem o meu respeito 👍

Curtir Responder Compartilhar 1 a

A obra é perfeita, mas a escritora é p0dre 🤔😂 10

Curtir Responder Compartilhar 1 a

Odiar a transfobica, mas amar a obra que ela criou.
Me sinto confusa...

Curtir Responder Compartilhar 1 a 5

Ela sem dúvidas é uma escritora de altíssimo nível, se não fosse transfobica, poderia ser uma pessoa incrível.

Curtir Responder Compartilhar 1 a 11

é aquela coisa, na escola a pessoa pode ser a melhor em matemática mas aquele que tira zero pode ser o que tem uma boa carreira. Talento todos tem, mas nem sempre vem com bom senso. Fiquei em choque quando alguém que fez uma obra sobre aceitação discrimina minorias.

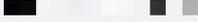
Curtir Responder Compartilhar 1 a

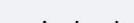
eu sou homem trans e apaixonado pela obra dela, quando soube desse posicionamento preconceitoso foi bem frustrante.
Genial para umas coisas e tão pequena em outras.

Curtir Responder Compartilhar 1 a

 
Uma mēte gigante onde tem espaço pra fantasia e transfobia.
Curtir Responder Compartilhar 1 a

 
Incrível
Curtir Responder Compartilhar 1 a

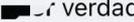
 
Pena q é homofobica e transfobica ..
Curtir Responder Compartilhar 1 a   17

   rindo de nervoso, pena mesmo.
Curtir Responder Compartilhar 1 a

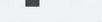
 
 odiei demais, como n jogo livro fora doe
Curtir Responder Compartilhar 1 a 

  [Seguir](#)
Tão criativa para algumas coisas é tão limitada para outras

Curtir Responder Compartilhar 1 a    11

 
 verdade infelizmente 
Curtir Responder Compartilhar 1 a 

 
Infelizmente tranfobica. Eu finjo q é a Hermione q escreveu os livros
Curtir Responder Compartilhar 1 a    5

  [Autor](#)
 kkkk boa ideia   2
Curtir Responder Compartilhar 1 a

 
Ela sem dúvidas é uma escritora de altíssimo nível, se não fosse transfobica, poderia ser uma pessoa incrível.
Curtir Responder Compartilhar 1 a    11



Fonte: autora

Existe uma semelhança expressiva entre as pautas levantadas pelos comentários desta publicação e as temáticas que já foram mencionadas em outros *posts* analisados. Ocorre, mais uma vez, a polarização entre defensores e críticos de J.K. Rowling, desencadeando questionamentos sobre quais práticas podem ser consideradas transfóbicas ou não.

Dessa vez, muitos usuários apontaram os contrastes que tangenciam a autora, pois mesmo sendo uma escritora genial e talentosa, também consegue ser preconceituosa com grupos marginalizados. Sendo assim, a maioria dos comentários expressa a ideia de ‘separar o autor da obra’, exaltando o mundo de Harry Potter ou até mesmo reconhecendo a competência profissional de Rowling, mas enfatizando a antipatia por ela enquanto indivíduo. Um comentário que chama atenção, dentre vários nesta mesma lógica, é de um homem trans, membro da comunidade *online*, que se declara ‘apaixonado’ pela obra de Harry Potter, mas extremamente frustrado com a postura adotada por J.K. Seu pensamento é concluído com a frase ‘*Genial para umas coisas e tão pequena em outras*’. Entre os comentários que desaprovam J.K., existem, também, alguns participantes que levantam dúvidas sobre a autoria dos romances ser exclusivamente de Rowling.

Aqueles que apoiam J.K. têm como principal estratégia argumentativa indagar se, realmente, houve transfobia ou qualquer outro tipo de preconceito na conduta dela, apontando que suas declarações são fundamentadas em ‘verdades científicas’. Outros, repreendem os fãs que se dizem admiradores de Harry Potter, mas que julgam a mulher que ‘tornou tudo isso possível’, alegando que, sem ela, seus personagens favoritos não existiriam e que, portanto, devem ser gratos à autora. Um terceiro grupo, em menor quantidade nesta publicação, opta por simplesmente tecer elogios à J.K. ou por relembrar todas as boas ações já praticadas por ela,

defendendo que a escritora não deveria ser julgada somente com base nos acontecimentos mais recentes. Enfim, os demais comentários, que não seguem nenhum destes raciocínios, contém observações mais generalizadas, sobre os acontecimentos da saga e seus personagens, ou se limitam a elogiar a ilustração apresentada e a citar outros clássicos da literatura fantástica.

Ao considerar todas as fases de análise da publicação e a apuração dos comentários, conclui-se, então, que o *post* original tem como intuito produzir efeitos de sentido favoráveis a J.K. Rowling e seu legado como escritora, representando-o imagetivamente e reafirmando em texto sua grandiosidade. Porém, como fica óbvio por meio dos exemplos, tudo sugere que conteúdos referentes à J.K. Rowling, mesmo que por um ângulo positivo, também contém, intrinsecamente, interpretantes desfavoráveis a respeito da autora.

4.9 PUBLICAÇÃO 5: J.K. ROWLING E SEVERUS SNAPE

Figura 92 – Publicação 5



Fonte: autora

4.9.1 Breve descrição da publicação

A postagem consiste em uma montagem de J.K. Rowling e do personagem Severus Snape. As figuras estão posicionadas lado a lado, transpassadas por uma declaração de Rowling sobre o anti-herói da saga. O texto que acompanha a imagem é sucinto, informando apenas que a autora emitiu essa fala em seu *podcast*, se referindo sobre a complexidade humana que Snape representa. A publicação totaliza 83 comentários, 68 compartilhamentos e 702 reações.

4.9.2 Ponto de vista qualitativo-icônico

A sensação de dualidade é predominante na gravura analisada, tanto pelo posicionamento dos indivíduos presentes, quanto pelas cores que os caracterizam. A figura masculina está envolta por um ambiente obscuro e ostenta roupas completamente pretas e cabelos negros. Esse conjunto de elementos concede a ele um tom sombrio, reforçado por sua expressão fácil impenetrável, composta por um misto de angústia e seriedade, e por suas mãos, projetadas em frente ao corpo, em uma postura defensiva.

Em paralelo, a mulher veste um traje claro, com bordados delicados, ornando com seus cabelos ruivos. Sua feição esboça um discreto sorriso, transparecendo sagacidade. Por trás dela, identifica-se um papel de parede floral, em tom bege, que contrasta com os olhos azuis, penetrantes. Diferente do homem retratado, a composição da figura feminina evoca suavidade e calma. Junto a isso, a presença de cores como branco, bege e laranja avermelhado trazem uma impressão de clareza para a imagem. Sendo assim, o dualismo presente não se manifesta somente individualmente, por meio de um dos fatores citados; é a combinação deles que acarreta nesse sentimento.

Em outra fração da gravura, existe um pequeno texto, escrito em um tom de amarelo vibrante que chama atenção daquele que o contempla. Além de despertar a criatividade, esse tom também é altamente associado ao estímulo de atividades mentais e do raciocínio, podendo facilitar a compreensão de informações.

4.9.3 Ponto de vista singular-indicativo

Com relação ao componente imagético da postagem analisada, a gravura retrata J.K. Rowling e um dos personagens criados por ela, Severus Snape. Seus recortes estão posicionados lado a lado, mas, perceptivelmente, divididos, sem uso de sobreposições ou de outros recursos

de condensação. J.K. é apresentada em uma estética leve, composta por tons pastéis e sutis. Conjuntamente, índices como o papel de parede floral podem ser identificados, deixando ‘rastros’ de doçura e feminilidade que podem ser associadas à Rowling.

Opostamente a isso, Severus Snape, interpretado pelo britânico Alan Rickman, aparece em um cenário predominantemente escuro, possivelmente a sala de aula na qual ministrava as aulas de poções mágicas, em Hogwarts. Caracterizado com uma longa túnica preta, suas vestes típicas de professor, está segurando sua varinha com as duas mãos. Seu rosto demonstra um misto de emoções, não sendo possível identificar se Snape estaria segurando o artefato mágico para atacar um alvo, defender a si próprio ou, simplesmente, dar início aos ensinamentos de sua classe.

Praticamente no meio da imagem, está posicionada uma tarja transparente que contém o seguinte trecho:

As pessoas são profundamente imperfeitas, cometem erros e fazem coisas ruins. Inclusive, me apresente algum ser humano que nunca fez nada de ruim! E essas pessoas também podem fazer coisas grandiosas. Grandiosas no sentido moral, não no sentido de fama ou de realizações. Quando considerado o texto que acompanha a figura na publicação, é possível compreender a relação entre J.K., Snape e o teor da citação. Como explica o autor do *post*, a fala se trata de uma declaração que Rowling fez em seu *podcast*, sobre como este personagem representa a complexidade humana. Ambos, texto e imagem, contém o índice *IG:GHHARRYPOTTER* como maneira de referenciar a fonte do material, sugestionando seu caráter *fanmade*. Esse aspecto revela a singularidade do conteúdo, no sentido de que foi produzido por fãs com o propósito de compartilhamento da informação. Independente da existência de outras montagens que unam Rowling e Snape, o arranjo dos elementos são particulares desta imagem, que, posteriormente, adquire novas camadas ao ser inserida no contexto específico do *post* analisado.

4.9.4 Ponto de vista convencional-simbólico

Em terceiridade, todas as características da imagem, independente da sua intencionalidade, simbolizam uma relação de bem *versus* mal. Rowling está posicionada como o polo benéfico, dispondo de signos que remetem bondade, paz e ‘luz’. Já Snape é visualizado como o antônimo de tudo isso, envolto em escuridão e mistério. Até mesmo suas expressões facial e corporal são dúbias, como um reflexo de suas intenções durante a narrativa dos sete livros. Assim, ao considerar somente a disposição dessas duas figuras, sem incluir o trecho

presente na própria imagem, pode-se dizer que Rowling se configura como heroína e, Snape, como o vilão.

No entanto, quando é levada em conta a gravura em sua totalidade – ou seja, englobando a citação – e o texto que ‘legenda’ a montagem e indica a procedência da declaração contida nela, surgem dois caminhos distintos para a sua interpretação. Resumidamente, o trecho prega que o erro e as imperfeições fazem parte da essência humana, fazendo uma crítica à dicotomia de pessoa boa *versus* pessoa ruim, pois ninguém é, inteiramente, uma coisa só. Sendo assim, indivíduos que manifestaram condutas moralmente condenáveis no passado podem ser capazes de agir corretamente no futuro e vice-versa. Posto isto, a associação entre J.K. e Snape obtém novas possibilidades.

Em uma primeira hipótese, a representação de Rowling segue sendo de benfeitora, mas não necessariamente contrária a Snape. A escritora pode ser vista como alguém que alerta para os perigos do julgamento, dialogando em sua defesa, já que nos próprios livros acontece a redenção do bruxo, que passa a ser considerado um anti-herói e, na perspectiva de parte do público, até mesmo um herói. Todavia, a segunda opção contempla uma lógica alternativa, na qual ocorre uma projeção da própria J.K. no personagem de Severus Snape. Ao salientar que a imperfeição humana não determina o caráter de uma pessoa, afirmando que um indivíduo que cometeu erros também é capaz de ter atitudes *morais* grandiosas, J.K. traça um paralelo com seu processo de cancelamento atual, independente da intencionalidade de sua fala. Assim como Snape, muitas vezes, apresentou comportamentos duvidosos, mas no final da saga se sacrificou em detrimento do ‘bem maior’, a declaração de J.K. deixa implícito que ela já agiu com honra e bondade e, portanto, não deve ser julgada somente por uma parte dos fatos. Afinal, essa é a natureza humana: paradoxal e complexa. Mesmo que seja um poderoso feiticeiro, no fim das contas, Snape ainda era humano. E Rowling, ainda que ocupe uma posição de figura pública e disponha de uma fortuna, também continua sendo uma pessoa, um ser humano. Esse, destarte, é um dos efeitos de sentido compreendido pelo signo analisado.

Realizado o aprofundamento, em terceiridade, de texto e imagem, são introduzidos os comentários da postagem, com os exemplos retirados da sessão ‘comentários mais relevantes’.

4.9.5 Análise dos comentários

Figuras 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105 e 106 – exemplos de comentários da publicação

5


 Ainda assim certos crimes ou atitudes são imperdoáveis, mas claro q varia de pessoa pra pessoa
 Curtir Responder Compartilhar 16 sem 3


 Supercolaborador
Vinicius Betinardi eu nunca faria o que ele fez só pq não conquistou a guria
 Curtir Responder Compartilhar 16 sem 3


 ALWAYS 🍀🍀🍀
 Curtir Responder Compartilhar 16 sem 3


 kkkk ela ta falando sobre si própria?
 Curtir Responder Compartilhar 16 sem 2


 Supercolaborador
 Snape nunca fez nada grandioso, nasceu um bosta e morreu um bosta. Parece até a JK.
 Curtir Responder Compartilhar 16 sem 6


 Tantas pessoas com odio no coração falando mau da JK, ué quem criou o Harry Potter foi ela, querem cancelar ela, então cancelem tudo o que ela fez, eu continuo com ela, tenho 32 anos cresci nos meus 11 aninhos lendo HP, como ela mesmo disse todo mundo erra e quem nunca errou?
 Curtir Responder Compartilhar 16 sem 10


 Supercolaborador
 Severo podia ser várias coisas mas jamais transfobico, ele tinha caráter e princípios.
 Curtir Responder Compartilhar 16 sem 4


 bom quem criou o snape foi ela, entao basicamente todos personagens é um reflexo da forma dela de pensar entao né ja sabe
 Curtir Responder Compartilhar 16 sem 4

Supercolaborador
eu sempre faço questão de ver os comentários em todas postagens que fala da JK é engraçado ver alguns espumando pelo simples fato dela falar que apenas mulheres menstruam haha.

Curtir Responder Compartilhar 16 sem 23

Supercolaborador
engraçado é ver babaca passando pano pra transfobia

Curtir Responder Compartilhar 16 sem 3

Supercolaborador
Kkkkkkkkkkkkkkkkk

Curtir Responder Compartilhar 16 sem

Supercolaborador
essa maldita merece deixar de existir

Curtir Responder Compartilhar 16 sem

Supercolaborador
🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔

Curtir Responder Compartilhar 16 sem

Supercolaborador
pior é que nem falam a verdade kkkkk já inventam 300 outras coisas, mas o que de fato ela fez eles não falam.

Curtir Responder Compartilhar Captura de Tela 16 sem

Supercolaborador
Por isso precisamos separar a escritora genial da pessoa humana mediocre.

Curtir Responder Compartilhar 16 sem 8

Supercolaborador
Karin Christine Piatek Suliman Grudzinski ela já é uma pessoa idosa praticamente, já passou por muita coisa na vida. Sei que ela pisa na bola falando asneira, mas ela tbm é humana né

Curtir Responder Compartilhar 16 sem 3

Supercolaborador
Alex Bruno Faulhaber . Uma coisa é falar asneira e outra é elogiar nazista ou dar dinheiro pra causas transfobicas tornando a vida dos outros pior.
Bolsonaro também é idoso e devia no mínimo morrer numa cela de prisão.

Curtir Responder Compartilhar 16 sem 10

Supercolaborador
Thandryus o Bolsonaro eu concordo
A J.K ela só sei lá
Sempre foi uma pessoa e agora é estranho

Curtir Responder Compartilhar 16 sem

Supercolaborador
 o fandom de HP na verdade sempre procuram desculpas que tragam redenção a seus personagens favoritos, meio que uma justificativa daquilo que elas se identificam, tem quem defenda os marotos, que pra mim não tem defesa, eram um bando de arrogantes e cruéis e dizem que era um errinho pequenininho, tem pessoas que adoram o Dumbledore, que era um idoso bastante sagaz e manipulador em diversos momentos ele apresenta ser mais frio e calculista do que a maioria pensa, enfim, o Snape para alguns teve seus motivos para se tornar amargo e triste. Por isso o sentido da frase da autora, "me apresente algum ser humano que nunca fez nada de ruim, e essas pessoas também podem fazer coisas grandiosas". A frase na verdade se encaixa a muitos personagens, não a um só

Curtir Responder Compartilhar 15 sem

Um grande hipócrita,ela mesma não assume os próprios erros

Curtir Responder Compartilhar 15 sem

Gláucia Reeis

Curtir Responder Compartilhar 15 sem

Uma coisa é cometer erros, outra coisa é participar de uma ceita criminosa que mata e tortura pessoas, e achar isso normal, e só se revoltar quando a pessoa morta é a pessoa que você ama, porém foda o resto que sua ceita matou ou torturou, Snape nunca foi bom, só queria vingança, se Lilian tivesse viva ele seria o braço direito do Voldemort e sabe se lá quantas ele já teria matado e torturado em nome do lorde das trevas

Captura de Tela

Colocação perfeita sobre o personagem. Só não concordo quem o coloca como herói incompreendido. Snape gostava de ser ruim, gostava da má fama que tinha e foi mais vezes injusto do que justo, não dá pra passar esse pano todo não.

Curtir Responder Compartilhar 16 sem

Meu favorito sempre

Curtir Responder Compartilhar 15 sem

Adriana Santos Manu Maria

Curtir Responder Compartilhar 15 sem

Maravilhosa, como em tudo que faz!

Curtir Responder Compartilhar 15 sem



Snape foi maldoso com Harry sempre! Odiava o Harry , mas não queria ver ele morto pq amou a mãe dele, e pq Dumbledore convenceu ele de que "proteger"o Harry salvaria a memória da mãe dele! Mas sempre torci pra ele ser do bem , qnd li o sexto livro logo qnd lançou, fiquei sem acreditar no final, e tive q esperar o lançamento do sétimo livro até a parte final pra ver a redenção do Snape, foi esperar 2anos kk

Curtir Responder Compartilhar 16 sem



Desculpa da autora para redimir um bruxos que escolheu ir para o lado negro e não suportou as consequências quando o dano chegou a algo que ele gostava.

Curtir Responder Compartilhar 16 sem



Supercolaborador
"O amor venceu". Tá cheio de esquerdopocritas aqui destilando "amor". 🤔

Curtir Responder Compartilhar 16 sem



Supercolaborador
Amo a complexidade do Snape. Mas infelizmente só o julgam por suas escolhas passadas e atitudes e esquecem dos seus bons feitos. Já diz a Pitty com o ditado- "Quem não tem Teto de Vidro que atire a primeira pedra." e quem nunca fez escolhas erradas ou precipitadas?
Podem odiar o Snape mas eu o amo por ter passado por coisas semelhantes a ele e também fiz escolhas ruins na minha vida. Não existe ninguém perfeito. Agora quem destila ódio,esse sim não pode julgar o Snape,pois,o Snape é fictício e foi criado para fazer o que fez e a pessoa que é real, pensa por ela mesma e ainda ataca quem não tem a mesma opinião que ela. (A JK eu não apoio em nada.)

Curtir Responder Compartilhar 16 sem



Amo a JK, amo a obra dela e todo o tradicionalismo da obra dela. Se estão achando ruim, que deem ibope e comprem os livros das pessoas conforme vossas ideologias. Povo chorão.

Curtir Responder Compartilhar 16 sem



Achei que tava falando dela própria.

Curtir Responder Compartilhar 15 sem



Fonte: autora

Entre todas as publicações analisadas, esta apresenta os comentários que mais se atém ao aspecto ficcional levantado pelo *post*. Uma porção significativa das manifestações se concentra em debater sobre a construção do personagem de Snape, sem se referir à J.K. Rowling. Alguns membros da comunidade discorrem sobre a trajetória do bruxo, balanceando suas boas ações e condutas moralmente questionáveis, concordando que ele realmente é um ser complexo, com muitas camadas. Por outro lado, outros integrantes argumentam que Snape sempre foi egoísta e tratou Harry mal por muitos anos, mesmo que o tenha mantido vivo, em consideração à Lily. Enfim, outro grupo se limita apenas a expressar seu carinho pelo personagem, citando também seu intérprete, Alan Rickman, que faleceu precocemente em 2016, devido a um câncer no pâncreas.

O restante dos comentários analisados, cerca de metade, se centraliza em J.K. Rowling. Os críticos da autora questionam sua fala e apontam que ela está ‘falando de si própria’, tentando diminuir o peso de suas declarações transfóbicas, ao se comparar com Snape. Ainda nesta lógica, um tom irônico caracteriza uma parcela das manifestações, ao expor que, mesmo com todas as suas falhas, Severus Snape “jamais seria transfóbico, pois tinha caráter”. Em resposta à essa desaprovação, os fãs de Rowling debatem a favor da escritora, alegando que ser fã de Harry Potter, mas detestar a criadora da saga, é uma grande hipocrisia e uma espécie de desonra. Já os *potterheads* que discordam do posicionamento de J.K. recorrem, mais uma vez, ao fundamento de ‘separar o autor da obra’ e a ‘a escritora da pessoa’.

Ao levar em conta os apontamentos sobre a publicação original, nota-se como as dimensões da semiótica peirceana permitem aprofundar o olhar sobre o conteúdo exposto, evidenciando como um único signo pode conter não apenas diversos interpretantes, mas em alguns casos, interpretantes “opostos”. Quanto à análise dos comentários, percebe-se que, mesmo quando um dos pilares da discussão é um personagem fictício, a obra de Rowling fica em segundo plano, com as suas condutas da ‘vida real’ se sobressaindo.

4.10 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada publicação selecionada, assim como seus respectivos comentários, possui suas próprias especificidades, tornando-as distintas entre si. No entanto, ao analisar o *corpus* de pesquisa sob a perspectiva da semiótica peirceana, contemplando primeiridade, secundidade e terceiridade, notam-se semelhanças pertinentes no que diz respeito aos efeitos de sentido gerados.

A primeira publicação se refere ao aniversário de J.K. Rowling, sendo, portanto, uma postagem que celebra a vida da autora. De fato, como pontuado na análise, uma parcela dos membros da comunidade manifesta sua admiração à Rowling e a parabeniza pelo início de mais um ciclo. No entanto, parte significativa dos comentários tece críticas à J.K. e a classifica como transfóbica, mesmo que nenhuma menção negativa sobre a escritora tenha sido feita no *post* original. A partir disso, infere-se que a simples aparição de Rowling na postagem foi o suficiente para trazer à tona suas declarações transfóbicas e, conseqüentemente, opiniões negativas e desfavoráveis acerca de sua personalidade.

O *post* seguinte, que exalta a trajetória de superação da autora, ressaltando todos os obstáculos vencidos por ela, também conta com críticas severas às condutas mais recentes de J.K., sendo, inclusive, a maioria nesta postagem. O mesmo ocorre nas publicações de números 3, 4 e 5: o ponto de partida – ou seja, a postagem original – sempre é favorável a J.K., seja sutil ou explicitamente, além de não adentrar a temática da transfobia. Porém, em todos os casos, é justamente esse o assunto que ocupa o protagonismo dos debates, sendo possível identificar um padrão que corrobora o pressuposto sinalizado na primeira publicação. As análises realizadas também identificaram mais uma constante nos comentários de todas as postagens: o discurso que prega a separação entre autor e obra. Para os fãs que discordam do posicionamento de Rowling, mas seguem investidos na saga Harry Potter, a solução parece ser a tentativa de desassociar criadora e criatura, de modo que a lealdade aos personagens e àquele universo, não sejam sinônimos de lealdade à J.K. Rowling.

Feitos estes apontamentos, é interessante retomar uma problemática introduzida no primeiro capítulo deste trabalho, acerca da cultura do cancelamento. Como visto com o exemplo da cantora Luísa Sonza, que em 2020 foi cancelada por conta da sua separação de Whindersson Nunes, a *cancel culture* estava se tornando uma prática trivial, afastando-se cada vez mais do seu viés social e ativista, sendo colocada como uma manifestação superficial, embasada em gostos pessoais e suposições. No caso de J.K. Rowling, entretanto, as análises revelam o oposto disso: o sentimento de repúdio pela autora se baseia em sua conduta transfóbica, que afeta grupos de pessoas altamente marginalizados.

Sendo assim, o cancelamento da britânica se articula em consonância com o propósito original da *cancel culture* – combater falas e comportamentos que impactem negativamente parcelas mais vulneráveis da sociedade. Esse princípio, entretanto, não justifica posicionamentos mais agressivos, como visto em alguns comentários, que chegam a desejar o acometimento de J.K. Rowling e, até mesmo, a sua morte. A cultura do cancelamento, em sua essência, não existe para promover o extermínio de uma pessoa, mas para responsabilizá-la por suas ações, independente da posição de poder e prestígio que ocupe; para evidenciar que nenhum indivíduo está imune das consequências de seus atos.

Outra característica da banalização da *cancel culture* é a crença de que, rapidamente, o indivíduo será ‘descancelado’, o que, de fato, acontece em muitos episódios. No caso de figuras públicas, uma das razões que explica essa reversão veloz é a atuação das assessorias, que agilmente colocam em prática estratégias para recuperar a imagem positiva da personalidade em questão. O cenário que Rowling se encontra, no entanto, não é esse. A autora optou por manter seu posicionamento e reafirmá-lo em múltiplas oportunidades, o que tem tornado seu cancelamento contínuo e peculiar, sendo inviável prever os próximos estágios desse processo.

Por outro lado, ainda que seus capitais social e simbólico (Bourdieu, 1997) estejam abalados, Rowling continua mantendo seu *status* de celebridade. Afinal, conforme elucidado por Lilti (2018) no capítulo dois, a ideia de celebridade se autonomiza em relação aos critérios que subjugam a reputação. Posto isso, para um entendimento mais fidedigno e completo da conjuntura na qual se encontra Rowling, não se deve desconsiderar que ela segue relevante em diferentes círculos, inclusive na comunidade *online* analisada nesta pesquisa, não sendo considerada somente por suas competências enquanto escritora ou por sua conduta pessoal controversa, mas pela capacidade que possui em captar e sustentar a curiosidade do público (Lilti, 2018), que fica visível por meio do nível de engajamento que as publicações averiguadas apresentam.

Quanto à detenção de capital por Rowling, é preciso destacar mais uma questão, aparentemente óbvia, mas que pode gerar dúvidas. Ainda que exista uma correlação entre os diferentes tipos de capitais, o prejuízo de um deles nem sempre implica no comprometimento dos demais. Rowling, por exemplo, segue aparentemente sem perdas significativas de seu poder aquisitivo e financeiro. A última estimativa de seu patrimônio líquido, realizada pela revista Forbes em 2017, foi de US\$ 650 milhões. Já uma estimativa do The New York Times, de 2016, apontava que, na verdade, a fortuna de J.K. ultrapassava US\$ 1,2 bilhão. Em 2022, a britânica esteve entre os 20 autores de ficção mais vendidos mundialmente, lista da qual faz parte há mais de uma década.

Para além disso, o fato é que a maior fonte de renda de J.K. Rowling, há muitos anos, não são as vendas dos livros em si, mas sim os *royalties* que possui enquanto dona da marca Harry Potter. Ou seja, parte dos lucros com a venda não apenas dos romances, mas de qualquer *merchandising*, filmes, jogos, parques e outros produtos oficiais, é direcionada para Rowling. O exemplo mais recente dessa dinâmica é o jogo de RPG Hogwarts Legacy que, em poucos meses após o lançamento, vendeu mais de 15 milhões de cópias, acumulando mais de US\$ 1 bilhão. A Avalanche Software, desenvolvedora do *game*, chegou a se posicionar publicamente sobre o envolvimento de Rowling com a criação do jogo, explicando que a autora não participou ativamente do processo e que colaborações foram feitas somente com a sua equipe, para garantir que o jogo estivesse alinhado com as expectativas dos fãs. Independente do nível de cooperação entre a Avalanche Software e J.K. Rowling, o fato é que os ganhos com Hogwarts Legacy, implicam, necessariamente, em ganhos para a escritora, também.

Posto isso, fica claro que, enquanto Harry Potter for uma marca altamente rentável, tal como agora, o patrimônio financeiro de J.K. Rowling não corre riscos, mesmo com o comprometimento da sua reputação. Uma comprovação disso pode ser encontrada no próprio Twitter da autora. Em outubro de 2022, um usuário da rede questionou como Rowling conseguia dormir a noite, sabendo que perdeu grande parte de seu público, especialmente na compra de livros. Em resposta, a escritora fez um *print screen* do tuíte, sem identificação do autor, e postou a imagem, acompanhada da seguinte frase: “eu leio meus cheques de *royalties* mais recentes e essa dor passa rapidamente”, demonstrando não possuir preocupações com seu patrimônio e nem com o declínio da sua audiência.

Figura 107 - Tuíte de J.K. Rowling sobre o recebimento de *royalties*.

Fonte: [Twitter.com/jk_rowling](https://twitter.com/jk_rowling)

Entre outras contribuições que as análises dos comentários propiciam está a possibilidade de verificar como alguns conceitos a respeito da cultura de fãs, salientados no terceiro capítulo, se aplicam em um contexto real e prático. De acordo com a explanação de Amaral, Souza e Monteiro (2015), as práticas de fã-ativismo podem conter alguns paradoxos, já que, mesmo assumindo uma posição contrária a uma “fonte opressora”, indivíduos podem seguir colaborando com elas, em certa medida. Aqui, é possível traçar um paralelo com os *potterheads* que desaprovam as falas de Rowling, mas seguem consumindo e divulgando seu trabalho, já que, pelo menos nos conjuntos de comentários analisados, não fica claro como ocorre, objetiva e realisticamente, a separação entre artista e obra, citada por esses fãs. É importante ressaltar, todavia, que mesmo feita esta observação, este trabalho não desconsidera as microrresistências (Amaral, Souza e Monteiro, 2015) contidas na essência dessas manifestações. Ainda no que toca à temática da cultura de fãs, os comentários coletados e examinados demonstram como a expressividade passional é um dos pilares dos *fandons*, tanto no discurso dos fãs, quanto dos antifãs (Freire Filho, 2013).

Por fim, destaca-se como a aplicação da semiótica peirciana permitiu aprofundar a análise das publicações selecionadas e de seus respectivos comentários, estabelecendo as ligações entre diferentes códigos e linguagens. Afinal, como descreve Pignatari (1979), a semiótica peirciana tem como uma de suas finalidades “[...] ler o mundo não-verbal: ‘ler’ um quadro, ‘ler’ uma dança, ‘ler’ um filme – e ensinar a ler o mundo verbal em ligação com o mundo icônico ou não-verbal” (Pignatari, 1979, p.12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo principal investigar as transformações na imagem e na reputação de J.K. Rowling perante um público específico – os *potterheads* brasileiros – tendo em consideração o processo de cancelamento no qual a autora está inserida desde 2019. Para isso, o primeiro passo foi estabelecer um entendimento mais profundo acerca da cultura do cancelamento, considerando a influência do fenômeno sob as práticas de repúdio à Rowling. Conforme elucidado no primeiro capítulo, a *cancel culture* da contemporaneidade tem suas raízes atreladas às manifestações e às práticas do passado, como o Ostracismo da Grécia Antiga. Mesmo com milênios de separação entre estes procedimentos, existem semelhanças significativas em suas essências: retirar a credibilidade de um indivíduo, afetando o seu prestígio social, ainda que não necessariamente de modo definitivo.

Dando seguimento ao resgate histórico proposto, notam-se, também, simetrias entre a cultura do cancelamento e os rituais de exílio e exposições em praça pública, legitimados pelos costumes e sistemas de organização social de suas respectivas épocas. A vergonha como elemento disciplinante é dos principais pontos que une estes fenômenos. Todavia, com o advento do Iluminismo, no século 18, punições como os exílios e a berlinda passam a cair em desuso, até o momento em que são completamente descontinuados no Ocidente, pelo menos em termos legais. Assim, a segunda metade do capítulo se volta para os precursores mais atuais da *cancel culture* – o *problematic favorite* e a *call-out culture* e, então, adentra a cultura do cancelamento propriamente dita, apresentando suas origens, propósitos e transmutações. Por fim, conclui-se que o fenômeno vive um momento de transição, oscilando entre um movimento que deslegitima o apoio a qualquer pessoa, grupo ou organização desalinhados com os valores sociais vigentes (Nguyen, 2020) e uma prática que se baseia em censura e discursos de ódio, motivados não por preocupações coletivas, mas sim por discordâncias pessoais (Emmanuel, 2020).

A realização deste breve mapeamento histórico teve como finalidade fomentar o arcabouço teórico da cultura do cancelamento, ainda pouco explorado cientificamente, além de atender ao primeiro objetivo específico deste trabalho, que visava compreender a trajetória do fenômeno desde a sua origem e os paralelos existentes com atividades antecessoras, para que fosse possível assimilar as nuances do cancelamento e a complexidade do cenário no qual está inserida J.K. Rowling.

O capítulo seguinte buscou atender ao segundo objetivo específico e contemplou uma série de conceitos e tensionamentos que estão relacionados à *cancel culture*, sendo os

principais: opinião pública, celebridade, reputação e crise de imagem. Ao se debruçar sob a concepção de opinião pública, ficou evidente o longo e intrincado percurso percorrido para que a temática fosse percebida como relevante para o meio científico e, posteriormente, incorporada aos estudos de comunicação, com as primeiras discussões centralizadas nos debates entre as visões opostas de Lippman (2008) e Dewey (1954). Foi a partir disso que teorias como a *agenda setting*, a espiral do silêncio e o efeito da terceira pessoa, todas substanciais para a área da comunicação, puderam considerar os efeitos da opinião pública no desenvolvimento de suas hipóteses e pressupostos. Dando continuidade ao desenvolvimento do capítulo, o primeiro tópico se preocupa, ainda, em posicionar a ideia de opinião pública na contemporaneidade, tendo em mente a atuação do digital e das redes sociais. Por fim, pode-se dizer que o conceito de OP segue amplo e, em alguns casos, até mesmo paradoxal (Farias, 2019), mas é precisamente em razão disso que precisa continuar sendo explorado em pesquisas atuais, inclusive naquelas que investigam ‘novos’ fenômenos, como a cultura do cancelamento.

O próximo tópico se dedica, prioritariamente, a dissertar sobre as noções de celebridade e reputação, para que seja possível assimilar as discrepâncias entre os termos. Com o aporte de França (*et al.*, 2014), fica estabelecido que o status célebre se baseia em três eixos – conhecimento, reconhecimento e culto. Sendo assim, a reputação está intimamente conectada à essência de celebridade, mas não se limita somente a esse grupo de pessoas, já que, como explica Magri (2020), a reputação pode ser entendida como um fato social, que se estende a todas as relações humanas, não sendo exclusiva da celebridade. É nesse momento que conceitos basilares para a premissa deste trabalho são introduzidos – o capital social e o capital simbólico de Bourdieu (1997) – nos quais a reputação e as suas consequências podem ser encaixadas. Feitas essas e outras explanações, o capítulo se encerra abordando as múltiplas definições de crise de imagem, que apesar de suas particularidades, têm como ponto comum a mesma inquietação: a ameaça à perda de um dos recursos mais valiosos de uma pessoa ou marca – sua reputação. Nesse sentido, os últimos parágrafos do tópico dão início à caracterização da crise de imagem que J.K. Rowling atravessa nos últimos anos, que volta a ser discorrida no final do capítulo três.

O terceiro capítulo se concentra em dois núcleos fundamentais: os estudos de fãs e a saga Harry Potter enquanto fenômeno da cultura *pop*, abarcando suas origens, propriedades e impactos. Entre as principais contribuições deste capítulo, está o sucinto panorama teórico acerca dos estudos de fãs, tendo Jenkins (2009) como o estudioso pioneiro a olhar para esse grupo de indivíduos como produtores ativos de conteúdo e detentores de certa autonomia. Ainda que algumas fragilidades sejam identificadas na perspectiva de Jenkins (2009), sua obra

foi a responsável por direcionar as temáticas mais atuais desta área, como o fã-ativismo e a expressividade passional dos *fandons*, que também são discutidas ao longo do capítulo, visando evidenciar a complexidade que permeia a natureza dos fãs e as suas interações. Enfim, o universo de Harry Potter assume o foco do debate, englobando desde seu enredo e trajetória inicial até suas repercussões atuais, mais de 25 anos depois. Com a apresentação dos fãs da saga, os *potterheads* e, mais especificamente, dos *potterheads* brasileiros, chega o momento de discorrer detalhadamente sobre a autora dos romances, J.K. Rowling, assim como seus percursos pessoal e profissional para, então, contextualizar o processo de cancelamento do qual é protagonista. Este capítulo, entre outros propósitos, busca também atingir o terceiro objetivo específico estipulado no início deste trabalho.

Dando início ao capítulo final desta dissertação, é apresentada a abordagem antropológico-semiótica, como viés metodológico selecionado para realizar a coleta e a análise do *corpus* de pesquisa. Com a semiótica peirceana fundamentada por Peirce (1974; 2017), Santaella (1995; 2005; 2010; 2012; 2018) e Perez (2007; 2023) e a etnografia digital por Kozinets (2014), é descrita a imersão na comunidade *online* de fãs ‘Harry Potter Brasil’, assim como o processo de coleta e de análise das publicações, atendendo aos dois últimos objetivos específicos pretendidos por esse trabalho. A partir dos resultados obtidos, discutidos no último tópico do texto, é essencial resgatar as ideias que compõem a premissa inicial da pesquisa.

A proposição central argumenta que, *por consequência de suas declarações transfóbicas, Rowling está inserida em um processo de cancelamento, que vem afetando negativamente sua reputação, seus capitais social e simbólico, entre os fãs brasileiros da saga Harry Potter*. Nesse sentido, as análises realizadas são bem-sucedidas em revelar que, realmente, existe uma tendência em correlacionar, espontaneamente, a figura de J.K. Rowling com a temática da transfobia. Sem dúvidas, a autora continua tendo uma quantidade relevante de fãs dentro do universo de Harry Potter, leais e dispostos a intervir em seu favor. Mas, também fica evidente a decepção de inúmeros *potterheads* que manifestam, vigorosamente, sua discordância perante a postura de Rowling sobre pessoas transgênero.

Entre as demais inferências contempladas pela premissa da pesquisa, a reincidência de falas transfóbicas publicadas por Rowling era considerado um fator pertinente para a continuidade do seu cancelamento. Como foi possível observar nos comentários das publicações, os arguidores de Rowling apontam que a repetição do seu discurso problemático é, precisamente, uma evidência incontestável da sua posição preconceituosa, contrariando os apoiadores da escritora que classificam suas atitudes como ‘episódios isolados’.

Como visto no tópico de resultados e discussão, Rowling não se demonstra apreensiva perante perda significativa de sua audiência. Uma hipótese que explique isso, além da fortuna consolidada e de seguir contando com o apoio de muitos *potterheads*, é a popularidade que vem conquistando dentro de determinados grupos, como as TERFs, feministas radicais que excluem pessoas transgênero, já mencionadas anteriormente. De certo modo, é um novo nicho que passa a admirar Rowling, que se fortalece diante um público característico e torna-se um símbolo de respeito e credibilidade para ele. Contudo, a presente dissertação reconhece os seus limites e entende que a investigação dessa possibilidade cabe a trabalhos futuros.

Outra possibilidade de pesquisas futuras envolve um conjunto específico de *potterheads*, também já mencionado nos resultados. A parcela de fãs que recrimina Rowling, mas segue fiel ao universo bruxo criado por ela, argumenta que consegue “separar o autor da obra”. Entretanto, embora esse recurso seja repetidamente citado nos comentários examinados, não fica claro como essa suposta separação é colocada em prática – ou seja, de que maneira, em termos factuais e concretos, a divisão entre autor e obra pode acontecer. Logo, trabalhos que se dediquem a compreender e caracterizar esses grupos, assim como os rituais de consumo (Trindade; Perez, 2014) desempenhados por eles, são relevantes não apenas para tangenciar o discurso propagado, mas também para revelar novas camadas dos impactos oriundos da cultura do cancelamento e relacioná-los com outros consumos e processos de comunicação.

Com relação aos entraves encontrados para o desenvolvimento dessa dissertação, destaca-se a pequena quantidade de referencial teórico existente acerca da cultura do cancelamento, pois, como visto no primeiro capítulo, o vocábulo e o fenômeno em si, nos moldes contemporâneos, são muito recentes. Mesmo assim, é preciso pontuar que, quando comparado aos anos de 2020 e 2021, época na qual esta pesquisa dava seus passos iniciais, o volume atual de conteúdos científicos que investigam a cultura do cancelamento exprime um crescimento considerável, indicando a pertinência da temática, inclusive, para o campo da comunicação.

Precisamente por se tratar de uma manifestação ‘nova’ e profundamente relacionada ao aspecto emotivo do ser humano, não é prudente tomar como verdade absoluta ou imutável os conhecimentos estabelecidos sobre a *cancel culture*, nem seus efeitos e repercussões. Pesquisas como esta buscam auxiliar na transição do objeto real para o objeto da ciência, conquistando o fato científico contra a ilusão do saber imediato (Bachelard, 1972), fomentando o arcabouço teórico de um tema ainda pouco explorado (mas com potencial notável), se debruçando sob um processo de cancelamento complexo e peculiar.

REFERÊNCIAS

AHMAD, A. **A note on call-out culture**, 2015. Disponível em: <https://briarpatchmagazine.com/articles/view/a-note-on-call-out-culture>. Acesso em: 20 mai. 2022.

ALENCAR, Daniele Alves; ARRUDA, Maria Izabel Moreira. Fanfiction: uma escrita criativa na web. **PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (IMPRESSO)**, v. 22, p. 88-103, 2017.

ALLER, Roberta. ¿Qué es ser fan?: un abordaje sobre el fandom de Harry Potter en Argentina. **ANTROPOlógicas**, v.17, p. 24-35, 2021.

AMADO, Aianne. Tendências e Lacunas dos Estudos de Fãs no Brasil e no Mundo: uma Revisão do Campo. In: **Intercom Nordeste - XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 2019, São Luís. Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. São Paulo: Intercom, 2019.

_____. **Please come to Brazil**: uma análise crítica dos fãs brasileiros como apreciadores de objetos culturais internacionais. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 220 p., 2020.

AMARAL, Adriana; SOUZA, Rosana Vieira; MONTEIRO, Camila. “De westeros no #vempraruá à shippagem do beijo gay na TV brasileira”. Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital. **Galaxia**, São Paulo, n. 29, p. 141-154, jun. 2015.

ARCHER, Daniel. "Harry Potter and Control: An Inherent Power Narrative in the Wizarding World", **Conversations: A Graduate Student Journal of the Humanities, Social Sciences, and Theology**: Vol. 2 : No. 1 , Article 3, 2015. Disponível em: <https://digitalcommons.acu.edu/conversations/vol2/iss1/3>. Acesso em: 03 fev. 2023

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ARFUCH, Leonor. Cronotopías de la intimidad. In: _____(org.). **Pensar este tiempo. Espacios, afectos, pertenencias**. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2005.

ARISTÓTELES, **Constituição dos Atenienses**, Delfim Ferreira Leão (tradução), Lisboa, Gulbenkian, 2011.

_____. **Política**, Livro III, versão inglesa traduzida por Benjamin Jowett, exemplar poli copiado. Disponível em: www.constitution.org/ari/polit_00.htm. Acesso em: 20 de mai. 2022.

BACHELARD, Gaston. Conhecimento comum e conhecimento científico. In: **Tempo Brasileiro**. São Paulo, nú mero 28, p. 47-56, jan-mar 1972.

BARGER, Christopher. **O estrategista em mídias sociais**. São Paulo: DVS, 2013.

BATISTA, Michelle Dayse Gomes. Limites e possibilidades da interação social em comunidades do Facebook. **LATITUDE**, v. 16, p. 90-115, 2022.

BEDÊ, Fayga Silveira. O público e o privado: deslizamentos e rupturas. **Nomos** (Fortaleza), v. 28, p. 69-90, 2008.

BENNET, L. Fan activism for social mobilization: A critical review of the literature. *Transformative Works and Cultures*. In: **Journal Transformative Works**. 10, 2012. Disponível em: <<http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/346/277>>. Acesso em 20 de mai. 2023

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: HALSEY, Albert Henry et al. **Education, culture, economy, and society**. New York: Oxford University Press, 1997.

BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas**: feminilidade e interação no blog Mothern. Porto Alegre - Sulina, 2008.

BRAUDY, Leo. **The Frenzy of Renown**: Fame and Its History. New York: Vintage Books, 1986.

BROUGH, M.; SHRESTOVA, S. **Fandom meets activism**: Rethinking civic and political participation. *Transformative Works and Cultures*. V. 10, 2012. Disponível em: <<http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/303>>. Acesso em 20 mai. 2022.

BROWN, Adrienne Marie. **We Will Not Cancel Us**: And Other Dreams of Transformative Justice. Chico, CA: AK Press, 2020.

CASTRO, Luiz Henrique Silva. **“Eu tenho minha carreira bem bonita lá fora”**: O cancelamento de Karol Conta no Big Brother Brasil 21 por uma perspectiva de fãs. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 178 p., 2023.

CALIXTO, Douglas de Oliveira. **Memes na internet**: Entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a ‘zoeira’ de estudantes nas redes sociais. 2017. 234 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CARDIA, Wesley. **Crise de imagem e gerenciamento de crises**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.

CARDOSO, Filipe Paiva. **Temístocles**: apogeu e ostracismo. As duas faces da mesmamoeda. *Cadernos de Clio*, Curitiba, v. 6, no. 1, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

_____. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio: Record, 2003. p. 255-287.

CASTORIADIS, Cornelius. **Fait et à faire. Les carrefours du labyrinthe**, Tome 5. Paris: Points, 2008.

CATTO, Camilo. Persuasão, Manipulação e Opinião Pública: dos clássicos às críticas. In: **Cadernos da Escola de Comunicação**, Curitiba, 06: 1-9, 2008.

CERVELLINI, Sílvia; FIGUEIREDO, Rubens. Contribuições para o conceito de opinião pública. **Opinião Pública**, Campinas, v. III, no 3, p. 171-185, dez. 1995. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/50629/mod_resource/content/1/figueredo_cevellini.pdf>. Acesso em 24 mar. 2023.

CHIN, Bertha; MORIMOTO, Lori. Towards a theory of transcultural fandom. *Participations*. **Journal of Audience and Reception Studies**, v. 10, n. 1, p. 92-108, mai. 2013.

CHIOU, Rocco. **We Need Deeper Understanding About the Neurocognitive Mechanisms of Moral Righteousness in a Era of Online Vigilantism and Cancel Culture**. *AJOB Neuroscienze*, 2020, Vol. 11, N. 4, 297-299.

COPPA, Francesca. A Brief History of Media Fandom. In: HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina. (editoras). **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet**, p. 41-59. Carolina do Norte: McFarland, 2006.

COSTA, Flávia Z. N.; LEÃO, André L. M. S. A Vida Organizada dos Fãs de Harry Potter. **ORGANIZAÇÕES & SOCIEDADE (ONLINE)**, v. 25, p. 122-154, 2018.

COUTO, Edvaldo Souza; FONSECA, Daisy. **Comunidades virtuais: os relacionamentos no Orkut**. Revista da FAGED, Salvador, v. 8, n.1, p. 127-138, 2004.

CURADO, Olga. **A imagem revelada: do que é feito e como construir o nosso patrimônio mais valioso**. São Paulo: e-galáxia, 2016.

CURI, Pedro P. Fan arts, fan fics e fan films: o consumo dos fãs e a criação de uma nova cultura. In: Mahomed Bamba. (Org.). **A Recepção Cinematográfica - Teoria e estudos de caso**. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2013, v. 1, p. 207-226.

CURRAN, James; FENTON, Natalie; FREEDMAN, Des. **Misunderstanding the internet**. Abingdon: Routledge, 2012.

DANAHER, John et al. **Algorithmic governance: developing a research agenda through the power of collective intelligence**. *Big Data & Society*. 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2053951717726554>. Acesso em 14 set. 2022.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DE CERTEAU, Michel. **The Practice of Everyday Life**. Berkeley: University of California Press, 1984.

DEWEY, John. **The public and its problems**. Ohio, Swallow Press Books, 242 p., 1954.

_____. **Human nature and conduct**. Mineola, Dover Publications, 344 p., 2002.

DI FELICE, Massimo. **Cidadãos 365 dias por ano**. Entrevista a Christian Carvalho Cruz, de O Estado de São Paulo.

DIODORO, **Livro XI**, publicado no vol. IV da Loeb Classical Library, 1946, exemplar poli copiado. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Diodorus_Siculus/. Acesso em: 05 fev. 2022.

DUNCOMBE, Stephen. **Dream**: re-imagining progressive politics in an age of fantasy. New York: New Press, 2007.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. In: DURKHEIM, Émile. Durkheim – **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

EMMANUEL, S. P. C. **Geração Z**: Quem são e como se comportam os jovens nascidos na era digital. / Simone Emmanuel – 1ª edição. – Rio de Janeiro, 2020.

EVERITT, Anthony. **A Ascensão de Atenas**: a história da maior civilização do mundo. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2019.

FARIAS, Luiz Alberto de; CARDOSO, Ivelise; NASSAR, Paulo Roberto. Comunicação, opinião pública e os impactos da revolução digital na era da pós-verdade e fake news. **ORGANICOM** (USP), ano 17, v. 34, p. 71-81, 2020.

_____. **Opiniões voláteis**: opinião pública e construção de sentido. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2019.

FRANÇA, Vera R.V.; FREIRE FILHO, João; LANA, Lígia; SIMÕES, Paula G. **Celebridades no século XXI**: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. In: Marialva Barbosa; Osvando Morais. (Org.). **Comunicação em tempo de redes sociais**: afetos, emoções, subjetividades. 1ed. São Paulo: INTERCOM, 2013, v. , p. 127-154.

GARSON, Marcelo. O conceito de convergência e suas armadilhas. **GALÁXIA** (SÃO PAULO. ONLINE), p. 57-70, 2019.

GITLIN, Todd. **Media Sociology**: The Dominant Paradigm, Theory and Society, 6, 1978, p. 205-253.

GRAVES, W. B. **Readings in Public Opinion**, D. Appleton Co., Nova Iorque, 1928, pág. 102.

GRASSO, Linda M. **The artistry of anger**: black and white women's literature in America, 1820– 1860. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2002.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; SANSEVERINO, Gabriela. Feitiços e livros: Harry Potter e suas múltiplas plataformas. **Animus** (Santa Maria. Online), v. 19, p. 79, 2020.

GOMES, Wilson. Internet e participação política em sociedades democráticas. **Revista Famecos**, 27 (2), 2005, p.58-78.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da opinião pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Lucas Machado. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Ed. Gustavo Gili, 2017.

HESS, Kristy; WALLER, Lisa. **The digital pillory: media shaming of ‘ordinary’ people for minor crimes**. *Continuum: Journal of Media & Cultural Studies*, 2014, 28:1,101-111, DOI: 10.1080/10304312.2013.854868.

HOOKS, A. M. **Cancel culture: posthuman hauntologies in digital rhetoric and the latent values of virtual community networks**. Tese (Mestrado em Língua Inglesa) – Faculdade de Letras, Universidade do Tennessee, Estados Unidos, 2020.

HOBBS, Dick. ‘Ethnography’, in Victor Jupp (ed.), **Sage Dictionary of Social Research Methods**. London: Sage, 2006.

IBRI, Ivo A. Kósmos Noetós: **A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Perspectiva/Hólon, 1992.

JENKINS, Henry. **Textual poachers: television fans and participatory culture**. New York: Routledge, 1992.

_____. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. 2a ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____; FORD, Sam; GREENE, Joshua. **Cultura da conexão**. São Paulo: Ed. Aleph, 2014.

JENSON, Joli. Fandom as Pathology: the consequences of characterization. In: LEWIS, Lisa A. (Org.). **The Adoring Audience: Fan Culture and Popular Media**. Londres: Routledge, 2002. P. 9 – 29

KARHAWI, Issaaf. **Crises geradas por influenciadores digitais: propostas para prevenção e gestão de crises**. *ORGANICOM (USP)*, ano 18, v. 35, p. 45-59, 2021.

_____. **De blogueira a influenciadora: etapas de profissionalização da blogosfera de moda**

brasileira. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed., 2022.

KEANE, John. **Vida e morte da democracia**. São Paulo: Edições 70, 2010.

KIM, K.; MCCOMBS, M. **News story descriptions and the public's opinions of political candidates**. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, Columbia, v. 84, n. 2, p. 299-314, June 2007. Acesso em:

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LE BON, Gustave. **As Opiniões e as Crenças**, Cia. Brasil Editora, São Paulo, 1955.

LEMOS, Rodrigo de. A grande feira das ideias prontas. In: **A cultura do cancelamento**. Edição 258. São Paulo: Cult, 2020. (p. 29-34) Disponível em: <<https://www.cultloja.com.br/produto/dossie-a-cultura-do-cancelamento-cult-258/>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

LEMOS, André. **Esfera pública, redes e jornalismo**: nova esfera conversacional. Rio de Janeiro: E- papers, 2009.

_____; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750 - 1850)**. 1ª Ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em comunicação**. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MAGRI, Sheila Mihailenko Chaves. **Consumo de discursos morais para a construção da reputação final**: uma reflexão sobre valores executivos do mundo corporativo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo, 490 p., 2020.

MARTELETO, Regina Maria. A cultura, o conhecimento e a informação na obra de Pierre Bourdieu. In: _____; PIMENTA, Ricardo Medeiros (org.). **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. O conceito de opinião pública na teoria da comunicação: genealogias e modos de abordagem. **ORGANICOM** (USP), ano 17, v. 33, p. 62-79, 2020.

MARTINS, Tamires de Assis Lima; CORDEIRO, Ana Paula. A cultura do cancelamento: contribuições de um olhar sociológico. **EXTRAPRENSA** (USP), v. 15, p. 29-47, 2022.

MARSHALL, P. David. **Celebrity and power: fame in contemporary culture**. 5. ed. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2006.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. A função do agendamento dos media, 1972 In: TRAQUINA, Nelson. **O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

_____. **A teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MIGUEL, Luis Felipe; MEIRELES, Adriana Veloso. O fim da velha divisão? Público e privado na era da internet. **Tempo Social**, v. 33, p. 311-329, 2021.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

MONTEIRO, Camila Franco. Haters gonna hate: como funciona o sistema de disputa de fãs e antifãs da banda Restart. In: **Congresso Brasileiro de de Ciências da Comunicação**, 35., Fortaleza, 2012.

MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

_____. O paradigma complexo. In: **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, p. 57-77, 2006.

NG, Eve. **No Grand Pronouncements Here...: Reflections on Cancel Culture and Digital Media Participation**. Athens, Ohio: Television & New Media, Vol 21, 2020.

NGUYEN, B. **Cancel Culture on Twitter: the effect of information Source and Messaging on Post Shareability and Perceptions of Corporate Greenwashing**. TESE (Mestrado em Business Administration, Management and Operations Commons, Environmental Studies Commons e Marketing Commons) – Wharton Research Scholars, Universidade da of Pennsylvania, 2020. Disponível em: < https://repository.upenn.edu/wharton_research_scholars/197/ >. Acesso em: 24 mar. 2022.

OLIVEIRA, Josemar Machado de; OLIVEIRA, Ueber José de. **Opinião pública na Europa e no Brasil: das origens da expressão à materialização tardia**. Dimensões, v. 44, jan.-jun. Espírito Santo, 2020, p. 10-43.

O'NEIL, Cathy. **How can we stop algorithms telling lies?** The Guardian. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2017/jul/16/how-can-we-stop-algorithms-telling-lies>. Acesso em: 24 mar. 2022.

PALHA, Armando Perez. **Fãs brasileiros de K-Pop: um estudo sobre aculturação de consumo**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 167 p., 2021.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio

urbano. In: O.G. VELHO (org.), **O Fenómeno Urbano**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 25-66, 1967.

PARK, Robert. 1941. **News and the power of the press**. American Journal of Sociology, 47(1):1-11. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/218818>. Acesso em 14 fev. 2023.

PEIRCE, Charles Sanders. **Os Pensadores**. Vol. XXXVI. São Paulo: Abril Cultura, 1974.

_____. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PEREZ, Clotilde. Gestão e semiótica da marca: a publicidade como construção e sustentação signica. In: **INTERCOM - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2007, Santos. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007.

_____. **Há limites para o consumo**. São Paulo: Estação das Letra e Cores, 2020.

_____. (org.). **Charles Sanders Peirce: a fixação da crença**. São Paulo: Paulus, 2023.

PESSOA, João Pedro Seefeldt. **O efeito Orwell na sociedade em rede: Cibersegurança, regime global de vigilância social e direito à privacidade no século XXI**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

PIERSON, Donald. **Teoria e pesquisa em Sociologia**. SP: Edições Melhoramentos, 1971.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e Literatura: icônico e verbal, Oriente e Ocidente**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

PLUTARCO, **Vidas Paralelas: A Vida de Aristides**, publicado no vol. IV da Loeb Classical Library, 1916, exemplar poli copiado disponível em: <http://tinyurl.com/24lbtq>. Acesso em 24 mar. 2022.

POZOBOON, Rejane de Oliveira. Opinião Pública na Cultura da Convergência. In: **Cultura Midiática**. Ano 3, n.2, Paraíba: [s/ed], 2010.

PRIMO, A. Crítica da cultura da convergência: participação ou cooptação. In: Elizabeth Bastos Duarte, Maria Lília Dias de Castro. (Org.). **Convergências Midiáticas: produção ficcional - RBS TV**. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2010, v., p. 21-32.

ROCHA, Gabriel Gomes de Oliveira. **O poder do Twitter como ferramenta de comunicação. Monografia** (Graduação em Comunicação Social, com habilitação em Propaganda em Marketing). Centro Universitário de Brasília, 2010.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROSSEAU, Jean Jacques. Do contrato social, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: **Coleção Os Pensadores**, São Paulo, Abril Cultural, 1973, vol. XXIV.

ROSSI, Cristina Peri. **Estado de Exílio**. Madrid: Visor Libros, 2003.

ROSS, Loretta. I'm a Black Feminist. **I Think Call-Out Culture Is Toxic**. The New York Times, Nova Iorque, agosto, 2019. Disponível em: (<https://www.nytimes.com/2019/08/17/opinion/sunday/cancel-culture-call-out.html>). Acesso em: 24 mar. 2022.

ROUX, D. **Consumer resistance**: proposal of an integrative framework. *Recherches et Applications en Marketing*, v. 22, n. 4, p. 59-80, 2007a.

RÜDIGER, Francisco. **Roberto Carlos, Xuxa e os barões da mídia**: estudos sobre a fama, sucesso e celebridade no Brasil. Porto Alegre: Gattopardo, 2008.

SÁ, Fernando. Opinião pública, imprensa e parlamento. In: **Plataformademocratica.org**, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**: semiose e autogeração. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora visual verbal. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____; NÖTH, Winfred. **Estratégias semiótica da publicidade**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

_____. **Semiótica aplicada**. 2ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

_____. **O que é semiótica?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2012 (Coleção Primeiros Passo; 103).

SANTOS, Gabriela Pedroso. **A Celebridade e o processo de celebração de influenciadores digitais na mídia social Instagram**: o caso Camila Coelho. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 260 p., 2020.

SANTOS, Michel Alves. **Junto aos rios da Babilônia**: um estudo acerca da história de Israel no exílio. *Atualidade Teológica: Revista do Depto. de Teologia da PUC- Rio/Brasil*, 2012.

SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de; DRIGO Maria Ogécia. **Aulas de semiótica peirceana**. São Paulo: Annablume, 2013.

SCHREIBER, Anderson... [et al]. **Direito e mídia**: tecnologia e liberdade de expressão. Indaiatuba, SP: Editora Foco, 2021.

SCOTT, J. C. **Weapons of the weak**: everyday forms of resistance. New Haven: Yale University Press, 1985.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Daniel Reis. John Dewey, Walter Lippmann e Robert E. Park: **diálogos sobre públicos, opinião pública e a importância da imprensa**. REVISTA FRONTEIRAS, v. 18, p. 57-68, 2016.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TAMBUSCIO, Marcella et al. **Fact-checking effect on viral hoaxes: a model of misinformation spread in social networks**. Proceedings of the 24th international conference on World Wide Web, New York, p. 977-982, 2015.

TEIXEIRA, Jerônimo. Apresentação. In: **A cultura do cancelamento**. Edição 258. São Paulo: Cult, 2020. (p. 14-19) Disponível em: <
<https://www.cultloja.com.br/produto/dossie-a-cultura-do-cancelamento-cult-258/>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

TEIXEIRA, Patrícia Brito. **Caiu na rede: e agora?** – Gestão e gerenciamento de crises nas redes sociais. São Paulo, Évora, 2013.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Editora Record, 1997, Rio de Janeiro.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade. In: Miranda, Orlando de. **Para ler Ferdinand Tönnies**. 1. ed. São Paulo: EdUSP, 1995, p. 231-352.

TORRES, Aracele Lima. **A Tecnotopia do Software Livre: uma História do Projeto Técnico e Político do GNU**. São Paulo, SP: Alameda Editorial, 2018.

TORRES, Simeia Maria de Souza. Exclusão e incorporação: degredados na Amazônia portuguesa na segunda metade do século XVIII. **Dossiê: O Atlântico equatorial: sociabilidade e poder nas fronteiras da América portuguesa** • Rev. Hist. (São Paulo) (168) <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i168p131-166>.

TRIER-BIENIEK, Adrienne. **Feminist Theory and Pop Culture**. Sense Publishers, 2015, Rotterdam, Netherlands.

TRINDADE, Eneus; PEREZ, Clotilde. Os rituais de consumo como dispositivos midiáticos para a construção de vínculos entre marcas e consumidores. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 157-170, jul./dez. 2014.

WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

WINQUES, Kérley. **Além da “bolha”**: o papel das plataformas digitais na formação da opinião pública. *Estudos em Jornalismo e Mídia* v.19, n.1, jan./jun. 2022.

WHIPPLE, M. 2005. **The Dewey-Lippmann Debate Today**: Communication Distortions, Reflective Agency and Participatory Democracy. *Sociological Theory*, 23(2):156-178. <http://dx.doi.org/10.1111/j.0735-2751.2005.00248.x>

WRIGHT, Johnson Kent. Public opinion. In: DEWALD, Jonathan (Ed.). **Europe 1450 to 1789**: encyclopedia of the early modern world. Nova Iorque: Thomson/Gale, 2004. Vol

5.

WOLF, Eduardo. O ground zero do cancelamento. In: **A cultura do cancelamento**. Edição 258. São Paulo: Cult, 2020. (p. 20-27) Disponível em: <
<https://www.cultloja.com.br/produto/dossie-a-cultura-do-cancelamento-cult-258/>>.
Acesso em: 22 jan. 2022.